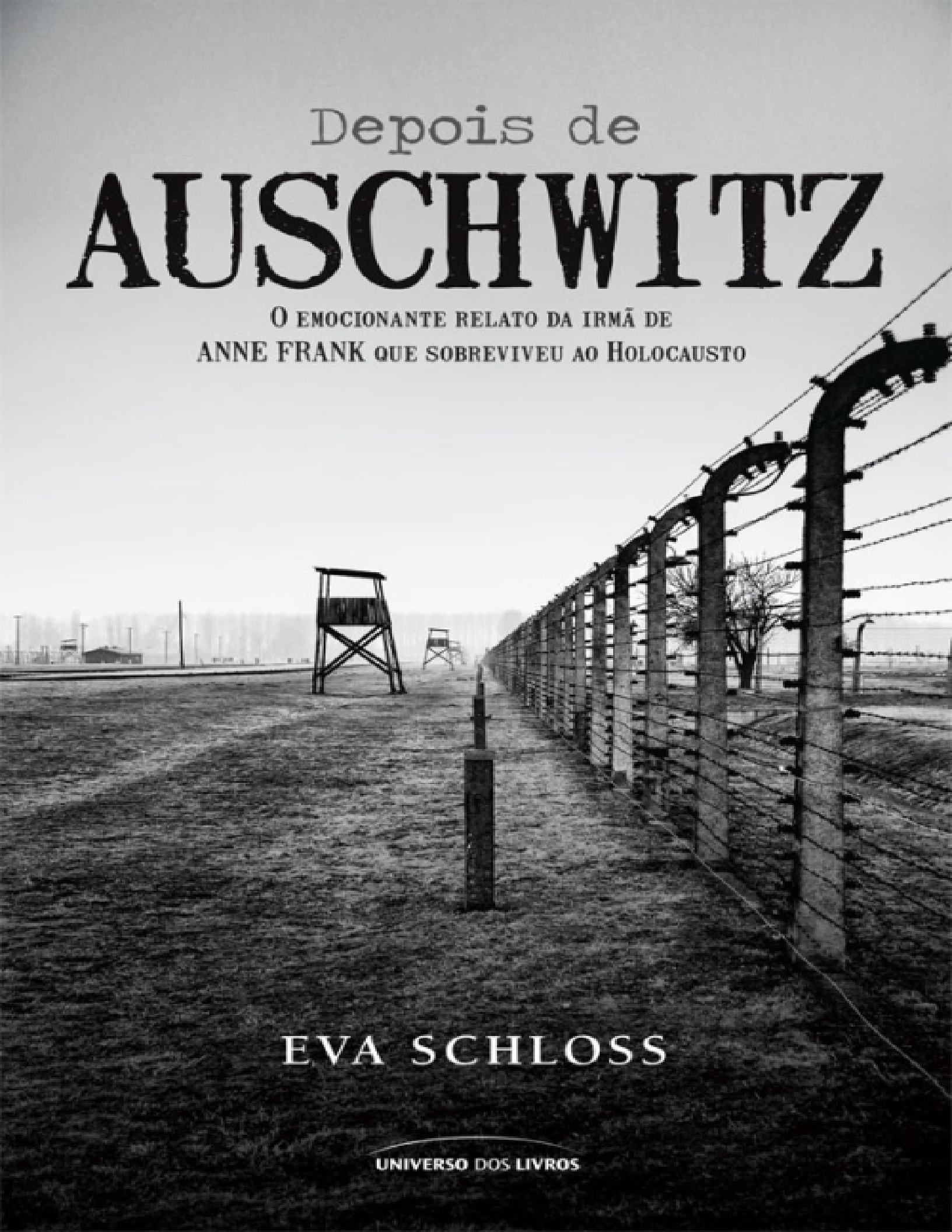
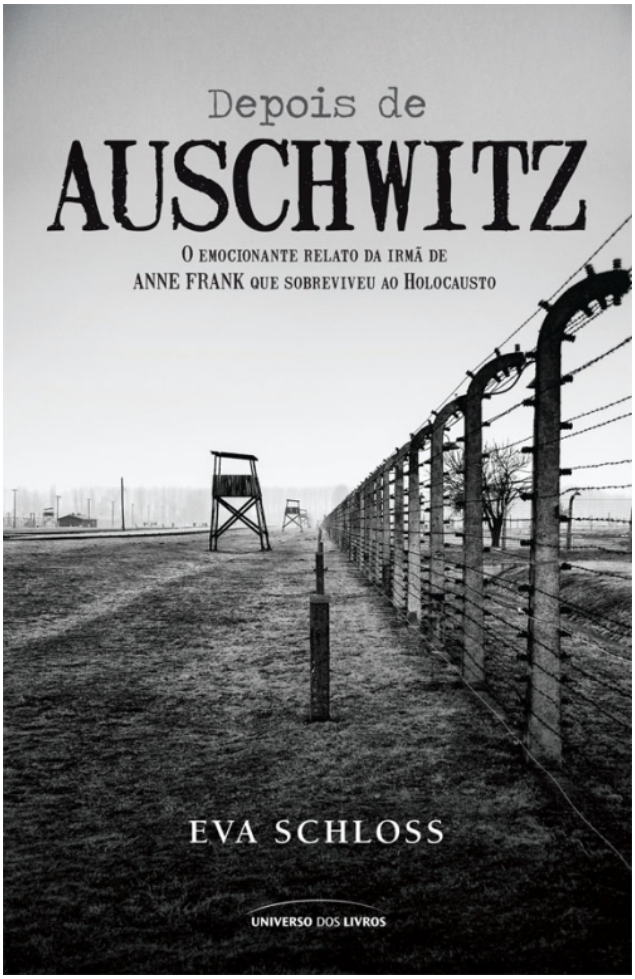
Depois de AUSCHWITZ

O emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto



EVA SCHLOSS

UNIVERSO DOS LIVROS


Depois de
AUSCHWITZ
O emocionante relato da irmã de
ANNE FRANK que sobreviveu ao Holocausto
EVA SCHLOSS
UNIVERSO DOS LIVROS

Depois de AUSCHWITZ

EVA SCHLOSS

São Paulo
2013

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 - Bloco 2 - Conj. 603/606
Barra Funda - São Paulo/SP - CEP 01136-001
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

After Auschwitz: A story of Heartbreak and Survival by the Stepsister of Anne Frank
© Eva Scholoss and Karen Bartlett 2013
First published in Great Britain in 2013 by Hodder & Stoughton

Disponibilização: Baixelivros.org

An Hachette UK company
© 2013 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Editora-chefe: Marcia Batista
Assistentes Editoriais: Raíça Augusto e Raquel Nakasone
Tradução: Amanda Moura
Preparação: Marina Constantino
Revisão: Rodolfo Santana
Arte: Francine C. Silva e Valdinei Gomes
Capa: Zuleika Iamashita
Conversão para epub: Danielle Fortunato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S317d	Schloss, Eva. Depois de Auschwitz: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao horror do Holocausto / Eva

Schloss; tradução de Amanda Moura. – São Paulo : Universo dos Livros, 2013.

Título original: After Auschwitz: A Story of Heartbreak and Survival by the Stepsister of Anne Frank

ISBN 978-85-7930-550-4

1. Auschwitz (Campo de concentração) 2. Holocausto judeu (1939-1945) 3. Segunda Guerra, 1939-1945 – Judeus – Narrativas pessoais 4. Sobreviventes do Holocausto – memórias autobiográficas
I. Título II. Moura, Amanda

13-0672

CDD 920.0092924

Sumário

Dedicatória
Prólogo – Deixe a sua marca
1 – Uma família vienense
2 – Infância
3 – Os nazistas estão chegando
4 – Uma garota indesejável
5 – Amsterdã
6 – Anne Frank
7 – A ocupação
8 – Esconderijos
9 – Traição
10 – Auschwitz-Birkenau
11 – A vida no campo
12 – O mais gélido dos invernos
13 – Libertação
14 – O caminho de volta
15 – Amsterdã novamente
16 – Uma vida nova
17 – O Julgamento
18 – Londres
19 – A história de Zvi
20 – O casamento
21 – Uma corrente irrompível
22 – Otto e Fritzi
23 – Novos começos
24 – Um dia de primavera
25 – A peça
26 – Mutti
27 – Estendendo a mão
28 – O retorno
Epílogo
Agradecimentos

Álbum de Fotos

Este livro é dedicado à memória das vítimas do
Holocausto e de outros
genocídios que não puderam contar suas próprias histórias.
Eva Schloss

Prólogo
Deixe a sua marca

– Agora sei que Eva deseja dizer algumas palavras.

A frase ecoou pelo grande salão e me encheu de pavor.

Eu era uma tranquila mulher de meia-idade, casada com um investidor e mãe de três filhas crescidas. O homem que pronunciou as palavras que acabo de mencionar foi Ken Livingstone, o então líder diligente do Greater London Council – órgão que logo depois foi abolido –, considerado a maior pedra no sapato da primeira-ministra Margaret Thatcher.

Havíamos nos conhecido mais cedo naquele mesmo dia, e ele certamente não sabia que essas poucas palavras me levariam a um turbilhão de sensações. Eu não sabia que aquele seria o começo de uma longa jornada para encarar os terríveis acontecimentos da minha infância.

Tinha quinze anos quando eu e milhares de outras pessoas atravessamos a Europa em um trem de gado com vagões escuros e apertados. Fui jogada para fora em frente ao portão do campo de concentração Auschwitz-Birkenau. Mais de quarenta anos haviam se passado, mas quando Ken Livingstone me pediu para falar sobre o assunto, senti uma onda de terror invadindo meu estômago. Quis correr para debaixo da mesa e me esconder.

Era manhã de um dia de primavera de 1986, e estávamos na abertura de uma exposição itinerante sobre Anne Frank na Mall Galleries, próxima ao Instituto de Arte Contemporânea de Londres. Hoje, mais de 3 milhões de pessoas ao redor do mundo já visitaram essa mostra, mas naquela época estávamos apenas começando a contar a história do Holocausto para uma nova geração por meio do diário de Anne Frank e das fotos com sua família.

Essas fotos me unem a Anne de uma forma que nenhuma de nós poderia ter imaginado. Quando éramos garotas, costumávamos brincar juntas em Amsterdã. Tínhamos personalidades muito diferentes, mas Anne era uma das minhas amigas.

Depois da guerra, o pai de Anne, Otto Frank, voltou para a Holanda e começou a se relacionar com a minha mãe – uma relação que nasceu do sentimento de perda e do sofrimento de ambos. Os dois casaram-se em 1953, e Otto tornou-se meu padrasto. Ele me deu a câmera Leica que costumava usar para fotografar Anne e a irmã dela, Margot, para que assim eu pudesse encontrar minha própria direção no mundo e me tornar fotógrafa. Usei aquela câmera por muitos anos e a tenho até hoje.

A história de Anne consiste no relato de uma garota que emocionou o mundo inteiro pela linguagem simples e humana de seu diário. Minha história é diferente. Também sou uma vítima do nazismo e fui enviada a um campo de concentração. Mas, diferentemente de Anne, sobrevivi.

Na primavera de 1986 eu já estava morando em Londres há quase quarenta anos e, durante esse período, a cidade tinha mudado bastante, deixando de ser uma região bombardeada e em ruínas para transformar-se em uma metrópole multicultural agitada e vigorosa. Gostaria de poder dizer que eu havia passado pela mesma transformação.

Eu tinha refeito a minha vida, construído a minha família com um marido maravilhoso e filhas que significavam tudo para mim; estava até mesmo administrando o meu próprio negócio. Mas uma grande parte de mim estava faltando. Eu não era mais a mesma pessoa; a menina extrovertida que adorava andar de bicicleta, plantar bananeira e que nunca parava de falar estava agora trancada em algum lugar que eu não fazia a menor ideia de onde era.

Durante a noite, sonhei com um grande buraco negro que me engolia. Quando os meus netos perguntaram-me sobre a tatuagem no meu braço – feita em mim quando estava em

Auschwitz –, respondi que era apenas o número do meu telefone. Eu não falava sobre o passado.

Contudo, não poderia recusar um convite para discursar na abertura da exposição sobre Anne Frank – sobretudo porque se tratava do trabalho da vida de Otto e de minha mãe.

Diante da insistência de Ken Livingstone, levantei-me e comecei a falar com hesitação. Para o desespero das pessoas que esperavam uma breve introdução, quando comecei não consegui mais parar. As palavras jorravam e eu continuava falando, relatando as experiências dolorosas e traumáticas que tinha vivido. Fiquei tonta e aterrorizada; não me recordo exatamente o que falei.

Minha filha Jacky, que estava ouvindo, disse: "Foi uma experiência terrível. Não sabíamos quase nada sobre o que mamãe havia passado, e de repente ela estava naquele palco, com dificuldade para falar e aos prantos".

Minhas palavras podem não ter soado coerentes para ninguém, mas, pessoalmente, representaram um grande momento para mim. Eu tinha recuperado uma pequena parte de mim mesma.

Apesar de um começo um tanto quanto inusitado, depois daquilo mais e mais pessoas me pediam para falar sobre o que havia acontecido durante a guerra. No início, pedia ao meu marido que escrevesse esboços dos meus discursos, os quais eu lia – muito mal. Mas aos poucos fui encontrando a minha própria voz e aprendi a contar a minha própria história.

Muitas coisas mudaram no mundo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, mas infelizmente o preconceito e a discriminação não mudaram. Desde o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, o Apartheid na África do Sul, a guerra na antiga Iugoslávia, até as prisões decorrentes dos conflitos em países como a República Democrática do Congo, vejo pessoas em todos os lugares do mundo lutando pelos diretos da dignidade humana e por compreensão. E como judia, vejo que mesmo toda a veracidade do Holocausto não abriu os olhos do mundo para o terror do antissemitismo. Ainda hoje existem

muitas pessoas procurando por bodes expiatórios com base em cor da pele, antecedentes, sexualidade ou religião. Quero falar para essas pessoas sobre a amargura e o ódio que as fazem culpar os outros. Assim como eles, sei muito bem o quanto a vida pode parecer dura e injusta às vezes. Por vários anos, também senti muito ódio.

Conforme meu mundo se expandia, comecei a trabalhar no Museu Anne Frank, em Amsterdã, e no Instituto Anne Frank, na Inglaterra. A princípio, escrevi um livro sobre as minhas experiências, relatando as memórias do Holocausto e, muito tempo depois, escrevi para crianças o relato da minha vida com o meu irmão Heinz. Fiquei admirada ao ver que outros também queriam escrever sobre a minha história.

Por fim, acabei viajando pelo mundo e conversando com pessoas nos Estados Unidos, na China, na Austrália e na Europa. Em todos os lugares onde discursei, as pessoas que conheci me comoveram e fizeram com que eu mudasse, até o ponto em que pude admitir com sinceridade que não era mais uma pessoa guiada por ódio e amargura. Nada, jamais, poderá justificar as atrocidades que os nazistas cometeram. Seus crimes serão absolutamente imperdoáveis sempre, e espero que por meio de histórias como a minha eles sejam sempre lembrados dessa forma. Mas o trabalho de me aproximar das pessoas e contar a minha história fez com que uma nova mulher florescesse em mim – talvez a pessoa que sempre fui por dentro –, e isso foi um presente para mim e para a minha família.

Talvez falar para crianças nas escolas e para pessoas que estão na prisão seja a parte mais significativa do meu trabalho. Quando olho para uma plateia repleta de crianças pequenas de diferentes origens e países, posso afirmar que elas ficam se perguntando o que raios têm em comum comigo – uma pequena senhora de sotaque austríaco, vestindo um elegante cardigã. No entanto, sei que, até o fim do meu discurso, essas crianças e eu teremos compartilhado o sentimento de que às vezes não nos encaixamos no mundo, de

que a vida tem sido dura e de que não sabemos o que o futuro nos prepara. No final das contas, não somos tão diferentes assim.

Quero que elas saibam o que aprendi: apesar de todo o desespero, haverá sempre esperança. A vida é muito preciosa e bonita – e ninguém deve desperdiçá-la.

Neste livro, vou contar sobre a minha família e sobre a longa viagem que fiz – literal e espiritualmente – na companhia de minha mãe. Também vou falar muito sobre meu pai, Erich, e sobre meu irmão, Heinz. Por enquanto, só adianto que perdi os dois e que, mesmo que você me conheça hoje como uma senhora, parte de mim ainda é aquela menina de quinze anos que os ama, que sente saudades e que pensa neles todos os dias.

Tenho uma lembrança especial do tempo em que formávamos uma família, e esse momento tem me guiado por todos esses anos, bem como tem influenciado o meu trabalho.

Era maio de 1940 e estávamos reunidos em nosso apartamento em Amsterdã. Já tínhamos fugido da nossa casa em Viena, e agora os nazistas haviam invadido a Holanda – a pior notícia que poderíamos receber. Sempre pude contar com Heinz, meu irmão mais velho, para me tranquilizar e me animar, mas naquela noite ele estava nervoso e calado. Heinz me disse que não sabia se o nosso pai poderia continuar nos mantendo a salvo, porque os nazistas estavam chegando à procura dos judeus. “Estou com muito medo, Evi”, ele desabafou. “Estou com muito medo de morrer.”

Meu pai nos levou até o sofá, juntou-se a nós e nos abraçou. Ele nos disse que estávamos unidos como os elos de uma corrente, e que daríamos continuidade à nossa família por meio dos nossos filhos.

– Mas e se não tivermos nenhum filho? – Heinz questionou.

– Crianças, prometo uma coisa: tudo o que vocês fazem neste mundo deixa uma marca. Nada se perde. Tudo o que vocês fazem de bom vai prevalecer na vida das pessoas com quem vocês tiveram contato. Essas ações e atitudes farão a

diferença para alguém, em algum lugar, em algum momento, e as suas realizações serão levadas adiante. Tudo está conectado como uma corrente que não pode ser rompida.

Neste livro, vou contar a vocês como tentei fazer o meu melhor para deixar uma marca no mundo.

Capítulo 1
Uma família vienense

Se você era um jovem, ambicioso e judeu na virada do século XX, havia apenas um lugar onde poderia estar: Viena.

Meus olhos de criança reconheceram toda a sofisticação e majestade da cidade; lá era minha casa, e eu era uma verdadeira vienense. Quando nasci, vivíamos em uma vila espaçosa no subúrbio frondoso de Hietzing, embora minha família tenha vivenciado uma história longa e turbulenta na cidade.

Até o final da Primeira Guerra Mundial, Viena era considerada a joia da coroa dos Hapsburg, a sede do grandioso e imponente Império Austro-Húngaro, que se estendia da Ucrânia e da Polônia até a Áustria, Hungria e Sarajevo, na região dos Bálcãs.

No período pré-guerra, Viena era uma potência comercial e cultural; os negócios eram impulsionados pelo comércio no rio Danúbio, enquanto compositores como Gustav Mahler, escritores como Arthur Schnitzler e médicos como Sigmund Freud iluminavam as ruas, as casas de shows e os cafés com novas ideias. Era praticamente impossível não se sentir atraído pelo entusiasmo das atividades artísticas. No Café Central podia-se assistir a Leon Trotsky jogando xadrez e tramando a revolução; no Café Sperl havia a possibilidade de encontrar Egon Schiele e uma de suas modelos fazendo uma pausa nos trabalhos de pintura de retratos com nu provocativo.

Foi uma época emocionante. Em 1910, a população da cidade já passava dos 2 milhões. As avenidas largas e arborizadas da Ringstrasse foram cercadas por ruas com novos edifícios residenciais e tomadas pelo crescimento da classe média composta por lojistas e comerciantes. Eram essas pessoas que formavam o público da cultura vienense;

subitamente, elas começaram a comprar ingressos para o teatro, a sair para comer nos restaurantes e a fazer passeios turísticos pelos bosques e colinas de Viena.

Uma boa parte dessa classe média era formada por uma comunidade de judeus muito instruídos e bem-sucedidos.

Claro que o povo hebreu já morava em Viena há quase setecentos anos, entre idas e vindas, mas uma série de governantes intransigentes fazia com que os judeus fossem expulsos da cidade e, com isso, essa comunidade permaneceu pequena e instável. Somente a partir de 1867, após a política de tolerância religiosa e de igualdade cívica plena instituída pelo imperador Franz Josef, a comunidade judaica realmente começou a crescer. Nos trinta anos seguintes, a população judaica de Viena – que antes era composta por menos de 8 mil pessoas – subiu para mais de 118 mil habitantes e logo começou a desempenhar um papel proeminente na vida vienense.

Algumas das famílias judias eram muito ricas e conhecidas. Elas habitavam casas palacianas ao longo da Ringstrasse e as decoravam com mármore e ouro. Um pouco mais abaixo na escala social, estavam os profissionais de classe média. Aproximadamente no início do século XX, quase três quartos de todos os banqueiros e mais da metade de todos os médicos, advogados e jornalistas eram judeus. Havia até mesmo um time de futebol judaico muito popular que fazia parte do clube desportivo Hakoah.

Então, uma crise econômica e o colapso da indústria do combustível (que havia oferecido oportunidade de trabalho para muitos judeus poloneses), seguidos por uma agitação nos Bálcãs e pela Primeira Guerra Mundial, trouxeram novos imigrantes para Viena. Essas pessoas eram mais pobres, famílias de judeus menos instruídos que vieram de regiões situadas ao leste, como a Galícia. Elas se instalaram ao redor da estação ferroviária ao norte de Viena, em uma parte da cidade chamada Leopaldstadt. Aparentemente, essas famílias eram mais religiosas e menos “alemãs” em sua cultura judaica,

se comparadas à comunidade que já havia assimilado o estilo de vida austríaco. Famílias como a minha jamais conheceriam ou se misturariam com esses novos imigrantes, que no futuro seriam vítimas de um preconceito antissemita ainda maior.

A origem do meu pai era típica de uma família de classe média com boa estabilidade. Meu avô, David Geiringer, nasceu na Hungria em 1869. Depois de se mudar para Viena, ele fundou uma fábrica de sapatos chamada Geiringer & Brown. Na época em que meu pai, Erich, nasceu – em novembro de 1901 –, os negócios caminhavam muito bem.

Tenho apenas uma foto dos meus avós paternos juntos. Meu avô aparenta ser uma pessoa metódica, tem bigode e está usando um chapéu-coco, enquanto meu pai e minha tia, então crianças pequenas, estão vestindo trajes de marinheiro e olhando para a câmera com a expressão séria. Minha avó, Hermine, é esguia e elegante, e na foto parece ter pelo menos um palmo a mais de altura devido a um chapéu enorme envolto por camadas de renda preta e *chiffon*, o auge da moda. Ela tinha chegado a Viena partindo da região de Boêmia, que hoje faz parte da República Tcheca.

Mesmo com a necessária imobilidade fria exigida nas fotografias da época, aparentemente eles formavam uma família feliz – e essa é a lembrança que o meu pai tinha. Infelizmente, pouco tempo depois, minha avó foi diagnosticada com câncer e morreu em 1912, com 34 anos. Meu avô casou-se novamente com uma mulher que acabou se tornando uma madrasta intransigente, então meu pai saiu de casa quando ainda era adolescente e começou a construir sua própria trajetória. Sua primeira experiência de vida em família havia chegado a um final súbito e infeliz – mas ele estava prestes a conhecer a mulher com quem passaria o resto de sua vida: minha mãe.

Devo dizer que minha mãe era linda. Enquanto meu pai era moreno e vistoso, minha mãe era loira, tinha olhos azuis, cabelos ondulados e um sorriso deslumbrante. Chamava-se Elfriede Markovits, mas todos a chamavam de Fritzi, e era uma

mulher cheia de vida. Em uma das minhas fotos favoritas, tirada quando ainda era jovem, ela está sorrindo e dando de comer a um cavalo. As circunstâncias estavam longe de serem agradáveis – ela havia se mudado para o país onde o meu avô estava alocado com o exército para escapar da fome; mas ainda assim, ela estava sorrindo. A foto pode transmitir a impressão de que ela era uma mulher pragmática, prática e de certo modo rústica, mas a verdade é que ela não era nada disso. Pelo menos não naquele momento.

Helen, a mãe de Fritzi, veio de uma família muito rica. Eles possuíam vinhas em uma região que hoje é parte da República Tcheca, e também uma estação de águas sulfurosas perto de Viena, em Baden bei Wien – um lugar que odiei conhecer porque cheirava a ovo podre.

As condições financeiras de minha avó mudaram consideravelmente quando ela se casou com meu avô, Rudolf Markovits, que era vendedor da Osram, uma empresa que fabricava lâmpadas e outros tipos de produtos. Embora meu avô fosse um bom vendedor e a família estivesse longe de ser pobre, o final da Primeira Guerra Mundial trouxe muitas dificuldades para a maioria dos austríacos.

A comida havia sido severamente racionada durante a guerra, e a queda do regime de Hapsburg em 1918 deixou a Áustria em apuros. O país recebeu indenizações financeiras em 1919 com o acordo de paz estabelecido pelo Tratado de Versalhes, mas a nação foi à falência antes mesmo que a quantia fosse definida.

O que antes havia sido o local mais importante de um vasto império tornara-se um país pequeno, desprovido dos seus recursos mais rentáveis. A indústria e a agricultura, que eram a espinha dorsal do Império Austro-Húngaro, estavam agora sobrevivendo às custas da economia de outros países, como a Polônia e as recém-independentes Tchecoslováquia, Hungria e Iugoslávia. Essas novas nações ajudaram a Áustria a se recompor até que disputas de fronteira começaram, e logo em

toda a Europa se espalhou o boato de que os cidadãos de Viena estavam morrendo de fome.

Em um certo momento, a família Markovits estava tão faminta que matou e cozinhou o próprio pássaro de estimação. Minha mãe, que amava o bicho, lembra-se que chorava diante do prato ao mesmo tempo em que separava a carne dos pequenos ossos para comer.

Dessa forma, posso afirmar que no momento em que meus pais – Erich Geiringer, com dezessete anos, e Fritzi Markovits, de catorze – se conheceram, já estavam familiarizados com dificuldades e incertezas. Porém, a consciência de que as circunstâncias da vida poderiam mudar não afetou a alegria de viver um punhado da prosperidade dos anos 1920 em Viena. Como essa carta de 1921 mostra, meu pai estava determinado e certo de que ninguém poderia atrapalhar o namoro dos dois, nem mesmo a mãe de Fritzi, que lhe dissera que sua filha era jovem demais para assumir um relacionamento tão sério.

Viena, 17 de agosto de 1921

Prezada senhora,

Recebi sua carta do dia 15 e a princípio fiquei chocado – mas depois me ocorreu que a senhora deve ter feito isso com boas intenções. Sinto-me muito grato pela confiança que atribui a Fritzi e a mim. A senhora tem certa razão em muitos pontos, devo admitir, embora seja algo doloroso para mim, já que acelerei nossos planos para o futuro.

Amadureci a ideia por um momento e não me dei conta da resistência que ela traria.

Lamento, mas não posso aceitar a sugestão feita pela senhora pedindo que eu vá me divertir. Minha aversão a esses tipos de prazeres é profunda e vem de longa data. Desde o momento em que conheci Fritzi sinto-me encantado, por isso não tenho interesse em qualquer tipo de diversão...

Desde o primeiro momento tratamos o nosso relacionamento com seriedade, do contrário não manteríamos a nossa sincera amizade…

Prezada senhora, espero que não se aborreça quando eu contar a Fritzi sobre a sua carta. Não posso esconder algo tão importante dela. Peço perdão ao contrariá-la e ao discordar da afirmação de que Fritzi ainda é uma menina de escola, como a senhora e seu esposo a julgam; mesmo ainda frequentando a escola, ela tem muito mais maturidade do que a idade faz parecer. Isso é um fato que a senhora tem que admitir.

Agradeço à prezada senhora novamente pelas boas intenções que me mostrou…

Do seu servo,

Erich Geiringer

Ele não permaneceu "servo" por muito tempo – Erich e Fritzi casaram-se em 1923, e praticamente formavam o casal mais jovem da cidade. Era isso que você pensaria se esbarrasse neles enquanto desfilavam pela Ringstrasse, caminhavam nas montanhas ou bebiam com os amigos em um dos famosos jardins "do novo vinho".

Meu pai era cheio de energia, alegre, acolhedor e encantador. Ele havia estudado na Universidade de Viena antes de assumir a fábrica de sapatos depois da morte de meu avô em 1924. Minha mãe não tinha o mesmo gosto por esportes e atividades ao ar livre que meu pai; ela amava ouvir música, tocar piano e passar o tempo com toda a família reunida.

Ambos eram muito vaidosos. Os ternos do meu pai eram impecavelmente costurados pela Savile Row, e ele passou a usar camisas na cor rosa muito antes de se tornar moda. Minha mãe sempre conseguiu manter-se elegante, mesmo com o cabelo no novo estilo curto ou usando uma boina xadrez.

Em todos os sentidos, meu pai era o chefe da família – definia atividades, liderava excursões, administrava seu próprio negócio e até decorou a ampla casa nova dos Geiringers, localizada em Lautensakgasse, com uma coleção impressionante de antiguidades, incluindo uma cama de casal que havia pertencido à imperatriz Zita. Meu pai era um conjunto incansável de entusiasmo e ideias, tanto no trabalho

como no lazer, e minha mãe, que era um pouco mais nova e cautelosa do que ele, seguiu seus passos.

Os dois eram jovens, amavam-se e sentiam-se agraciados por terem encontrado um ao outro.

Capítulo 2
Infância

– Vamos, Heinz, eu quero brincar lá…

Eu era uma menina teimosa, de cabelo loiro e liso, e vivia com o queixo empinado em sinal de determinação. Heinz, meu irmão, era alto e esbelto, tinha as pernas longas e delgadas, cabelos escuros e um olhar muito expressivo.

Muitas vezes, quando o tempo estava bom, eu puxava a nossa carroça de feno até o topo da encosta no nosso jardim dos fundos – que parecia um parque –, pulava dentro dela e em seguida descia a ladeira sem o menor controle. Essa era uma das minhas brincadeiras prediletas, e sei que era bastante perigosa. Às vezes nos machucávamos, já que a única forma de controlar o carrinho era usando uma estaca como leme improvisado. Acho que Heinz não se entusiasmava tanto quanto eu nessas brincadeiras de corrida mas, como sempre, estava lá para fazer a vontade de sua irmãzinha.

Tínhamos uma diferença de idade de três anos e éramos completamente diferentes tanto na aparência como na personalidade.

Heinz nasceu em 1926 e meus pais o amavam muito. O primeiro trauma pelo qual ele passou aconteceu em um dia de primavera três anos depois, quando foi enviado para a casa de minha avó sem a menor explicação. Uma longa semana se passou e ele continuou sem notícias do que havia acontecido com a mãe ou com o pai. Por fim, voltou para casa e encontrou minha mãe feliz embalando um bebê recém-nascido em seus braços: eu.

Nasci em 11 de maio de 1929, no Hospital Geral de Viena, e o primeiro encontro com meu irmão poderia ter causado um ressentimento para a vida inteira. Hoje me parece surpreendente que, naquela época, a maioria dos adultos

acreditava ser melhor não contar aos filhos o fato de que um novo bebê estava a caminho, mas era assim que as coisas funcionavam.

Felizmente, Heinz não guardou nenhum rancor; pelo contrário, logo se tornou meu grande defensor e o melhor irmão mais velho que eu poderia desejar. Contudo, o trauma que sofreu naquela semana causou uma sequela permanente. Ele desenvolveu uma gagueira que nenhum médico ou remédio pôde curar. Meus pais até o levaram para uma consulta com Anna Freud, filha de Sigmund Freud e fundadora da psicanálise infantil, mas sem sucesso. Ele foi um menino sensível desde criancinha.

Gostaria de poder dizer que eu era uma pessoa muito agradável, mas não herdei o temperamento tranquilo de Heinz. Em uma foto em família, estou sentada franzindo a testa, espremida entre os meus *pais* – *Pappy* e Mutti –, demonstrando um pouco de irritação por eles aparentemente estarem interessados um no outro ou em Heinz.

Tornei-me adulta, mas não menos obstinada. Durante a infância, lembro-me claramente de ter passado muitas noites em pé no canto da sala, onde eu deveria ficar para refletir sobre alguma malcriação e depois me desculpar pelo que tinha feito. Havia uma cadeira de madeira na sala e eu caminhava ao redor dela, contornando o círculo do assento com o meu dedo e repetindo para mim mesma que eu jamais pediria desculpas.

Esses episódios aconteciam frequentemente quando havia alguma discussão sobre comida. Eu era, digamos, exigente, e odiava legumes e verduras. Muitas vezes, ficava sentada à mesa sozinha por bastante tempo depois que todo mundo já tinha acabado a refeição, e me proibiam de levantar antes de comer tudo que havia no prato. Geralmente, eu dava um jeito de grudar as ervilhas debaixo da mesa uma por uma.

Certa noite, nossos pais nos desejaram boa noite e saíram para passear, enquanto Heinz e eu comíamos com a nossa empregada. O jantar era um peixe repleto de espinhas, e eu

odiava ter de tirá-las da boca. No meio da refeição, minha mãe ligou para saber como estávamos. “Estão bem”, respondeu a empregada, antes de eu correr para o telefone, arrancá-lo da mão dela e reclamar em alto e bom tom para minha mãe: “Não estou bem. Estamos comendo peixe, e ele está cheio de espinhas e eu odeio isso!”.

Naturalmente, minha mãe pediu que eu voltasse para a mesa, sentasse e terminasse a minha refeição, mas às vezes me pergunto se esse traço de rebeldia e teimosia não foi o responsável por me manter firme em circunstâncias infinitamente piores que vieram depois, quando de fato precisei usar toda minha obstinação.

Nos primeiros anos da minha vida, eu morava com a minha família no andar intermediário de um casarão do século XIX, em Hietzing, bairro conhecido por ser o mais verde da cidade devido a todos os parques e jardins. A casa de campo dos Hapsburg, um palácio chamado Schönbrunn, ficava na esquina, e o famoso arquiteto Otto Wagner havia construído uma estação de metrô exclusiva para o imperador (ele a utilizou duas vezes). Na outra esquina, o cemitério de Hietzing abrigava sepulturas de uma série de aristocratas austríacos, sendo um dos pontos mais renomados da cidade.

O bairro deve ter parecido bastante acolhedor e confortável para um artista que enfrentava dificuldades, que não tinha um futuro promissor e que passou por Hietzing na primeira década do século XX. Adolf Hitler chegou à cidade para tentar entrar na prestigiada Academia de Belas Artes de Viena mas, apesar das aulas de reforço, não conseguiu ser aprovado – em duas tentativas.

Nossa casa na esquina da Lautensackgasse parecia mais um castelo do que um casarão de subúrbio, com uma torre grande e um jardim amplo no qual costumávamos fazer as festas de aniversário.

Eu adorava a nossa casa agitada e as pessoas que viviam nela. Não éramos ricos, mas morávamos em um lugar confortável e aconchegante, com janelas de vidro duplo que

nos protegiam do inverno rigoroso de Viena. Tínhamos uma empregada que vivia em um quarto pequeno atrás da cozinha e uma diarista que vinha uma vez por semana para ajudar a lavar e a costurar.

Qualquer um que fosse nos visitar poderia me encontrar tomando chá sentada à mesinha que ficava no meu quarto ao lado da cama, ou com toda a família preparando-se para a principal refeição do dia, o almoço, sentada com Pappy na sala de jantar toda coberta com papel de parede florido. À noite, as pessoas que passavam na rua ouviam Heinz sussurrando algo para mim na varanda, enquanto olhávamos para as estrelas e ele me contava suas histórias favoritas de cowboys e de faroeste sobre Winnetou e Old Shatterhand, ambas escritas por Karl May.

Embora houvesse uma sinagoga na vizinhança, poucos judeus moravam em Hietzing, e Heinz e eu só tomamos conhecimento de fato da nossa religião e da nossa cultura quando começamos a ir para a escola. Todas as crianças austríacas recebiam, obrigatoriamente, educação religiosa. Para a maioria da sala, isso significava aprender lições do catolicismo romano, mas três vezes por semana éramos enviados para aulas diferentes – o que significava que todos sabiam quem eram as crianças judias.

Gostávamos muito das lições religiosas que recebíamos e nos entusiasmávamos com as celebrações dos feriados e das tradições judaicas. Nossos pais incentivavam nosso interesse e com rigor começaram a acender velas antes da refeição do Sabá na sexta-feira à noite. As noites de sexta tornaram-se ocasiões especiais: Mutti chamava a mim e a Heinz, e nós a ajudávamos a preparar a mesa do jantar do Sabá. Arrumar nossa melhor prataria e louça e colocar as velas nos castiçais era um dos melhores momentos da semana para mim, e eu me sentia orgulhosa por fazer parte de uma família judia.

No entanto, nem Pappy nem Mutti tinham de fato interesse pela religião. Minha mãe não tinha muito conhecimento das tradições judaicas e meu pai não observava

a doutrina, embora se preocupasse muito com a preservação da nossa herança e da nossa cultura. No dia a dia, meu pai fazia grandes reuniões de família em feriados judaicos como a Páscoa, e nunca permitia que houvesse carne de porco em casa. Havia outras ocasiões em que a nossa religião aparecia em grandes proporções.

Às vezes nossa governanta católica nos levava à missa. Creio que fazia isso para que pudesse ir à igreja aos domingos, e conheço muitos judeus que tiveram a mesma experiência quando pequenos, porque a maioria das empregadas de Viena era de moças do campo cujas famílias eram grandes e católicas. Eu adorava esses passeios, sobretudo a cerimônia em si, o espetáculo e os aromas da celebração católica. Mas, quando meu pai descobriu, ficou furioso e demitiu a nossa empregada imediatamente.

Algum tempo depois, minha tia, irmã da minha mãe, e sua família se mudaram para a Inglaterra para escapar dos nazistas, e se converteram ao Cristianismo. Isso deixou meu pai extremamente furioso. Ele acreditava que, se você nasce judeu, deve permanecer judeu para sempre. Na opinião dele, converter-se por temer a perseguição demonstrava total falta de firmeza e determinação.

Apesar de nossas tradições e cultura judaicas, participávamos da vida vienense da mesma maneira que os outros austríacos de classe média. Embora não comemorássemos muito o Natal, dávamos as boas-vindas a São Nicolau e a seu assistente, Black Peter, no dia de sua celebração, 5 de dezembro. Por muitos anos esperei que São Nicolau, o antecessor do Papai Noel, me trouxesse um triciclo vermelho. Lançava várias dicas para os meus pais com meses de antecedência, acordava cedo no tão esperado dia e olhava embaixo da cama para verificar se o presente havia chegado durante a noite. O presente nunca chegou, mas o primeiro carro que comprei quando era jovem foi vermelho. Olhando para trás, imagino que os meus pais podiam achar que nós já tínhamos recebido presentes e guloseimas o suficiente, porque

às vezes embrulhavam presentes que já tinham nos dado e entregavam novamente.

A verdade é que nunca nos faltou atenção nem afeto. Um dos meus passeios diários era visitar meus avós maternos, que moravam em um apartamento menor em Hietzinger Haupstrasse. Digo que visitávamos meus avós, mas a maior parte das visitas era para ver a empregada deles, Hilda, que administrava a casa como um comandante, mas nos mimava muito. Hilda fazia parte da família há quarenta anos, e embora minha avó fosse oficialmente a dona da casa, ela se mantinha em silêncio e deixava Hilda cuidar de tudo como bem entendesse. Quando meus avós foram obrigados a fugir dos nazistas, Hilda cuidou do apartamento até que eles pudessem finalmente voltar para a própria casa.

A única parte da visita diária que eu detestava era ter de cumprimentar a minha bisavó, que na época também morava lá. Ela era uma figura assustadora, da qual eu sentia muito medo, e que estava sempre vestida de preto da cabeça aos pés. Dizia à minha mãe que era “velha e feia”, e implorava para não ter de falar com ela. Mas não importava o quanto eu reclamasse, minha mãe sempre me empurrava para perto da cama dela, onde eu tinha de ficar na ponta dos pés, com o corpo trêmulo, para me aproximar da senhora e dar-lhe um beijo na bochecha.

Felizmente, o interesse em passar algum tempo com meus avós superava o medo. Eu pessoalmente adorava o meu avô, Rudolf. Ele sempre tinha atividades especiais para cada um de nós. Era uma pessoa muito musical, e Heinz costumava se sentar próximo a ele no banco do piano, onde o observava respirar fundo, fechar os olhos e então deslizar suas mãos de um lado para o outro sobre as teclas. As músicas eram sempre maravilhosas, mas meu avô só podia tocar de ouvido, porque se recusou a aprender a ler partituras quando era um jovem aluno.

Talvez eu tenha herdado a teimosia dele, mas com certeza não o talento musical de meu avô. Enquanto Heinz passava

horas praticando piano, e depois acordeão e violão, eu me ocupava com atividades ao ar livre.

Nas manhãs de domingo, meu avô me levava até a taverna próxima ao cruzamento ferroviário onde ele tomava sopa e bebia cerveja. As tavernas na Áustria se pareciam mais com cafeterias e adegas do que com bares; eram lugares nos quais os homens se reuniam regularmente para um bate-papo. A melhor parte desse ritual dominical era sentar próxima ao meu avô enquanto a garçonete nos trazia sopa de gulache. O gulache era servido quente em uma xícara grande de aço inoxidável; a garçonete trazia a xícara e a colocava em nossos pratos de sopa, enquanto eu a observava com os olhos arregalados, contando quantos pedaços de carne eram postos no meu prato. Eu era o centro das atenções. Os amigos do meu avô ouviam atentos tudo o que eu havia feito naquela semana ou quais eram os meus novos interesses. Eu me sentia no paraíso.

Na cidade, a nossa vida girava em torno da família, da casa e da escola. Nossa empregada nos incentivava a gastar um pouco de energia e nos levava para brincar no parque do Palácio Schönbrunn ou para assistir a algum filme de Shirley Temple, e às vezes íamos ao famoso parque de diversões de Viena, o Prater, o que era um mimo. Com frequência ainda maior, visitávamos os parentes dos nossos pais, a irmã do meu pai, Blanka, e minha prima Gaby, que também era a minha melhor amiga. Minha tia Sylvi, irmã da minha mãe, e o marido dela, Otto, moravam bem próximos também, então eu podia ir até a casa deles para brincar com meu primo Tom, que ainda era bebê.

Sempre adorei crianças e adorava cuidar de bebês, e fiquei fascinada pelo meu novo priminho. Depois que vi minha tia Sylvi amamentando-o, tentei fazer o mesmo em casa com meu amigo Martin; ele e eu éramos pequenos e, claro, eu não tinha o menor sinal de mamilos, mas a mãe de Martin nos descobriu e foi uma enorme confusão. Fiquei extremamente

enraivecida quando ela o proibiu de brincar comigo. Fiquei confusa e, talvez pela primeira vez, envergonhada.

Na escola, dedicava-me à leitura, mas não me importava com números. Durante as tardes, passava horas escrevendo letras e palavras do alfabeto gótico em uma lousa.

Era ao ar livre que eu me sentia viva. Queria ser como Pappy e praticar mergulho, natação, corrida e alpinismo. “Vocês nunca devem ter medo”, Pappy falava enfaticamente antes de fugirmos de sua perigosa perseguição, que sempre me animava, mas chocava Heinz.

Meu pai começou a me ensinar a ser uma pessoa destemida incentivando-me a pular do alto do guarda-roupa do meu quarto para cair direto em seus braços, o que progrediu para mais tarde me jogar no fundo da piscina. Minha mãe olhava assustada e Heinz sorria e dizia: “Não, obrigado, Pappy”, antes de retomar a leitura de uma de suas histórias favoritas de Júlio Verne. Mas eu confiava em Pappy e sabia que ele nunca me colocaria em uma situação de perigo real; além disso, tinha certeza de que os seus braços grandes sempre estariam lá para me segurar.

Heinz considerava a minha devoção por heróis algo surpreendente e riu de mim quando decidi dormir em um travesseiro de pedra porque papai havia dito que o travesseiro macio causava má postura. Durante as nossas excursões nas montanhas, Heinz costumava esperar com Mutti na parte de baixo, enquanto eu escalava as fendas, corria descalça pelos caminhos rochosos e me pendurava em cordas.

Eu parecia até mesmo uma macaquinha magricela. Ainda era exigente com a comida, e uma viagem desastrosa ao sanatório combinada com doses de óleo de fígado de bacalhau não tinham me satisfeito. Então me dependurei em uma árvore com os meus braços compridos e magros, com as costelas sobressaltando feito as ondulações de um tanque de lavar roupa.

Saíamos para essas aventuras familiares todos os domingos, e nos feriados viajávamos para lugares ainda mais

distantes, como Tirol ou os Alpes Austríacos. Hospedávamo-nos em chalés e vestíamos calças de couro e vestidos de tirolesa, tradicionais do país.

Essas viagens tornaram-se ainda mais agradáveis certo dia, quando Pappy nos levou para casa no primeiro carro que tivemos. Meu pai, claro, gostava de dirigir em alta velocidade, gritando ao percorrer as curvas fechadas no caminho pelas montanhas. Com o movimento rápido do carro ao passar pelas curvas, nosso corpo se inclinava para o outro lado do banco e podíamos avistar as pequenas casas das aldeias na parte debaixo. Mutti estava na frente, no banco do passageiro, gritando, enquanto Heinz e eu ficamos abraçados no banco de trás, agarrando um ao outro com tanta força que cheguei a imaginar que os nossos ossos poderiam se quebrar.

No verão, minha mãe nos levava para passar as férias fora da cidade, normalmente acompanhados por minha tia Blanka e pela minha prima Gaby. Viajávamos para a costa Adriática, na Itália, onde nadávamos e brincávamos na praia. Heinz ficava preocupado com as águas-vivas, mas eu adorava me enterrar na areia fina e sair correndo em direção ao mar.

Éramos jovens demais para entender o propósito dessas viagens, mas minha mãe visitava um amigo italiano e às vezes ficávamos lá durante três meses. Gino era muito elegante e charmoso; vestia calças de flanela branca e tinha um cabelo escuro que estava sempre brilhando. Embora minha mãe possa ter feito outras amizades com homens, Gino era uma presença permanente em sua vida. Em certa ocasião, ele viajou até Viena e exigiu que ela se divorciasse e se casasse com ele. Os dois mantinham contato por correspondência, até mesmo depois de minha mãe ter descoberto que ele também era casado.

Naquela época, Viena era conhecida por ter uma postura bastante complacente em relação ao casamento, e meu pai também tinha inúmeras admiradoras que o divertiam enquanto ele passava o verão trabalhando em sua fábrica. Embora esse fosse o espírito daquela época, éramos uma família muito

feliz. Nossas personalidades divergentes – ousada e extrovertida, no meu caso e no caso do meu pai, e criativa e gentil, no caso do meu irmão e da minha mãe – complementavam um ao outro perfeitamente.

Meus pais compartilhavam um amor profundo pela música clássica e, às vezes, em vez de histórias para dormir, meu pai ligava o gramofone e tocava o *quinteto* A Truta, de Franz Schubert. Então nós quatro sentávamos no chão da enorme sala e divagávamos ao som do que chamávamos de "música de dormir".

Para mim, aqueles dias e o tom alegre do quinteto faziam o mundo parecer inocente e livre de preocupações mas, na realidade, acontecimentos deploráveis trouxeram uma nuvem negra para o nosso horizonte. Muitos desses fatos ocorreram no importante ano de 1933.

Quanto tinha sete anos, Heinz desenvolveu uma infecção grave e ficou de cama com uma febre violenta, fitando as paredes o tempo todo.

Arrastei o corpo na direção da cama dele e Heinz me espiou de sua cama.

– Quer ler uma história? – sussurei, pensando em fazê-lo se sentir melhor. – Que tal Old Shatterhand?

Mas Heinz balançou a cabeça. Ele estava muito doente até mesmo para ler.

– Ele não está melhorando – minha mãe se afligiu, ansiosa. – Por que não descobrem o que ele tem?

Médicos entravam e saíam, mas nenhum deles aparentemente sabia o que estava acontecendo.

– Vou encontrar outro médico – disse Pappy, tentando tranquilizá-la. – Não se preocupe, vamos superar isso e ele vai ficar bem.

Mesmo dizendo isso, até meu pai parecia preocupado.

Depois de muitas consultas com diferentes médicos, meus pais finalmente encontraram um especialista que diagnosticou o problema corretamente e removeu as amídalas de Heinz. Meu irmão começou a se recuperar, mas àquela altura a

infecção já tinha afetado sua visão, e ele ficou cego de um olho. Claro que isso deixou os meus pais desesperados. E Heinz ficou aterrorizado também.

– Pappy, e se eu nunca mais puder ler meus livros?

Tudo que pude fazer foi ficar inquieta ao lado da cama dele, incapaz de fazer qualquer coisa.

– Está se sentindo melhor hoje, Heinz? – perguntei, apavorada ao ver meu irmão tão fraco e indefeso.

Foi uma provação terrível para todos nós. Heinz nunca se recuperou do trauma de perder totalmente uma das vistas, enquanto meu pai preocupava-se com a ansiedade que Heinz estava desenvolvendo, e que poderia impedi-lo de continuar vivendo tranquilamente.

Nossa família estava prestes a sofrer uma nova provação. A Grande Depressão e a inflação extrema estavam causando dificuldades imensas à Áustria, e os negócios de Pappy estavam indo à falência. Uma viagem de bonde que custava meia coroa em 1918 custava agora o equivalente a mais de mil e quinhentas coroas em xelins (a moeda que substituiu a antiga coroa em 1924). Um jantar que antes custava uma coroa, custava agora o equivalente a mais de 30 mil coroas.

Não havia futuro para a nossa fábrica, a Geiringer & Brown, mas Pappy era criativo e empreendedor, então começou a contratar mulheres para trabalharem de casa fazendo mocassins. Porém, até que ele pudesse reerguer os negócios da família, tivemos de mudar para uma região mais modesta. “Nosso novo apartamento é menor, mas é muito bom”, nos contou Mutti, tentando nos animar, e completou: “Pensem no quanto estaremos mais próximos da avó Helen e do avô Rudolf”. Mas nem mesmo essa constatação pôde compensar o meu sentimento de perda.

– Vai dar tudo certo, Evi – disse Pappy, mas pude sentir o tom de tristeza em ter de deixar a nossa casa em Lautensackgasse.

A casa de uma família é muito mais do que quatro paredes, e eu sabia que estávamos fechando as portas das

nossas primeiras lembranças – de rir juntos, brigar, crescer e fazer as refeições e as festas de aniversário. Uma nova etapa em nossas vidas havia começado.

Com todos esses traumas e reviravoltas familiares ocupando o meu pensamento, suponho que é de se admirar que eu lembre vagamente de alguns boatos sobre os grandes acontecimentos mundiais. Vez ou outra via minha tia ou meu tio franzindo a testa, aflitos, ou ouvia algum comentário de preocupação por parte de meus pais quando eles ouviam as notícias no rádio. Era 1933 e Adolf Hitler tinha acabado de assumir o poder da Alemanha.

Capítulo 3
Os nazistas estão chegando

Os austríacos eram muito conhecidos por serem pessoas encantadoras e descontraídas. Como descobri depois, eram "nazistas encantadores" – sorridentes e agradáveis ao comemorar a volta de Hitler para a fronteira depois do Anschluss entre a Alemanha e a Áustria em 1938.

Os anos mais tranquilos da minha infância em meados da década de 1930 foram os mais turbulentos em Viena e o marco de anos de conflitos violentos.

À medida que o Império Austro-Húngaro se desintegrou, a cidade testemunhou cenas de uma verdadeira guerra civil. Diferentes nacionalidades e grupos étnicos estavam dividindo o império na virada do século. Enquanto políticos gritavam uns com os outros em diferentes idiomas pelos corredores do Parlamento, do lado de fora, na Ringstrasse, trabalhadores das classes baixas saíam às ruas para protestar contra o preço alto dos alimentos, os alojamentos superlotados e o fluxo intenso de imigrantes, que, segundo defendiam, tornava ainda mais difícil encontrar um trabalho.

Viena era uma cidade maravilhosa e atrativa se você fosse rico, mas era um lugar difícil para se viver caso fosse pobre.

Um prefeito extremamente popular, Karl Lueger, havia transformado a virada do século na cidade implementando iluminação elétrica, sistema de circulação de bondes, água potável para os hospitais e até mesmo piscinas públicas. Porém, durante o seu mandato também houve um aumento drástico na falta de moradia, com pessoas dormindo em camas improvisadas nos terminais de bondes, fazendo filas durante o dia inteiro para passar a noite nos albergues e sem condições de comprar comida. Enquanto a Viena rica se reunia em cafeterias para discutir ideias, a Viena pobre procurava por

“ambientes aquecidos” para se proteger do frio, ler os jornais, se manter informada e tomar uma tigela de sopa.

Esses jornais mostravam-lhes que seus problemas tinham uma única causa – os judeus. O prefeito Lueger era declaradamente antissemita e sabia que conseguiria apoio de maneira muito fácil ao jogar a culpa – falsamente – pelas difíceis condições nos empresários judeus. “Tudo menos os judeus”, disse ele certa vez.

Nem todos apreciavam a ideia de que Viena era um caldeirão multicultural devido à ampla variedade de pessoas que constituíam o império. Alguns escritores e políticos começaram a se mobilizar a favor de um movimento pangermanista, relembrando os antigos mitos de um povo ariano que vinha do norte da Europa e que era superior às demais pessoas do império, especialmente em comparação aos tchecos, eslavos e judeus. Homens como o parlamentar Georg von Schönerer desejavam reivindicar uma “Alemanha para os alemães” – incluindo a união entre Alemanha e Áustria –, mas enquanto o imperador Franz Josef permaneceu no trono, eles eram apenas uma voz que refletia as ideias e os debates da época, entre muitas na multidão.

Talvez se a Primeira Guerra Mundial e a queda do Império de Habsburgo não tivessem acontecido, poucos teriam aderido tão seriamente à ideia de uma “raça superior pangermanista”. Porém, essa mistura confusa de slogans populistas e de mitos e tradições reinventados influenciaram fortemente Adolf Hitler, que entre os anos de 1908 e 1913 era um artista fracassado que morava em um *hostel* na cidade de Viena.

Hitler, filho de um funcionário da alfândega da cidade provinciana austríaca de Linz, odiava o internacionalismo de Viena – a modernidade da arte e da música, a sexualidade liberal e por vezes até uma política caótica, que o excluía de diferentes maneiras. Hitler era como um garoto pobre com o rosto grudado na vitrine de uma loja de doces enquanto a sociedade vienense, exclusiva de intelectuais, o ignorava.

A guerra trouxe sofrimento, fome, colapso financeiro e, por fim, degradação no ano de 1918. Enquanto o restante da Áustria permanecia sob o comando do governo conservador e da igreja católica, os cidadãos de Viena se rebelaram e entre 1919 e 1934 a administração da cidade foi socialista, com uma visão progressista sobre habitação social e saúde pública. Mais uma vez, Viena estava em um ponto crucial de uma batalha amarga e violenta entre ideologias políticas rivais.

Em 1934, a "Viena Vermelha" chegou ao fim desastrosamente, quando o chanceler cristão e socialista Engelbert Dollfuss derrubou a democracia austríaca e criou um regime de um único partido fascista. Embora pareça um paradoxo, Dollfuss se opunha aos nazistas e à perspectiva de união entre Áustria e Alemanha, e tentou proteger os judeus proibindo propagandas antissemitas e a discriminação de estudantes judeus.

Quando Dollfuss foi assassinado por nazistas austríacos em 1934, outro membro de seu governo, Kurt von Schuschnigg, ocupou seu lugar – e ele também tentou manter Hitler à distância.

Kurt atingiu seu objetivo por três meses, mas não havia nenhuma hipótese de Hitler permitir à Áustria votar em um referendo livre sobre a questão da unificação com a Alemanha, especialmente quando a previsão era de que dois terços dos austríacos fossem a favor de manter a independência. Em março de 1938, as tropas alemãs atravessaram silenciosamente a fronteira da Áustria e não encontraram nenhuma resistência. Um mês depois, Hitler ordenou que os austríacos votassem sobre o futuro do país. O resultado oficial registrou que 99,75 por cento das pessoas votaram a favor da união com a Alemanha.

Nunca vou me esquecer do medo e do pressentimento que tive na noite em que os nazistas chegaram a Viena. Os soldados alemães foram recebidos na cidade com o toque dos sinos das igrejas e com a aclamação das multidões, enquanto bandeiras vermelhas gigantescas com suásticas negras eram

abertas e postas em todas as janelas e edifícios e floresciam pela cidade como uma bandagem de flores venenosas.

– Vivemos aqui por toda a nossa vida – ouvi meu avô dizer – e a Áustria tem sido a nossa pátria por gerações.

Alguém tentou tranquilizá-lo.

– As coisas não vão ficar tão ruins. Nossos amigos que não são judeus não vão permitir isso.

– O que você acha que está acontecendo? – sussurrei para Heinz, mas ele colocou o dedo sobre os meus lábios me pedindo para fazer silêncio, o que significava que conversaríamos depois.

Fomos para casa quietos e quando Mutti e Pappy nos colocaram para dormir, Mutti beijou a nossa cabeça e disse: "Amanhã será um dia melhor que hoje".

Naquela noite, as palavras de conforto dela fizeram-me dormir melhor, e creio que ela sabia em seu coração que o destino dos judeus de Viena estava traçado. Hitler apareceu na sacada do Neue Hofburg Palace em frente à enorme Praça Imperial, Heldenplatz, em 15 de março de 1938. Ele discursou para a multidão austríaca agitada em frente ao slogan que havia sido criado pelo imperador Franz Joseph, impresso em letras douradas: "A justiça é a base de todos os governos".

– Este país é alemão – disse ele. – Posso comunicar ao povo alemão a maior realização da minha vida. Estou anunciando à história a entrada do país no Império Alemão.

A cidade que o havia desprezado por tanto tempo agora o recebia de braços abertos, e a prioridade dele, segundo confidenciou ao chefe de propaganda nazista, Josef Goebbels, era limpar Viena da imundice e das baratas – ele referia-se aos judeus.

Logo na primeira semana sob o comando nazista, tudo aquilo que as pessoas temiam foi confirmado. Os nazistas austríacos receberam permissão para provocar tumultos, espancar os judeus e saquear as propriedades deles, além de forçá-los a insultar uns aos outros nas ruas e a arrancar do

peito dos ex-oficiais e soldados do exército as medalhas da Primeira Guerra Mundial.

De repente, os agradáveis amigos da minha infância se foram. Perguntava-me agora quem eram essas novas pessoas. Os comerciantes simples, condutores de bonde e supervisores de obras que imaginei conhecer estavam agora fazendo os judeus ajoelharem a seus pés, fazendo as declarações a favor da democracia desaparecerem.

Será que essas eram as mesmas pessoas com quem a minha família havia vivido lado a lado por tanto tempo?

Mesmo que alguém não tivesse muito interesse por política, não poderia simplesmente ignorar o antissemitismo que já existia em Viena há tantos anos. Não era necessário ler um jornal pangermânico para saber que um homem que aparentava ser judeu certamente teria o chapéu arrancado enquanto caminhava pela região da Ringstrasse, ou que os alunos deixavam a Universidade de Viena ao serem ridicularizados pelo lema “fora judeus”.

Nos anos que antecederam o Anschluss, todos os principais partidos políticos fizeram declarações antissemitas em seus manifestos, e até mesmo o governo Dollfuss-Schuschnigg, que supostamente os defendia, contava com muitos antissemitas em seu gabinete. Este preconceito era profundo, uma questão de longa data na vida dos judeus, mas somente naquele momento ele começou a infringir a tranquilidade da minha existência.

Meu primeiro encontro com nazistas austríacos foi chocante.

– Não precisamos mais nos aborrecer com crianças do seu tipo – a mãe de uma amiga minha me disse, batendo a porta na minha cara.

Corri para casa, aturdida e chorando.

– Bem, as coisas vão ser assim para o povo judeu a partir de agora – explicou minha mãe, abatida.

As suásticas negras nazistas apareceram por todos os lugares e sorridentes homens austríacos, vestindo o uniforme

nacional, chapéus de feltro e com as barras das calças enfiadas dentro das meias, forçavam crianças pequenas a escreverem “judeu” nas janelas das lojas de seus pais.

Quando olhavámos para a rua pelas janelas de nossa sala, víamos filas de soldados nazistas marchando com suas botas que crepitavam sobre o chão em um ritmo uníssono. Certo dia fomos até o pequeno jardim que pertencia ao edifício em que meus avós moravam e, ao chegar lá, recebemos a informação “Aqui não são permitidos judeus!” da supervisora do bloco, uma mulher que aparentemente havia se tornado uma nazista ferrenha da noite para o dia.

Novas leis, escritas com uma lógica burocrática primorosa, exigiam que todos os austríacos fizessem um juramento de lealdade a Hitler e aos nazistas. Desde que essas leis foram estabelecidas, os judeus foram proibidos de fazer tal juramento e foram automaticamente banidos de todas as funções governamentais e de todas as profissões oficiais. Professores judeus não poderiam mais trabalhar nas escolas e médicos judeus estavam proibidos de cuidar de pacientes que não fossem judeus.

Os judeus austríacos começaram a correr de uma embaixada estrangeira para outra, desesperados para conseguir um visto que lhes permitisse escapar. Infelizmente, a maioria dos outros países não permitiu sua entrada. A minha própria família logo começou a fazer planos de fugir. Todas as pessoas judias agora tinham de carregar documentos de identificação e deveriam permanecer com eles o tempo todo. Com frequência, éramos parados na rua e tínhamos de mostrar os nossos documentos, ou corríamos o risco de sermos entregues às autoridades.

O marido da tia Sylvi, Otto, era especialista na produção de baquelite e eles rapidamente conseguiram vistos para a Inglaterra, onde instalaram-se na pequena cidade de Lancashire com o meu primo Tom. Sylvi e Otto se converteram ao cristianismo praticamente no momento em que chegaram, e Otto foi trabalhar em uma empresa que fazia cabos de

baquelite para guarda-chuvas. Eles conseguiram levar consigo um contêiner cheio de pertences estimados da família, incluindo um álbum de fotos, de modo que, ao contrário de muitas famílias judias, ainda temos essas preciosidades até hoje.

Outras pessoas da família também conseguiram ir para a Inglaterra. A irmã de Pappy, Blanka, era casada com um historiador de arte que trabalhava para a editora Phaidon, então eles fugiram para Londres com a minha prima Gaby. Lembro-me de que estava sentada no colo do tio Ludwig alguns dias antes de eles partirem enquanto ele me mostrava suas pinturas favoritas naqueles livros de arte espessos. Eu tinha apenas nove anos, mas pude sentir que coisas piores que a humilhação nas ruas ou a perda de velhos amigos estavam por vir. A tensão visível dos adultos ao meu redor encheu-me de ansiedade. Perguntava-me se algum dia veria aquelas pinturas novamente.

Outra prima da minha mãe, Litty Kloss, partiu para a Inglaterra. Ela era casada com um artista muito conhecido, mas ele a abandonou no dia em que os nazistas chegaram.

Litty conseguiu chegar a Londres com um visto de trabalho doméstico. Embora o movimento de resgate de crianças judias chamado Kindertransport tivesse se tornado famoso por atender a 10 mil crianças, a maioria das pessoas judias que chegava à Inglaterra tinha visto de empregadas domésticas. Grande parte das 20 mil mulheres que conseguiram vistos para trabalho doméstico foi alocada para realizar trabalhos domésticos pesados, e tinha uma rotina longa e exaustiva.

Litty odiava trabalhar como empregada doméstica e vivia na esperança de que quando a guerra acabasse seu marido voltaria para buscá-la. Àquela altura, ele já tinha outra namorada e nunca demonstrou o menor interesse no bem-estar dela.

Até mesmo o vovô Rudolf e a vovó Helen queriam se mudar para a Inglaterra.

– Já que Sylvi e Otto estão lá, espero que a gente consiga o visto também – escutei minha avó dizer a Mutti.

– Porém isso vai levar um bom tempo – meu avô Rudolf ressaltou.

– Tenho certeza de que vamos conseguir os vistos – Mutti os tranquilizou.

Internamente, desejava que pudéssemos nos unir a eles e mudar para a Inglaterra com o resto da família, mas as coisas não aconteceriam assim.

Pappy sabia que os nazistas eram perigosos desde o momento em que Hitler chegou ao poder na Alemanha em 1933. Ele nunca conversou sobre isso conosco, mas estava à procura de um lugar seguro em que pudéssemos morar – precisássemos ou não. Como exportador de sapatos, ele viajava frequentemente e tinha contato com inúmeras empresas estrangeiras. Quando uma fábrica na Holanda estava prestes a fechar, ele decidiu investir no negócio e manter parte do capital da família lá para o caso de precisarmos sair da Áustria. Parecia uma boa ideia: o sul da Holanda era o centro da indústria de calçados europeia, e o país havia se mantido neutro na Primeira Guerra Mundial; meus pais esperavam que as coisas se mantivessem assim caso ocorresse uma nova guerra. Porém, mesmo que as coisas não chegassem a esse nível, estava claro que a nossa vida na Áustria tinha mudado para sempre. Meus pais decidiram que havia chegado a hora de partir.

– A Áustria não é mais um bom lugar para vivermos – disse Pappy –, mas a Holanda é um país maravilhoso. Imagine, Evi, estaremos bem próximos do mar e lá há vários lagos e rios por onde poderemos navegar e fazer passeios de barco.

Achei a ideia muito tentadora. Não havia litoral na Áustria e Heinz e eu adorávamos ir à praia.

– Mas por que você tem que ir sem nós? – perguntei a ele com a voz embargada, tentando segurar as lágrimas.

Sair da nossa casa seria algo difícil, mas tornou-se ainda mais complicado quando descobri que não iríamos juntos.

Somente Pappy poderia conseguir um trabalho e um visto de residente. Mutti, Heinz e eu só poderíamos ficar como visitantes por um curto período.

– Não vamos ficar separados por muito tempo. Estarei bastante ocupado com a fábrica nova, mas quando nos encontrarmos, vamos fazer todas as coisas que você gosta de fazer – meu pai tentou me tranquilizar.

Mutti nos disse que todos nós conseguiríamos o visto, que viveríamos em Bruxelas, que Pappy trabalharia numa pequena cidade da fronteira holandesa chamada Breda e que ele nos visitaria nos finais de semana.

Tentei não demonstrar a Mutti o quão assustada e confusa eu estava. Pappy pediu que ficássemos bem e que nos comportássemos, e disse também que em breve nos veríamos. Depois, ele nos beijou, nos abraçou e disse que o tempo voaria até que nos encontrássemos novamente. Então ele partiu.

Como descobri depois, ele partiu em cima da hora. Um pouco depois disso, em setembro de 1938, as autoridades nazistas nos escreveram solicitando que meu pai comparecesse para apresentar seus bens e entregá-los, mas ele já não estava mais na Áustria.

Mutti começou a ter suas próprias preocupações. Os nazistas estavam impondo restrições em relação à quantia em dinheiro e a quantidade de bens que os judeus poderiam levar consigo ao deixarem o país. Presenciei todos os pertences que tinham um significado enorme para a minha família serem vendidos, um a um.

Um dia foi a nossa mesa com tampo de mármore; no outro dia alguns itens que meu pai havia herdado de seu próprio pai. Alguns desses pertences eram valiosos, mas Mutti nunca conseguiu um preço justo. Todos sabiam que os judeus estavam vendendo todos os seus pertences e que por isso estavam aceitando as menores ofertas.

Os nazistas já tinham mudado as nossas vidas para sempre. Vi a personalidade dos meus pais mudar. Minha mãe, uma pessoa livre de preocupações e que nunca havia

preparado uma refeição nem limpado a casa ou tomado alguma decisão importante, transformou-se subitamente. Seu apelido sempre havia sido “cordeirinho” mas, no momento em que meu pai partiu, ele a deixou como única responsável por mim e por Heinz, pela nossa casa e pelo nosso futuro. Ela enfrentou a situação, mostrando-nos a mulher forte, determinada, pragmática e madura que havia sido o tempo todo.

Uma das primeiras coisas que ela fez foi aprender algo novo com o qual poderíamos contar. Depois de refletir um pouco, ela decidiu fazer um curso de esteticista com duração de seis semanas, e em pouco tempo vários cremes e instrumentos apareceram em nossa casa. Mutti provou grande habilidade em produzir cremes e loções – mas menos aptidão para aplicá-los. Depilação de sobrancelhas era o seu tormento; ela odiava a ideia de pôr cera quente no rosto de alguém e depois ter de arrancá-la. Muitas de suas amigas saíam do nosso apartamento com uma sobrancelha mais fina que a outra ou com um desenho indesejado.

Um dia nós brigamos. Mutti me disse que poderíamos levar apenas algumas roupas, uma quantidade que coubesse em nossa mala pequena, e tínhamos planejado exatamente o que levaríamos. Eu precisava de um casaco novo e, assim, de mãos dadas, fomos até uma loja Bitman para escolher um. Nunca me perguntaram a minha opinião sobre quais roupas gostaria de vestir, e Mutti não mostrou o menor sinal de que me consultaria agora. Ela pediu a opinião da vendedora, que então trouxe um casaco laranja com um chapéu xadrez combinando. Minha obstinação não havia me abandonado. Detestei o casaco e o chapéu. “Isso é horrível”, disse a elas, e acrescentei: “Não vou usar isso!”.

Mutti tentou me convencer dizendo que as peças eram a última moda na Bélgica e eu tentei persuadi-la de que aquilo não combinava comigo. Saímos da loja com o casaco e o chapéu e jurei que nunca os vestiria. Por fim, chegamos a um

acordo, mas Mutti teria de tingir o casaco de azul marinho para que eu pudesse usá-lo.

Ao olhar para trás, hoje como mãe e avó, percebo o quanto essa época deve ter sido difícil para Mutti. As preocupações dela aumentaram ainda mais quando, certo dia, Heinz chegou da escola com o rosto ensanguentado e machucado. Alguns garotos da sala haviam debochado dele porque era judeu. Depois bateram nele e lhe deram um soco em seu olho saudável. Os professores mantiveram-se do lado dos garotos e permitiram que eles espancassem Heinz. Havia uma onda de *bullying* se espalhando pela Áustria, e Heinz foi uma dessas vítimas indefesas.

Juntas, tentamos acalmá-lo; Mutti limpou o rosto dele enquanto eu segurava sua mão e o ouvia chorar inconsolavelmente. Meus pais decidiram que era melhor Heinz sair do país o mais rápido possível, e alguns dias depois nós o levamos até a estação de trem para que ele partisse. Sabíamos que Pappy o receberia do outro lado, mas naquele dia meu irmão, que tinha doze anos, parecia novo e inseguro demais, enquanto caminhava pela plataforma segurando apenas uma mala pequena e uma mochila cheia de livros. Heinz era muito jovem para fazer uma viagem sozinho pela Europa, mas havia uma porção de crianças judias embarcando em viagens semelhantes rumo ao desconhecido.

Mutti e eu ficamos por mais algumas semanas no país enquanto ela tentava vender os nossos pertences, até que finalmente chegou o dia de partirmos também. Fiquei com medo, confusa e até infantilmente animada. Para uma criança de nove anos, aquilo era como embarcar em uma grande e assustadora aventura.

Despedimo-nos da vovó Helen e do vovô Rudolf, que ainda estavam esperando seus vistos para a Inglaterra.

Na estação de trem, respirando fundo enquanto nos preparávamos para deixar para trás tudo que conhecíamos ali, Mutti segurou a minha mão com força enquanto embarcávamos na viagem mais longa e tensa de nossas vidas.

Prosseguimos em uma viagem agitada e temerosa. Chacoalhamos dentro do trem por toda a Europa, amontoadas em nosso pequeno compartimento e tomando todo o cuidado para não fazer nenhum contato visual com os companheiros de viagem. Pelas janelas embaçadas pelo vapor do trem, observávamos a paisagem enquanto deixávamos para trás primeiro a Áustria e depois a Alemanha.

Eu não parava de me coçar porque Mutti havia me obrigado a vestir todas as roupas que eu tinha, pois não havia mais espaço em nossas malas. Minhas mãos tremiam todas as vezes em que éramos forçadas a descer do trem para mostrar os documentos, e meus olhos se arregalavam diante de todos aqueles soldados de expressões frias e armas nas mãos.

Depois do que pareceram dias, o trem chegou a uma parada e eu literalmente esmoreci de alívio e exaustão quando vi Pappy e Heinz na plataforma. Eles nos abraçaram e comecei a contar ansiosamente para Heinz tudo o que havia visto ao longo do caminho – e o quanto tinha odiado o meu casaco horrível na cor laranja.

Escapamos a tempo; depois de apenas algumas semanas, em junho de 1938, muitos países fecharam suas fronteiras para refugiados judeus.

Capítulo 4
Uma garota indesejável

As primeiras semanas de nossa nova vida pareciam longas e estranhas férias. Era junho de 1938; estávamos com Pappy na Holanda, fazendo longos passeios e andando de bicicleta pelos jardins de urzes holandesas que cercavam a cidade de Breda. Depois de todas aquelas semanas tensas em Viena esperando nosso visto sair, sentia-me aliviada por respirar ar puro e por poder conversar com Pappy e Heinz, ainda que tudo o que eu tivesse para dizer versava sobre as coisas terríveis que tínhamos deixado para trás na Áustria.

Contudo, pouco tempo depois nossos vistos de visitantes na Holanda expiraram e tivemos de cruzar a fronteira com a Bélgica. Comecei a contar os dias, que pareciam intermináveis, até os fins de semana, quando Pappy poderia nos visitar e todos ficaríamos juntos novamente.

Muitas famílias judias estavam chegando à Bélgica em 1938 à procura de um porto seguro para se afastar do Terceiro Reich de Hitler – mas as boas-vindas recebidas não eram nada agradáveis.

Após a unificação da Alemanha e da Áustria, o ministro da Justiça da Bélgica, Charles du Bus de Warnaffe, ordenou à embaixada belga em Viena que negasse vistos para judeus, e disse ao Parlamento que os judeus tinham "constituído um grande problema para a Europa ao longo dos séculos". Em seguida, ele escreveu um artigo referindo-se ao meu povo como pessoas "extremamente duvidosas", sem o menor senso de honra. Do nosso ponto de vista, a recíproca era verdadeira: nos anos 1930, a "honra" da Europa estava em decadência.

A magnitude das mudanças em minha vida deixava-me tonta. Apenas alguns meses antes eu era uma menina segura da minha educação austríaca, rodeada por uma família grande,

com avós, tios, tias, primos e primas, e que ia para a escola com os amigos.

– Quero ir para a nossa casa na Áustria – disse a Heinz, chorando.

Porém, sabíamos que não poderíamos voltar. Muitos dos meus parentes e amigos foram presos, mas outros fugiram para países dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Meus avós ainda estavam em Viena esperando ansiosamente pela permissão para viajar para a Inglaterra. Mesmo a nossa pequena família de quatro pessoas estava separada. Como poderíamos chamar este novo lugar de casa se não tínhamos Pappy?

Depois das avenidas elegantes, das árvores de tílias e dos cafés de Viena, as ruas com calçadas úmidas e escuras de Bruxelas me deprimiam. O céu cinzento nos comprimia com uma garoa constante; raramente sentia-me livre.

Mutti, Heinz e eu nos mudamos para dois cômodos em uma pensão na rue de L'Ecosse. Quando olhei nossos aposentos fiquei com o coração partido. Imaginei o meu quarto em Viena, mas claro que, muito provavelmente, outra família austríaca já estivesse morando em nossa casa. Desejava que ali naqueles dois cômodos pequenos estivesse a nossa mobília em vez daquelas cadeiras e camas velhas e corroídas – mas então me lembrei que Mutti tinha sido obrigada a vender todos os nossos pertences.

Éramos pessoas "sem pátria" e indesejadas em qualquer lugar. Viver em Bruxelas foi uma experiência traumática para mim, com uma adaptação muito dolorosa – principalmente porque eu não falava francês. Enquanto Heinz corria para casa depois da escola todos os dias para deitar na cama e se debruçar sobre seus livros novos, eu me esforçava. Na escola, ficava com as bochechas vermelhas de vergonha pela minha incapacidade de concluir até mesmo a tarefa mais simples ou responder a qualquer pergunta feita pelos professores.

As outras crianças lançavam alegremente suas respostas, me cercando com uma parede de sons. Embora eu fosse uma pessoa que gostava de esportes e que amava estar ao ar livre –

em Viena eu era uma boa aluna –, agora eu era apenas a boba da classe.

– Eva, por que você não consegue aprender esse verbo? – minha mãe me perguntava desesperada quando tentava me ajudar nas lições. Mutti havia sido tutora de francês na Áustria, embora costumássemos brincar dizendo que era ela era tão ruim que seu único aluno havia cometido suicídio. Pode ser que ela não fosse *tão* ruim (ela tinha até um diploma da Universidade de Viena), mas sua habilidade para ensinar francês certamente não me atingiu.

Uma das poucas coisas boas que me aconteceram durante a estada na Bélgica foi ter feito amigos como Jacky, o filho mais novo de madame Le Blanc, dona da pensão onde vivíamos. Sempre tive facilidade para fazer amizade com garotos, como Martin, em Viena, e agora Jacky; entendíamo-nos muito bem, embora não falássemos a mesma língua.

Decidimos pregar uma peça em um homem de meia-idade chamado sr. Dubois, que morava permanentemente na pensão e era aposentado – havia trabalhado como funcionário público no Congo. Ele exalava uma austeridade extrema e sempre tomávamos cuidado ao passar por ele pelos corredores. Certo dia, depois do café da manhã, Jacky e eu entramos no quarto dele e esperamos até que ele voltasse.

A parede atrás da cama estava repleta de lanças e de todos os tipos de artefatos perigosos que ele trouxera da África. Rindo, nos escondemos atrás da cama. Depois do que pareceu uma eternidade, ouvimos a maçaneta da porta e o ruído dos passos pesados dele. Em seguida, Jacky e eu gritamos. Com um berro, o sr. Dubois pulou em cima da cama e agarrou uma lança – pronto para cravá-la em nós. Grunhindo, saímos detrás da cama e corremos para fora do quarto, ofegantes. Jacky e eu juramos que não nos aproximaríamos dele novamente; ele demonstrava uma expressão de raiva muito sombria, algo muito assustador. Queria evitá-lo a todo custo, mas alguns dias depois, quando eu estava sozinha, ele me encurralou no corredor.

– Você gosta das minhas lanças? – perguntou-me.

Não gostava nem um pouco de lanças, mas murmurei algo que soou como um gesto educado.

– Por que não vemos essa coleção juntos? – disse ele, e então eu ficaria livre de qualquer futura confusão em relação ao que tinha aprontado. Ele nunca contaria a ninguém. Em seguida, ele me levou até seu quarto dizendo que queria me mostrar mais fotos do Congo.

Com muito receio, permaneci ao lado dele enquanto ele se sentava próximo à escrivaninha e folheava um álbum de fotografias marrom. Os segundos e os minutos passavam em câmera lenta. Por fim, parecia que finalmente a nossa sessão havia chegado ao fim, então suspirei aliviada quando pude sair e voltar para o quarto que dividia com Heinz.

Contudo, alguns dias depois o sr. Dubois me encurralou novamente. Como da outra vez, fomos até o quarto dele, e permaneci de pé enquanto ele se debruçava sobre suas fotos antigas. A tensão silenciosa e a respiração superficial dele enchiam a sala com uma energia estranha, mas quando ele terminou de me mostrar as fotos, saí correndo do quarto, muito aliviada. Talvez eu não tivesse que vê-lo nunca mais.

Esses encontros à tarde eram tão angustiantes que eu esperava que o sr. Dubois perdesse o interesse neles, mas ele me procurou no dia seguinte e alguns dias depois disso também.

À medida que as semanas passavam, ele começou a pedir para eu me sentar em seu joelho enquanto olhava o álbum de fotos. Eu odiava isso muito mais do que ficar em pé ao lado dele, mas obedecia e esperava até que pudesse voltar para Mutti, que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Depois de ter sentado sobre seus joelhos algumas vezes, percebi que ele estava acariciando a si mesmo. Embora não compreendesse o que ele estava fazendo, sabia que era algo errado. Fiquei congelada e paralisada de medo.

Aquele era o nosso segredo, ele me dizia. Eu não deveria contar a ninguém ou então teria sérios problemas – ele poderia

pegar uma daquelas lanças que tinha na parede e me matar.

Logo, o sr. Dubois começou a fazer com que eu o acariciasse também, e eu detestava ter de tocá-lo lá embaixo. Mutti e Heinz começaram a perceber que eu estava ficando muito retraída, mas eles não sabiam o que estava acontecendo. Eu já me sentia triste por morar em outro país, longe de Pappy. Agora eu falava muito pouco e minha autoconfiança parecia ter se esvaído.

Essas horríveis sessões continuaram até o dia em que o abuso do sr. Dubois chegou a tal ponto que ele ejaculou em um lenço.

Fiquei tão aterrorizada e aturdida que saí correndo do quarto e corri para Mutti. Ao ver o meu estado, ela exigiu que eu contasse o que estava acontecendo e eu revelei toda a verdade para ela.

Mutti foi procurar madame Le Blanc e juntas elas foram até o quarto do sr. Dubois para confrontá-lo. Claro que ele negou, mas havia uma prova – seu lenço sujo no cesto de lixo. Ao ver que não havia mais como continuar mentindo, ele confessou e inventou umas desculpas sobre o que havia acontecido.

Mutti ficou indignada e exigiu que madame Le Blanc o expulsasse da pensão imediatamente. Para surpresa de minha mãe, madame Le Blanc recusou-se a fazer isso. Éramos hóspedes temporários, ela disse a Mutti, e o sr. Dubois era um hóspede fixo que continuaria lá, pagando o aluguel do seu quarto, quando saíssemos da pensão.

Era difícil acreditar que alguém poderia dizer tal coisa e um estado de choque recaiu sobre Mutti, e também sobre Pappy e Heinz quando ela contou a eles o que havia acontecido. Mas parecia não haver nada que pudéssemos fazer. Éramos refugiados em um país estranho, esperando pelos nossos vistos para que pudéssemos ser uma família novamente.

Mutti me orientou a nunca mais falar com o sr. Dubois, e ela fez tudo o que podia para me proteger – sentava ao lado da minha cama toda noite quando eu ia dormir. Mas durante

meses tivemos de passar por ele nos corredores e nos manter em silêncio na sala de jantar enquanto o homem que havia me molestado continuava sua vida normalmente, sem a menor perturbação.

Esta foi quase a pior parte dessa experiência. Na verdade, ele me olhava como se fosse eu quem tivesse cometido um crime contra ele.

Era como se os pilares mais fortes da minha vida estivessem desmoronando ao meu redor. Pouco tempo antes eu era uma menina feliz que havia pulado de olhos fechados de cima de um guarda-roupa com a certeza de que meu pai estaria sempre lá para me segurar. Agora eu via que, apesar de todas as garantias, meus pais eram impotentes para nos proteger do mal no mundo. Eles não conseguiram nos manter longe dos nazistas e tivemos de fugir da nossa própria casa. E agora eles não poderiam nem mesmo me proteger de um homem que tinha me machucado da pior maneira possível.

Aquilo deve ter sido terrível para eles, e foi horrível para mim.

Até hoje, a memória de ter sido abusada sexualmente era tão profundamente dolorosa e vergonhosa que nunca consegui falar sobre isso, mesmo tendo conversado bastante sobre experiências muito piores que vivenciamos em família.

O resto de nossa estada na Bélgica foi sombrio e repleto de ansiedade. Eu me fechei e guardei apenas alguns momentos agradáveis para me animar. Havia poucas pessoas de quem eu poderia ser amiga na pensão. Quando eu olhava ao redor da sala de jantar, via o semblante abatido de outras famílias judias vindas de todo o continente, e que estavam numa situação tão deprimente quanto a nossa. Mas havia um casal sem filhos, Herr e Frau Deutsch – *sr. e sra Alemanha* –, a quem comecei a chamar de tio e tia. Eles eram refugiados judeus de uma família muito rica na Alemanha e estavam esperando pelo visto para viajar para a América.

Como agrado, eles me deram barras de chocolate da Côte d'Or, que vinham com um cartão postal de um membro da

família real belga. Logo me tornei fanática por colecionar esses cartões. Decorei o nome de cada membro da família real como uma forma de tentar fazer parte de suas vidas perfeitas. Às vezes, Heinz me ajudava a conseguir fotos preciosas da família real ao trocar alguns cartões com seus amigos – em troca, ele me pedia para limpar seus sapatos ou para organizar seus livros. Certo dia, o tio e a tia me deram uma pipa e às vezes nos levavam para passear à beira-mar de carro. Algum tempo depois, fiquei sabendo que o visto deles nunca chegou e que foram deportados para campos de concentração.

Na Bélgica, o sentimento antissemita se intensificava. A campanha nazista contra os judeus foi amplamente divulgada na imprensa belga. Talvez os judeus fossem de fato a causa de todos os problemas na Europa, alguns se questionavam, e talvez – os belgas começaram a pensar – esses problemas estivessem se aproximando cada vez mais de sua própria porta.

No meu aniversário de dez anos, em maio de 1939, implorei para que Mutti me fizesse um bolo com dez velas e com orgulho entreguei os convites para os meus amigos da escola. Todos ficaram muitos felizes, e conversamos com muito entusiasmo sobre quais presentes eu gostaria de ganhar.

No dia seguinte cheguei à escola ansiosa para conversar com eles sobre as ideias interessantes que tive para a minha festa – mas todos, um por um, disseram que não poderiam ir. Seus pais os haviam proibido de comparecer ao meu aniversário.

– É porque somos judeus – Heinz me contou, com tristeza.

Eu tinha dez anos de idade e era "indesejável". Eu não sabia se tudo que ouvíamos sobre o que estava acontecendo com os judeus era verdade, mas tinha certeza de que Pappy estava encontrando dificuldades para nos visitar durante os fins de semana. Cada página do seu passaporte estava estranhamente preenchida com os selos de entrada e saída da fronteira entre Holanda e Bruxelas, devido à frequência com

que ele nos visitava, e logo ele precisaria de um novo passaporte.

Mutti estava se empenhando ao máximo junto ao Centro de Refugiados para conseguir o nosso visto holandês, mas esperamos, esperamos e nada aconteceu. Eu não sabia que ela também estava tentando encontrar outro país seguro para morarmos – mas sua busca foi em vão.

"Más notícias", ela escreveu para meus tios na Inglaterra, "o nosso pedido de emigração para a Austrália foi negado".

É quase insuportável pensar no quanto esse pedido negado mudou nossas vidas.

Em setembro de 1939, chegamos ao auge da tensão, mas pelo menos, no último momento, tivemos uma notícia boa.

Quase morri de emoção ao saber que encontraríamos o vovô Rudolf e a vovó Helen. Finalmente eles haviam conseguido o visto, após um procedimento exaustivo no qual saíram da Áustria com permissão para entrar na Inglaterra, apenas para serem barrados na fronteira da Bélgica por não ter um visto de trânsito no país. Eles tiveram de voltar para a Áustria, solicitar o visto belga e esperar ansiosamente pela resposta positiva – antes de fugirem no último momento.

Eu não tinha ideia de nada disso. O que eu sabia era que reencontrar os meus avós depois de tudo o que havíamos passado era como um sonho maravilhoso. Eles não eram apenas um produto da minha imaginação deixados para trás junto com as outras memórias e bens que eu tinha na Áustria – eles eram reais.

No dia em que eles chegaram, meus pés pareciam flutuar sobre as ruas sombrias de Bruxelas enquanto corríamos para encontrá-los no Centro de Refugiados. O Centro estava sempre cheio. Havia uma fila de mesas em que os funcionários ficavam sentados fazendo uma triagem de fichas intermináveis, tentando reunir as famílias, providenciar vistos e divulgar notícias. Geralmente aquele ambiente era muito chato para mim, mas naquele dia eu estava tão animada que mal conseguia ficar parada.

“Vó! Vô!”, gritei assim que os avistei, sem perceber o quanto meu avô estava magro nem no quanto minha avó olhava para todos os lados o tempo todo. Então os abracei e, agarrando seus braços, disse: “Tenho que contar para vocês sobre a minha escola nova, estou aprendendo francês, mas Mutti diz que não sou muito boa nisso, e na pensão onde a gente mora tenho um amigo novo, ele se chama Jacky”. Entusiasmada, minhas palavras saíam como se quisesse contar a eles tudo que havia acontecido conosco desde que saímos da Áustria.

Os dias que ficamos juntos passaram tão rapidamente que nem parecia que meus avós estavam prestes a embarcar rumo à Inglaterra. Embora eles tentassem conversar tranquilamente com a minha mãe, ouvi trechos da conversa que soavam como problemas. Meu avô e minha avó sussurravam algumas notícias para minha mãe, contando as coisas terríveis que estavam acontecendo com os judeus: guetos na Polônia e o *Kristallnacht,* no qual muitas sinagogas alemãs foram incendiadas e lojas judaicas saqueadas.

Uma semana depois que meus avós partiram em busca de um lugar seguro, a Alemanha invadiu a Tchecoslováquia com a justificativa de proteger o povo de Sudetos e reuni-los ao império. A Alemanha também assinou o Pacto de Aço com a Itália e em seguida invadiu a Polônia – e França, Inglaterra e todos os países da Commonwealth (Austrália, Nova Zelândia e Canadá) declararam que os tempos de paz tinham chegado ao fim.

– Estou falando com vocês diretamente da Sala do Gabinete no número 10 da Downing Street – o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain começou seu famoso discurso transmitido pelo rádio em 3 de setembro de 1939. – Nesta manhã, o embaixador britânico em Berlim entregou ao governo alemão um parecer final, afirmando que, a menos que se pronunciem até às onze horas informando estarem preparados para retirar suas tropas da Polônia, está declarado estado de guerra entre nós. Devo dizer que até o momento não

recebemos tal comprometimento e que, consequentemente, este país está em guerra com a Alemanha.

Ele finalizou o discurso dizendo:

– É contra tudo o que há de mal que lutaremos; força bruta, má-fé, injustiça, opressão e perseguição; e contra isso, tenho certeza de que o certo prevalecerá.

A Segunda Guerra Mundial havia começado.

Aquela era uma notícia esperada e considerada inevitável havia muito tempo, mas quando ela se concretizou, uma estranha sensação de inquietude e de incerteza nos abateu. Meus pais permaneceram distraídos e pareciam perdidos em seus próprios pensamentos.

Do lado de fora, nas ruas e na escola, uma estranha calmaria recaiu sobre a Bélgica, como se as pessoas soubessem que uma mudança estava por vir, mas não sabiam ao certo o que ela traria.

Houve momentos em que sentíamos uma pressão muito grande, como se fôssemos as fibras de um elástico a ponto de se romper, e parecia que não suportaríamos outro momento de tensão. Mas tivemos de enfrentar essa situação desconfortável dia após dia, ansiosos pelos próximos seis meses.

Finalmente, em fevereiro de 1940, recebemos a notícia que tanto esperávamos. Concederam-nos os vistos para a Holanda, e poderíamos viajar para Amsterdã para morar com Pappy.

O tempo que passei na Bélgica mudou a minha vida de uma forma que eu jamais poderia imaginar. Apesar de aparentarem total confiança, eu sabia que meus pais estavam profundamente abalados – e eu era agora uma garota muito diferente daquela que havia embarcado no trem em Viena. Dessa vez comecei a viagem introspectiva e em silêncio, com pouco sentimento de aventura, apenas alívio. Meus olhos haviam sido abertos para algumas das coisas desagradáveis da vida, e eu me sentia contente em saber que, o que quer que fosse que Amsterdã nos reservava, era a próxima etapa da história da nossa família.

Capítulo 5
Amsterdã

A vida no exílio foi, sem dúvida, uma grande tensão para os meus pais, mas eu estava prestes a desfrutar dois anos muito felizes em minha vida.

Durante o tempo em que moramos em Amsterdã criamos profundos laços familiares. Heinz e eu estávamos crescendo, passando pelas mesmas dores físicas e emocionais de qualquer adolescente. Fizemos novas amizades e desfrutamos de grandes aventuras, navegando pelos lagos e canais holandeses em pequenos barcos de madeira. E também demos nossos primeiros passos na tentativa de começar um relacionamento com o sexo oposto – ou não, no meu caso. Não havia oficiais nos vigiando e, certo tempo depois, um toque de recolher imposto pelos nazistas nos manteve em casa durante a noite, fazendo com que nós quatro nos reuníssemos e ficássemos ainda mais próximos.

Depois de ter sofrido um trauma para toda a vida em Bruxelas, eu estava encantada com a nossa casa nova – que era totalmente diferente da que havíamos deixado para trás. A Áustria era um país terroso e áspero, com pessoas que habitavam as sombras das montanhas e que viviam sobre os lagos glaciais de profundezas impenetráveis. Pensando nisso anos depois, minha terra natal parecia nos cobrir debaixo de suas florestas negras e do pico de suas montanhas, enquanto a Holanda flutuava sob uma paisagem aquática e nebulosa.

Eu podia andar de bicicleta ao longo de quilômetros de represas rurais que cercam aquele pequeno país, observando a pastagem de gado à beira da água enquanto os moinhos de vento giravam lenta e silenciosamente com a brisa.

A Holanda havia se mantido neutra na Primeira Guerra Mundial e esperávamos que continuasse assim, com o país

acionando o sistema de inundação de sua rede de vias navegáveis, em caso de extrema necessidade, para impedir a invasão nazista.

Em abril de 1939, Hitler prometeu respeitar a neutralidade dos Países Baixos, mas após a invasão alemã na Polônia, era evidente que tais promessas não seriam cumpridas. O governo holandês entrou em pânico e mobilizou seu exército despreparado, mas a população amplamente pacifista e os políticos eram incapazes de compreender o nível de ameaça que estavam enfrentando.

Até o início de 1940, grande parte da Europa estava em crise, mas os holandeses mantinham uma atmosfera de tranquila inocência, ainda ilesa ao derramamento de sangue do século XX e sem ter sido afetada pela moderna máquina de guerra concentrada na fronteira alemã.

Aos domingos, os agricultores holandeses ainda iam para a igreja calçando sapatos de madeira. Suas casas enfeitadas eram cuidadosamente pintadas com cores brilhantes, e as janelas eram contornadas de branco. Embora a eletricidade tivesse chegado a Amsterdã, em alguns lugares os lampiões ainda iluminavam as ruas ao anoitecer. O país mantinha os últimos vestígios da velha Europa e esperava pelo melhor.

Chegamos à estação central de Amsterdã em uma manhã fria, em fevereiro de 1940. Pappy veio ao nosso encontro com um sorriso enorme no rosto, e subimos até a plataforma do trem 25, que nos levaria até o nosso apartamento novo. Ao longo do caminho, Pappy nos mostrou todos os canais e casa dos comerciantes importantes que eram os responsáveis pela riqueza e pelo sucesso do império comercial holandês. Pappy me contou, sussurrando, que as pontes de madeira tinham buracos nas tábuas, assim, quem passasse por elas poderia ver a água e os barcos – ele provavelmente sabia que só eu adoraria saber desse detalhe.

O trem nos levou para o sul atravessando a cidade, passando por De Pijp, o bairro da classe operária, até uma área chamada River Quarter. Um edifício que para mim

pareceu ser um arranha-céu despontou no horizonte. A River Quarter era assim denominada porque as ruas repletas de álamos receberam o nome de diversos rios que fluíam dos Países Baixos em direção ao mar – incluindo os rios Reno, o Mosa, o Escalda e o Jeker.

Na década de 1920, as empresas progressistas haviam construído novos blocos de apartamentos para os trabalhadores com o apoio do governo. Muitas dessas construções foram realizadas com tijolos escuros e telhados na cor laranja, mas geralmente cada janela tinha um vaso de flores e uma delicada cortina de renda. À noite, os holandeses colocavam lâmpadas nas janelas e era possível ver as famílias reunidas para o jantar, as crianças fazendo suas lições de casa e lendo livros. Os apartamentos eram pequenos, porém confortáveis. Havia água encanada e jardins para as crianças brincarem.

A Grande Depressão pôs fim ao *boom* da construção civil, e muitos apartamentos permaneceram desocupados, inclusive os do prédio de doze andares que avistei logo que cheguei à cidade. Os arranha-céus foram erguidos e mantidos vazios nas ruas da cidade durante anos. Agora, um fluxo grande de judeus refugiados como nós estava alugando os apartamentos desses e dos prédios ao redor da praça Merwedeplein. Durante anos, essa torre foi a nossa bússola. Onde quer que estivéssemos na cidade, bastava olhar para cima para avistar a presença imponente do prédio a longa distância e seguir a direção para casa.

Nosso novo apartamento ficava no número 46 da Merwedeplein, um dos edifícios mais altos em frente à praça.

O espaço aberto em formato triangular da praça pareceu muito atrativo desde o primeiro dia, então pulei do trem e corri pela grama dando cambalhotas. Heinz passou por mim e juntos começamos a correr em direção ao nosso apartamento, que ficava no primeiro andar.

– Ah, Erich! – minha mãe exclamou ao colocar os pés dentro do apartamento. No meio da sala, havia um piano de

cauda.

Nosso apartamento tinha sido muito bem decorado e era muito procurado pelas pessoas, mas Pappy conseguiu convencer a proprietária – uma encantadora senhora cristã – a alugá-lo para nós. Ele pediu a essa senhora que mantivesse o apartamento no nome dela, prevendo os possíveis problemas que os judeus poderiam ter caso as coisas tomassem um rumo pior.

No momento em que viu o piano, Mutti deixou suas malas na porta e sentou-se imediatamente para tocar um trecho de Johann Strauss – algo que todos nós adorávamos ouvir quando morávamos em Viena.

Depois, nosso pai nos mostrou a cozinha, onde vimos o fogão, a mesa e os balcões enormes.

– Bem, Fritzi – disse ele em um tom dissimulado –, creio que cozinhar será uma nova aventura para você.

E realmente foi. Meu pai era um homem gentil, mas era tão exigente quanto qualquer marido daquela época. Depois de um dia duro de trabalho, ele queria sentar-se à mesa e fazer uma refeição completa, com entrada, prato principal e sobremesa, algo que sempre tinha sido feito pela nossa empregada e que agora seria responsabilidade de minha mãe.

No início, ela tinha que se esforçar. Acho que antes daquele dia, minha mãe nunca tinha preparado sequer um ovo cozido. Agora, ela tinha que procurar ingredientes e preparar demorados pratos tipicamente austríacos, e sobremesas como bolinhos de massa cozida recheados com ameixas cozidas. Com o tempo e com a ajuda de uma senhora austríaca – a sra. Rosenbaum –, casada com um advogado alemão amigo de meu pai, minha mãe transformou-se em uma boa cozinheira, embora nunca tenha sido uma verdadeira chef. Ela sempre preferiu tocar uma sinfonia no piano a administrar panelas no fogão. Quem pode condená-la?

Certamente, a intenção dela era aproveitar o piano ao máximo. Assim que nos acomodamos no apartamento novo, minha mãe começou a procurar por um professor de música

para Heinz, e ela criou um pequeno grupo de músicos judeus que realizavam recitais durante as noites. Mesmo que meu pai amasse música, aquilo era mais do que ele poderia suportar, uma vez que os integrantes do grupo eram mais entusiastas do que profissionais. A princípio, Pappy ficava sentado, escondido e tenso atrás do seu jornal. Depois, quando o violinista entrava no recital, deslizando o arco sobre as cordas, as folhas do jornal se contraíam, meu pai comprimia os dedos até as articulações ficarem esbranquiçadas, e em seguida anunciava com objetividade que era a hora do passeio noturno com o sr. Rosenbaum.

– Não consigo ouvir esse som estridente! – Pappy dizia a minha mãe quando voltava do passeio e o recital havia terminado. Eu também preferia passear ao ar livre nessa hora – não apenas para fugir da música.

Em Amsterdã, renovei o sentimento de liberdade, fiz novos amigos e gostei particularmente de uma garota cujo nome era Janny Koord. Tanto o pai quanto a mãe de Janny eram médicos, e ela era muito centrada, inteligente, e tinha um bom coração, tanto que me ajudou a aprender holandês. Logo Janny e eu começamos a ajudar as mães que passeavam com seus bebês na praça. Também passei a andar com uma velha bicicleta preta que tinha e a brincar de amarelinha e de bola de gude na rua, como se tivesse vivido ali durante toda a minha vida.

Eu carregava um saco pesado cheio de bolas de gude para onde quer que fosse e desafiava as outras crianças a brincar comigo. Quando não havia ninguém com quem brincar, passava horas pulando e praticando exercícios de ginástica – algo que eu fazia muito bem quando morava na Áustria –, equilibrando-me nas grades de ferro no caminho até nosso apartamento.

“Como eu gostaria de ter tido uma filha doce e gentil, ao invés de uma moleca selvagem…” Pappy escreveu para meus avós na Inglaterra, e acrescentou: “Todas as vezes em que vejo Evi e Mutti brincando de braço de ferro, Mutti sempre tem de pedir para ela parar!”.

Logo as crianças da Merwedeplein começaram a perceber que eu era uma pessoa atlética e boa em jogos. Nunca fui a primeira a ser pega jogando *rounders*; eu lançava a bola a uma longa distância e corria de uma base à outra para pegá-la. Jogávamos lá fora na praça por horas, até quando escurecia totalmente e Pappy me chamava para entrar.

A maioria das crianças que ficavam na praça também era de lugares diferentes, e muitas delas eram judias. Era a primeira vez que eu morava em uma comunidade predominantemente judia, e tínhamos muito o que aprender uns com os outros; primeiro porque eu não falava holandês, claro, o que era outra frustração. Eu tinha acabado de dominar o francês!

Logo eu estava matriculada em uma nova escola, enfrentando o que já havia se tornado um obstáculo familiar: um novo idioma, novos professores – e novas gangues de meninas das quais, de alguma forma, eu faria parte.

Em casa, meus pais ainda falavam um com o outro na maior parte do tempo em alemão, enquanto Heinz e eu conversávamos numa mistura de francês com holandês. Rapidamente, nos tornamos uma família tumultuada, pois nossa experiência como refugiados deixou vestígios em todas as áreas de nossas vidas.

Embora eu gostasse de tudo o que a cidade tinha para me oferecer, nenhum de nós podia ignorar as circunstâncias que nos levaram à Holanda, tampouco a crise que se aproximava.

Na escola, fazíamos simulações de ataque aéreo e as pessoas na rua se cumprimentavam com uma expressão tensa, perguntando sobre familiares e amigos.

As pessoas nativas de Amsterdã que conheci eram, em sua maioria, calorosas e simpáticas, mas a sociedade holandesa era profundamente dividida em diferentes “pilares” políticos, sociais e religiosos. Cada um tinha seu próprio partido político, e a posição à qual pertencia era definida pelo jornal que lia, pelos clubes que frequentava e pelas escolas em que seus filhos estudavam.

Havia também o Partido Nacional Socialista, chamado NSB, que copiava Hitler e realizava ataques com a ajuda de gangues. Eles atacaram uma sorveteria judia e quebraram as janelas da Comissão de Interesses Judaicos. O NSB nunca foi um partido muito grande; no auge de sua existência, em meados da década de 1930, havia apenas 38 mil membros, e a maioria dos holandeses tratava o NSB com desprezo. O líder Anton Mussert era frequentemente ridicularizado por ter se casado com sua própria tia, uma mulher dezoito anos mais velha que ele. Ao final do inverno, início da primavera de 1940, começamos a nos acostumar com o zunido intenso de aviões de bombardeio a caminho de atingir alvos estratégicos dos Aliados, como a base naval de Scarpa Flow, na Escócia.

À noite, deitava em minha cama e ficava imaginando os aviões, um após o outro, sobrevoando o Mar Norte em direção a meus avós Helen e Rudolf e a meus tios e primos. Sabia que meus avós não tinham gostado da Inglaterra e que, a princípio, recusavam-se a pronunciar uma palavra do idioma deles, afinal, meu avô tinha servido o exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial e o sentimento de desconfiança ainda existia.

Então, certa noite ele foi até um bar na pequena cidade de Lancashire onde sentou para tocar piano. Imediatamente meu avô tornou-se o centro das atenções. Fez uma série de novas amizades, que ofereceram a ele uma caneca de cerveja quando souberam que ele havia chegado à cidade praticamente sem um tostão.

Esperava que meu avô estivesse pensando em mim da mesma maneira que eu estava pensando nele, e que ele se recordasse dos nossos passeios de domingo até a nossa taverna em Viena.

Com os acontecimentos da Europa em 9 de abril de 1940, as coisas tomaram um rumo pior. A Alemanha invadiu a Dinamarca e a Noruega – alegando que tinha chegado para proteger os dois países das “agressões franco-britânicas”.

A invasão da Dinamarca foi a campanha militar mais curta liderada pelos alemães durante a guerra; o pequeno exército dinamarquês foi derrotado e o governo se rendeu em apenas seis horas.

Na Noruega, as coisas aconteceram de maneira diferente. Ocupar o país era estrategicamente importante para a Alemanha, tanto por causa do canal para o minério de ferro sueco como pela base para as operações de submarinos alemães, com os quais Hitler planejava afundar os navios britânicos para depois fazer com que o exército morresse de fome até se render. Contudo, os noruegueses não desistiram facilmente diante da agressividade da Alemanha e lutaram por 62 dias em todo o seu terreno montanhoso.

Este não era um bom sinal para a Holanda, que tinha as forças armadas mal equipadas e um governo pacifista. Mas os holandeses mantiveram sua postura de negação, assoviando contra o vento com “um ar de total descrença e autoengano”, como um historiador holandês observou certo tempo depois.

Meus pais acompanhavam de perto as notícias no rádio e conversavam livremente sobre o assunto quando pensavam que não estávamos por perto – mas se de fato eles ainda temiam o futuro (como acho que eles deveriam temer) ou percebiam o que estava por vir, com uma sensação estranha no estômago, nosso lar permanecia praticamente inabalável, pois eles nunca demonstraram tais sentimentos.

Em um nível mais profundo, essas mudanças e incertezas devem ter me afetado, e lembro-me de um incidente daquela época que me deixou perturbada. A nossa mudança de Bruxelas tinha sido mais uma vez feita às pressas, e somente depois que chegamos a Amsterdã percebi que havia perdido minha coleção de cartões postais da família real belga distribuídas pela Côte d’Or. Procuramos em todos os lugares e não os encontramos, então fiquei angustiada. Senti como se esse pequeno incidente refletisse de alguma forma toda a escuridão e perda que o mundo enfrentava. Éramos agora

quatro pessoas muito diferentes daquelas que haviam saído de Viena.

Poucos meses após nossa chegada à Holanda, minha mãe havia pedido que Heinz e eu ficássemos em pé próximos à parede para marcar nossas estaturas com o traço feito a lápis. Meu pai havia feito as primeiras marcas logo que chegamos para inaugurar a nossa nova casa. Passaram-se apenas algumas semanas; tanto Heinz como eu havíamos crescido.

Capítulo 6
Anne Frank

Fiz muitas novas amizades em Amsterdã, especialmente com os meninos e meninas das famílias que se instalaram em Merwedeplein, mas uma dessas pessoas se tornaria conhecia em todo o mundo.

Se você é uma das 12 milhões de pessoas que leram *O diário de Anne Frank*, tenho certeza de que já conhece bastante a respeito dela.

Você certamente reconheceria a imagem icônica dela descrita por seu pai, Otto, e que está estampada em inúmeros cartazes e capas de livros; cabelo escuro e ondulado, jogado para o lado, sorriso discreto e inocente.

Se você leu o diário quando era jovem, pode ser que tenha reconhecido a si mesmo nas descrições do crescimento de Anne, nas discussões com os seus pais e na expectativa de chamar a atenção de um garoto questionando-se sobre o que o futuro reservava.

Assim como eu, provavelmente você também deve ter se sentido triste ao ler sobre as expectativas e sonhos de Anne, sabendo que nenhum deles se concretizou. No caso de algum objetivo ter se realizado – como o de se tornar uma escritora famosa, por exemplo –, sabemos que isso não ocorreu da maneira prevista.

Claro que eu não conheci essa Anne Frank, a escritora sensível e profunda que ela revelou nas páginas de seu diário. Mas posso contar sobre a Anne que conheci em Merwedeplein e sobre a breve amizade que começou lá.

Mais tarde essa amizade reuniria as nossas famílias de uma forma que exerceu um grande impacto em minha vida.

No dia em que conheci Anne, senti como se estivesse me vendo no espelho, mas com a imagem contrária refletida. Eu

era uma moleca de cabelo loiro, com a pele bronzeada por conta das horas em que passava brincando ao ar livre; usava roupas desgrenhadas de tanto andar de bicicleta, brincava de bolinha de gude e dava cambalhotas na praça. Anne era um mês mais nova que eu, mas tinha uma expressão sombria e misteriosa – espreitava ao redor, debaixo de seu cabelo cuidadosamente penteado. Ela estava sempre impecavelmente vestida com blusas, saias, meias brancas e sapatos brilhantes. Morávamos em prédios situados em lados opostos da praça, e éramos pessoas muito diferentes.

Se eu conseguia fazer amigos, era porque as pessoas gostavam do meu entusiasmo sincero e contundente pela vida. Já Anne atraía muitas pessoas ao contar histórias engraçadas, e demonstrava até ter um pouco mais de conhecimento do que todas nós. Anne falava tanto que a chamávamos de "sra. Matraca", e pelo que me recordo havia sempre um bando de garotas ao redor dela, rindo dos seus comentários e experiências. Enquanto eu ainda jogava amarelinha alegremente, Anne lia revistas sobre cinema e ia com suas amigas a docerias, onde tomavam sundaes e conversavam como as mulheres viajadas que elas desejavam se tornar no futuro.

Uma tarde, eu estava sentada no ateliê da costureira, batendo os calcanhares, com os braços cruzados, esperando por Mutti para finalmente levar meu casaco para ajustes. Por trás da cortina, pude ouvir uma cliente analisando uma peça com a assistente da costureira. O que ela achava do comprimento da bainha? Será que ficaria melhor com ombreiras grandes? Para a minha surpresa, quando a cortina foi puxada lá estava Anne, balançando a barra de seu novo vestido na cor pêssego com detalhes verdes enquanto se observava no espelho, contemplando a última moda de Paris.

Anne mudou-se de Frankfurt, na Alemanha, para Amsterdã com sua irmã Margot e seus pais, em 1933. Seu pai, Otto, administrava um negócio próprio, a Opekta, que produzia um ingrediente chamado pectina, utilizado em compotas. Ele

também era um excelente fotógrafo e utilizava o foco apurado de sua câmera Leica para tirar centenas de fotos de suas filhas em diferentes momentos de suas vidas.

Assim como nós, os Frank também eram refugiados judeus. A mãe de Anne, Edith, sempre foi muito discreta, e eu a considerava até mesmo tímida. Otto era alto, magro, tinha um pequeno bigode e o olhar simpático. Ele parecia ser mais velho que Mutti e Pappy, e eu sabia que ele havia se casado mais tarde e que tinha tido suas filhas, Anne e Margot, com seus trinta e poucos anos.

A primeira coisa que chamou a minha atenção em Otto foi sua bondade. Após algumas conversas no apartamento dos Frank sobre como se precaver contra os ataques, Otto percebeu que eu ainda falava muito pouco de holandês. A partir de então ele não poupou esforços para criar um vínculo comigo e fazer com que eu me sentisse em casa falando alemão. Vivi com ele durante vários anos e, apesar de tudo o que passamos, nunca mudei a minha opinião de que ele era uma pessoa agradável e empática – um verdadeiro cavalheiro.

Eu visitava o apartamento dos Frank com frequência e me sentava na cozinha, onde bebia limonada enquanto abraçava e brincava com o gato deles, Moortje.

Logo que chegamos a Merwedeplein, encontrei uma gatinha perto do nosso apartamento e a levei para casa. Sussurrei ao ouvido dela que agora ela tinha encontrado uma nova família e Pappy deu a Mutti e a Heinz uma piscadinha dizendo que poderíamos ficar com ela. Sempre amei ter coisas que de fato me pertenciam e fiquei completamente decepcionada no dia em que acordei e descobri que ela tinha sumido. Nunca descobri o que aconteceu com a minha gata e todos ficaram muito tristes durante o tempo em que a procuramos, mas as buscas foram em vão. Queria que Mutti permitisse que tivéssemos outro animal de estimação, mas como aquilo parecia meio impossível, tive de me contentar em brincar com o gato dos Frank.

Em circunstâncias normais, o meu relacionamento com Anne teria sido provavelmente apenas de pessoas conhecidas. Da forma como mantínhamos a nossa amizade, o contato mais forte que tínhamos nessa fase era por meio de uma amiga em comum, Susanne Lederman. Susanne tinha a pele clara, os olhos azuis, e usava tranças grossas nos cabelos negros; eu a venerava pela sua figura de menina. Tínhamos o costume de enviar mensagens secretas pelas janelas do quarto, que ficavam uma de frente para outra, com um pequeno jardim no meio. Susanne formava um trio terrível com Anne e outra garota, chamada Hanne, e elas passavam boa parte do tempo falando sobre garotos e possíveis namorados, o que eu considerava uma total perda de tempo.

Mesmo Heinz já estava atraindo a atenção de várias meninas em Merwedeplein, e ele apaixonou-se por uma garota chamada Ellen. Heinz estava se tornando um homem alto, mas suas paixonites adolescentes me faziam rir. Envolvimentos românticos com meninos ainda estavam além do meu entendimento. Uma tarde Heinz me disse que um de seus amigos, Herman, queria me conhecer; fiquei envergonhada quando esse garoto apareceu na porta do meu quarto e, com timidez, apresentou-se e me presenteou com um buquê de flores. Diante da pressão daquele momento, com relutância concordei em ser a “namorada” de Herman, mas na verdade o tipo de atração homem-mulher no qual Heinz, Anne e Susanne estavam cada vez mais interessados passava muito longe dos meus pensamentos.

Éramos todos amigos, mas mudávamos para diferentes grupos – e fiquei muito brava quando descobri que Susanne não havia convidado a mim nem a Janny para a festa de aniversário dela, mas havia convidado Anne e algumas pessoas do outro grupo.

Em um momento de rancor, peguei uma caixa de chocolates e com cuidado os desembrulhei, substituindo cada bombom por um pedaço de cenoura ou de nabo, antes de embrulhá-los novamente. Então dei a caixa à Susanne e

desejei feliz aniversário a ela. Depois, Bárbara, a irmã de Susanne me contou que a aniversariante tinha desembrulhado cada bombom, um por um.

– Ah, Eva! – ela exclamou. – Se você tivesse deixado pelo menos um bombom…

Ainda me lembro que senti muita inveja em saber que Anne havia ido à festa de aniversário de Susanne e do quanto eu queria que tivéssemos sido mais próximas para que eu pudesse ir também.

Os acontecimentos mundiais que estavam fora de nosso controle mostravam que todos nós teríamos histórias de vida marcantes e até mesmo trágicas – mas naquele momento éramos simplesmente garotos e garotas, com as mesmas preocupações, aspirações, amizades e rivalidades.

Capítulo 7
A ocupação

Durante a noite de 10 de maio de 1940, os aviões alemães sobrevoavam a Holanda como de costume, mas em algum lugar sobre o Mar do Norte, eles faziam curvas e voltavam. Fomos acordados pelo ruído dos aviões sobrevoando em baixa altitude e atirando. Quando Pappy ligou o rádio e escutou as notícias, 4 mil soldados alemães já estavam aterrissando de paraquedas nas bases aéreas holandesas em Valkenburg, Ockenburg e Ypenburg.

Depois, milhares de soldados aterrissaram em uma operação ainda maior em outras cidades holandesas, incluindo Rotterdã, enquanto a quarta divisão alemã, Panzer, realizou um ataque terrestre pela fronteira sul. Era véspera do meu aniversário de onze anos, e eu tinha acabado de escrever para os meus avós para contar a eles sobre a festa que eu tinha ganhado no fim de semana anterior.

Querida vovó!

Obrigada pela linda carta e agradeça ao vovô pelas fotos. Minha festa de aniversário foi muito legal… Engordei 20 quilos. Aproveito pra desejar à senhora um feliz dia das mães novamente. Estou sem tempo pra escrever pro vovô…

Milhões de beijos,

Eva xxxxxxx

(Sua aniversariante)

Agora o nosso pior pesadelo tinha se tornado realidade. Imediatamente, fomos tomados por um sentimento de pânico, assim como outras famílias judias. Juntamos as poucas coisas que tínhamos e corremos pelas ruas da cidade para tentar encontrar um barco para viajar até a Inglaterra. A cidade estava um caos, com pessoas correndo de um lado para o

outro, procurando seus entes queridos ou uma maneira de escapar.

Afoitos, caminhamos de um lado para o outro durante horas, e ficávamos cada vez mais cansados e tensos, enquanto Pappy tentava reservar lugares em qualquer barco que estivesse partindo. Foi em vão. O último barco já havia saído, e não havia nenhuma maneira de conseguirmos embarcar.

De mãos dadas, caminhamos vagarosamente de volta a Merwedeplein em um silêncio tão penoso quanto o cerco que nos encurralou na noite em que os nazistas invadiram Viena.

O exército holandês impôs uma resistência curta e corajosa durante cinco dias, mas suas tropas despreparadas e sua pequena força bélica não eram páreo para a máquina de guerra alemã. A rede de barreiras – que supostamente faria uma linha de defesa crucial, causando a inundação das entradas no país, nunca foi ativada – e as pontes forneciam uma ligação vital entre os regimentos holandeses. Os tanques alemães simplesmente atravessaram o rio Maas e assumiram o controle.

A chamada "guerra falsa" que havia começado em setembro de 1939 tinha acabado (embora ela nunca tenha sido "falsa" para os judeus ou para quem morava em países da frente oriental, como a Polônia).

Na Inglaterra, Neville Chamberlain renunciou ao cargo de primeiro-ministro e foi substituído por Winston Churchill, enquanto na Polônia um oficial nazista chamado Rudolf Höss estava comemorando o fato de ter se tornado o primeiro comandante de um campo de concentração chamado Auschwitz. Com uma presciência assustadora, Höss anunciou que os quartéis poloneses vazios e cheios de piolhos logo se transformariam nos mais "eficientes" campos de concentração de todo o Terceiro Reich.

Dois dias após o início do ataque alemão à Holanda, a rainha Wilhelmina fugiu para a Inglaterra a bordo de um contratorpedeiro britânico, acompanhada pela princesa

Juliana, pelo príncipe Bernhard e pelos filhos deles, e estabeleceu um governo holandês no exílio.

Após quatro dias de combate, os aviões alemães bombardearam o centro de Rotterdã, transformando-o em escombros em chamas, matando cerca de mil pessoas e deixando quase 80 mil desabrigados. O exército holandês já havia se rendido, com o intuito de poupar os cidadãos da cidade, mas os nazistas alegaram que não haviam recebido essa informação a tempo de cessarem o bombardeio. Uma notícia relatou que um menino que morava na cidade em chamas perguntou à sua mãe: "Mamãe, isso é o fim do mundo?". Como Amsterdã e outras cidades estavam sofrendo uma ameaça similar, a Holanda rendeu-se à Alemanha.

Aquilo que mais temíamos havia se concretizado. A partir de 15 de maio de 1940, estávamos vivendo sob ocupação nazista, e não havia nenhum outro lugar para onde pudéssemos ir.

Mais uma vez, a vida mudou em um instante. Naquela quarta-feira as tropas alemãs atravessaram a ponte Berlarge e entraram em Amsterdã. Algumas pessoas que caminhavam por lá no momento da invasão deram as boas-vindas aos alemães em Rokin, estendendo o braço e acenando enquanto os soldados adentravam as ruas com rapidez. A maioria dos cidadãos comuns reagiu com horror e incerteza. Eles desejavam imensamente preservar a independência holandesa, mas também tinham de estar preparados para lidar com a nova situação para garantirem sua própria segurança e de suas famílias.

Na esperança de manter o Partido Nacional Socialista de Anton Mussert fora do poder, uma nova organização política, a Nederlandse Unie, foi fundada em julho de 1940. A NU defendia a "política sensata" de colaborar com os nazistas e ainda discutia o "problema com os judeus". A "colaboração sensata" ganhou muitos adeptos e em poucos meses a NU tinha mais de 800 mil membros, com homens e mulheres fazendo filas nos quarteirões para aderir à organização.

Depois das experiências em Viena e dos relatos que ouvíamos sobre o resto da Europa, sabíamos o que estava a caminho. O chefe do novo regime nazista era dr. Arthur Seyss-Inquart, o ex-chanceler austríaco que havia permitido a realização do Anschluss com a Alemanha em 1938. Porém, no início os nazistas agiram com cautela, sem querer se indispor com a maioria da população holandesa, então esperamos no nosso apartamento em Merwedeplein, tentando tranquilizar uns aos outros, mas com muito medo do futuro.

Naquele verão, conseguimos ter as últimas férias em família – uma pausa de duas semanas à beira-mar em uma cidade chamada Zandvoort, a apenas uma hora ao norte de Amsterdã.

Fizemos poses e tiramos fotos nas praias cujas águas desciam tranquilamente para um pequeno trecho do Mar do Norte, que nos separava da Inglaterra, mas que poderia ter sido tão grande quanto o oceano Atlântico. Enquanto andávamos de bicicleta juntos pela área coberta de capim, ríamos ao ver Mutti virando a bicicleta para o outro lado da pista e voltando em nossa direção com sua péssima coordenação motora. Mutti nunca levou muito jeito com bicicletas e carros – na única vez em que ela tentou dirigir, colidiu com uma árvore.

Nós quatro brincávamos um com o outro e ríamos como se não tivéssemos preocupações nem problemas. Mas aquele momento não poderia estar mais longe da realidade.

Em agosto de 1940 os nazistas começaram a introduzir leis contra os judeus na Holanda. A primeira lei proibia que os açougueiros matassem os animais por hemorragia, como a prática *kosher* exigia, alegando que era necessário “limpar a honra nacional holandesa” da “crueldade com os animais”.

Depois, em setembro, os nazistas proibiram os comerciantes e lojistas judeus de venderem seus produtos nas ruas. Em seguida, os judeus foram proibidos de exercer cargos públicos ou de prestar serviço ao governo e às universidades. Em outubro de 1940, todos os donos de empresas judaicas

foram obrigados a registrar seus dados com os nazistas. Em janeiro de 1941, o regime nazista ordenou o registro completo de toda a população judaica, que era composta por mais de 130 mil pessoas e, em julho, os adultos receberam cartões de identidade com um J – de "judeu" – maiúsculo estampado. Os judeus podiam ser parados a qualquer momento para que apresentassem este cartão, onde quer que estivessem: nas ruas, no ônibus ou no bonde. Caso algum judeu esquecesse seu cartão em casa, os nazistas o prenderiam imediatamente. É incrível imaginar como os nazistas acreditavam que poderiam reduzir as personalidades e complexidades de milhares de homens e mulheres a um J gigante.

Mutti e Pappy já tinham tido seus passaportes austríacos estampados com um J, antes que esses documentos fossem levados depois do Anschluss e substituídos por inúteis passaportes alemães – que também tinham um J carimbado. Então, esses passaportes também foram descartados, deixando-nos sem pátria. Inseriram até mesmo o nome "Sara" no visto belga de Mutti para que assim as autoridades soubessem que ela era judia (as mulheres judias eram chamadas "Sara" e os homens judeus tinham a palavra "Israel" acrescentada a seus nomes).

Nossas vidas estavam se tornando cada vez mais restritas. Como proprietário de um negócio judeu, Pappy foi obrigado a entregar a fábrica de calçados em Breda para um cristão – embora eu acredite que ele tenha feito um acordo para continuar recebendo os rendimentos da fábrica. De qualquer modo, novas restrições de viagem o impediram de se deslocar para ir ao trabalho. Como um excelente homem de negócios, Pappy começou a contratar outros judeus para fazerem bolsas de couro em suas próprias casas.

Começamos a ver mensagens estampadas nas entradas de teatros, cafeterias e outros locais públicos – *Verboden voor Joden* (proibido para judeu). Algo ainda pior aconteceu a Mutti e a Heinz, pois todos foram obrigados a entregar seus aparelhos de rádio para que não conseguissem obter notícias

de Londres por meio deles. Pappy sentiu falta de ouvir as notícias animadoras sobre os nossos aliados ingleses, e Mutti e Heinz sentiam falta das músicas da Orquestra Filarmônica de Londres.

Em fevereiro de 1941, centenas de milhares de cidadãos holandeses trouxeram um impasse a Amsterdã ao promoverem uma greve geral de quatro dias. A greve surgiu em protesto às brutalidades que os alemães cometeram contra judeus após uma briga do lado de fora de uma sorveteria. Foi o primeiro sinal de resistência organizado pelo povo holandês e surpreendeu o regime nazista. Até aquele momento, a política nazista tratava os holandeses com certa tolerância por eles fazerem parte da raça "ariana", e por isso os nazistas libertaram os prisioneiros da guerra e fecharam os olhos para pessoas comuns que usavam fitas na cor laranja ou outros símbolos de resistência. Mas naquela ocasião os líderes da greve foram presos e fuzilados – um acontecimento chocante para os holandeses, sendo a primeira vez em que os nazistas revelaram sua verdadeira face em público. A greve geral de fevereiro de 1941 havia mudado tudo e foi um momento decisivo da ocupação.

O nazista Reichskommissar, Arthur Seyss-Inquart, disse aos holandeses que o apoio aos judeus era inaceitável. "Nós, os nazistas, não consideramos os judeus como parte da nação holandesa. Eles são nossos inimigos."

Caso os holandeses ainda não tivessem entendido, os cinemas receberam instruções para exibir as piores propagandas nazistas, incluindo um filme chamado *O eterno judeu*. O filme era um documentário falso cuja intenção era mostrar que os judeus eram pessoas obscenas e repugnantes, quase não humanos na realidade; havia cenas que mostravam os "parasitas judeus" em uma rua movimentada num gueto polonês, até sequências de ratos nos canais de esgoto.

Eu costumava adorar as longas e quentes noites da primavera, mas quando o verão de 1941 chegou, mal podíamos sair ou fazer qualquer outra coisa.

Leis ainda mais restritivas foram aprovadas: pessoas judias não podiam mais atuar na Bolsa de Valores, médicos judeus poderiam tratar apenas de pacientes judeus e músicos judeus foram proibidos de tocar em orquestras.

Heinz, eu e as outras crianças de Merwedeplein não podíamos mais ir ao parque, caminhar na praia, passear de bonde, visitar o zoológico, refrescar-nos na piscina e tampouco ir ao cinema.

– Tudo o que eu queria era assistir ao filme da Shirley Temple – suspirei para Heinz, em uma tarde quente.

– O que a Shirley tem que eu não tenho? – ele me perguntou, pulando da cama onde estava lendo um livro e começando a sapatear. – Isso não é tão bom quanto ver o filme?

– A dança não está nada mal – respondi sorrindo –, mas você não é tão meigo quanto Shirley.

Soubemos que a partir de setembro teríamos de ir para outra escola, exclusiva para crianças judias. Heinz foi obrigado a abandonar o liceu. Em sua escola nova, ele ficou muito amigo de Margot Frank. Os dois tinham o mesmo espírito acadêmico e por vezes acabavam fazendo as lições de casa juntos.

Mutti e Pappy chegaram à conclusão de que o meu holandês ainda não estava bom o suficiente para que eu fosse para a escola, então decidiram que era melhor eu ter aulas particulares com outras dez crianças. Mutti chegou até a se apresentar aos Frank e perguntar se Anne gostaria de fazer parte do grupo, mas o holandês de Anne era muito bom e seus pais decidiram que ela poderia frequentar a escola sem maiores dificuldades.

Nosso professor, o sr. Mendoza, era um solteirão de meia-idade que nos dava aula diariamente no apartamento dele enquanto sua mãe preparava o almoço para nós na cozinha. Os Mendoza faziam parte de uma comunidade grande de judeus sefarditas que haviam fugido da perseguição na Espanha e em Portugal centenas de anos antes, e tinham construído a

magnífica Sinagoga Portuguesa de Amsterdã. Acredito que, assim como a maioria dos meus outros amigos e conhecidos de Amsterdã, o sr. Mendoza e sua mãe foram deportados para campos de concentração de onde nunca retornaram.

Quando o final das nossas aulas se aproximava, meus colegas de "sala" concordaram em comprar um presente para o sr. Mendoza: dois periquitos australianos. Mantivemos os pássaros na minha casa, e depois que as aulas terminavam as outras crianças vinham ajudar a alimentá-los.

Então, certa manhã acordei e encontrei um dos periquitos morto, caído com toda sua beleza e delicadeza no fundo da gaiola. Nenhum dos meus colegas de classe ficou tão chateado quanto eu, e Mutti comprou outro passarinho para substituí-lo. Mas eu simplesmente não conseguia esquecer o periquito que tinha morrido. Cerrei os punhos de tanta raiva e desejava poder voltar no tempo e trazer o pássaro de volta à vida – mas não havia nenhuma mágica que pudesse tornar os meus sonhos realidade. Agora a lei exigia que todos os judeus permanecessem em suas casas a partir das oito horas da noite, Pappy e Mutti improvisaram alguns entretenimentos para tornar a nossa rotina suportável. Todas as noites nós quatro sentávamos juntos e jogávamos cartas. Essa era uma atividade incomum para adolescentes, mas como o jogo de cartas é viciante, rapidamente ficamos envolvidos e aprendemos as regras e estratégias complicadas do jogo. Não posso provar, mas jogamos tanto que creio que me tornei umas das melhores e mais empenhadas crianças que jogavam cartas em toda a Europa.

Porém, mesmo o jogo não era capaz de ocupar todas as nossas noites. Às vezes, convidávamos alguns amigos durante a tarde para jogar Banco Imobiliário e depois Heinz sentava-se ao piano e tocava algumas músicas de Chopin, Schubert e também de seu músico favorito, George Gershwin. Um dia, Heinz chegou em casa com uma cartolina e lápis de cor e começou a fazer um projeto na sala de estar.

– Não se aproxime! – ele gritou. – Fique no seu quarto até eu chamar você.

Pareceu uma eternidade, mas finalmente ele me chamou.

– Feche os olhos – disse ao me levar até a sala de estar.

Por causa dos ataques aéreos, fomos obrigados a manter as janelas cobertas por persianas, e quando abri os meus olhos, pude ver que as cortinas estavam fechadas e a sala escura.

De repente, Heinz acendeu uma tocha e um feixe de luz iluminou diretamente as cortinas, e cada círculo brilhante revelava um personagem de *A Branca de Neve e os sete anões*.

– Sei que você está chateada porque não pode assistir ao filme – disse ele –, mas agora você vai ter um show exclusivo para você.

Ele havia desenhado todos os personagens da Branca de Neve, dando vida a cada um deles com o seu toque de lápis. Heinz contou-me toda a história, falando pausadamente sobre cada personagem e contando o enredo como se fosse um filme ou uma peça de teatro. Mutti e Pappy estavam sentados, observando-o com orgulho, sabendo que tudo o que Heinz tinha feito era apenas para fazer eu me sentir um pouco melhor.

– Esta foi a melhor Branca de Neve de todas – eu disse para ele no final.

Como todos os irmãos, às vezes nós discutíamos e brigávamos, mas eu sabia que naquele momento eu não poderia desejar um irmão mais amável que ele.

Se pelo menos manter as cortinas fechadas e a luz apagada pudesse manter a realidade distante de nós…

Sem o nosso conhecimento, enquanto observávamos as batalhas entre o bem e o mal do faz de conta, os oficiais nazistas se reuniam em uma vila nos arredores de Berlim e decidiam o destino dos judeus. Já fazia parte da política nazista “liberar” as terras e as casas alemãs ao transportar os judeus para o leste, mas até mesmo essa ação estava causando

problemas à medida que os guetos nas cidades eram rapidamente preenchidos.

Na Conferência de Wannsee, que ocorreu em 20 de janeiro de 1942, o tenente-general-SS Reinhard Heydrich, chefe da Polícia de Segurança e do Serviço de Segurança, revelou “a solução decisiva para a questão judia”: todos os judeus europeus seriam transportados para campos de concentração no leste, e trabalhariam até morrer ou serem assassinados.

Logo depois, a cidade de Amsterdã encheu-se de judeus que vinham de outras regiões da Holanda e que tinham sido violentamente “reassentados”. Essas pessoas ficaram em qualquer lugar que conseguiram encontrar, sem saber que estavam na primeira fase de uma viagem terrível. Os nazistas sempre expressavam suas atrocidades por meio de palavras falsas como “reassentamento” e “decisão final”. Claro que isso foi aperfeiçoado nos campos de concentração, como Auschwitz, onde as pessoas entravam ouvindo o slogan “O trabalho liberta”, e recebiam a informação de que estavam indo tomar “banho” enquanto marchavam em direção às câmaras de gás onde morreriam.

Certo dia, em maio daquele ano, encontrei Mutti costurando uma Estrela de Davi amarela em minhas roupas. Ela me disse que eu nunca deveria tirá-la ou escondê-la, pendurando o meu casaco sobre o braço.

– Se algum judeu for parado e não estiver mostrando a estrela, os alemães irão prendê-lo – ela advertiu.

– Parece que somos excomungados! – exclamei para ela, demonstrando meus medos e frustrações, e derramando lágrimas quentes de raiva.

– Não, Evi – disse ela. – Odiamos ter de vestir este emblema, mas ainda temos muito orgulho de ser judeus. Os nazistas podem pensar que este é o símbolo da vergonha, mas podemos manter as nossas cabeças erguidas e saber que é uma questão de honra.

A partir de então, todos nós passamos a utilizar a Estrela de Davi estampada em nossas roupas, com a palavra “judeu”

escrita nela.

À medida que as semanas se passavam, tínhamos cada vez mais consciência de que o perigo em Amsterdã era crescente. Um dos amigos de Heinz, Walter, foi pego pelos nazistas sem a estrela amarela e preso. Na mesma época, eu estava caminhando à tarde pela rua quando avistei soldados nazistas agarrando um homem que parecia Pappy e batendo nele com muita violência antes de jogá-lo na traseira de um caminhão e partirem. Foi aterrorizante.

Quando Pappy ouviu falar que os nazistas estavam prendendo homens e garotos e enviando-os para "trabalhar" nos campos de concentração na Alemanha, ele conseguiu internar Heinz em um hospital com um falso pretexto, mas as notícias que corriam entre os holandeses eram assustadoras. Àquela altura, boatos relatando que os judeus deportados estava sendo assassinados aos milhares nos campos de concentração começaram a se espalhar. Embora ninguém conseguisse acreditar em tamanha atrocidade, Pappy percebeu que o cerco estava se fechando e que teríamos de tomar medidas mais drásticas para tentar nos salvar.

Sua primeira atitude foi estocar comida e escondê-la, para que assim pudéssemos sobreviver em caso de emergência. Naquela época estávamos vivendo em racionamento de comida, e guardar alimentos não era nada fácil – mas, aos poucos, conseguimos armazenar o suficiente.

Lembro-me de uma manhã ensolarada de domingo em que atravessamos a cidade com a nossa primeira carga de comida, e cada um de nós carregava uma bolsa ou uma mochila contendo latas de tomate, arroz, azeite de oliva, chocolate em pó e leite condensado.

A viagem foi aterrorizante; entrei em pânico ao imaginar que um soldado poderia nos parar e exigir que mostrássemos nossas bolsas e mochilas. Em determinado momento, inclinei-me para amarrar o cadarço do meu sapato e todas as minhas latas caíram, fazendo um barulho bem alto.

Finalmente chegamos ao armazém próximo ao canal Singel, onde Pappy havia alugado um espaço de armazenamento e, com um enorme suspiro de alívio, empilhamos todos os nossos suprimentos em um baú enorme.

Depois de quatro viagens o baú ficou cheio. Pappy borrifou um pouco de naftalina líquida no topo e o fechou. Nunca utilizamos tais suprimentos, mas posteriormente, esses alimentos sustentaram outras famílias durante a guerra.

Comprovou-se que a precaução de Pappy tinha sido bem fundamentada. Pouco tempo depois, em 6 de julho de 1942, Heinz recebeu uma carta dizendo que seria deportado para "trabalhar em um campo" na Alemanha.

Eu sabia o quanto Heinz estava aterrorizado com aquela notícia, pois ela era a concretização do pior pesadelo que ele poderia ter – mas Heinz encarou o acontecimento com bravura.

– Eu vou – disse ele a Mutti. – Meus amigos estarão lá, e até mesmo Margot Frank recebeu uma carta. Tenho certeza de que os nazistas não vão me fazer nenhum mal se eu trabalhar duro.

Felizmente Pappy não ouviu nada disso e disse:

– Acho que chegou a hora de todos nós desaparecermos.

Naquele momento, acho que nenhum de nós sabia o que aquelas palavras significavam. Nós estávamos animados com o fato de os americanos terem entrado na guerra no ano anterior, e esperávamos – e acreditávamos – que tudo se resolveria em breve. Quando ouvi Pappy dizendo que teríamos de "desaparecer" pensei que seria por apenas algumas semanas – até que o susto causado pela súbita convocação de Heinz passasse.

Antes de fugirmos, havia mais um obstáculo a ser ultrapassado: precisava retirar as minhas amídalas. Faltei a várias aulas da escola por conta de uma infecção e esperava que logo melhorasse, mas não poderíamos nos esconder se eu estivesse doente – isso colocaria a nós e às pessoas que nos abrigassem em um perigo ainda maior. Eu também não poderia

ir para o hospital; os nazistas estavam agora prendendo pacientes judeus.

A única opção seria remover as minhas amídalas em outro lugar e finalmente Pappy encontrou um médico que estava disposto a me operar.

A ideia de me submeter a uma cirurgia sem as enfermeiras e os equipamentos adequados era assustadora. Fiquei completamente consternada quando o médico me levou a uma pequena sala de cirurgia e bruscamente amarrou os meus braços e as minhas pernas na mesa.

O médico segurou uma máscara de gás sobre a minha boca até eu adormecer e entrar em um submundo repleto de sonhos alucinantes. Durante a cirurgia, sonhei que estava deitada, amarrada em uma mesa enquanto o quarto pegava fogo e as chamas queimavam tudo ao meu redor. Até mesmo o ar se transformava em chamas enquanto eu tentava me soltar das tiras amarradas em meus braços e pernas, gritando de terror em meio ao calor, mas incapaz de me libertar.

Capítulo 8
Esconderijos

É muito difícil imaginar a vida na clandestinidade, restrita ao menor e mais silencioso lugar, escondendo-se o tempo todo. Com frequência, as pessoas me perguntam como enfrentei essa situação, presa em uma sala pequena, dia após dia.

Quando olho para trás e imagino a garota entusiasmada e amante do ar livre que eu era, também me faço a mesma pergunta. Eu era uma pessoa ativa, não tão reflexiva como Heinz, mas nos esconderijos não havia espaço para dar cambalhotas e não poderia haver atividades domésticas ruidosas, como arrumar as prateleiras, para me distrair.

Enfrentei porque tinha de enfrentar. Lembre-se, as opções eram claras: esconder-se ou morrer. E enfrentei a situação porque quando você está se escondendo diz a si mesmo que aquilo não é para sempre. A ideia de viver escondido para sempre realmente seria algo insuportável, então você se esconde até amanhã, depois até a semana que vem ou até mesmo até o próximo mês. Você sempre espera um dia a mais porque acha que a liberdade, certamente, virá no dia seguinte.

– Tenha coragem, Evi – disse Pappy, segurando os meus ombros. – Será por pouco tempo. Agora que os americanos entraram na guerra, tudo isso vai acabar logo.

Estávamos na sala de estar da nossa casa em Merwedeplein na manhã de um domingo, e Mutti e eu já tínhamos preparado nossas bolsas e estávamos prontas para partir.

– Eu sei – respondi a ele –, mas não entendo por que não podemos ir juntos, Pappy.

– Não fique chateada – ele tentou me consolar.

Meu pai estava tentando minimizar ao máximo o que estava acontecendo para nos manter calmas. Pappy havia decidido que seria mais seguro e mais fácil se nos separássemos, mas ainda assim fiquei muito chateada quando ele me disse que eu iria com Mutti enquanto ele e Heinz partiriam juntos.

– Basta pensar – disse ele. – Enquanto você está com Mutti, Heinz e eu estaremos do outro lado da cidade e nos encontraremos sempre que pudermos.

– Está certo – disse Heinz. – E vou tentar escrever para contar tudo o que estamos fazendo. Aposto que consigo escrever muito mais e fazer muito mais pinturas sem a minha irmãzinha barulhenta por perto – completou, brincando comigo, e eu tentei retribuir com um sorriso.

Então, Pappy e Heinz abraçaram Mutti e eu, e minha mãe pegou a minha mão e me levou para fora do apartamento, descendo as escadas rapidamente antes que eu começasse a chorar.

Todos mantiveram uma expressão corajosa, pois acreditávamos que a nossa despedida era momentânea. Cruzaríamos os mares desconhecidos, mas embora esperássemos nos reencontrar, sabíamos que tudo poderia acontecer.

A praça ainda estava vazia naquela hora do dia e, à medida que a atravessamos, pude escutar o eco de todas as brincadeiras de bola que jogamos, das bolinhas de gude, das discussões, dos dramas e das festas que aconteceram ali. O único rosto familiar era do entregador de leite que falava pouco e que tinha um sorriso agradável. Naquela manhã, ele virou-se e fingiu que não tinha nos visto.

Quando os moradores de Merwedeplein acordassem, não saberiam que tínhamos desaparecido. Olhei para o apartamento de Anne Frank e perguntei-me se eles também teriam de sair dali.

De repente, milhares de judeus estavam partindo para destinos desconhecidos. Mutti e eu carregávamos bolsas

pequenas, como se estivéssemos saindo para um simples passeio. Ao contrário de Otto Frank, meu pai não havia planejado um esconderijo para nós e não tínhamos nenhum contato com a Resistência, mas quando os documentos da convocação de Heinz chegaram ele perguntou desesperadamente nas redondezas até encontrar uma amiga cristã, Frieda, que disse que sua irmã nos levaria e que poderia arranjar identidades falsas para nós.

De acordo com os nossos novos documentos, Mutti era agora Mefrouw Bep Ackerman e eu era sua filha, Jopie. Agora eu era oficialmente uma garota holandesa cristã, mas me sentia estranhamente nua caminhando pelas ruas sem aquela Estrela de Davi amarela costurada sobre o meu casaco. Detestei cada segundo em que vesti aquela estrela, mas meu subconsciente me fazia segurar uma revista contra o peito para cobrir o espaço vazio. Seguimos nosso caminho em silêncio pelas ruas de Rivierenbuurt, rumo ao leste de Amsterdã.

Nossa primeira "casa" nova foi um apartamento pequeno cujos proprietários eram a família Dekker, que tinha dois filhos. A família era muito mais pobre do que eu poderia imaginar, e fiquei surpresa ao descobrir que os dois coelhos que viviam na varanda estavam sendo alimentados para serem assados na ceia de Natal. À noite, os coelhos foram soltos pelo apartamento para brincarem com as crianças, e nós ainda saímos para cortar grama para dar a eles.

Mutti e eu nos instalamos no mesmo quarto e fingimos ser parentes do interior visitando os proprietários.

Eu não conseguia relaxar e passei o tempo todo tagarelando para Mutti:

– É muito estranho estar aqui, não consigo acreditar que estamos a meia hora da nossa casa. Fico me perguntando onde será que Pappy e Heinz estão.

Mutti demonstrou tristeza, mas não disse uma palavra; ela apenas deu um tapinha na minha perna em um gesto de generosidade. Nenhuma de nós duas tinha o estereótipo judeu,

então saíamos muitas vezes durante o dia, embora fosse muito perigoso caso alguém nos parasse e descobrisse os nossos documentos falsos.

Nosso anonimato não durou muito tempo; certo dia voltamos para casa e encontramos a sra. Dekker de pé, encostada no batente da porta, com um olhar desesperado. Um dos seus filhos havia dito na escola:

– Temos uma tia e uma prima do interior de visita em casa, mas não sei quem elas são e não acho que sejam da minha família.

Enquanto estávamos fora, o apartamento havia sido invadido pela Gestapo.

– Lamento, mas vocês não podem ficar – ela nos disse. – Conhecemos uma senhora do outro lado da cidade que poderá hospedar vocês. Podem ir até lá.

Sem o menor aviso, já estávamos nos mudando novamente, dessa vez para Oud-Zuid, outro bairro de Amsterdã. Eu estava com os nervos à flor da pele ao perceber que estivemos a ponto de ser capturadas, e agora parecia que tínhamos que atravessar quilômetros para chegar ao outro lado da cidade. Finalmente paramos e batemos à porta de outra casa que nenhuma de nós jamais tinha visto antes. Uma senhora holandesa muito elegante nos saudou com muita simpatia, como se fôssemos seus parentes distantes.

– Entrem! É ótimo vê-las novamente!

A senhorita Klompe rapidamente nos conduziu até a entrada e fechou a porta. A falsa saudação de familiaridade pode não ter enganado ninguém por muito tempo, mas foi uma parte essencial para que parecêssemos velhas amigas.

Em Amsterdã, assim como em outros lugares, resistir ou colaborar com os nazistas eram ações com várias nuances. Nos primeiros anos da guerra, a Resistência foi organizada por pequenos grupos de indivíduos, que provavelmente nem mesmo sabiam da existência de outros grupos. Conforme o tempo passou, os judeus que se escondiam corriam um risco ainda maior, e a Resistência tornou-se mais organizada, mas

nos primeiros dias houve pessoas como os Dekkers e a senhorita Klompe, que simplesmente odiavam os nazistas e estavam determinadas a resistir a eles oferecendo abrigo aos judeus.

Havia pessoas que ajudavam as famílias judias a se esconderem por bondade e boa vontade, ou porque os pastores das igrejas pediam que fizessem o que a consciência lhes impunha, mas também havia pessoas que ofereciam abrigo aos judeus apenas por dinheiro. Assim como havia pessoas que se faziam de cegas ao suspeitarem que você fosse judeu. Havia também pessoas que o denunciavam para receber alguns florins holandeses.

Quando as enfermeiras das creches tentavam sair do edifício Hollandsche Schouwburg com crianças judias órfãs durante a deportação em massa de 1942, elas esperavam pelo bonde número 9 e, em seguida, corriam ao lado do veículo em movimento com uma criança em cada braço antes de poder embarcar na próxima estação. Essa era a única maneira de não serem vistas pelos soldados nazistas que ficavam em pé do outro lado da rua observando a porta da frente o tempo todo para assegurar que nenhum judeu escapasse. Uma enfermeira relatou que quando ela pulava na plataforma com um bebê judeu no colo “todas as pessoas no bonde começavam a rir porque naturalmente os passageiros notavam o que estava acontecendo, mas ninguém nunca disse nada. Isso é típico de Amsterdã”.

Na verdade, aquilo não era “típico de Amsterdã”. Nunca se sabia quem estava realmente do seu lado, quem o trairia ou mesmo quem poderia ser um dos temíveis “caçadores de judeus”. Este grupo anônimo de outrora cidadãos comuns vasculhava as ruas para ganhar dinheiro entregando judeus a nazistas – o que significaria praticamente morte na certa. Na Amsterdã nazista, quase todo mundo era um estranho, e nunca se sabia quais eram as intenções das pessoas que o observavam através das cortinas de suas janelas ou que moravam na casa ao lado.

– Vocês terão que tomar muito cuidado – a senhorita Klompe nos alertou enquanto tomávamos uma xícara de chá. – Vocês não podem nem mesmo utilizar o banheiro ou a cozinha enquanto eu estiver fora.

Quando a senhorita Klompe sugeriu que Mutti a ajudasse na cozinha, olhei para minha mãe de relance. Aquilo era o que ela menos gostava de fazer, então esperava que ela demonstrasse algum sinal de relutância. Em vez disso, tudo o que vi foi uma gratidão imediata, resultado do alívio que ela sentia por ter encontrado um lugar seguro para ficar.

Terminamos o nosso chá e seguimos em direção às escadas, onde subimos três lances para chegar ao sótão. A senhorita Klompe havia separado uma cama pequena para mim e uma sala com um sofá de estampa floral para Mutti.

Enquanto eu me ajeitava no nosso novo ambiente, Mutti me perguntou:

– Será que estamos seguras aqui?

Os alemães muitas vezes invadiam casas para fazer revistas, a senhorita Klompe nos alertou com uma honestidade de arrepiar, "como caçadores de ratos tentando exterminar os 'vermes' de judeus escondidos". Porém, ela enfatizou, a Resistência estava igualmente determinada a proteger pessoas inocentes. Talvez a senhorita Klompe quisesse que nos sentíssemos melhor, mas ao ouvir suas palavras meu estômago se contraiu de medo.

Ela não era oficialmente membro da Resistência (queria apenas ajudar e se opôs à ocupação e às novas regras), mas naquela noite ela nos apresentou a alguém: o sr. Broeksma, um professor seu colega, nascido na mesma província que ela, Friesland. O sr. Broeksma era inteligente, confiável e astuto, e nós nos sentimos completamente seguras ao colocar nossas vidas nas mãos dele, já que ele sabia como nos manter protegidas ao máximo.

A primeira ação que ele tomaria, conforme nos informou, seria construir um esconderijo extremamente secreto que poderíamos utilizar caso os nazistas invadissem a casa. A

melhor maneira de fazer isso seria construir uma parede dentro do banheiro e instalar um alçapão coberto por azulejos.

Com o apoio de um construtor confiável, o sr. Broeksma começou a juntar material e a esconder cada peça durante a noite. Os dois homens ainda não haviam terminado o trabalho; era o terceiro domingo depois que já estávamos escondidas. Já era tarde da noite e estávamos todos muito cansados, mas o azulejo ainda precisava ser assentado.

– Você parece exausto, não quer parar agora? – a senhorita Klompe perguntou a ele.

Ele hesitou por um momento e depois respondeu:

– Não, vamos terminar o trabalho.

Depois todos nós demos as mãos, e Mutti e eu nos sentimos imensamente gratas.

Mutti tentou entrar no esconderijo e desapareceu totalmente atrás do muro que acabara de ser coberto por azulejos. Após isso, caímos na cama, exaustas demais até para nos sentirmos tensas, e eu adormeci em minutos. Mas não por muito tempo.

– Há algum judeu imundo se escondendo aqui?

As vozes tinham um tom alto e grosso. Eu estava dormindo e sonhando quando o barulho das vans na rua e a batida na porta da frente fizeram com que eu recuperasse a consciência. De repente, Mutti me agarrou e eu arregalei os olhos.

– Eva, cubra a cama com a colcha.

Arrumei a colcha sobre a cama e corri para o banheiro, mas a urgência em nos esconder encontrava mais um empecilho: a senhorita Klompe tinha um segredo – um amante casado que por acaso era um médico judeu. Ele também estava no banheiro – prestes a subir para o esconderijo na nossa frente.

À medida que os nazistas batiam na porta da frente, esse cavalheiro tentou nos empurrar para fora e fechar a porta de azulejos para que assim somente ele ficasse protegido. Mutti implorou pedindo que ele nos deixasse entrar e enfatizou que, se os nazistas nos encontrassem ali paradas, ele certamente

também seria descoberto. Relutantemente, ele permitiu que subíssemos para ficar ao lado dele, e fechou a porta, exatamente no momento em que os soldados começaram a subir as escadas.

Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza que os soldados o ouviriam quando abrissem a porta do banheiro. Escutei o passo firme e a respiração ofegante deles enquanto transmitiram instruções um ao outro – a poucos centímetros de onde Mutti estava sentada, sobre a tampa da privada, e de onde eu estava agachada ao lado do amante da senhorita Klompe. Então o ruído das botas dos soldados se afastou enquanto eles procuravam pelo resto da casa, e finalmente pude ouvi-los descendo as escadas. Escutei o barulho da porta da frente batendo e pude sentir Mutti chorando de alívio ao meu lado no escuro. Sabíamos que aquelas duas horas e toda a boa vontade do sr. Broeksma em terminar o trabalho era o que havia nos salvado.

O tempo em que vivemos escondidas era uma mistura de duas emoções: terror extremo e tédio excessivo. Somente quando se está encarcerado ou incapaz de tomar suas próprias atitudes, você percebe que um dia inteiro é um período extenso que pode se estender por uma eternidade. Mutti e eu costumávamos acordar cedo, nos vestíamos e tomávamos um pequeno café da manhã. Ouvíamos a senhorita Klompe sair para o trabalho e fechar a porta da frente e, em seguida, a casa era tomada por um silêncio profundo. Para fazer com que as manhãs passassem mais rápido, Mutti tentava me ajudar a fazer as minhas lições, mas eu estava mais teimosa do que nunca, e às vezes ela ficava tão frustrada que me dava um tapa na cabeça. Eu sabia que em algum lugar de Amsterdã, Heinz estava tentando se ocupar onde quer que estivesse escondido, lendo vorazmente, jogando xadrez ou fazendo pleno uso dos seus talentos artísticos. O sr. Broeksma trouxera livros para eu ler, mas não conseguia me concentrar neles. Preferia passar o tempo conversando com Mutti sobre tudo o

que havia acontecido, como a invasão dos nazistas, ou sobre os nossos planos para o futuro.

Foi difícil para mim ficar trancafiada com a minha mãe dia e noite, assim como para ela não foi nada fácil passar o tempo todo com uma garota de treze anos mal-humorada e irritante.

A comida estava estritamente racionada e utilizávamos cartões falsos de racionamento, então à noite comíamos muito pouco no jantar, o que me deixava com bastante fome. Em determinados momentos, conseguíamos conversar com a senhorita Klompe, mas geralmente ela estava sempre ocupada com os seus afazeres da escola ou se divertindo com o seu amante. Pode parecer estranho, mas naqueles dias nós realmente não conhecíamos a senhorita Klompe muito bem. Ficamos imensamente gratas pela ajuda dela e tivemos muita sorte – posteriormente fiquei sabendo que muitos judeus tiveram maus relacionamentos com as pessoas que os mantinham escondidos. Às vezes as crianças que eram enviadas para fazendas no interior do país eram exploradas; as mulheres e as garotas eram vítimas de violência sexual ou até mesmo forçadas a dormir com o homem da casa para que pudessem se manter escondidas. Não tivemos nenhuma experiência como essas, mas era uma pressão viver na casa de outra pessoa nessas circunstâncias, sabendo que você dependia da piedade delas.

Todas as noites nos reuníamos em torno do rádio que o sr. Broeksma havia conseguido e tinha escondido em um armário. Às nove horas, sintonizávamos a transmissão da BBC em holandês, diretamente de Londres, e nos atualizávamos sobre a guerra. Foi por meio dessas transmissões e pelo próprio sr. Broeksma que soubemos que quase todos os judeus em Amsterdã tinham sido presos e transportados para o leste.

Ficávamos animados ao ouvir qualquer nota que indicasse que a maré estava virando contra os nazistas, e me lembro de ter agarrado os dedos de Mutti de tanta alegria ao saber que Rommel havia sido derrotado na África. Mas também havia notícias terríveis. Foi pelo rádio que ouvimos pela primeira vez

sobre um campo de extermínio nazista chamado Auschwitz, na Polônia. Lembro que fiquei arrepiada até o pescoço quando soube que os nazistas estavam envenenando os judeus com gás nesse campo. Todos ficamos cabisbaixos, não conseguíamos olhar nos olhos um do outro – com certeza isso não era verdade...

Mais tarde, nos retiramos para dormir e, no escuro, eu remexia os pés na cama, inquieta, movimentando o corpo contra os lençóis – desesperada para tentar me livrar do medo e da ansiedade que me atormentavam.

Talvez você possa imaginar como é viver nessa rotina por alguns dias ou até mesmo por algumas semanas, mas nós estávamos nos escondendo há quase dois anos.

Os únicos momentos de felicidade aconteciam quando raramente conseguíamos visitar meu pai e Heinz.

Sair da casa era um risco enorme: tínhamos de caminhar pela cidade até a estação e de lá pegar um trem para uma cidade pequena fora de Amsterdã chamada Soestdijk, onde Pappy e Heinz estavam se escondendo em uma casa que pertencia a uma mulher chamada Gerada Katee-Walda. Eu tinha que reunir toda a minha coragem para demonstrar tranquilidade e indiferença quando os soldados passavam por nós na calçada, ou quando ficavam ao nosso lado no vagão do trem, mas a tensão da viagem se dispersava quando todos se reuniam.

Como eu já suspeitava, Heinz adaptou-se com muito mais facilidade ao confinamento do que eu. Ele estava pintando cada vez mais e mal pude acreditar nas pinturas a óleo extremamente detalhistas e impressionantes que ele me mostrou. De um lado, um jovem como ele estava com a cabeça recostada sobre a mesa em total desespero. Do outro, um barco à vela atravessava o oceano em frente a uma janela fechada.

– Onde você aprendeu a pintar assim? – perguntei a ele. – Como é que você aprendeu a misturar as tintas? – Heinz apenas sorriu e deu de ombros.

Até Pappy estava se ocupando com atividades intelectuais, preenchendo livros de exercícios página após página com ideias para os negócios que ele poderia colocar em prática quando a guerra acabasse, assim como também fazia desenhos e poemas.

Às vezes, estas viagens duravam um dia inteiro, e em algumas ocasiões conseguíamos estendê-las durante a noite. Eu sabia que juntos poderíamos atravessar qualquer coisa, então reconstruía na memória cada encontro por muitos dias depois, já na casa da senhorita Klompe, de maneira que a expectativa da próxima visita mantinha a minha mente ocupada.

Eu gostava tanto de ir para Soestdijk que até mesmo tirei uma foto de braços dados com a sra. Katee-Walda. Ela parecia uma mulher tão simpática e agradável, e eu estava muito feliz por Heinz e Pappy terem encontrado uma protetora tão benevolente. Infelizmente, porém, ela não era de forma alguma a pessoa que imaginávamos.

Capítulo 9
Traição

Fui capturada pelos nazistas no meu aniversário de quinze anos. Era 11 de maio de 1944, e agora estávamos vivendo com uma família chamada Reitsma, que já conhecíamos antes, em uma velha casa na rua Jacob Obrecht, perto de Vondelpark. Abrigar judeus tinha se tornado cada vez mais perigoso, já que os nazistas ofereciam recompensas financeiras cada vez maiores àqueles que nos entregassem. Depois de uma de nossas visitas a Pappy e Heinz, descobrimos que a senhora Klompe havia sido abordada mais uma vez pela Gestapo.

– Sinto muito, mas escondê-los está se tornando cada vez mais perigoso – ela explicou.

Então nós tivemos que nos mudar.

Acordei cedo no dia 11 de maio ansiosa para ver o que meu aniversário me reservava. Eu gostava dos Reitsma. O sr. Reitsma tinha nascido na província de Friesland e sua esposa era uma artista judia. O filho, Floris, também vivia na casa. Quando desci até o andar inferior naquela manhã de terça-feira, descobri que eles tinham preparado um café da manhã especial para o meu aniversário. Havia um vaso de jacintos e tulipas frescas sobre a mesa, e Floris me entregou um presente embrulhado em um papel pintado pela própria sra. Reitsma.

– Mantenha fechado, é uma surpresa – ele falou. – Abra depois do café da manhã.

Era oito e meia da manhã e estávamos prestes a nos esconder quando alguém apertou fortemente a campainha. Todos franziram a testa, surpresos, afinal era cedo demais para receber visita. O sr. Reitsma foi abrir a porta – e, ao fundo, ouvi uma voz endurecida falando em alemão. Era a Gestapo. De repente, o caos se instalou. Soldados subiram as escadas, enfurecidos. Floris correu até o andar superior, atravessou a

janela e saiu caminhando pelo telhado. A porta da sala de jantar se abriu violentamente e os nazistas apontaram os canos de suas armas diretamente para nossos rostos assustados, petrificados. Nunca tive a chance de abrir meu presente.

– Aqui estão – eles gritaram. – Judeus nojentos!

Os homens nos agarraram e nos empurraram até o andar debaixo e depois em direção à rua. Enquanto marchávamos para acompanhá-los, minha mãe começou a implorar desesperadamente ao holandês nazista, dizendo que eu era fruto de um relacionamento que ela tivera com seu dentista em Viena. O homem não acreditou em uma palavra sequer do que ela disse, e logo chegamos à enorme construção de tijolos que fora uma escola secundária antes de a Gestapo tomá-la para fazer ali um de seus quartéis.

Fomos empurradas para dentro da sala de detenção com outras pessoas que estavam visivelmente assustadas, que não tentaram nos olhar nos olhos. Permanecemos durante horas sentadas nas cadeiras de madeira encostadas às paredes, enquanto eu permitia que os acontecimentos daquela manhã girassem e girassem em minha cabeça. Como aquilo tinha acontecido? Quem tinha nos traído? O que aconteceria agora?

Pude ouvir gritos e choros abafados vindo das outras salas. Um a um, os nomes das pessoas eram chamados e elas eram levadas. Ninguém falou, ninguém ofereceu qualquer palavra de conforto. Por fim, ouvi alguém gritar o nome de Mutti. Meu coração pareceu parar, mas senti a mão dela segurar meu braço em um aperto silencioso que transmitia força e amor.

Meia hora depois, eles vieram atrás de mim.

Um policial me levou a um cômodo com pouca mobília, mas onde havia uma fotografia de Hitler dependurada na parede. Em um dos cantos estavam dois oficiais da Gestapo, sentados atrás de uma mesa e me observando educada e atentamente. Não eram grosseiros ou escandalosos. Quando falavam, era em um alemão discreto e bastante polido.

– Conte-nos tudo o que queremos saber e você poderá ver sua mãe – anunciou um deles.

Em seguida, o outro falou – e o que ele disse me fez ficar boquiaberta:

– Você também poderá ver seu pai e seu irmão.

Eu não sabia que Heinz e Pappy também tinham sido capturados, e então comecei a tremer violentamente. De repente, a Gestapo começou a lançar perguntas e mais perguntas para mim. Onde vivíamos antes e quem tinha nos ajudado? Quem tinha nos dado nossos cartões de racionamento?

Consegui responder sem dar muitos detalhes, nem mesmo entreguei a verdadeira identidade da senhora Klompe.

Eles me liberaram, então voltei à sala de espera para me sentar ao lado de Mutti. Em seguida, ouvi o som de vozes vindas da sala de interrogatório, seguidas por gritos. Eram Pappy e Heinz. Logo os gritos se transformaram novamente em silêncio, e nós esperamos e esperamos. O policial apareceu novamente e me levou outra vez para a sala. Dessa vez, o oficial sênior me disse:

– Vamos torturar seu irmão até a morte se vocês não cooperarem.

Fiquei parada onde estava, tomada pelo medo e pela descrença.

– Quer que eu lhe mostre o que vou fazer com ele? – perguntou.

Então, o oficial segurou seu cassetete e começou a me bater com golpes fortes nas costas e nos ombros. Inicialmente, tentei não gritar, mas eles me batiam sem piedade, tão forte que comecei a berrar – gritos profundos que eu não conseguia controlar.

Por fim, eles me pegaram e me jogaram em um cômodo com outros prisioneiros cujos rostos também estavam feridos e sangrando. Passei o dia todo sentada ali, o dia do meu aniversário, sem comida ou água, ouvindo as pessoas sendo torturadas na sala de interrogatório ao lado.

O policial veio outra vez atrás de mim e me levou por um corredor até chegarmos a outra sala. Dessa vez, quando a

porta se abriu, vi Mutti com Pappy, Heinz e os Reitsma. Comecei a chorar e me joguei em seus braços.

Pappy explicou o que tinha acontecido. Eu sabia de grande parte das informações, mas os acontecimentos mais recentes ainda me chocavam. Enquanto tínhamos encontrado um novo esconderijo com os Reitsma, Pappy e Heinz também se viram forçados a se mudarem, e em circunstâncias ainda mais complicadas. Num primeiro momento, a relação com a sra. Katee-Walda era cordial mas, à medida que o tempo passava, ela se tornava cada vez mais exigente. Pappy já estava pagando a ela uma soma significativa, mas a sra. Katee-Walda dizia que queria mais. Logo ela deixou de lado a fachada amigável e se tornou desagradável e grosseira, além de passar a lhes oferecer porções cada vez menores de comida. As coisas chegaram a um ponto insuportável quando, em uma visita durante um fim de semana, ela insistiu que minha mãe tirasse o casaco de pele e entregasse a ela.

– Você não sai muito, então não vai precisar disso – ela falou a Mutti. – Posso usá-lo para ir fazer compras para Erich e Heinz.

Ficou claro que a sra. Katee-Walda estava nos chantageando – se Pappy não atendesse as exigências financeiras daquela mulher, ela os entregaria. Ele implorou para Mutti ajudar a encontrar outro lugar onde ele pudesse ficar com Heinz, então minha mãe foi visitar uma amiga cristã e explicou nossas condições. A amiga de Mutti não tinha certeza se poderia ajudar, mas conhecia uma família que, de acordo com os rumores, fazia parte da Resistência. Então pedimos para eles ajudarem a encontrar um novo esconderijo. Eles concordaram, e ficamos muito felizes quando nos disseram que uma família em Amsterdã poderia abrigar Pappy e Heinz.

Eles ficaram felizes ao deixar a sra. Katee-Walda, mas estavam preocupados com a possibilidade de ela os entregar se descobrisse o plano – afinal, a saída dos dois a faria perder grande parte de sua renda. Tanto Pappy quanto Heinz

aparentavam ser judeus, então Heinz tingiu os cabelos de loiro como uma forma de disfarce – o que não combinou nada com ele. Ambos estavam muito inquietos com a possibilidade de serem encontrados e presos, portanto não poderiam ter se sentido mais aliviados quando uma enfermeira holandesa que fazia parte da Resistência encontrou-os na estação e lhes disse que os acompanharia até o novo abrigo. Eles atravessaram a cidade em segurança e foram recebidos por uma família acolhedora que lhes preparou uma deliciosa refeição – em absurdo contraste com as porções limitadas da sra. Katee-Walda.

Alguns dias depois, Mutti e eu os visitamos. Nenhuma de nós suspeitava que a gentil enfermeira holandesa e a receptiva família eram, na verdade, agentes nazistas esperando que Pappy e Heinz estivessem confortavelmente instalados antes de entregá-los. A Gestapo nos viu naquele dia e nos seguiu de volta até a casa dos Reitsma. Esperaram um dia e então prenderam todos nós simultaneamente.

Agora estávamos no quartel general da Gestapo, seguindo para a prisão – e para situações piores.

Meus pais tentaram fazer tudo o que podiam para nos ajudar e para ajudar os Reitsma. Nossos documentos haviam sido marcados com o temido “S” de “strafe”, que significa “punição” em alemão. Mutti fez um acordo com a Gestapo: ela contaria onde todas as suas joias estavam escondidas sob a condição de que eles removessem o “S” de nossos documentos e libertassem o senhor e a senhora Reitsma. O oficial da Gestapo concordou e voltou com Mutti até a casa, onde encontraram e abriram a caixa de talco na qual minha mãe escondia seus anéis e seu relógio de diamante. Notavelmente, ele manteve a palavra, libertou os Reitsma e permitiu que eles vivessem sem serem perturbados durante o restante da guerra. A família sobreviveu à fome do inverno de 1944 se alimentando com suprimentos que tínhamos deixado no armazém havia anos, e é reconfortante saber que uma família bondosa se beneficiou daqueles alimentos.

Naquela época, eu só me sentia consternada porque não tínhamos o direito de ser livres.

– Por que eles não podem libertar todos nós? – perguntei aos prantos a Pappy, novamente na sala de detenção no quartel da Gestapo.

– É porque pensam que somos o inimigo – ele respondeu em voz baixa.

Logo fomos levados até uma van preta da prisão e, em seguida, para a cadeia. Funcionários da prisão holandesa nos empurraram até o outro lado do prédio e separaram os homens das mulheres. Estiquei o pescoço e vi Pappy, que ergueu a cabeça e murmurou:

– Fique de cabeça erguida.

Fui levada com Mutti até a seção feminina do presídio – um enorme dormitório com aproximadamente quarenta outras mulheres que tinham uma aparência péssima e estavam amontoadas em beliches e apenas um banheiro sujo na outra extremidade. Naquela noite, subi até a parte superior do beliche com Mutti e permanecemos inquietas, deslizando para dentro e para fora de nossas consciências, conforme novas presas eram trazidas, bebês choravam e uma mulher tinha ataques de asma crônica. Eu não conseguia entender como aquilo tudo tinha acontecido comigo. Eu era uma garota jovem, de apenas quinze anos, e já tinha sido empurrada de um país para o outro pelos nazistas, tinha sido forçada a sair de casa e a permanecer em esconderijos, e agora estava na prisão. Minha mente girava com uma mistura de raiva e amargura, mas eu só conseguia sentir um vazio.

De manhã, recebemos um pequeno pedaço de pão e um pouco de água. Comi vorazmente, percebendo que aquele era o primeiro alimento que me davam desde o café da manhã de meu aniversário, no dia anterior – um café da manhã no qual eu mal tive tempo de tocar. Uma mulher, que percebi estar tentando confortar as outras prisioneiras, sentou-se ao meu lado no beliche enquanto eu comia. Seu nome era Ninni Czopp. Ela nascera em Amsterdã, mas era de uma família russa.

Contou-me que estava esperando para ir para a universidade quando os nazistas invadiram o país, mas que tinha conseguido se esconder com a irmã mais jovem, o irmão, a esposa do irmão e a filha dos dois, chamada Rusha. Sua mãe havia sido pega antes.

– Pelo menos estamos em uma prisão holandesa – ela me reconfortou.

Os holandeses eram conhecidos por serem mais humanos.

Ao final de nosso segundo dia, fomos avisadas de que seríamos levadas para outro local – um campo no interior da Holanda, chamado Westerbork.

– Será melhor lá – falou Ninni, apontando para as condições horríveis da prisão deteriorada. – E, enquanto estivermos na Holanda, estaremos seguras.

Os soldados nos amontoaram em vagões comuns de trem, do tipo usado como transporte dentro das cidades, e nos observaram empunhando as armas enquanto seguíamos até o interior da Holanda, que começava a se abrir para um belo verão. Muito tempo tinha se passado desde a última vez em que eu vira campos, flores, ovelhas e vacas. E como eu invejava os fazendeiros que via pelo caminho! Eles desfrutavam da liberdade para plantar, andar pelas alamedas interioranas e cuidar das colheitas. Observei cada detalhe do caminho até chegarmos ao nosso destino.

Westerbork havia sido originalmente construída pelos holandeses como um abrigo temporário para os refugiados judeus que chegaram na década de 1930. Quando os nazistas ocuparam o país, o local se tornou um campo de detenção para judeus – e depois um centro de deportação para judeus serem enviados a campos de concentração e de extermínio.

Chegamos ao pôr do sol, e eu observei a vasta área daquele campo.

– Não é tão ruim – Pappy nos disse em uma tentativa de nos animar. – Ainda estamos na Holanda e pelo menos podemos ficar juntos. Talvez haja outros conhecidos por aqui, pessoas

do liceu ou algumas das garotas de Merwedeplein… Janny ou Sanne e Anne.

Os alojamentos de madeira e as condições de vida eram primitivos, e as pessoas pareciam tensas e preocupadas, mas não desesperançadas. Uma rua principal coberta por lama – apelidada de "Boulevard da Miséria" – percorria o meio do campo, e era ali que a maioria dos internos se encontrava e socializava, compartilhando novidades e fofocas.

Como recém-chegados, fomos levados até a recepção para sermos registrados, e nos pediram para preencher uma série de formulários e cartões. Os administradores e supervisores eram judeus supervisionados por soldados nazistas. O Departamento Central de Distribuição seria responsável por nossa caderneta de racionamento, mas a Gestapo já a tinha removido. Então passamos para uma mesa de classificação, e ali tivemos de oferecer mais informações detalhadas. Depois disso, nos conduziram ao escritório de acomodação, e em seguida aos alojamentos de quarentena.

Mutti e eu fomos levadas a um dos alojamentos femininos, no qual havia beliches e um banheiro razoável. Embora tivéssemos sido separadas de Heinz e Pappy, logo os encontramos, e tínhamos permissão para ficarmos todos juntos do lado de fora quando saíamos para tomar um ar. Heinz encontrou uma pequena sombra onde podíamos sentar e conversar. Naquela noite, jantamos juntos em uma grande área comum para refeições, e comemos um prato típico holandês chamado *stamp-pot,* composto por purê de batata e cenouras cobertas com molho. Enquanto jantávamos, outros internos nos contaram sobre a vida em Westerbork.

Assim como acontecia em todos os campos, Westerbork rapidamente desenvolveu uma cultura única e peculiar. Em seu apogeu, o local tinha um enorme hospital com mais de mil leitos, médicos especializados e um ambulatório, além de uma cantina e um armazém onde, por algum tempo, as pessoas podiam comprar coisas que não estavam disponíveis em outros locais da Holanda, como peixe, pepino, pudins e buquês de

flores. Havia também grandes oficinas e um departamento de alfaiataria com uma máquina especial que remendava buracos em meias femininas (meias que eram consertadas para a chegada a Auschwitz). Até nossa chegada, o campo havia abrigado um famoso show de cabaré estrelado por internos, incluindo dois cantores de renome: Johnny e Jones.

O mais temido dia da semana era aquele em que o transporte deixava o local, levando milhares de infelizes judeus para o leste, para a morte. Cada vez que o trem se aproximava, a tensão aumentava: quem estaria na lista? O veículo vazio fazia o trajeto até o campo durante a noite e, de manhã, os internos acordavam e viam longas filas de vagões de transporte de gado esperando-os.

Conforme descreveu o historiador holandês Jacob Presser em seu estudo sobre a destruição dos judeus holandeses, aqueles dias eram preenchidos com angústia e desespero. Mas, para aqueles que não estavam na lista e, assim, ganhavam talvez uma semana extra de prorrogação, também havia um forte alívio. Os internos escreveram sobre a incongruência de ver judeus sendo empurrados para dentro do trem e as portas da locomotiva se fechando enquanto, do outro lado do campo, o cabaré realizava uma de suas mais vivas performances e o som da música e da dança preenchiam o ar. Todos em Westerbork estavam desesperados para permanecer ali, pois sabiam que a única opção de escapar era em um trem que os levaria ao que Presser descreveu como “um país desconhecido do qual nenhum viajante retornava”.

A partir de 1942, Westerbork foi chefiado por um comandante chamado Albert Konrad Gemmeker e por sua senhorita e secretária, Elisabeth Hassel, que empregou uma das internas como sua costureira pessoal. Sua crueldade cheia de caprichos, voltada a alguma infeliz mulher judia que havia atraído os olhares de seu amante, era particularmente temida.

Gemmeker era um nazista típico. Combinava a brutalidade despida de sentimentos com explosões de humanidade “civilizada”, dispensadas por capricho. Uma mulher escreveu

que ele nunca chamou ninguém de “judeu” ou de “interno”, ao passo que outra pessoa recordou que eles tinham ouvido falar de comandantes que chutavam as pessoas nos trens, mas Gemmeker “dava adeus com um sorriso”. Ele certa vez anulou a isenção de transporte concedida a uma criança doente, ordenando que ela entrasse no trem com as palavras: “Não, ela vai morrer de um jeito ou de outro”.

Como outros comandantes de outros campos, Gemmeker tratava as pessoas menos afortunadas sob seu poder como seus brinquedinhos pessoais – e, no final, mais de 100 mil judeus e ciganos holandeses seriam enviados aos horrores dos campos de extermínio sob sua “polida” supervisão.

Durante o auge, de julho de 1942 ao outono de 1943, os trens deixavam Westerbork a cada quatro dias, levando em média mil pessoas em vagões escuros destinados ao transporte de gado. Na primavera e no início do verão de 1943, alguns grandes veículos chegaram a levar aproximadamente 3 mil pessoas de cada vez para o campo de extermínio em Sobibor. (Os líderes nazistas em Sobibor, no leste da Polônia, chegaram ao ponto de construir uma estação especial com uma sala de espera falsa, muito bem decorada, para fazer as pessoas acreditarem que estavam chegando a uma cidade normal.)

Havia inúmeras formas de tentar se manter fora da lista de transporte – algumas delas dependiam de que tipo de trabalho você era capaz de realizar, mas a maioria envolvia conhecer alguém que poderia assegurar a sobrevivência de sua família. Pappy já tinha reencontrado alguns judeus que ele conhecera antes da guerra, incluindo um homem chamado George Hirsch, que trabalhava no escritório da administração central. Pappy nos disse:

– Se eu conseguir, farei contato com as pessoas aqui para que elas tentem arrumar trabalhos adequados para nós e para que tentem nos manter em posições protegidas.

Talvez seu plano tivesse funcionado se houvesse mais tempo, mas a sorte não estava ao nosso lado.

Estávamos em Westerbork há apenas dois dias quando recebemos a temida notícia: nossos nomes estavam na lista do próximo transporte. No verão de 1944, esses transportes estavam se tornando menos frequentes (a essa altura, quase todos os judeus holandeses já haviam sido capturados, deportados e assassinados). Todavia, para o nosso azar, nossa chegada coincidiu com um transporte planejado para ciganos, mas ainda havia espaços vazios no trem.

Em uma manhã de sexta-feira, bem cedo, uma mulher que trabalhava como segurança da prisão nos acordou e leu a lista de pessoas que seriam deportadas naquele dia:

– … Fritzi Geiringer, Eva Geiringer…

Eu a encarei. Estava tão em choque que mal conseguia ficar de pé, e pude perceber que as mãos de Mutti estavam trêmulas. Havia uma tensão horrível no alojamento, quebrada pelo alívio daqueles que ficariam para trás. Entretanto, não havia alívio algum para nós.

Mutti respirou profundamente e tentou se controlar.

– Agora, Evi, vamos pegar nossas coisas. Não se esqueça de pegar os apoios de aço dos seus sapatos e a sua roupa íntima.

Ela tentava falar normalmente, mas eu conseguia ouvir o medo em sua voz. E ela não me olhava nos olhos.

As outras mulheres no alojamento nos deram comida extra, cobertores e calçados para a jornada, e então fomos até o lado de fora, onde podíamos ver uma longa fila com milhares de pessoas – homens, mulheres, idosos, crianças segurando as saias de suas mães, todos se empurrando uns contra os outros enquanto eram levados até a lateral da estrada de ferro. De repente, Pappy e Heinz apareceram perto de nós, e permanecemos juntos para assegurar que não seríamos separados no trem.

– Segure em mim, Evi – disse Pappy. – Vai ficar tudo bem.

– Aonde estamos indo, Pappy? – perguntei com uma voz trêmula e aguda que, para os meus ouvidos, soava com se eu fosse uma garotinha outra vez.

– Não sei. Talvez estejamos a caminho de um campo de trabalho na Alemanha. A guerra está indo muito mal agora para os nazistas, e eles precisam de todas as pessoas que conseguirem encontrar para trabalharem em suas fábricas.

Seguimos adiante com a multidão enquanto Pappy nos falava sobre como sobreviver em um campo de concentração. Ele nos disse para descansar o máximo possível e para "sempre lavar a mão para evitar a possibilidade de germes ou doenças". Heinz e eu trocamos um sorriso forçado ao ouvirmos aquilo.

– Mas, do jeito que Pappy fala, parece que seremos separados quando chegarmos lá – sussurrei a Heinz. – Eu não conseguiria suportar isso!

Heinz olhou para mim como se fosse chorar.

– Acho que isso é possível – ele falou. – Aconteceu com outras famílias.

Conforme eu me aproximava do trem, conseguia ver que muitos dos viajantes nos primeiros vagões eram ciganos. O veículo para dentro do qual fomos empurrados partiu no dia 19 de maio de 1944 e levava 699 pessoas em 18 vagões. Dos 452 judeus a bordo, 49 eram crianças. Crianças também compunham parte dos 246 ciganos.

Fomos puxados e empurrados para dentro de um dos vagões, que já estava superlotado, e seguimos a jornada em um canto, onde Pappy conseguia me segurar enquanto Mutti colocava suas mãos em volta de Heinz. Nossas malas haviam sido empurradas a bordo conosco, e as pessoas de nosso alojamento estavam paradas na lateral da linha de trem, gritando palavras de encorajamento.

Ficamos ali por mais de uma hora. Mais tarde, descobri que havia mais de cem pessoas naquele trem, mas, naquele momento, eu só sabia que estávamos apertados juntos – sem espaço para nos sentarmos ou para nos movimentarmos. Olhei para cima e vi duas pequenas janelas protegidas por barras de ferro perto do teto e dois baldes de ferro no canto. Por fim, houve uma comoção na plataforma quando os guardas começaram a fechar as portas. A nossa porta foi puxada com

um movimento pesado e, enquanto ficávamos na escuridão, ouvi a trava se fechar. Com um estremecer extenso e lento, a locomotiva começou a se movimentar, e a sensação era a de que tínhamos dado início a uma viagem para o inferno.

Capítulo 10
Auschwitz-Birkenau

O trem nos levou lentamente, atravessando o continente europeu durante três dias e três noites. Estávamos na escuridão, presos como animais condenados, com um balde fedido para ser usado como banheiro e outro com água. Uma vez por dia, o trem parava e os guardas gritavam ao abrir as portas, cegando-nos com a luz do dia, e jogavam alguns pedaços de pão antes de o crepúsculo voltar a nos desorientar. Pessoas choravam, rezavam e ficavam deprimidas com a falta de esperança em meio ao intenso calor do verão. Uma mulher grávida se entregou completamente a uma histeria induzida pelo pânico.

Pappy tentou fortemente nos manter calmos mas, depois de algumas horas, Heinz disse:

– Eu não consigo respirar.

O calor era sufocante e eu conseguia ouvir a respiração chiada e a tosse asmática de meu irmão.

– Não entre em pânico – Pappy disse a ele. – Vamos levá-lo até algum lugar onde você possa tomar um pouco de ar fresco.

Havia uma pequena abertura em um ponto alto do vagão, e Pappy conseguiu empurrar Heinz em meio ao monte de pessoas para que ele pudesse passar algum tempo ali, tentando se acalmar.

Mutti ficou olhando, em silêncio, profundamente chocada com o que estava acontecendo.

Às vezes parávamos por longos períodos: uma fila de vagões para gado preenchidos com centenas de pessoas suando e com náusea, fervendo ao sol em uma estrada de ferro, em algum ponto do que deveria ser o continente mais civilizado do planeta. Era impossível escapar daquela jornada; alguma hora o motor chiaria e colocaria a locomotiva em movimento outra

vez, levando-nos, com uma lenta determinação, ao nosso destino final.

– Vocês acham que ainda estamos na Alemanha? – perguntou Heinz em algum momento da viagem.

Estávamos naquele trem há tanto tempo que sabíamos que era impossível ainda estarmos em terras alemãs. Depois de um momento, Pappy simplesmente falou:

– Não sei, Heinz.

Mais tarde, meu irmão me disse:

– Evi, você se lembra daquelas pinturas que fiz na casa da sra. Katee-Walda?

É claro que eu me lembrava delas. Ele então continuou:

– Elas estão debaixo das placas do chão, perto da janela do sótão. Se eu não voltar, foi lá que eu as escondi.

– Não diga isso!

– Só estou contando para você. Espero que possamos ir até lá para buscá-las juntos.

Conforme chegávamos mais perto de nosso destino, o trem parava com mais frequência e os guardas da SS abriam violentamente as portas e começavam a gritar para entregarmos nossas joias e relógios. Tudo era cuidadosamente planejado para que ficássemos sem os nossos bens antes de chegarmos ao destino e, embora muitas pessoas tentassem manter suas coisas num primeiro momento, depois de algumas paradas todo mundo já havia entregado alianças de casamento, relógios e pulseiras.

Quando as portas se abriram pela última vez, vimos que o trem havia nos trazido ao local que tanto temíamos: as terras pantanosas e fétidas do sudoeste da Polônia. Tínhamos chegado a Auschwitz, um centro de extermínio do tamanho de uma pequena cidade, com milhares de trabalhadores ocupados, dedicados a aperfeiçoar o assassinato em massa e a extinção da raça judia.

No curso de minha vida, vi incríveis avanços tecnológicos. Quando eu nasci, não era comum se ter um carro com motor, mas quando eu tinha quarenta anos, o homem já havia pisado

na lua. Tínhamos curado doenças, criamos armas nucleares, mapeamos nosso DNA, aprendemos a navegar na internet e desenvolvemos alimentos e remédios geneticamente modificados. Pelo menos no ocidente, a maioria de nós se tornou mais rica do que uma geração como a dos meus avós poderia ter imaginado. Ainda assim, em termos de humanidade, parece que milhares de anos de experiência nos levaram a fazer poucos progressos.

Anne Frank escreveu no final de seu diário, pouco antes de ser capturada, que ainda acreditava que as pessoas tinham bons corações, mas eu me pergunto o que ela pensaria se tivesse sobrevivido aos campos de concentração de Auschwitz e Bergen-Belsen. Minhas experiências revelaram que as pessoas têm uma capacidade única para crueldade, brutalidade e completa indiferença aos sentimentos humanos. É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana.

Assim como todas as coisas verdadeiramente alemãs, o sistema do campo de concentração nazista era organizado com suprema e rígida eficiência. Todos eles passaram ao controle central da SS, mas campos diferentes tinham designações diferentes. Alguns, como Westerbork, eram acampamentos provisórios com o objetivo de despachar judeus para o leste, ao passo que outros, como Dachau e Buchenwald, eram oficialmente “campos de trabalho”, onde os judeus eram sujeitados a tarefas pesadas. Dezenas de milhares de pessoas morreram em campos desse tipo, mas esses locais não eram chamados de “campos de extermínio”. Depois que a Solução Final da Questão Judaica foi decretada na Conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, quatro campos foram construídos na Polônia (em Treblinka, Chelmo, Sobibor e Belzec) com o único propósito de assassinar judeus – e as pessoas transportadas para esses locais eram praticamente todas mortas assim que chegavam. Esses eram os “campos de extermínio”, e eles eram, na verdade, muito pequenos. Não

era necessário construir galpões ou prédios para a administração, já que inúmeras vítimas eram guiadas pela floresta e levadas imediatamente para a morte na câmara de gás.

No total, os nazistas administraram mais de trezentos campos de concentração por toda a Europa. O maior deles era Auschwitz-Birkenau, um vasto complexo de extermínio e trabalho que consistia em 38 campos separados. Auschwitz-Birkenau incluía uma área industrial que produzia o gás Zyklon B, usado para matar milhões de pessoas. Essa fábrica era operada pela IG Farben, assim como uma mina de carvão e uma fazenda.

Os nazistas tinham muito orgulho de Auschwitz, a menina dos olhos dentre todos os outros campos de concentração. Os principais líderes, incluindo Himmler, cuidavam pessoalmente da expansão e do desenvolvimento do campo. Depois que a primeira experiência com câmaras de gás tinha sido realizada com prisioneiros de guerra soviéticos em Auschwitz, em 1941, uma série de câmaras de gás e crematórios foram especialmente desenhados e construídos para os internos do recém-criado campo Birkenau. Aquele maquinário da morte funcionou durante dia e noite até o final de 1944, cobrindo milhas à sua volta com cinzas. Às vezes os aparelhos quebravam por conta da sobrecarga, após terem matado mais de 1 milhão de pessoas. Quando saímos do trem naquele dia, em Auschwitz, aterrorizados, confusos e aturdidos, fomos levados diretamente para a sala do motor do Holocausto.

– Então é isso – alguém sussurrou. – Todos nós seremos mortos.

– Não diga coisas desse tipo! – esbravejou meu pai com aquele indivíduo. Então, ele nos segurou. – Todos nós somos fortes e estamos em boa forma, e os alemães precisam de pessoas para trabalhar. Nós trabalharemos duro por alguns meses, e então a guerra chegará ao fim.

Quando estávamos prestes a descer do vagão de gado, Mutti me passou um longo casaco e um chapéu de feltro.

– Eu não quero – falei para ela.

Fazia muito calor e eu não via a hora de sair do trem e poder respirar um pouco de ar fresco.

– Vista – ela ordenou severamente. – Não sabemos o que poderemos levar, pode ser que eles não nos deixem entrar com nossas malas.

Na plataforma, eu já ouvia os guardas da SS gritando duramente algumas ordens em alemão, além de cachorros latindo e puxando as coleiras. Constrangida, coloquei o casaco e o chapéu, mesmo me sentindo ridícula.

– Você parece uma jovenzinha muito inteligente – disse Pappy para mim.

– Se houver alguém doente ou cansado demais para andar, entre em um caminhão e nós os levaremos ao campo – gritou um guarda da SS.

Muitas pessoas estavam exaustas por conta da longa jornada e, com um enorme alívio, elas se arrastaram até os caminhões e pularam a bordo.

– Voltaremos a nos ver lá em cima – elas gritavam para seus familiares que haviam permanecido na plataforma. Os caminhões partiram, liderados por um carro decorado com um símbolo falso da Cruz Vermelha, cujo objetivo era tornar a fachada mais legítima. Ninguém percebeu que aquilo era uma armadilha para acabar com aqueles que estavam fracos demais para trabalhar. Ninguém se deu conta de que eles seriam levados diretamente para a câmara de gás.

– Desçam e coloquem seus pertences na lateral do trem. Fiquem em filas de cinco – o guarda gritou para nós.

Os momentos e as cenas na plataforma foram extremamente carregados de emoção, e eu me senti sufocada pelos sons de pessoas lamentando e chorando, gritando adeus desesperadamente.

Havia centenas delas ali – idosos, mães com filhos e com bebês nos braços, todos em estado de total comoção e em uma espécie de desespero primitivo. No entanto, com toda a facilidade que a prática traz, os guardas da SS começaram a

nos empurrar como se fôssemos roupas em uma arara, e então fomos separados em filas de homens e mulheres, e depois em filas de cinco.

Virei-me e vi que o rosto de meu irmão estava pálido de medo. Eu dei-lhe um abraço apertado. Mutti puxou Heinz para perto e correu os dedos por seus cabelos, beijando-o. Em seguida, meus pais trocaram um abraço desesperado – e fomos separados.

– Deus vai protegê-la, Evertje – disse meu pai enquanto me abraçava com força, antes de ser forçado a se afastar.

Subimos a rampa lentamente até chegarmos aos guardas da SS na parte superior. Eles direcionavam as pessoas em duas colunas, uma à esquerda e outra à direita. Uma mulher à nossa frente começou a gritar quando percebeu que seria forçada a passar seu bebê para a outra coluna. Uma senhora estendeu o braço para pegar a criança, mas a jovem mãe chorava e gritava, até Mutti lhe dizer que a mulher idosa saberia que ela era a mãe do bebê quando chegasse a hora de pegá-lo novamente. Não sei se alguma de nós acreditou em uma palavra sequer, mas a jovem mãe passou o bebê e ficou em silêncio, sentindo-se derrotada.

Então eu estava diante da rampa e tinha chegado a minha vez. Havia vários oficiais da SS esperando, e um deles estava claramente no comando. Era magro e muito bem vestido, com um comportamento frio. Por um instante, ele me analisou totalmente e, em seguida, apontou para o lado esquerdo com um gesto indiferente. Mutti também foi enviada para a esquerda, e eu a senti atrás de mim, segurando meu braço.

Na ocasião, eu não sabia que tínhamos acabado de passar por nossa primeira seleção realizada pelo médico de reputação duvidosa do campo, Josef Mengele, ou que o casaco e o chapéu de feltro tinham salvado a minha vida. Não havia necessidade de Mengele participar das seleções na plataforma, mas ele realmente gostava de estar envolvido de forma íntima com a mecânica das torturas e dos assassinatos. Algum tempo depois, eu voltaria a encontrá-lo, e o “dr. Morte”, como era

chamado, teria um papel decisivo em vários momentos de nossa história.

Tudo o que eu sabia naquela época era que eu era, de longe, a mais jovem em nossa fila. E me dei conta de que Mutti estava decidida a me vestir para que eu parecesse mais velha. Todas as crianças com menos de quinze anos eram automaticamente enviadas para a fila à direita – a fila cujo destino era a câmara de gás – e eu era uma das apenas sete (de 168) crianças em nosso trem que sobreviveriam.

As principais razões que fizeram com que Auschwitz fosse escolhida como local para abrigar um enorme campo foram as boas conexões, as linhas de trem e as estradas seguindo em todas as direções. A estrada da estação se dividia em duas: uma para o campo dos homens, em Auschwitz, e a outra para o campo das mulheres, em Birkenau.

Era um dia belo e quente de primavera, mas por toda a nossa volta a terra se mostrava seca e estéril, sem sequer uma árvore ou flor até onde a vista alcançava. Mutti e eu entramos na fila das mulheres para o que viria a ser uma longa caminhada até o campo. Depois de nossos breves abraços e poucas palavras de conforto, Pappy e Heinz desapareceram na fila dos homens.

Seguimos pela estrada de terra, centenas de mulheres com calor, com sede, cansadas, cientes de que nas fazendas e casas ao redor viviam pessoas comuns seguindo suas vidas. Auschwitz havia sido anteriormente uma cidade polonesa chamada Oswiecim, com 12 mil pessoas, das quais 5 mil eram judias. A maioria da população havia se mudado de suas casas depois que os alemães invadiram a cidade, a renomearam e construíram e expandiram o campo por uma enorme área.

Em 1944, a imagem de longas filas de prisioneiros recém-chegados, ou de homens e mulheres em uniformes de prisão sendo levados para o trabalho, era algo natural para os habitantes locais. A Polônia tinha uma forte tradição de antissemitismo, e grande parte da população local se envolveu ativamente na construção do campo, trabalhando nos

crematórios, erguendo as cercas de arame farpado e escavando valas. Muitos voltaram depois da guerra para colher as recompensas asquerosas do que havia sido batizado de “colheita do ouro”, escavando os restos das vítimas e tentando encontrar em meio às cinzas e aos ossos quaisquer dentes de ouro ou materiais de valor que pudessem ter sido negligenciados quando os corpos e suas posses haviam sido verificados pelos nazistas.

Quando chegamos aos portões de Birkenau, meus pés doíam e minha garganta estava seca feito uma lixa. Eu desejava beber um mínimo que fosse de água. À minha frente estava a entrada que agora é conhecida pela maioria das pessoas que já viram imagens de Auschwitz-Birkenau: uma alta construção de tijolos com uma torre de guarda e um arco grande o suficiente para permitir a passagem de um trem. Tínhamos chegado à principal estação de Auschwitz, mas a SS havia recentemente construído um ramal ferroviário que levava a estrada até o coração do campo, bem perto dos crematórios. Nós não sabíamos, mas isso era parte do plano alucinado de expansão para lidar com a esperada chegada de centenas de milhares de judeus húngaros – que eram quase todos mortos pouco depois de pisar ali.

Olhei em volta e vi uma cerca alta de arame farpado eletrificado que se estendia até onde meus olhos alcançavam, postos de guarda tomados por soldados da SS com cães furiosos e longas filas de galpões escuros e decrépitos. Havia um fedor azedo desconhecido no ar.

Logo descobrimos o que era aquele cheiro. Uma vez dentro do galpão não ventilado que servia como área de recepção, um grupo de oito mulheres Kapo chegaram para supervisionar nossa entrada. As Kapos eram prisioneiras que a SS usava para administrar os campos. A maioria delas era composta por cristãs polonesas que estavam encarceradas em Auschwitz desde o início da guerra. Algumas ainda tinham um traço de humanidade, mas muitas eram criminosas que

mantinham os privilégios de suas posições exercitando crueldades e barbáries.

– Bem-vindas a Birkenau – elas diziam com sarcasmo enquanto nos empurravam e nos davam socos. – A sorte de vocês acaba de chegar ao fim. Podem sentir o cheiro dos crematórios? É lá que seus familiares receberam gás no que acreditavam serem salas de banho. Eles estão queimando agora. Vocês nunca voltarão a vê-los!

Tentei voltar a atenção para mim mesma e não ouvir, não acreditar. Eu estava levemente consciente de que Mutti estava pedindo água e quase desmaiando, e ouvi uma Kapo mais gentil sussurrar que não devíamos beber água porque ela transmitia tifo e disenteria.

Por fim, recebemos ordens para ficar nuas e deixar todos os nossos últimos pertences para trás. Eu ainda era adolescente e me senti extremamente constrangida por ter de tirar a roupa diante de centenas de pessoas, mas vi Mutti e Ninni (minha amiga da prisão em Amsterdã) se despirem de forma muito direta.

– Não se esqueça das suas palmilhas de aço – sussurrou Mutti, passando para mim os tão detestados arcos de metal que ela me fazia usar como palmilha para corrigir meu pé achatado.

Duas Kapos no outro canto da sala grosseiramente raspavam nossos cabelos.

– Abra as pernas – uma delas ordenou antes de passar a lâmina afiada por minha pele.

Em seguida, ela pegou uma tesoura cega e começou a cortar os cabelos de minha cabeça.

– Deixe um pouco dos fios – Mutti pediu. – Ela é muito jovem.

Surpreendentemente, a Kapo atendeu ao pedido, e pude ficar com uma franja loira de uma polegada em minha cabeça raspada.

Ainda nuas, fomos levadas a outra mesa para o processamento, e ali percebi que todas pareciam inventar

serem capazes de realizar trabalhos úteis, afirmando serem cozinheiras ou sapateiras. Quando chegou a minha vez, falei que era secretária. De tempos em tempos, um guarda masculino da SS entrava ali, ria ao nos ver nuas e lançava olhares para algumas das mulheres. Pulei em choque quando um deles passou atrás de mim e beliscou minha nádega.

Mutti passou os braços por sobre meus ombros enquanto outra Kapo pegava uma agulha e uma garrafa de tinta para tatuar meu número no meu braço esquerdo.

– Não a machuque muito, ela não passa de uma criança – pediu Mutti, e a Kapo gravou meu número mais fraco do que os das outras mulheres.

Então um guarda da SS marchou para dentro do galpão e começou a gritar com as Kapos – alguém tinha recebido um número de registro errado. Esse era o tipo de problema administrativo que causava demoras intermináveis e também reviravoltas na vida no campo. Depois disso, fomos colocadas outra vez em filas e tatuadas novamente, com a Kapo escrevendo em cima dos números antigos como se nossa pele fosse uma lousa.

Ainda segurando minhas palmilhas de aço nas mãos, fui levada para uma sala enorme com tubulações e chuveiros. Quando a porta foi fechada, todas nós começamos a tremer. Meu coração batia disparado enquanto eu me perguntava se aquilo era mesmo um chuveiro. E se começassem a soltar gás? Mutti me abraçou com força.

Depois de alguns poucos segundos agonizantes, a água começou a pingar, e então passamos a esfregar nossos corpos sujos e cheios de poeira.

Nuas e molhadas, saímos para o lado de fora, onde havia pilhas de trapos e sapatos em péssimas condições.

– Onde estão suas palmilhas? – sussurrou Mutti.

Eu encolhi os ombros.

– Ah, Evi – ela continuou, fazendo cara feia. – Como você vai corrigir os seus pés?

Como afronta final, recebemos roupas aleatórias com tamanhos que não nos serviam, além de sapatos de pares diferentes. Tentamos trocá-los entre nós, até que tivéssemos algo que pudéssemos vestir. Depois disso, Mutti e eu percebemos que minhas palmilhas teriam sido inúteis de qualquer forma.

Eu tinha certeza de que estávamos quase terminando e de que finalmente poderia beber alguma coisa. Por fim, seguimos até entrarmos no campo. Eu corri para a torneira mais próxima e comecei tomar goles e mais goles de água, sem me preocupar se o líquido poderia estar infectado com doenças mortais. À minha volta, Birkenau fervilhava com dezenas de milhares de pessoas, todas elas tentando aguentar e prolongar uma existência nas mais difíceis condições que se pode imaginar. Mas eu estava concentrada demais em matar minha sede para conseguir absorver aquilo.

No futuro, se quisesse continuar viva, eu teria de desenvolver uma consciência bem refinada do que estava à minha volta e a sustentar a mais forte determinação. Eu agora era a prisioneira A/5272 – parte de um processo cujo objetivo era acabar com meu orgulho e com minha identidade. Quando fui levada para fora da estação de trem de Auschwitz, deixei a menina Eva Geiringer e seus sonhos para trás. Tínhamos passado nossos últimos momentos juntos como uma família, e eu jamais voltaria a ver meu irmão.

Capítulo 11
A vida no campo

Auschwitz-Birkenau era um mundo à parte, e quase nada daquilo poderia ser comparado à vida que tínhamos antes. Eu ocasionalmente parava e me lembrava de que, não muito tempo atrás, era uma garota que brincava de bolinha de gude em Merwedeplein, e me perguntava onde Janny Koord, Susanne Lederman e Anne Frank estariam e o que estariam fazendo. Será que suas famílias agora sofriam como nós?

Auschwitz era um mundo de sujeira, fome, depravação – e pequenos gestos de solidariedade. Pappy certa vez me disse para nunca me sentar no vaso sanitário por causa dos germes, mas agora eu tinha de me agachar sobre um esgoto imundo com outras trinta mulheres. Nunca tinha feito planos para nada mais complicado do que um simples jogo de bolinhas de gude, mas agora eu aprendia a lutar por minha porção de comida racionada – e, se necessário, a passar fome ao trocar meu pão por outras coisas das quais eu precisava mais. Logo percebi que o conceito de "civilização" é um véu fino fácil de ser arrancado, e me dei conta das verdadeiras necessidades da vida – como ter sua própria caneca para comer e beber, para garantir que você sempre tenha sua porção. Quando recebi minha caneca, amarrei-a às minhas roupas surradas e nunca a deixei fora da minha vista.

Nem todo mundo conseguia se adaptar. As pessoas que não se ajustavam à vida no campo viviam com um olhar vago, perdiam as esperanças e morriam. Na língua do campo, essas pessoas eram chamadas de *muselmann*, já que a maneira curvada e sem vida de andar os fazia parecer muçulmanos com o corpo inclinado para rezar. Grande parte do fato de eu ter sobrevivido se deve puramente à sorte – nem toda a força de vontade do mundo teria me salvado se eu tivesse sido

selecionada para uma das câmaras de gás. Ainda assim, jurei que nunca me tornaria uma *muselmann*. Nunca desisti da esperança de que venceria os nazistas e de que viveria a vida plena que eu e todas as vítimas do Holocausto merecíamos.

Birkenau cobria uma área enorme (mais de 170 hectares) e era habitado por muitos grupos diferentes de pessoas, mas eu só era exposta a pequenos grupos de cada vez. Em quatro anos, o campo abrigou judeus de todas as nacionalidades (até mesmo da Noruega e da Grécia), além de ciganos, presos políticos, criminosos e, em certo momento, "um campo de família" com direito a um jardim de infância – por fim "liquidado", com todas as crianças tendo sido enviadas para as câmaras de gás.

Havia até uma orquestra em Birkenau, liderada pela violinista vienense Alma Rose. A orquestra era forçada a tocar durante as execuções para entreter os guardas da SS em concertos realizados no campo. Alma Rose era filha do líder da Orquestra Filarmônica de Viena e sobrinha de Gustav Mahler, além de ser conhecida por manter os mesmos padrões profissionais que possuía antes da guerra.

Em um incidente memorável, ela disse a algumas mulheres da SS para ficarem quietas quando conversavam no meio da execução de uma peça e, com o respeito alemão por "autoridade", as mulheres se calaram. Assim como a maioria das coisas em Birkenau, todavia, a orquestra teve um fim trágico quando Alma Rose foi assassinada. Muitos suspeitavam que o autor do crime fosse outro prisioneiro, alguém que sentia inveja da posição de Rose.

Eu não sabia sobre o jardim de infância ou sobre Alma Rose, mas compreendi muito rapidamente que existiam muitas divisões dentro do campo, o que podia levar a solidariedade ou a brigas. A maior divisão era o fato de ser ou não um judeu.

Com o tempo, prisioneiros não judeus passavam a receber pequenas concessões e benefícios. Recebiam mais comida e, em Auschwitz I, alguns tinham até mesmo direito a se distraírem em uma piscina rudimentar (na verdade, um tanque

de água com uma placa de madeira funcionando como trampolim) e em um bordel. Os presos não judeus também tinham acesso a cuidados médicos de mais qualidade e melhores condições sanitárias, além de por vezes subirem na hierarquia do campo até chegarem a posições de autoridade sobre outros prisioneiros.

Os internos judeus não recebiam concessões. O objetivo dos nazistas era exterminá-los de todas as formas possíveis. Para os judeus, o mundo estava virado de cabeça para baixo, com as experiências normais sendo deturpadas. Um prisioneiro não judeu doente poderia ter uma breve consulta com um médico e receber medicamentos básicos; um prisioneiro judeu doente que fosse digno de "atenção médica" certamente receberia uma injeção no coração com uma dose letal de veneno. Mulheres grávidas eram sujeitas a abortos tardios ou tinham de matar seus filhos quando eles nascessem.

É claro que existiam também divisões entre os prisioneiros judeus. Nós éramos mantidos em áreas abertas do campo de acordo com a nacionalidade, e alguns grupos se saíam melhor do que outros. Os judeus poloneses, que já estavam acostumados às complicadas condições dos guetos, normalmente se saíam melhor do que os judeus holandeses ou franceses, que em geral tinham vidas muito mais confortáveis antes de irem parar ali.

A sobrevivência também dependia, de certa forma, do trabalho que você recebia – e havia várias "ocupações" diferentes. Birkenau tinha uma equipe de *Sonderkommandos* – prisioneiros que trabalhavam nas câmaras de gás, buscando as últimas posses, arrancando dentes de ouro e despindo os corpos. Não há dúvida de que se tratava de um trabalho realmente tenebroso, mas esses prisioneiros costumavam receber comida extra e condições de vida melhores (embora muitas vezes eles mesmos fossem vítimas do gás depois de algumas semanas). Havia também as judias falantes do alemão, que recebiam trabalho no escritório da Gestapo.

A maioria de nós recebia ordens para realizar diferentes tipos de trabalhos manuais, fosse lavando roupa, fazendo parte de uma unidade externa de trabalho para produzir munições alemãs ou trabalhando nos armazéns, separando infinitas pilhas de roupas e pertences tomados daqueles que chegavam nos trens.

Inicialmente, Mutti e eu ficamos em quarentena com as outras mulheres que chegaram conosco. A nós foi designado um dos escuros e sinistros abrigos, e nos mantivemos afastadas do restante do campo por três semanas. À noite, dormíamos na parte do meio de um dos beliches de três andares alinhados em todas as paredes, apertadas em uma prancha de madeira com oito outras mulheres. Durante o dia, sentávamo-nos do lado de fora, em um pátio descoberto, com o sol e a chuva acertando sem qualquer piedade nossas cabeças raspadas. Uma Kapo permanecia em sua área privada em um dos cantos do abrigo para nos observar, e ali ela preparava seu próprio alimento. Tínhamos um balde para usar como banheiro durante toda a noite, e ele estava cheio até a borda quando amanhecia. Cada galpão abrigava centenas de mulheres.

Em nossa primeira manhã em Birkenau, o dia começou por volta das quatro horas, quando fomos convocadas até o lado de fora para a chamada da manhã, conhecida como *appel*. Essa era uma das partes mais odiadas do dia em Birkenau. A cada manhã e a cada noite, as mulheres formavam filas diante de seus galpões e permaneciam paradas, frequentemente por horas a fio, enquanto as Kapos e as guardas da SS contavam e recontavam as prisioneiras. O equívoco mais banal era capaz de prolongar nosso tempo ali, de pé, em nossas roupas de tecido fino – às vezes no calor sufocante, outras vezes no frio intenso.

Meus primeiros dias no campo se mostraram o maior dos testes de sobrevivência. Tanto Mutti quanto eu quase desmaiamos ao ficar paradas por duas horas no primeiro *appel*. Nenhuma de nós tinha comido nada em nossa viagem de dias no trem, e não tínhamos pegado nossa porção de alimento na

noite em que chegamos. Assim que retornamos ao galpão, devorei um pouco de comida – um pedaço de pão preto de dez centímetros de espessura, sem saber que aquilo era a minha comida para o dia inteiro.

Depois de alguns dias comecei a me sentir mal, e aparentemente estava pagando o preço por minha tola desatenção ao aviso sobre beber água. Primeiro, senti dores e cólicas no estômago, e precisei correr até o lado de fora para me aliviar. Isso era estritamente proibido – nós só estávamos autorizadas a visitar, em massa, o banheiro três vezes por dia, independentemente de estarmos ou não passando mal.

A Kapo que cuidava de nosso galpão estava decidida a me punir. Ela estreitou os olhos.

– Sua merdinha! Você não consegue controlar nem seu próprio lixo, não é de se surpreender que esteja doente.

Então ela me fez ajoelhar no pátio do lado de fora segurando um banco pesado de madeira sobre minha cabeça enquanto outras prisioneiras formavam um círculo à minha volta e assistiam. Em instantes, meus braços ficaram doloridos, mas eu sabia que não podia deixar o banco cair.

– Vamos lá, você consegue! – uma das mulheres disse para me animar.

Então meus braços se soltaram, e outro golpe de dor atingiu meu estômago.

– Não se entregue, Eva – outra delas sussurrou.

Mutti permanecia bem à minha frente, olhando em meus olhos, dando-me força em meio à tarefa excruciante. Duas horas inteiras se passaram enquanto eu segurava o banco sobre a cabeça antes de a Kapo finalmente concluir que a punição já era suficiente. Não sei como consegui ficar ali por tanto tempo, mas, quando aquela tortura finalmente acabou, caí no chão me sentindo aliviada.

Eu esperava que meu organismo logo desse um jeito em minha doença, mas em vez disso minha temperatura subiu e eu passei a me sentir mais fraca, e depois a ter delírios. As outras

mulheres no galpão começaram a dizer que eu deveria ir ao hospital. Estavam certas de que eu tinha contraído tifo.

Implorei para Mutti não me fazer ir ao hospital. Chorei histericamente. Aquele lugar era uma piada cruel: tinha a aparência de uma instalação médica normal, mas nós sabíamos que era tudo, menos isso. Quando chegamos ao campo, o "hospital" tinha se espalhado por uma série de galpões. Tinha um ar oficial, com enfermeiras e médicos em seus jalecos brancos, segurando notas dos pacientes que se consultavam. Seu objetivo, todavia, era exterminar os pacientes judeus, e não curá-los. Com frequência, pessoas terrivelmente doentes gemiam em suas camas, cercadas por seus próprios excrementos, enquanto os médicos da SS faziam "rondas" olhando para as notas, mas nunca para os pacientes. Por que eles deveriam se importar com aquilo? Não davam a mínima para o quanto seus pacientes estavam sofrendo e não tinham qualquer intenção de ajudá-los a se recuperar.

– Por favor, não deixem eles me levarem – implorei a Mutti, mas por fim fiquei tão mal que ela sentiu não ter outra opção que não fosse pedir permissão para uma consulta.

Minha mãe estava certa de que, sem algum tipo de intervenção, eu acabaria morrendo.

Eu delirava tanto que me lembro apenas vagamente de Mutti me ajudando a ir até o hospital. Uma vez lá dentro, sentamo-nos em cadeiras duras de madeira ao lado da entrada, e eu fluía para dentro e para fora do mundo dos sonhos.

Por fim, fui levada até um ajudante do hospital, e ele confirmou que eu tinha tifo e me deu alguns comprimidos. Isso por si só já era um milagre. Nós sabíamos que os judeus não recebiam medicamento. Não sei o que tornou meu caso diferente. Talvez fosse o fato de Mutti estar lá, implorando em voz alta para que alguém me ajudasse. Talvez fosse mais fácil livrar-se de minha mãe se eles me dessem alguma coisa para tomar.

Ninguém sabia se eu sobreviveria àquela noite mas, quando acordei na manhã seguinte, a febre havia desaparecido. Eu estava fraca, é verdade, mas mesmo assim conseguiria sobreviver.

Minha doença consumiu a maior parte do nosso período na quarentena, e logo era hora de entrar no campo principal e fazer parte de uma unidade de trabalho. Como de costume, formamos uma fila e olhamos para a frente, sem nos atrevermos a encarar os olhos dos soldados da SS, que marchavam por todos os cantos nos inspecionando. Eu conseguia sentir que um deles prestava atenção em mim, e o ouvi dizer:

– Essa aí pode ir para o Canadá.

Eu sabia que "Canadá" era a mais valorizada de todas as unidades de trabalho. Era chamada assim por ser a "terra da plenitude", uma vasta área atrás do campo onde enormes pilhas de posses dos prisioneiros esperavam para serem separadas e classificadas. As pessoas trabalhando no Canadá frequentemente recebiam alimento extra ou um cigarro, além de pequenos itens que poderiam trocar nos galpões por mais comida. Trabalhar lá significaria uma verdadeira melhora em nossa situação.

Meus olhos subitamente correram para o guarda da SS.

– Posso levar minha mãe também? – perguntei.

Todos se assustaram. Conversar com alguém da SS era, em geral, uma péssima ideia. Entretanto, o oficial ficou tão surpreso que deu um passo para trás e então olhou para Mutti como se ela fosse um animal.

– Sim. Por que não? – respondeu o homem, dando de ombros.

Pequenas melhorias nas piores condições costumavam gerar explosões do que parecia ser felicidade, então marchei rumo ao Canadá sentindo-me alegre em nosso primeiro dia. Estávamos em um local aberto e distante do campo principal e daqueles milhares de rostos magros que nos lembravam da realidade de nossa situação.

O Canadá parecia uma terra sombria de maravilhas, repleta de surpresas. Aproximei-me de uma enorme pilha de metal que brilhava sob a luz do sol e me dei conta, espantada, de que ela era composta por milhares de pares de óculos. Um armazém estava cheio de edredons até o teto, ao passo que outro não continha nada além de braços e pernas falsas. Havia milhares e milhares de sapatos, malas e baús de todos os tamanhos e formas. Em uma área estavam malas de crianças, a maioria com nomes e datas de nascimento que os pais haviam cuidadosamente escrito na parte da frente. Outro cômodo guardava centenas de carrinhos de bebê vazios, como uma sala de espera perpétua da qual nenhuma criança retornava.

O propósito de Canadá era saquear todas as posses dos judeus e enviá-las de volta para a Alemanha, onde seriam distribuídas primeiro para os soldados e suas famílias, depois para pessoas comuns. Os homens alemães faziam a barba com lâminas de judeus enquanto as boas mães alemãs empurravam carrinhos de bebê de judeus, e os avós usavam óculos de judeus para ler os relatos sobre os esforços de guerra nos jornais. Em julho de 1944, 2.500 relógios de pulso foram enviados aos habitantes de Berlim, que tinham perdido suas casas e posses em ataques aéreos dos Aliados. Uma ex-interna polonesa chamada Wanda Szaynok recordava-se de ter visto o transporte de carrinhos de bebês vazios, em filas de cinco, seguindo o caminho até a estação Auschwitz. Havia tantos que foi necessária uma hora inteira para carregá-los.

Em um esforço que beirava a loucura para não “desperdiçar” nada, os nazistas empilhavam até mesmo os cabelos que raspavam dos prisioneiros, e depois os transformavam em carpetes e meias. Todas as mechas com mais de dois centímetros eram usadas para fazer perucas, e muitos dos arianos orgulhosos do Terceiro Reich acabavam andando por aí usando cabelo de judeus mortos.

Aquilo era roubo e saque em uma escala realmente gigantesca, e a quantidade de dinheiro que os nazistas fizeram furtando posses de todos os tipos de judeus não deve ser

subestimada como um dos motivos que os levaram a travar uma violenta guerra contra nós.

Nos crematórios, uma equipe de funcionários retirava os dentes de ouro das vítimas. Esses dentes eram então mergulhados em ácido para que os tecidos e músculos fossem removidos. Depois, o ouro era derretido e transformado em barras que seriam enviadas para a Alemanha. Aquele ouro deveria ser reutilizado pelo serviço de dentistas da SS (apenas o suprimento de 1942 teria sido suficiente para toda a SS durante os cinco anos de guerra), mas inevitavelmente grande parte foi parar nas mãos dos guardas do campo e em contas de banco na Suíça, inclusive no International Bank of Settlements, na Basileia.

Os nazistas viam o "roubo" realizado pelos guardas como um grande problema. Todas as posses oficialmente saqueadas deveriam ser recebidas em Berlim, mas muitos soldados no campo se envolveram em grandes ondas de corrupção e acumularam fortunas pessoais roubando do Canadá. Em certo momento, antes da nossa chegada, os nazistas haviam dado início a uma investigação sobre a corrupção no campo, e isso fez com que muitos guardas fossem presos, além de causar a remoção do comandante-fundador Rudolf Höss. (Ele de fato havia sido promovido para a supervisão de todos os campos de concentração, passando a trabalhar de Berlim, mas gostava tanto de Auschwitz que retornou para lá logo que nós chegamos.)

Naquela primeira manhã, fui colocada para trabalhar no Canadá pegando roupas e casacos e procurando por "tesouros" escondidos – e fiquei inocentemente surpresa com o que encontrei. As pessoas escondiam dinheiro e joias, mas também comida, relógios, documentos e quaisquer outros itens, incluindo talheres, provavelmente pensando que eles seriam úteis.

Enquanto a SS vivia em uma orgia de ganância, com seus membros desesperados para colocar as mãos em toda e qualquer coisa que pudessem roubar de suas vítimas, minhas

simples descobertas me faziam pensar na devastadora realidade do que realmente estava acontecendo em Auschwitz. Às vezes, os “tesouros” que eu encontrava não eram nada mais do que fotografias de família, cuidadosamente cortadas e dobradas – uma pequena foto de um bebê sorridente, ou um antigo retrato dos pais de alguém, costurada nas linhas de uma jaqueta.

Fiquei encarando uma fotografia de uma mãe e um pai segurando seu filho pequeno e percebi, com absoluto horror, que aquilo era a única coisa que importava para quem a tinha escondido – e que nenhuma daquelas pessoas voltaria a se encontrar. Todas estavam mortas.

O Canadá não era nada além de um macabro cemitério de bens materiais. E atrás das árvores altas que separavam esse mundo estranho do restante do campo, estavam as câmaras de gás de Birkenau e os crematórios que, naquela época, funcionavam em capacidade total para executar e se livrar dos corpos de mais de 400 mil judeus húngaros.

Havia pouquíssimas evidências de que Mutti e eu não teríamos o mesmo destino que os demais, mas um encontro enquanto estávamos no Canadá teria um papel muito importante em nossa sobrevivência.

Eu desenvolvi um terrível inchaço na nuca e, embora o tenha ignorado inicialmente, ele se tornou maior e mais dolorido. Por fim, Mutti me disse que eu teria de ir até o hospital em busca de tratamento.

Assim como antes, eu me mostrei relutante a buscar tratamento, mas por fim concordei e então colocamos nossos nomes na lista médica e esperamos nossa vez. Quando o dia chegou, Mutti me acompanhou até o galpão do hospital, onde ficamos na fila de espera por atendimento.

Logo depois que chegamos, uma enfermeira apareceu. Eu não estava prestando muita atenção, mas percebi que ela usava roupas brancas e que parecia robusta, com cabelos pesados. Então ouvi minha mãe gritar:

– Minni!

– Fritzi! – respondeu a enfermeira surpresa.

Ali estava Minni, a prima de Mutti que antes vivia em Praga. Tínhamos passado muitas férias juntas. Ela e minha mãe tinham crescido como se fossem irmãs.

Minni era casada com um médico bem conhecido, um dermatologista que vinha cuidando dos nazistas em Auschwitz já havia vários meses. Embora ambos fossem prisioneiros judeus, Minni e seu marido tinham conseguido ocupar uma posição privilegiada, e ela usou seu papel como enfermeira para cuidar do máximo de pessoas possível.

Minni e minha mãe tiveram uma conversa sussurrada, mas em tom de emergência, sobre como elas tinham vindo parar em Auschwittz, e Mutti conseguiu contar à prima sobre meu pai e Heinz.

– Farei meu melhor para cuidar de vocês – sussurrou Minni para nós. – Venham até aqui e me procurem se precisarem de mim.

No fim das contas, Minni realmente era nosso anjo porque, durante nosso tempo no campo, ela salvou as nossas vidas.

Capítulo 12
O mais gélido dos invernos

A vida em Auschwitz-Birkenau era cheia de horror e medo e, num primeiro momento, foi o apoio de Mutti que me fez suportar aquilo.

Imagine, se conseguir, as noites. Dormíamos apertadas como sardinhas enlatadas, com outras oito mulheres. Quando uma delas se virava, todas nós nos virávamos. Pulgas e outros insetos caíam sobre nós, vindas da cama de cima, e você precisava estar alerta para tirá-las ou elas mordiam sua pele e causavam infecções. Certa manhã, notei que os insetos tinham caído e formado uma espessa crosta em volta da minha caneca. Quase vomitei quando meus dedos os apertaram, causando um forte jorrar de sangue. Durante outra noite, acordei de um pesadelo terrível e encontrei um enorme rato mordendo meu pé. Gritei de nojo e terror.

A provação que eu mais detestava era ser a última a usar o balde sanitário. Sempre estava cheio, e a última pessoa tinha de levá-lo a 20 galpões de distância para limpá-lo. Por mais que eu planejasse não ser a última, esse trabalho inevitavelmente recaía sobre mim.

Havia só uma coisa que me mantinha seguindo em frente e que tornava minhas noites mais toleráveis: ter Mutti ao meu lado e dormir em seus braços.

Imagine também a fome. Nossa oferta de comida oficial consistia em sopa aguada morna no café da manhã, ou alguns goles de café granulado, seguido por uma refeição noturna composta por uma fatia de pão preto. Nossa ingestão calórica era bem menor do que a dos prisioneiros não judeus. A intenção era nos fazer passar fome até a morte. Como a comida era compartilhada, às vezes acontecia de você simplesmente ter de pular uma refeição, e as partes mais

substanciais da comida, como os legumes da sopa, eram muitas vezes reservadas aos prisioneiros que haviam conseguido posições favorecidas pelas Kapos. Se você mantivesse parte da sua comida para comer mais tarde, outro interno faminto a roubaria de você.

Mais uma vez, Mutti veio ao nosso resgate. Ela logo encontrou a pilha de restos descartados das cozinhas e então passou a lavar e a arrancar as folhas das cenouras, por exemplo, e fingir que aquilo era uma espécie de salada repleta de vitaminas. As pessoas trocariam qualquer coisa por algo nutritivo, e assim demos início a um mercado em nosso galpão, usando cascas de batatas e de outros legumes. Mutti e eu também estabelecemos um negócio trocando os lenços que encontrávamos no chão, jogados por recém-chegados. Minni também ajudou, enviando para nós pedaços de queijo e às vezes até mesmo uma salsicha inteira, diretamente do hospital. Essas eram formas pequenas, porém importantes, de se manter vivo.

Tente imaginar a sujeira. Em uma ocasião impossível de esquecer, uma Kapo nos puniu por alguma contravenção jogando o conteúdo do balde sanitário sobre nós, e minhas roupas e minha pele ficaram cobertas com fezes por dias até eu finalmente ter permissão para me lavar. Uma pequena misericórdia, eu suponho, era o fato de que nenhuma mulher em Birkenau menstruava depois da primeira semana ali. Nós acreditávamos que os alemães acrescentavam brometo à sopa, o que nos deixava com a estranha sensação de estarmos flutuando.

Não menstruar era uma bênção, de certa forma. Parece difícil acreditar que os guardas alemães da SS teriam qualquer interesse sexual nas mulheres famintas, sujas e mal vestidas sob seu comando – mas alguns deles sentiam esse desejo. Aqueles homens tinham muitas outras distrações e viviam uma vida de luxo comparada à sua outra opção: servir na Frente Oriental. Os guardas da SS tinham uma boa cantina, cinema, teatro, muitas comidas e bebidas saqueadas, além de

frequentes viagens para afastar a mente das atividades horríveis que talvez estivessem incomodando suas consciências. Na verdade, porém, pouquíssimos guardas, questionados depois da guerra, admitiram ter qualquer problema com o que faziam. Alguns traziam as famílias consigo, e as crianças brincavam inocentemente do lado de fora do campo. Outros desfrutavam de intervalos em um spa em Solaheutte, nas montanhas ao redor. Lá, eram entretidos pelas mulheres da SS, e tiravam fotografias rindo, tomando chá e relaxando em espreguiçadeiras na varanda. Alguns deles inclusive iam à igreja.

Acho que eles não pensavam em nós como seres humanos. Talvez realmente acreditassem que éramos "vermes" que precisavam ser erradicados. Mas não consigo imaginar uma mentalidade, nem mesmo uma mentalidade totalmente sujeita ao condicionamento nazista, que os permitisse ser tão negligentes em meio a um assassinato em massa. A esposa de Rudolf Höss, o comandante do campo, avisou a seus filhos para sempre lavarem os morangos que eles cultivavam no jardim de sua casa; as frutas estavam cobertas com a poeira acinzentada que saía do crematório ao lado. A contradição gritante entre os prazeres inocentes da infância, como colher morangos, coexistindo lado a lado com o Holocausto é algo que me impede de compreender a mentalidade nazista.

É desnecessário dizer que os guardas da SS desfrutavam plenamente dos prazeres da vida em Auschwitz e, para alguns, isso também incluía sexo – e até mesmo amor. Uma prisioneira escreveu um fascinante relato sobre um guarda da SS que se apaixonou por ela e afirmou acreditar que o tempo que eles passaram em Birkenau foi um período de verdadeiro romance. Ele ficou impressionado ao descobrir, quando os prisioneiros foram liberados, que ela não queria nada com ele. Eu agradeço por nunca ter lidado com isso, mas precisava ficar alerta o tempo todo, caso um guarda da SS decidisse me estuprar. Se eles fossem escolher uma prisioneira, as mulheres que trabalhavam no Canadá estavam, em geral, em melhores

condições e, como tínhamos o direito de tomar banho, havia também mais oportunidades para eles.

Fui avisada pelas outras mulheres para sempre tomar cuidado durante os banhos, que aconteciam em uma área aberta e rodeada por uma cerca baixa de madeira. Percebi que um jovem guarda estava começando a prestar atenção em mim. Eu o vi me observando durante o banho e também em outras partes do campo – verificando sempre onde eu estava e o que estava fazendo.

Certo dia, a Kapo ordenou que eu enviasse uma mensagem para alguém no armazém. Quando me virei, vi aquele guarda andando rapidamente atrás de mim com seu rifle na mão. Corri em direção ao armazém e me escondi debaixo da primeira pilha de roupas que encontrei, e ali permaneci quase sem respirar por pelo menos meia hora, sentindo os trabalhadores tirando peça a peça das roupas acima de mim. Eu rezava para que o soldado tivesse ido embora quando eu tivesse que sair dali.

A ameaça era muito real, mas Mutti fazia seu melhor para me proteger. Ficava diante de mim durante o banho e se deitava na minha frente na cama. Havia muito pouco que as mulheres de Birkenau podiam fazer umas pelas outras, mas minha mãe fazia tudo que fosse possível para me ajudar.

Se Mutti era minha companhia constante, Pappy era minha esperança.

Durante três semanas de junho de 1944, fiquei muito ocupada trabalhando no Canadá. O campo fervilhava com o tipo de atividade frenética jamais testemunhada em todos os quatro anos de sua existência. Em março daquele ano, a Alemanha tinha firmado um acordo com a Hungria e tomado o controle do país: os nazistas finalmente conseguiam colocar suas mãos na última grande população de judeus da Europa, população que até aquele momento havia permanecido fora de seu controle. A chegada e imediata intoxicação por gases de meio milhão de judeus húngaros colocou a máquina de assassinatos de Auschwitz-Birkenau em superatividade. Rudolf

Höss retornou de Berlim para comandar pessoalmente a operação. Ordenou imediatamente a construção de uma linha de trem diretamente para o meio do campo e reformou os crematórios para que eles pudessem operar em capacidade total. Ele até mesmo deu uma nova camada de tinta às paredes das câmaras de gás. Höss sabia, com base em suas experiências anteriores, que o principal problema logístico não era matar as pessoas, mas sim eliminar os corpos, então providenciou várias novas valas, cavadas atrás dos crematórios, nas quais os cadáveres poderiam ser queimados a céu aberto.

O primeiro veículo repleto de judeus húngaros chegou em 14 de maio, poucos dias antes de nós. Eles foram logo seguidos por trens e mais trens carregados de pessoas, e a vasta maioria delas foi enviada diretamente para a morte. É claro que nem todos podiam ser assassinados imediatamente, nem mesmo com as câmaras de gás trabalhando além de sua capacidade máxima. Então enormes grupos recebiam ordens para se sentarem sob as árvores e na grama atrás das câmaras até chegar sua vez. É excruciante ver fotos daquelas pessoas, sentadas com seus pais ou brincando com as crianças, quase como se estivessem fazendo um piquenique – ainda sem saberem o destino que as aguardava.

Várias dessas pessoas trouxeram muitos de seus pertences consigo, e as pilhas formadas por suas posses se tornavam cada vez maiores, estendendo-se além dos trinta armazéns, até cobrirem grande parte do chão ao redor. Trabalhar no Canadá nunca tinha sido tão exaustivo, e em um intervalo para o almoço me agachei do lado de fora, sob o sol, para descansar e comer. Um grupo de homens prisioneiros passava do outro lado da cerca de arame eletrificada, e reconheci um deles.

– Pappy! – gritei e corri até ele.

Meu pai parecia mais magro em seu uniforme da prisão e boina, mas definitivamente era meu pai.

– Evi!

Pappy veio até a cerca, e permanecemos olhando um para o outro, o mais próximos possível. Eu poderia ter estendido a mão e o tocado, mas a cerca elétrica tornava esse movimento perigoso demais.

Ele perguntou onde Mutti estava, e eu lhe contei que ela também estava trabalhando no Canadá.

– E quanto a Heinz? – perguntei.

Ele respondeu que Heinz estava bem, trabalhando na fazenda, tomando ar fresco e se exercitando.

– Ouça, Eva – ele sussurrou. – Estou trabalhando no escritório dos cortadores de madeira e tenho um trabalho de responsabilidade. Acho que posso tentar vir aqui amanhã no mesmo horário. Você consegue trazer Mutti até aqui também?

Mutti obviamente se sentiu feliz e aliviada ao ouvir que Pappy e Heinz estavam bem, e nós duas conseguimos estar perto da cerca no dia seguinte. Como prometido, Pappy apareceu, e eu observei enquanto meus pais trocavam algumas poucas palavras.

– Fritzi – ele falou. – O que aconteceu com seu cabelo?

Minha mãe correu a mão por sua cabeça raspada e sorriu envergonhada.

– Não se preocupe, Erich. Vai crescer outra vez.

Todavia, meu pai parecia inconsolável, como se aquela imagem o tivesse lembrado da realidade da situação.

– Ah, Fritzi – ele falou. – O que será de nós?

Logo Pappy precisou ir embora, mas prometeu retornar, e perguntou se eu poderia trazer para ele alguns cigarros do Canadá, para que ele pudesse trocar por alguns favores do seu lado da cerca. De vez em quando os guardas me viam jogar um maço para ele, mas isso nunca me trouxe problemas.

Então, um dia Pappy deixou de aparecer. Continuei esperando-o diariamente no horário do almoço, mas ele nunca mais voltou. Fiquei transtornada de preocupação. Disse a mim mesma que ele havia sido transferido para outro trabalho do qual não conseguia sair tão facilmente, mas eu não conseguia

afastar o pensamento aterrorizante de que ele tinha parado de aparecer porque estava morto.

De todo modo, as atividades no Canadá já tinham se tornado menos intensas, o que significava que Mutti e eu acabaríamos sendo transferidas para novas posições. Em apenas dois meses, mais judeus – a grande maioria húngaros – haviam sido mortos em Birkenau do que nos dois anos anteriores. Uma média de 3.300 pessoas eram transportadas todos os dias, e o número chegava a atingir 4.300 em alguns dias – e três quartos dessas pessoas eram enviados diretamente para as câmaras de gás. As chamas dos crematórios haviam queimado fortemente, durante toda a noite, noite após noite, mas agora todos estavam mortos. E nós havíamos separado os pertences que eles tinham sido forçados a deixar para trás.

Fomos transferidas para outras unidades de trabalho, primeiro carregando pesadas pedras de um lado para o outro do campo e quebrando-as em pequenos pedaços, e depois trabalhando em galpões onde eu tinha de trançar pedaços de borracha, formando cordas usadas para lançar granadas de mão.

O trabalho nos galpões se provou o pior e mais sombrio momento da minha vida por um simples motivo: eu estava lá sozinha. No outono, Mutti havia sido "selecionada".

Eu tinha percebido que minha mãe vinha emagrecendo e que o trabalho pesado estava sobrecarregando-a, mas não tinha me dado conta de quão precária sua situação estava se tornando.

Certo dia, fomos chamadas até os chuveiros – o que era sempre algo assustador porque tínhamos medo de sermos chamadas para as câmaras de gás. Dessa vez, tomamos banho normalmente, mas então as portas se abriram do outro lado e Mengele estava nos esperando do lado de fora. Molhadas e nuas, paramos diante dele para uma fria inspeção enquanto ele decidia o destino de cada uma de nós. Mengele nos analisou com olhos estreitos carregados de uma precisão clínica: esta aqui vive, esta aqui está "selecionada".

Comecei a tremer aliviada quando fui rapidamente colocada no grupo de sobreviventes. Mas dessa vez havia algo diferente: Mutti não estava atrás de mim. Dei meia-volta e quase não consegui acreditar em meus olhos ao ver que ela estava no grupo das mulheres “selecionadas”.

Soltei um grito terrível, e minha mãe imediatamente tentou se aproximar para me confortar, mas a Kapo bateu nas costas dela com um cinto de couro.

– Tente contar a Minni – sussurrou Mutti enquanto era empurrada porta afora.

E, enquanto eu a observava ser empurrada, ainda nua, acreditei ser a última vez que veria minha mãe.

Os meses que se seguiram foram sombrios e sem esperança. Eu consegui contar a Minni, correndo um grande risco tendo que fugir dos guardas e dos holofotes para chegar ao bloco onde ficava o hospital no meio da noite. Ela me prometeu que faria o possível, mas disse que não poderia garantir nada.

Sem Mutti, acreditando que Pappy também havia sido morto e sem ter ideia sobre se Heinz estava vivo ou morto, eu me vi em uma espiral de decadência. Nos galpões, acabei me encontrando sozinha pela primeira vez, e chorava até dormir. Durante o intervalo do dia, eu me arrastava pelo chão estéril para trabalhar, percebendo, com uma sensação de desespero, o inverno chegar. Que importância tinha a vida? Que diferença fazia se uma pessoa era boa ou ruim? Que tipo de consolo alguém poderia encontrar em “Deus”?

No trabalho, eu conversava muito pouco, ocupada com minha própria depressão e com o trançar infinito das cordas, trançando e trançando por catorze horas a cada vez – puxando com força o material com a ajuda de meus dentes e de meus dedos inchados, e rezando para que meu trabalho não fosse julgado como de qualidade baixa. Eu sabia que as pessoas que ficavam para trás eram rapidamente levadas para a câmara de gás. Logo meus pés desenvolveram ulcerações causadas pelo frio, e buracos na pele que estavam cheios de pus amarelo e

infectado, o que me fez passar a mancar. Eu estava perdendo a vontade de viver.

Então, certo dia, a Kapo me chamou e me disse para ir até o lado de fora. Eu a ignorei, já que qualquer desvio da rotina costumava ser para trazer más notícias.

– Vá para fora! – ela gritou. – Há alguém que quer vê-la.

Eu segui a ordem, esperando que aquilo não significasse que eu tinha atraído o olhar de outro oficial da SS. Mas, quando olhei, para minha surpresa, vi meu pai.

– Pappy! – gritei enquanto me jogava, aos prantos, em seus braços.

Ele parecia muito mais magro e muito mais velho do que a última vez em que eu o vira, mas seus braços me apertaram com força.

– Não desista! – ele me pediu. – Nós vamos conseguir. A guerra não vai durar muito mais tempo agora. Apenas aguente firme.

Em seguida, ele me perguntou:

– Onde está Mutti?

Eu gostaria de ter sido capaz de me conter, mas naquele momento estava explodindo com o alívio de poder compartilhar minha angústia.

– Ela foi selecionada – eu lhe contei. – Ah, Pappy… Ela foi para a câmara de gás.

Senti seus braços enrijecerem, e ele deu um passo para trás, olhando para mim com um horror imenso, com uma dor imensa. Pude perceber que meu pai estava tentando não chorar, mas seus olhos traíam seus sentimentos.

Ele me prometeu que tentaria voltar e que faria o possível para ir até a cozinha e conseguir um pouco mais de comida para mim. Assenti em meio às lágrimas, desesperada com alívio e gratidão por ele estar vivo, por Heinz ainda estar vivo, por eu não estar completamente sozinha.

Ele secou os olhos e me deu um beijo de adeus. Sequer conseguimos dizer uma palavra um ao outro.

Apesar de sua angústia por conta das notícias sobre o destino de Mutti, meu pai cumpriu sua promessa, como eu vim a descobrir naquela noite, no galpão da cozinha. Não sei como ele era capaz de conseguir favores daquele tipo. Pappy não estava sob proteção da SS, mas tinha uma boa posição dentro do campo – isso sem mencionar um enorme carisma.

– Ah, que homem seu pai é! – a garota polonesa na cozinha falou naquela noite, rindo e virando os olhos. Em seguida, ela me passou uma tigela com legumes aquecidos. Um luxo quase inimaginável.

Ele sempre teve um jeito especial com as mulheres, mesmo faminto e com uma roupa listrada de prisioneiro.

Meu pai conseguiu me fazer mais uma visita. Disse para eu continuar firme porque os Aliados estavam avançando pela Europa, e afirmou ter certeza de que em breve a guerra seria vencida.

Ainda posso ver seu rosto naquele dia, sincero, ansioso e cheio de amor por mim. E sinto amargamente por ele não ter conseguido vir me ver mais uma vez para que eu pudesse lhe contar a notícia que estava prestes a receber – a notícia de que Mutti estava viva. Ela estava no hospital. Minni tinha salvado sua vida.

Capítulo 13
Libertação

Mutti e eu passamos as semanas finais da guerra juntas em seu leito no hospital, sem fazer a menor ideia da neve que caía do lado de fora ou da chegada do Natal. Tínhamos perdido toda a noção de tempo, e nos devaneios da subnutrição, sonhávamos acordadas com o futuro, conversando sem parar sobre todos os tipos de alimentos que comeríamos quando estivéssemos livres. Eu ansiava por um frango assado, enquanto minha mãe me falava o quanto seria maravilhoso afundar os nossos dentes em panquecas recheadas com geleia e creme.

Desde a última vez em que a vi na "seleção", Mutti havia enfrentado o risco de ser morta diversas vezes. Primeiro, ela foi levada para as câmaras de gás e para o quartel da morte, onde as mulheres eram trancadas e ficavam à espera do seu último dia na Terra. Minha mãe me contou que presenciou cenas terríveis dentro desse alojamento; mulheres rezando e chorando, algumas perdiam o controle e arranhavam as portas, transtornadas. No entanto, Minni, fiel à sua palavra, fez uma intervenção pessoal a Josef Mengele, que a informou que veria o que poderia fazer. Minni não sabia se ele salvaria a minha mãe ou não, mas quando as portas do alojamento se abriram e as mulheres foram levadas, Mutti descobriu que ela não estava na lista – ela viveria.

Então, quando pensou que estava a salvo, Mutti foi selecionada novamente para preencher uma cota no último minuto. Outro guarda havia colocado o nome dela de volta na lista para completar o número. Ao aproximar-se do balcão de administração onde os guardas estavam conferindo os números dos prisioneiros, Mutti se manifestou e disse que acreditava que o número dela não deveria estar na lista. Os guardas

verificaram e ficaram furiosos ao descobrir que ela estava certa. Finalmente – e no último segundo –, Mutti estava a salvo de novo.

Enquanto ela apenas olhava, outras mulheres do seu grupo eram levadas, gritando diante das câmaras de gás – e depois, as chamas do crematório emergiam no céu, transportando seus restos mortais. Em determinado ponto, conforme Mutti me contou, ela chegou a se resignar à morte. Sua única súplica e oração era para que Heinz e eu sobrevivêssemos, que casássemos e que tivéssemos as nossas próprias famílias um dia.

Nesse meio tempo, eu havia passado pela minha própria jornada tortuosa para estar naquele hospital com ela, evitando ao máximo que eu mesma fosse selecionada. Agora concentrávamos todas as nossas esperanças em viver o restante da guerra sob os cuidados atentos de Minni.

Quando reencontrei Mutti, ela estava reduzida a uma pilha de trapos, deitada em um dos beliches do hospital, debaixo de um cobertor fino. Ela ainda era uma mulher jovem, prestes a completar quarenta anos, mas aparentava mais idade, e pude perceber que estava ao ponto de morrer de fome. Nossa separação havia trazido uma mudança crucial para o nosso relacionamento – agora eu compreendia que era a minha vez de cuidar da minha mãe. No inverno de 1944, as coisas haviam mudado em Auschwitz-Birkenau. A guerra havia se transformado decisivamente contra os alemães. Enquanto as forças britânicas, norte-americanas e canadenses estavam avançando por toda a França e pela Bélgica, os soviéticos seguiam em direção à Frente Oriental, aproximando-se a cada dia mais de Auschwitz.

Reichsfuhrer Heinrich Himmler, que havia supervisionado o extermínio dos judeus em nome da SS, tinha consciência da iminente derrota, e compreendeu que os responsáveis não seriam tratados com carinho quando a natureza de seus crimes fosse descoberta. Em outubro ele havia ordenado a extinção dos judeus, e em novembro decidiu que as câmaras de gás e os

crematórios de Auschwitz deveriam ser demolidos. A intenção era apagar todos os vestígios do que havia acontecido lá.

Certa noite houve uma enorme explosão, e uma bola de fogo gigantesca surgiu em meio à escuridão, enquanto alguns dos crematórios eram destruídos.

A disciplina e a ordem também estavam desaparecendo, embora muitas vezes isso substituísse os perigos familiares por outros novos, que não nos faziam sentir mais seguros. Ao mesmo tempo em que Himmler ordenava o fim das câmaras de gás, centenas de *Sonderkommandos* lideravam uma insurreição contra a SS. Eles lutaram contra os nazistas, matando vários guardas e fugindo para aldeias vizinhas. Os *Sonderkommandos* tinham percebido que eram testemunhas-chave das atrocidades que tinham acontecido, e que estavam prestes a serem transferidos do campo para serem assassinados. Por fim, a rebelião fracassou e eles foram capturados e executados, mas o motim conseguiu libertar, pelo menos, uma câmara de gás cheia de pessoas antes que elas fossem mortas.

Não tomei conhecimento da revolta dos *Sonderkommandos*, mas notei que agora tínhamos mais tempo para nós mesmas, já que aparentemente os guardas pareciam ocupar a mente com outras coisas. Notei também que as temidas chamadas pararam totalmente.

Ainda estávamos sujeitos aos caprichos da SS; no entanto, o medo de ser assassinado em um ataque súbito substituiu o de ser morto em uma câmara de gás. Tínhamos plena consciência de que nós também éramos testemunhas vivas – e que a SS estava aterrorizada com o que os soviéticos poderiam fazer com eles. Eles poderiam estar considerando matar todos nós em vez de deixar qualquer um vivo para contar toda a verdade.

No início de janeiro, esses medos pareciam muito reais. Os guardas da SS começaram a derrubar as cercas elétricas, as torres de vigilância e alguns dos alojamentos. Alguns documentos e toda a papelada meticulosamente conservada da Solução Final foram queimados. Os corpos que estavam

enterrados atrás das câmaras de gás foram exumados e queimados em valas abertas.

O exército soviético estava obtendo um enorme progresso. Em 12 de janeiro eles venceram as defesas alemães em Baranow e se dirigiram à Cracóvia. Em 16 de janeiro, a União Soviética arremeteu seus aviões e bombardeou o depósito de alimentos de Birkenau. O avanço soviético e os ataques aéreos criaram pânico entre os alemães.

Certa manhã, vários guardas da SS apareceram na porta do hospital, gritando:

– Todo mundo que puder andar, venha para o lado de fora!

Mutti estava tão fraca que há semanas mal conseguia sair do seu leito, mas, seguindo a orientação de Minni, juntamos os nossos cobertores e saímos mancando até a porta.

O campo estava horripilante, mas ao mesmo tempo impressionante. O céu estava azul e um cobertor espesso de neve cobria o chão. Ficamos paradas por várias horas, batendo os dentes e com os corpos congelados. Nada aconteceu, exceto uma rajada de tiros a distância das forças da URSS avançando. Quando a sirene de ataque aéreo começou a soar, os guardas reapareceram e começaram a gritar ordenando que voltássemos para dentro do hospital. Ao anoitecer, eles voltaram e fizeram-nos marchar em direção à neve novamente, mas outro alarme de ataque aéreo soou, deixando-os aparentemente mais nervosos, e mais uma vez fomos autorizados a voltar para as nossas beliches do hospital.

Naquele dia, o frio causou um efeito terrível nas mulheres que estavam no hospital. A temperatura abaixo de zero havia as enfraquecido fatalmente, e muitas delas morreram durante a noite. De manhã, vi Minni triste e abatida, à medida que carregava os corpos dessas pessoas.

Minni veio em direção à Mutti, passou a mão sobre a cabeça dela e disse:

– Aguente firme.

Esse novo procedimento de fazer os prisioneiros marcharem para o frio do lado de fora continuou por muitos

dias, mas notei que muitas mulheres permaneciam em seus leitos diante da ordem. Por fim, disse a Mutti:

– Vamos ficar aqui, e espero que ninguém nos perceba.

Foi uma decisão desastrosa. Nós dormimos a noite toda e na manhã de 19 de janeiro eu acordei com a mais curiosa sensação – silêncio total. Abri os olhos e olhei ao redor do alojamento, mas parecia quase vazio, e não havia nenhuma daquelas atividades matinais corriqueiras. Arrastei-me para fora da cama e fui para o lado de fora para observar. Não havia ninguém à vista.

Alguns meses atrás, Birkenau havia sido o lar de dezenas de milhares de prisioneiros, mas agora não havia guardas da SS, nem cães, nem soldados nas torres de vigilância e nem médicos no hospital – tampouco Minni.

Durante a noite, os alemães tinham desligado a central telefônica, deixado pilhas de documentos queimando e levado milhares de mulheres de Birkenau (e homens de Auschwitz I) para fora do acampamento até as colunas lamacentas, de volta ao coração do Terceiro Reich. Ao contrário do que aconteceu com outros campos, que foram simplesmente abandonados, Hitler havia ordenado que nenhum homem ou mulher apto ou apta para o trabalho fosse deixado em Auschwitz. Aparentemente, havia apenas um pequeno grupo de prisioneiros que, assim como nós, estava com a saúde extremamente fragilizada.

Éramos apenas pele e osso, mas imediatamente começamos a nos organizar para sobrevivermos até que os soviéticos nos encontrassem. Foi uma sensação verdadeiramente libertadora saber que os alemães haviam se retirado – como eu tinha desejado aquele dia –, mas sabíamos que ainda havia grandes obstáculos à nossa frente. Preocupei-me com a hipótese de que ninguém nos encontrasse depois de tudo, e que morrêssemos de fome à espera da morte. Pior ainda, fiquei consternada ao imaginar que os alemães poderiam voltar e retomar o campo, condenando-nos à morte depois de estarmos tão perto da liberdade…

Antes que pudesse refletir mais sobre essas hipóteses, eu tinha de encontrar força e determinação para realizar as tarefas do dia a dia necessárias para nos manter vivas.

Algumas dessas tarefas eram abomináveis. Naquela primeira manhã sem a presença dos alemães, Olga, uma prisioneira polonesa, disse que eu teria que ajudá-la a carregar os corpos das pessoas que tinham morrido durante a noite. Recuei diante do próprio pensamento – eu nunca tinha tocado um corpo morto e, embora a morte estivesse o tempo todo ao nosso redor em Birkenau, eu tinha encontrado uma maneira de me proteger dessa realidade. Porém, eu era uma das poucas mulheres que restavam ali que tinham força suficiente para executar essa tarefa, e compreendi por que ela me pediu para fazer aquilo.

Carregar o cadáver das mulheres que eu tinha conhecido – e conhecia bem – foi a pior coisa que já tive de fazer. Pude sentir, enquanto as segurava, que elas tinham morrido aos poucos, ficando a cada dia mais fracas, e quando olhava para os seus olhos abertos e fixos, e para suas bocas escancaradas, sabia que elas tinham aguentado por muito tempo – e com muita esperança – quase até o final. Vi mais pessoas morrerem nesses poucos dias do que no resto do tempo que havia passado em Birkenau.

Outros deveres eram menos terríveis, mas ainda assim, exaustivos. Na primeira manhã sem os alemães encontramos um armazém cheio de comida e nos empanturramos com as fatias de pão preto que restavam nas prateleiras. No dia seguinte, subi por um buraco na cerca elétrica e encontrei um alojamento cheio de agasalhos, edredons e com mais comida do que eu poderia ter imaginado nos meus melhores sonhos. Havia queijo e compotas, farinha e batatas. Sentamos no chão e comemos, comemos, enchendo a boca com o máximo de comida que podíamos.

Peguei dois kits com colcha e edredom e encontrei algumas botas de montaria para mim – os primeiros sapatos apropriados depois de anos. Pensei que eram maravilhosos, e

só depois percebi que eles não formavam um par. Também encontrei algumas roupas para Mutti, e ela colocou um vestido azul escuro que era muito pequeno para ela, meias de lã cinzas, e botas com cadarços que cobriam até o tornozelo. Com a cabeça raspada, Mutti estava com a aparência horrível.

Cada uma de nós cobriu o corpo com uma colcha. Creio que parecíamos duas estranhas, carecas, enroladas numa colcha andando por toda aquela área sombria à procura de mais comida que tivesse sido deixada ali.

Conseguir água também era um grande problema. Poucas horas depois de os alemães terem abandonado o campo, em 19 de janeiro, aviões russos bombardearam o complexo industrial IG Farben, que utilizava o trabalho escravo de Auschwitz e de Monowitz para produzir produtos químicos, incluindo o Zyklon B. O bombardeio tinha interrompido o fornecimento de energia e de água do campo e dos arredores, nos deixando sem luz e sem água potável. Primeiro, derretemos a neve, mas depois fui com algumas das mulheres mais fortes cortar o gelo que cobria o lago congelado da entrada – e tive de voltar cambaleando com baldes pesados até o alojamento.

Foi maravilhoso sobreviver nos primeiros dias, mas havia muito mais problemas. Viver no quartel fazia com que nos sentíssemos vulneráveis; os beliches eram tão duros e frios – como sempre tinham sido – e havia a possibilidade real de os alemães voltarem.

Em 25 de janeiro, uma inesperada divisão de tropas da SD (organização de diligência da SS) de fato retornou ao campo de Auschwitz I, com ordens expressas de matar todos os prisioneiros que restavam. Logo que eles tiraram todas as vítimas doentes e frágeis de seus leitos e fizeram-nas ficar em pé, em fila, para serem mortas, outro ataque aéreo da união soviética ocorreu. “Voltem para o alojamento!”, gritou um dos oficiais, e os soldados desapareceram tão repentinamente quanto haviam chegado.

No dia seguinte a SS voltou a Birkenau, chegando em carros blindados durante as primeiras horas da manhã. Eles

atearam fogo ao Crematório V e, em seguida, partiram para demolir pontes nas proximidades. No alto, aviões alemães e russos entravam em combate.

Ao amanhecer do dia seguinte, já estávamos em uma longa discussão sobre o que fazer e para onde ir. A conversa se estendeu por horas e horas.

De repente, a porta do quartel se abriu e uma mulher gritou:

– Tem um urso na porta! Um urso!

Aquilo parecia improvável, mas em Birkenau tudo era possível. Tensos, seguimos em direção à entrada e avistamos algo bastante peculiar. De fato, era um "urso": um homem alto, todo coberto com pele de urso, olhando para nós com a mesma expressão de espanto.

Talvez eu devesse ter sido mais cautelosa, mas tudo o que pude sentir naquele momento foi uma alegria contida. Corri para os braços daquele homem e o abracei. Era 27 de janeiro de 1945, e as forças soviéticas haviam chegado para nos libertar.

Desde o final da guerra, muitas histórias sobre o papel e sobre os atos das Forças Aliadas surgiram. Algumas delas defendem a ideia de que um lado era "mal" e o outro "bom", e talvez com razão. Documentos mostraram que os britânicos e os norte-americanos tinham total consciência do extermínio de judeus em Auschwitz já em 1943 – e rejeitaram uma petição para bombardear as câmaras de gás no verão de 1944. Um funcionário do ministério britânico de Relações Exteriores escreveu que o bombardeio a Auschwitz poderia levar a uma "inundação de refugiados" que, em busca de uma pátria independente, se deslocaria para a Palestina, até então um protetorado britânico. Talvez o bombardeio a Auschwitz tivesse feito pouca diferença, pois a maioria de suas vítimas já estava morta naquele momento. Talvez, quem sabe, mais pessoas pudessem ter sido mortas no ataque. O que se sabe com certeza é que ganhar a guerra e manter uma política forte

de anti-imigração foram as prioridades dos Aliados – não a iniciativa de ajudar os judeus.

Muitas coisas têm sido escritas sobre o papel dos soldados russos e sobre sua campanha de estupro da qual mulheres alemãs foram vítimas. Eu gostaria de poder dizer que lamento do fundo do meu coração por essas mulheres, mas, em vista do que a minha família suportou nas mãos do regime nazista, não posso. Você terá de compreender que não posso ser objetiva em relação a esse assunto – o meu próprio sofrimento e a minha perda serão sempre uma ferida enorme e muito profunda. No entanto, racionalmente, acredito que os direitos humanos se aplicam a todos, e que qualquer atrocidade cometida contra qualquer pessoa é algo errado.

A minha experiência com os soldados soviéticos foi de vê-los como meus libertadores, meus amigos. Esses primeiros soldados eram do 60º Exército da 1ª Frente Ucraniana, sob o comando do General Pawel Kuroczkin. Ao longo dos dias seguintes, grupos de soldados menores e maiores estabeleceram base no campo. Eles prepararam comidas saudáveis para nós, conversaram conosco e permitiram que nos aquecêssemos ao redor das fogueiras que acenderam.

Mutti ainda acreditava que era mais seguro sair do quartel, então montamos uma casa temporária na guarita abandonada com Olga e Yvette, uma francesa. A guarita era pequena e aconchegante, e dormimos em camas apropriadas pela primeira vez desde a nossa chegada a Auschwitz.

Lá esperamos, tensas, que a guerra terminasse, ou algum sinal de que os alemães tivessem se retirado para sempre. Estávamos perigosamente perto da linha de frente, e as tropas soviéticas avançavam e recuavam durante o combate. Exatamente 231 pessoas foram mortas durante as batalhas que levaram à liberação do campo e à retirada dos alemães.

Tensão, insegurança e incerteza eram evidentes. Certo dia, Mutti saiu para buscar água e foi abordada por um soldado da SS que gritou de dentro de um caminhão, pedindo que ela parasse. Observei, horrorizada, da janela da guarita quando

ordenaram que ela caminhasse pela estrada com outras mulheres do campo. Yvette e Olga tentaram me confortar à medida que fiquei aturdida: como eu poderia perder Mutti logo agora? Naquela mesma noite, ela retornou.

Mutti explicou que ela tinha visto os alemães atirando em outras mulheres e compreendeu que a única maneira de sobreviver seria deitando-se na neve e fingindo estar morta. Ela fez de conta que suas pernas estavam bambas, tossiu e simulou um desmaio, levantando-se somente várias horas depois. Ela voltou para a guarita por uma estrada repleta de cadáveres ensanguentados.

Foram dias instáveis e desesperadores. O fato de estarmos tão próximas da liberdade fazia com que a morte parecesse ainda mais cruel. É difícil aceitar que muitas mulheres acabaram não morrendo nas mãos dos nazistas, mas ao se alimentarem com a comida quente oferecida pelos nossos libertadores. Depois de passarem fome por tanto tempo, seus corpos simplesmente não conseguiram se adaptar à mudança brusca de dieta.

Vi a mim mesma cometendo atos extraordinários para sobreviver. Um dia, estávamos do lado de fora recebendo comida quando nos deparamos com um cavalo morto do exército soviético que tinha acabado de ser baleado.

– Vamos – Olga sussurrou, me conduzindo até o cadáver do animal, que estava caído, exalando a fumaça do frio em meio à neve.

Ela pegou uma faca e começou a cortar a barriga do cavalo.

– Veja isso! – ela insistiu. Olhei, mas sem querer ver. Dentro do animal havia um potro em formação avançada. Fiquei enjoada logo que vi aquilo e desviei o olhar, mas Olga disse:

– Isso vai ser bom para o nosso ensopado!

Comer um potro que nem tinha vindo ao mundo pareceu algo terrível para mim, então estremeci e fechei os meus olhos diante daquele pensamento. Porém, eu também era uma

pessoa faminta, e o desejo de comer carne era forte e primitivo. Não comi o potro, mas naquela noite nos reunimos ao redor da fogueira e comemos a carne do cavalo.

À medida que recuperávamos a nossa força, dia após dia, começamos a pensar sobre o futuro e a fazer alguns planos. Mutti e eu conversávamos constantemente a respeito do que teria acontecido a Pappy e Heinz, e desejávamos desesperadamente ir até o campo dos homens, em Auschwitz I, para tentar encontrá-los. Olga voltou para a casa dela na Polônia, mas Yvette continuou vivendo conosco na guarita e também queria ir até o acampamento dos homens. Além de procurar por Pappy e Heinz, sabíamos que lá havia um contingente maior de tropas soviéticas e esperávamos que aquele lugar pudesse nos oferecer mais segurança.

Decidi que era mais seguro e mais fácil fazer a primeira viagem sem Mutti. Yvette e eu partimos para Auschwitz I, em uma caminhada longa e exaustiva debaixo da neve. Por fim, avistamos um conjunto de prédios de alvenaria de três andares, e filas de caminhões soviéticos na beira da estrada. Assim que chegamos à entrada, Yvette começou a conversar com os soldados, mas eu continuei andando.

Passei embaixo da placa de metal, feita por um prisioneiro por ordem dos nazistas, que continha a famosa frase *Arbeit Macht Frei* (“O trabalho liberta”). Lembro-me de ter pensado que aquela era uma representação muito pequena e insignificante da ideologia mais maléfica que o mundo já havia conhecido.

Eu nunca tinha estado no campo de Auschwitz I antes, e suas ruas repletas de edifícios sombrios eram diferentes da área aberta e extensa de Birkenau. Mas eu estava determinada a encontrar Pappy e Heinz, então me aproximei do primeiro alojamento que encontrei. As pessoas ficaram encantadas ao me ver, e me encheram de perguntas sobre suas esposas e filhas desaparecidas. Eu não tinha nenhuma informação que fosse útil a eles, e eles também não tinham nenhuma informação útil para me passar. Caminhei pelo espaço, fazendo

perguntas a toda e qualquer pessoa que encontrava, entrando em todos os alojamentos. Finalmente encontrei alguém que conhecia Pappy e Heinz. Ele me contou que meu pai e meu irmão tinham saído alguns dias antes, forçados pelas tropas alemãs.

Fiquei com o coração partido – eu tinha tanta esperança e acreditava que poderia encontrá-los. Mas pelo menos eles estavam vivos; tinham, de alguma forma, conseguido escapar da câmara de gás. Nós quatro estávamos vivos, contra todas as probabilidades, e isso encheu meu coração de esperança. Eu acreditava que eles eram fortes e que conseguiriam superar tudo aquilo.

Reconheci um homem. Ele estava magro e abatido, com o olhar vazio, enrolado em um cobertor. Ele se levantou da cama enquanto eu me aproximava.

– Acho que conheço o senhor. Sou Eva, a menina que brincava com Anne em Merwedeplein.

O homem era Otto Frank. Ele se lembrou de mim e balançou a cabeça.

– Você sabe onde estão Anne e Margot? – perguntou-me em um tom tão desesperado como o que eu estava perguntando sobre Pappy e Heinz. Tive de explicar que não encontrei ninguém que conheci em Amsterdã no campo.

Já era fim de tarde e estava na hora de começar a caminhada de volta para a guarita, mas, quando encontrei Yvette, ela se recusou a voltar comigo. Agora que havia chegado ao campo principal e tinha encontrado os homens novamente, não havia a menor possibilidade de ela retornar para Birkenau. Implorei para que viesse comigo – era um caminho longo, e ainda se podia ouvir o barulho das batalhas perto, mas ela disse não.

Tentando reunir um pouco de coragem, parti, meus pés me levando pela estrada escura enquanto eu imaginava as balas zunindo sobre a minha cabeça. Quando finalmente cheguei, e Mutti abriu a porta ansiosamente, caí de cansaço e de alívio. Nós duas concordamos que seria melhor mudar para

Auschwitz I e, no dia seguinte, juntamos tudo o que tínhamos enquanto contava a ela sobre o encontro com Otto Frank.

Na verdade, enquanto dávamos os primeiros passos rumo à nossa nova vida, não me dei conta de que encontraria pouquíssimas pessoas que havia conhecido – e que as que eu reencontraria seriam pessoas atormentadas, transformadas por tudo o que haviam passado.

Mutti e eu deixaríamos Auschwitz em breve, mas a maioria dos meus amigos não teve tanta sorte assim.

Susanne Lederman, a menina que eu tanto admirava, foi transportada de Westerbork para Auschwitz em 16 de novembro de 1943 e morta na câmara de gás no dia em que chegou, 19 de novembro.

Herman de Levie, o garoto que me deu flores e quis ser o meu primeiro namorado, foi transportado para Theresienstadt em 4 de setembro de 1944 e morreu em 15 de dezembro.

Minha melhor amiga, Janny Koord, foi transportada para Auschwitz com seu irmão Rudi e seus pais em 7 de setembro de 1943. Janny foi morta na câmara de gás em 10 de setembro, enquanto seu irmão foi enviado para trabalhar nas minas de carvão, onde morreu em 31 de dezembro.

Anne e Margot Frank foram deportadas com seus pais, Edith e Otto, em um domingo – 3 de setembro de 1944, no último transporte para Auschwitz que partiu de Westerbork. Em outubro de 1944, Anne e Margot foram enviadas a outro campo, Bergen-Belsen, na Alemanha. Edith ficou em Birkenau e morreu dez dias antes da libertação, em janeiro de 1945. Nas condições terríveis de Bergen-Belsen, as duas garotas ficaram muito doentes e, em março de 1945 – pouco antes da chegada dos Aliados –, também morreram.[1]

Mais de um milhão de judeus foram assassinados em Auschwitz-Birkenau, e apenas 6 mil ainda estavam vivos no momento da libertação. Embora os alemães tivessem imediatamente enviado o maior número possível de itens saqueados de volta para Berlim, posteriormente queimando todos os armazéns no Canadá, as tropas russas encontraram

mais de um milhão de peças de roupa no local, bem como 43.255 pares de sapatos e mais de 15 mil quilos de cabelos de mulheres. Algum tempo depois, testes feitos nessas amostras de cabelos – inclusive nas que foram reutilizadas por empresas alemãs – mostraram que havia sinais de ácido cianídrico, um dos ingredientes do gás Zykon B.

Mutti e eu tínhamos sobrevivido por sorte, força de vontade e também graças à proteção de Minni. Tínhamos superado o que eu acredito ser a ideologia mais maléfica e assassina de limpeza étnica em toda a história. Os nazistas tinham perseguido a nossa família por toda a Europa, impulsionados por uma obsessão ensandecida e determinados a não parar até que o último judeu estivesse morto. Eu estava viva, mas teria que reaprender a viver e a encontrar o meu lugar em um mundo que muitas vezes não queria saber dos horrores que eu tinha presenciado.

Contudo, em janeiro de 1945, nada disso passava pela minha cabeça. Fiquei estupefata pela alegria de estar viva, pelo alívio de não estar com fome e pelo prazer de vestir roupas quentes. Meus pensamentos continuaram os mesmos, concentrados em voltar para minha casa em Amsterdã – e reencontrar Pappy e Heinz.

---

[1] Auschwitz foi libertado em janeiro de 1945, enquanto os prisioneiros de Bergen-Belsen tiveram que esperar até 15 de abril de 1945 pela chegada dos ingleses. (N.E.)

Capítulo 14
O caminho de volta

– O que será que Pappy e Heinz estão fazendo agora? – perguntei a Mutti.

– Talvez estejam comendo algum ensopado e falando sobre nós – ela respondeu.

Gostávamos de imaginar os dois, em algum lugar lá fora – não sabíamos exatamente onde –, pensando em nós e no nosso futuro.

Em janeiro de 1945 estávamos em uma espécie de limbo: a prisão havia acabado, mas a guerra ainda não. Os principais generais nazistas entenderam que os ataques devastadores dos Aliados à infraestrutura e aos armazéns de suprimentos os tinham derrotado, e que a rendição era inevitável, enquanto os civis alemães, exaustos, arrastavam-se diante da constante piora das condições de vida. A capitulação parecia ser a única solução, mas Hitler se recusou a consenti-la. Ele jurou nunca se render e exigiu que os combates continuassem ao longo da primavera de 1945, sacrificando a vida de centenas de milhares de soldados e reduzindo a Europa a um amontoado de escombros.

Mutti e eu ainda vivíamos à margem do perigo e da incerteza. Depois que saímos da guarita em Birkenau, encontramos uma sala vazia em um dos alojamentos masculinos em Auschwitz e ficamos por lá. Havia certa normalidade em dormir em camas de verdade, mesmo que fossem beliches, e podíamos fechar a porta e ter um pouco de privacidade e tempo para nós mesmas.

Comíamos batata cozida e sopa de repolho servidas pelos soldados, e ainda fizemos amizade com outros presos. Mesmo assim, não tínhamos ideia do que o futuro nos reservava. Assistimos às atividades no campo e às idas e vindas dos

soldados soviéticos com grande apreensão. Nossas vidas estavam literalmente nas mãos deles.

Três semanas depois de nossa chegada, ficamos acordadas uma noite inteira ouvindo o estrondo da artilharia e as rajadas de tiros. Em algum lugar muito perto, estava acontecendo uma grande batalha.

– Você acha que os alemães estão avançando de novo? – perguntei tensa à minha mãe.

– Não sei, Evi – ela respondeu –, mas tenho certeza de que os russos vão cuidar de nós.

Na manhã seguinte, um afoito soldado ucraniano apareceu para nos dizer que os alemães estavam lutando contra eles em um lugar próximo, e que seria mais seguro se todos os sobreviventes do campo ficassem atrás das linhas soviéticas. Nada era mais aterrorizante do que a ideia de ser capturada e, certamente, assassinada pelos nazistas, então imediatamente concordamos em sair.

Em uma manhã fria de fevereiro, pegamos nossos dois edredons e uma bolsa pequena de pano que Mutti tinha costurado para guardar os nossos pertences, e começamos a caminhar em direção à estação. Caminhões do exército soviético passavam levando outros prisioneiros de Auschwitz-Birkenau pelos trilhos da ferrovia. Atrás de nós, um dos piores cenários de crimes do mundo desaparecia em meio ao nevoeiro polonês.

Agora estávamos começando outra viagem – e eu esperava que esta finalmente nos levasse de volta para a nossa casa, para a nossa família.

Na estação de Auschwitz, vimos o trem à nossa espera, com uma fila longa de vagões de gado, como o trem que havia nos trazido. Contudo, dessa vez os vagões permaneceram abertos, e houve constantes paradas para nos alimentarmos e irmos ao banheiro. Mutti e eu deitamos no chão com nossos edredons, e nos aquecemos em torno de um fogão pequeno que estava aceso no meio do vagão.

Não sabíamos qual era o nosso destino, mas descobrimos que estávamos a caminho de Katowice, onde esperaríamos pela decisão dos soviéticos sobre o que fazer conosco. Apesar de sermos imensamente gratas aos russos por terem nos salvado dos nazistas, nossas vidas ainda estavam sob o poder de forças desconhecidas e, ao que tudo indicava, sabíamos muito pouco sobre qual seria o nosso destino.

Atualmente é possível viajar de Auschwitz para Katowice em algumas horas, mas o nosso percurso dentro daquele trem de carga russo foi feito de maneira dolorosamente lenta. A Polônia havia sido destruída pelos combates e perdido um quinto de suas estradas e mais de 15 mil quilômetros de suas ferrovias. Além disso, nossa viagem era frequentemente interrompida, quando parávamos em um trilho lateral para dar passagem aos trens das tropas russas que seguiam a caminho da linha de frente da batalha.

A paisagem rural por onde passamos parecia improdutiva e árida; mais de quatro anos de ocupação alemã foram suficientes para destruir comunidades inteiras. Cerca de 3 milhões de poloneses haviam sido mortos e quase não havia mais judeus poloneses.

Quando parávamos em estações pequenas para esticar as pernas, víamos os destroços dos bombardeios que queimaram todas as aldeias. Grande parte da Europa tinha essa mesma aparência. Cidades inteiras haviam sido reduzidas a pilhas de escombros, a população vivia debaixo de casas destruídas, muitas vezes em buracos no chão. Depois de mais algum tempo viajando, parávamos novamente em uma região devastada e observávamos esses buracos e crateras enormes no chão – havia também senhoras vendendo ovos e batatas em troca de qualquer coisa que poderíamos oferecer. Parecia uma terra com apenas senhoras idosas e crianças.

Enquanto passávamos vagarosamente pela paisagem polonesa, caí em uma espécie de transe, um estado entre o sonho e a realidade; dormia, comia e não sentia nada além da realidade do fortalecimento físico de estar viva. Às vezes,

Mutti e eu conversávamos com pessoas ao redor da chama do fogão, mas eu, mais do ninguém, estava perdida em meus próprios pensamentos e memórias. Quando parávamos e descíamos para fazer uma pausa ao lado dos trilhos, tínhamos conversas ainda mais animadas com os soldados soviéticos. Os que eram judeus apertavam as nossas mãos com entusiasmo, e criamos uma afinidade profunda com eles. Outros, assombrados pela guerra, mostravam-nos fotos de suas famílias e perguntavam se tínhamos visto seus entes queridos em algum lugar no campo. Independentemente da religião ou do passado de cada um, todos pareciam defensores fervorosos de Stalin, e o sofrimento profundo pelo qual passaram nas mãos dos nazistas os deixaram com um enorme desejo de vingança contra o povo alemão.

Também conversávamos com pessoas de outros vagões durante essas paradas, e homens e mulheres mais jovens começaram a formar pares ao longo do caminho. Com frequência, quando eu caía no sono, ouvia pessoas fazendo sexo no escuro.

Em 5 de março, três semanas depois que saímos de Auschwitz, chegamos ao nosso primeiro destino. As tropas nazistas tinham aniquilado anos de cultura e patrimônio, reduzindo-os à poeira, destruindo completamente cidades como Warsaw. No entanto, descobrimos que, apesar da atmosfera deprimente, Katowice estava relativamente intacta. O tempo ainda estava muito frio, mas as árvores começavam a brotar. Fomos alojados em quartéis na orla da cidade, onde tínhamos colchões de palha para dormir, e eu tomei meu primeiro banho de verdade em mais de dois anos.

– Mutti, isto é maravilhoso! – gritei eufórica enquanto a água quente caía sobre o meu corpo. – Sinto que sou uma pessoa de novo!

Naquele momento eu já estava bem o suficiente para torcer o nariz para o pão de milho amarelo que os soviéticos nos entregaram.

– Coma! – minha mãe ordenou, mas torci o nariz.

– Não, eu não gosto de pão de milho!

Durante o dia, caminhávamos por Katowice, desfrutando do passeio pelas ruas da cidade e aproveitando para olhar as vitrines, mesmo que elas estivessem quase vazias. Conforme os dias passavam, ficávamos cada vez mais ansiosas para saber qual seria o nosso próximo destino. Ouvimos falar que os alemães estavam lutando fortemente contra a Polônia, e havia boatos de que eles poderiam até mesmo invadir Katowice novamente. Segundo os rumores, os soviéticos poderiam nos levar para outro destino desconhecido.

Em 31 de março, seguimos em direção ao leste. Na primeira parada para descanso, desci do trem para esticar as minhas pernas e vi um conhecido sozinho, parado ao lado do trilho do trem. Era Otto Frank. Mutti e eu tínhamos encontrado uma amiga em comum, Rootje De Winter, e ela nos contou que Otto estava no mesmo trem. Ela também nos contou que Edith Frank tinha morrido em Auschwitz, e que havia sido ela quem teve de dar essa notícia devastadora a Otto.

– Que terrível! – lamentou Mutti. – Pobre homem. Gostaria de poder falar com ele e dizer o quanto lamentamos.

Agora, Mutti tinha sua oportunidade. Eu a ajudei a descer do vagão e, devagar, caminhamos em direção a Otto. Eu os apresentei novamente um ao outro.

– Sr. Frank, esta é minha mãe.

Mutti disse:

– Sim, fui ao seu apartamento perguntar se Anne gostaria de fazer aulas particulares com Eva. Lamento muito pela notícia terrível.

Otto assentiu, mas parecia cansado demais e triste demais para qualquer conversa. Depois disso, subimos no trem novamente e seguimos viagem.

No momento estávamos cruzando uma zona rural montanhosa repleta de pequenas casas de madeira. Nas aldeias onde as batalhas tinham sido intensas, as pessoas estavam reerguendo suas casas com palha, mas em outros

lugares vimos até mesmo porcos e galinhas, que para nós simbolizavam vida em meio a toda aquela desolação.

Eu esperava que nosso sofrimento tivesse terminado, mas havia mais por vir. No terceiro dia da nossa nova jornada, paramos na cidade de Lemberg (agora conhecida como Lviv), e Mutti desceu do trem para tomar um ar.

Após alguns minutos, o trem começou a se mover de novo, mas Mutti ainda estava esticando as pernas ao lado dos trilhos.

– Mutti! Mutti! – gritei, estendendo a minha mão enquanto ela corria pela lateral dos trilhos. Ela ainda estava muito fraca, e não conseguia me alcançar para que eu pudesse puxá-la para dentro do trem. Outras pessoas no nosso vagão também estenderam a mão para pegá-la, mas ela não conseguia nos alcançar.

– Pare! – gritei enquanto o trem partia – Esperem a minha mãe!

Os soldados não se deram conta de que Mutti estava parada ao lado da pista, indefesa, observando-nos desaparecer.

– Ela vai nos encontrar, vai dar tudo certo – os outros tentaram me consolar.

– Como ela poderá nos encontrar se ela não sabe para onde estamos indo? – retruquei desesperada pelo fato de que mais uma vez tínhamos nos separado. Eu só podia esperar que, de alguma forma, ela conseguisse encontrar o caminho até mim.

Continuamos por mais de três dias, até chegarmos à cidade ucraniana de Czernowitz, onde nos alojamos em um prédio abandonado que tinha sido uma escola. Eu estava morrendo de ansiedade. Não conseguia acreditar que tinha perdido Mutti novamente. Eu estava sozinha, e não havia nada que pudesse fazer para ajudá-la. Tudo que me restava era esperar e tentar não perder as esperanças.

Certa noite, as luzes do corredor se acenderam, e os soldados nos acordaram de um sono profundo ao passarem por nós com baldes enormes cheios de batata.

– Tem mais gente chegando! – eles explicaram.

Havia mais soldados a caminho para lutar na linha de frente, e eles precisavam se alimentar. Eu estava cansada, mas claro que levantei, pronta para ajudar.

Então escutei muitas mulheres do campo se recusando a levantar.

– Por que temos de descascar batatas? – elas reclamaram. – Já tivemos de trabalhar muito. Nós somos vítimas.

Naquele momento, decidi que eu não seria uma vítima, apesar de tudo o que havia acontecido comigo. Nunca permitiria a mim mesma ter uma mentalidade dessas – era quase como aceitar o papel de total desamparo que os nazistas queriam que sentíssemos. Eu não era impotente. Eu era uma sobrevivente.

Naquela noite, descasquei mais batatas do que eu descascaria novamente em toda a minha vida, com a ajuda da vodca distribuída pelos soldados, que também nos mantiveram entretidos com números de dança russa.

Exausta, caí em sono profundo e comecei a sonhar com batatas.

– Me deixa em paz! – resmunguei, quando senti alguém me cutucando para que eu acordasse depois de, ao que me parecia, apenas alguns minutos de sono. Então senti duas mãos me chacoalhando.

– Não! Me deixe dormir! – puxei o edredom para mais perto dos meus ombros e me cobri. As mãos me sacudiram com mais força ainda.

– O que foi? – finalmente desisti, exasperada, e abri os olhos. Era Mutti.

Desde que havia perdido o trem em Lemberg, Mutti havia enfrentado uma longa viagem por sua própria conta, atravessando terras que faziam parte da Áustria e vivendo com uma família judia em Kolomea. Um grupo de soldados soviéticos conseguira – usando uma complicada linguagem de sinais – dizer a ela que achavam que o trem de Auschwitz estava a caminho de Czernowitz, e levaram-na até uma parte

do caminho. Por fim, ela conseguiu pegar carona num trem com alguns prisioneiros de guerra britânicos, que concordaram em entregar a primeira carta de Mutti para vovô Rudolf e vovó Helen depois de três anos sem notícias.

– Evi! – disse Mutti, com os olhos repletos de lágrimas e de alívio. Ela ficou extremamente feliz em me ver, mas em vez de recebê-la de braços abertos, tive um ataque de raiva.

– Onde você esteve? – gritei. – Como você pôde perder o trem?! Fiquei tão preocupada com você… – continuei falando e falando como louca, até que finalmente fiquei sem fôlego.

Mutti foi muito paciente comigo. Ela apenas me abraçou e explicou o que tinha acontecido.

– Mesmo quando soube que você estava em Czernowitz, fiquei aterrorizada porque não conseguia ler nenhum dos sinais ferroviários! Se o sinal da estação de Czernowtiz não estivesse em alemão, mas em russo, talvez não nos encontrássemos nunca mais.

Então retribuí o abraço e, ao fazer isso, senti o quanto ela estava magra. Segurei-a em meus braços.

– Evi – disse ela –, prometo que nunca mais vamos nos separar de novo.

Czernowitz trouxe outra alegria inesquecível para mim: um cinema. O porteiro nos deixou entrar a contragosto. Nossa aparência ainda era chocante, mesmo aos olhos das pessoas que também haviam enfrentado a guerra. Dentro do cinema, a luz amarela do projetor refletia partículas de poeira entre o auditório escuro e a tela, mantendo o tempo estático.

Na nossa frente, o imperador Franz Josef conversava, dançava, e comandava o velho negócio do império como se o mundo nunca fosse mudar. Os jardins do Palácio de Schönbrunn deslumbravam-me com toda sua magnificência, fazendo-me lembrar da minha infância. Os personagens falavam um alemão rico e puro que tocou fundo em minha memória; era a língua da minha mãe e a minha própria língua antes de os nazistas a terem envenenado.

Então as luzes se acenderam, e estávamos sentadas em uma fileira de assentos de veludo desgastado, que fez com que as minhas pernas começassem a coçar debaixo das minhas roupas mal ajustadas e de segunda mão. Esfreguei meu cabelo palha de milho, consciente de que ele me marcava como uma sobrevivente de campo de concentração, tanto como a estrela amarela tinha mostrado às pessoas que eu era judia. Mutti e outra mulher de Auschwitz sentaram ao meu lado. Eu ouvia a música de Johan Strauss tocando enquanto os créditos do filme apareciam, e me perguntei: como viemos parar aqui?

Ainda pedindo a todos que conhecíamos notícias sobre o que teria acontecido com Pappy e Heinz, e pensando e conversando sobre eles constantemente, Mutti e eu nos preparávamos para embarcar em mais um estágio da nossa jornada. Desta vez, estávamos indo para as terras devastadas ao leste da Ucrânia, até o porto de Odessa, no Mar Negro.

A Ucrânia havia sofrido brutalmente durante a guerra, com as mesmas áreas sendo disputadas diversas vezes, com cidades sendo incendiadas tanto pelo exército soviético como pelo alemão. Esta terra fértil havia sido o rico manancial de alimentos da União Soviética, e as fazendas ucranianas produziam grãos, vegetais e salsichas tradicionais. Agora, não víamos nada além dos detritos das batalhas, tanques e veículos militares incendiados, estradas transformadas em pistas esburacadas sem a menor utilidade, crateras formadas pelos bombardeios e trincheiras. A União Soviética perdeu 27 milhões de pessoas na Segunda Guerra Mundial, sendo 7 milhões da Ucrânia – quase uma em cada cinco pessoas da população.

Essa paisagem desoladora só melhorou um pouco quando chegamos à estação de Odessa, e sentimos o calor do sol tropical sobre as nossas costas. Em Odessa o clima estava quente, e a cidade estava coberta de densas colinas verdes que se estendiam até as águas cristalinas do Mar Negro. Embora a guerra tivesse afetado a infraestrutura básica e não houvesse água corrente, a folhagem colorida florescendo e a

vivacidade das pessoas trouxeram-nos de volta à vida. Descobri que a beleza de Odessa havia sido construída pelo homem também. Permanecemos em um palácio de verão abandonado que pertencera aos czares, e fiquei maravilhada com as belas pinturas do teto e com o delicado assoalho de madeira.

Fiquei ainda mais encantada com o creme dental e com a escova de dentes que me foi oferecida por um dos soldados australianos que estavam acampados conosco no palácio, esperando para voltar para casa. Imaginem: eu não escovava os dentes desde antes de chegar a Auschwitz, e aquela sensação era maravilhosa.

Durante seis semanas, nadei nas águas do Mar Negro vestindo um maiô improvisado, fiquei deitada sobre a areia da praia aproveitando avidamente os banhos de sol e explorei a cidade de bonde junto com Mutti. Em 11 de maio foi meu aniversário de dezesseis anos, e fizemos uma pequena festa. Uma das garotas do nosso grupo me deu um lindo colar artesanal de conchas.

Pacotes da Cruz Vermelha chegavam para os prisioneiros da guerra com regularidade, mas, como judeus, nunca recebemos nada. Porém, os soldados australianos eram agradáveis e generosos conosco, e nos davam chocolates e guloseimas.

Minha mãe fez uma grande amizade com um soldado chamado Bill, que queria levá-la para seu posto no interior da Austrália. Ela assegurou-lhe que estava feliz com seu casamento, e que estava esperando para se reencontrar com o marido. Mas ele a lembrou, com palavras que tornaram cinza e frio aquele dia ensolarado:

– Lembre-se, Fritzi, você pode ser uma viúva agora.

Essa era uma possibilidade sobre a qual nenhuma de nós estava preparada para pensar.

Em 7 de maio de 1945, ouvimos a notícia que todos estavam esperando: os alemães haviam se rendido incondicionalmente. Hitler tinha cometido suicídio na semana anterior. A guerra tinha terminado, e o chão do palácio

estremeceu com alegria incontida, danças, cantorias, risadas e declarações embriagadas de amor. Naquele dia, todos nós festejamos juntos: soldados, prisioneiros da guerra, soviéticos e refugiados. Então, alguns dias depois, acordamos e descobrimos que mais uma vez estávamos sozinhos – os australianos tinham ido embora no meio da noite. As amizades na guerra poderiam ser profundas, mas geralmente eram passageiras.

Mutti e eu também estávamos preocupadas com o futuro. Com o fim da guerra, poderíamos finalmente voltar para Amsterdã, mas mesmo essa fase final da nossa jornada foi complicada.

Quando Mutti foi fazer o registro para voltar para a Holanda, um judeu holandês reclamou:

– Mas você não é holandesa, você é austríaca. Já temos judeus demais da nossa própria terra para levar de volta.

Como iríamos descobrir, o final da guerra não foi o fim do preconceito. Longe disso.

Mutti insistiu e disse que nós não queríamos voltar para a Áustria. Por fim, fomos inseridas na lista de passageiros de um navio de uma tropa da Nova Zelândia chamado HMS Monowai, que estava atracado em Odessa e que nos levaria até Marselha.

Em 20 de maio, embarcamos no navio antes da fila de oficiais navais vestidos com seus uniformes brancos, e adentramos no que parecia outro mundo. Havia lençóis de cama, toalhas de linho, xícaras de porcelana e todos os tipos de comida. A visão da sala de jantar levou Mutti às lágrimas. No segundo dia a bordo, o capitão anunciou pelo sistema de alto-falantes que as pessoas não precisavam estocar alimentos em suas cabines, pois havia muito e todo mundo poderia comer o que quisesse. Depois de tudo o que havíamos passado, era surpreendente sermos tratados como seres humanos decentes de novo.

Navegamos pela via fluvial de Bosphorus, passamos por Istambul e pelo Mediterrâneo. Éramos um grupo de sobreviventes maltrapilho, que ainda pareciam muito abatidos

em suas roupas esfarrapadas. As mulheres ficaram em cabines nos andares superiores, mas às vezes víamos os homens que dormiam em redes nos andares inferiores. Uma ou duas vezes vi Otto Frank, mas ele parecia querer ficar sozinho, com seus pensamentos obviamente muito longe dali.

Depois de uma semana, chegamos à França, e fomos recebidos com muita alegria e festa. Ao sairmos do navio, cumprimentei as pessoas que nos aplaudiam no cais acenando para elas, mas depois, quando o grupo de prisioneiros alemães que também estava sendo transportado de volta para casa desembarcou, os franceses viraram as costas e permaneceram em silêncio.

Para meu incômodo, Mutti ficou para trás para ajudar no processo de registro, mas uma vez mais eu me empanturrei no banquete de boas-vindas. Quando ela finalmente se encontrou comigo, eu já estava um pouco embriagada e gritei:

– Por onde você andou, sua intrometida? Você perdeu toda a comida!

No dia seguinte, embarcamos em um trem que atravessou a França, e percebi que muitas das cidades por onde passamos tinham uma efígie de Hitler pendurada em uma forca. Quando parávamos em uma estação, pessoas comuns surgiam, oferecendo pão e vinho pelas janelas – o que pensei ser algo maravilhoso até o momento em que descobri que aquilo era para os soldados franceses que retornavam, não para nós.

A Europa era um continente em caos, com o maior movimento de pessoas desalojadas que o mundo já tinha visto. Aproximadamente 20 milhões de pessoas estavam se deslocando, tentando encontrar o caminho de volta para casa. O resultado era confusão e muitas vezes a ruptura total das leis e da ordem. O número pode parecer assombroso, mas lembre-se que ele inclui milhões de trabalhadores, assim como uma grande quantidade de pessoas escapando da devastação da Frente Oriental, alemães fugindo do avanço do exército soviético na Polônia, na República Tcheca e na Hungria – e até mesmo 4 milhões de alemães que tornaram-se refugiados em

seu próprio país. Isso sem levar em conta as Forças Aliadas e o grande número de soldados alemães que se renderam.

Conseguimos viajar até o sul da Holanda e então esperamos até os Aliados construírem pontes flutuantes ao longo dos rios para que pudéssemos percorrer os quilômetros finais pela estrada. Através da janela do ônibus pude ver os campos planos repletos de tulipas que eu tanto amava, assim como os moinhos de vento e as fazendas do país que eu viria a considerar minha casa.

Finalmente adentramos os arredores de Amsterdã, e fizemos uma parada do lado de fora do enorme obelisco do século XIX da Estação Central. Desci os degraus do ônibus e, livre, pisei em solo holandês pela primeira vez em muito tempo, vibrando de emoção, mas também perdida diante da barbárie daquela situação. Estávamos em casa – seja lá o que aquilo significasse –, mas não havia nenhum amigo para nos receber, nenhum rosto sorridente, tampouco fanfarras como ocorrera na França. E o mais importante: Pappy e Heinz não estavam lá.

Um grupo de funcionários municipais estava sentado em mesas improvisadas esperando para colher os nossos dados, mas sem estar nem um pouco interessados em saber para onde iríamos agora ou o que o futuro nos reservava.

Cada momento de nossas vidas tinha sido vigiado e controlado desde o instante em que fomos capturadas pelos nazistas, mas agora parecia não haver uma alma viva para guiar nosso destino.

Eu estava verdadeiramente livre. E aterrorizada.

“O resto da minha vida começa agora”, pensei, “mas não tenho ideia do que fazer com ele.”

– Para onde devemos ir? – perguntei a Mutti.

A cidade parecia sombria e triste, mesmo no auge do verão, e as pessoas passavam pelas ruas a passos largos e cabisbaixas.

Mutti deu de ombros, franzindo a testa.

– Vamos tentar falar com os Rosenbaum – disse ela, lembrando que éramos amigos antes de a guerra começar.

Pegamos a nossa pequena bolsa e caminhamos pela cidade vagarosamente. Os prédios e os canais pareciam os mesmos, mas algo essencial em Amsterdã havia mudado.

Nos últimos anos da guerra, a vida dos holandeses tinha sido muito difícil, e a maioria das pessoas não tinha o menor interesse em ouvir sobre os problemas dos poucos judeus refugiados que retornavam à cidade. Naquele momento, os horrores dos campos de concentração e do Holocausto ainda não eram amplamente conhecidos. A atitude de algumas pessoas se resumia a algo do tipo:

– Nós os abrigamos e cuidamos de vocês nos anos 1930, o que você está fazendo aqui agora? O que mais esperam de nós?

Em 1944, os nazistas tinham anunciado que homens holandeses entre dezesseis e quarenta anos seriam deportados para a Alemanha para exercer trabalho forçado. Isso causou um ressentimento massivo, e aumentou o número de pessoas comuns que apoiaram a Resistência. No total, um terço de todos os holandeses – cerca de 500 mil pessoas – acabou trabalhando na Alemanha de maneira forçada ou voluntária.

Então, no inverno de 1944, Amsterdã caiu nas garras do "Inverno da fome".

O sul da Holanda havia sido conquistado pelos Aliados no outono de 1944, mas Amsterdã e o resto do país permaneceram sob controle alemão. Em setembro de 1944, o governo holandês no exílio, com sede em Londres, convocou uma greve ferroviária para levar o transporte das tropas alemãs a um impasse e para facilitar os desembarques aéreos dos Aliados perto de Arnhem. Mais de 30 mil trabalhadores ferroviários participaram da greve, mas as tropas alemãs continuaram a avançar com seus próprios comboios de trem, e o desembarque dos Aliados fracassou. A verdadeira consequência da greve foi a decisão alemã de punir os holandeses, cortando o fornecimento de alimentos. A proibição durou apenas seis semanas, mas mesmo após esse período, o

abastecimento não retornou ao ritmo normal, já que a malha ferroviária estava avariada. O transporte de carvão, que vinha da região sul, também parou, e o gás e a eletricidade foram desligados. No inverno a situação tornou-se ainda mais desesperadora: as pessoas derrubavam árvores nas ruas para conseguir lenha, e fizeram “expedições de fome” pelo interior, onde tudo que podiam encontrar para comer eram os bulbos das flores. Mais de 20 mil pessoas morreram de fome.

Viajando por Amsterdã nessa primeira manhã depois da nossa volta, pudemos ver o olhar vazio e triste no rosto das pessoas que passavam por nós, então quando Mutti e eu chegamos à casa dos Rosenbaum, batemos à porta com certa hesitação. Não sabíamos se eles ainda moravam lá, tampouco se ficariam felizes em nos ver.

Felizmente, não precisávamos ter nos preocupado. Martin Rosenbaum abriu a porta e exclamou com um sorriso radiante:

– Fritzi Geiringer!

Havia outro motivo para Martin estar tão feliz naquele dia. Em meio à toda miséria da guerra, os Rosenbaum tinham conseguido algo maravilhoso. Após anos tentando engravidar, a esposa de Martin, Rosi, acabara de dar à luz seu primeiro filho – um bebê chamado Jan, que tinha apenas três dias de vida. Antes da guerra, os Rosenbaum eram fumantes ferrenhos, então talvez os anos de austeridade tivesse lhes feito algum bem. Rosi ainda estava no hospital, mas, entusiasmadas, nós concordamos em ficar por um tempo para ajudá-la com o bebê assim que ela saísse.

Mutti descobriu que, ao contrário de muitos judeus que estavam retornando, poderíamos voltar para o nosso antigo apartamento no número 46 da Merwedeplein. Graças à precaução de Pappy, o apartamento ainda estava registrado no nome da senhora cristã que era a proprietária, assim como a nossa mobília. Contudo, no início estávamos muito assustadas e constrangidas em função de todas as experiências pelas quais tínhamos passado, e ficamos com medo de voltar para lá sozinhas, então ficamos gratas com a oferta gentil dos

Rosenbaum. (Na verdade, eu gostava muito do bebê lindo deles, que cresceu e se tornou um homem adorável, com quem tenho uma grande amizade até hoje.)

Imediatamente, Mutti percebeu que até mesmo os Rosenbaum tinham pouca comida e suprimentos, e indagou-se se algum dos alimentos que havíamos guardado teria sobrado em meio ao caos. Depois que nos instalamos na casa deles, saímos à procura dos Reitsma, a família que estava nos abrigando quando fomos capturadas. Assim como os Rosenbaum, eles ainda estavam morando em Amsterdã e ficaram muito felizes em nos reencontrar. A sra. Reitsma tinha sido convidada para desenhar cartões postais para comemorar a libertação, e o filho deles, Floris, estava matriculado na Universidade de Amsterdã. Eles nos contaram que não havia restado nada do que guardamos no armazém – tinham sobrevivido à guerra se alimentando com aquela comida. Não que ela tivesse um gosto muito bom…

– Até o chocolate estava com gosto de naftalina – a sra. Reitsma contou a Mutti –, mas não nos importamos nem um pouco.

– Fico muito feliz em saber que alguém pôde fazer um bom uso dela – respondeu Mutti.

Capítulo 15
Amsterdã novamente

Poucos dias depois da nossa chegada à Amsterdã, atendi a porta na casa dos Rosenbaum e, ao abri-la, vi Otto Frank em pé na soleira. Ele parecia calmo, mas estava tão magro quanto na última vez em que eu o tinha visto, no navio em Odessa. Deixei-o entrar e o levei até onde Mutti estava sentada. Ela sorriu, mas ele claramente não a reconheceu.

– Já nos encontramos antes, não? – ela perguntou. – Nos encontramos no trem.

Ele franziu a testa por um momento, como se estivesse tentando desenterrar algo das profundezas de sua memória. Então ele sacudiu a cabeça.

– Desculpe. Eu não me lembro – ele desabafou. – Tenho o seu nome pela lista de sobreviventes. Estou tentando descobrir o que aconteceu com Margot e Anne.

Otto sentou-se próximo a Mutti e os dois conversaram por muito tempo, ambos tentando aumentar a confiança um do outro de que conseguiríamos nos reunir novamente com nossas famílias.

Depois de algumas semanas, percebemos que era a hora de ir para casa mesmo sem Pappy e Heinz, e Mutti pegou as chaves do nosso apartamento. Enquanto eu caminhava até a praça Merwedeplein e subia os degraus até o apartamento, fiquei impressionada com o sentimento de estar voltando no tempo.

Mutti colocou a chave na fechadura e abriu a porta: à nossa frente estava a sala de jantar, cheia de móveis, porém sem vida. As cadeiras estavam na mesma posição, como se tivéssemos acabado de levantar, e as mesmas cortinas estavam penduradas nas janelas, à espera de alguém para abri-las e fechá-las.

Estendi a mão e toquei a mancha na parede do quarto onde Pappy tinha marcado a minha altura com um lápis. Do lado de fora, havia o mesmo barulho de crianças brincando.

Naquela noite, ouvi um carro parar do lado de fora e as portas se abrirem, e tive certeza de que era Pappy e Heinz voltando para a nossa casa. Mas as vozes sumiram em meio à escuridão e eu fiquei com uma sensação estranha de tontura, como se tudo tivesse virado de cabeça para baixo.

Finalmente adormeci, ansiando por reencontrar meu pai e meu irmão, e pela primeira vez desde que saí de Auschwitz, sonhei com as atrocidades dos campos de concentração. No meu sonho, um buraco negro fundo apareceu na minha frente e foi ficando cada vez maior, até que engolia todo mundo – e acordei Mutti com um grito desesperado.

Nas semanas seguintes, a vida foi tomando forma do que seria uma existência normal, muito embora, fundamentalmente, tudo tivesse mudado.

Mutti e eu fizemos tudo que podíamos para tentar descobrir o que havia acontecido com Pappy e Heinz, mas a situação era caótica. Todos estavam procurando por suas famílias. Mutti até mesmo colocou um anúncio no jornal pedindo notícias sobre o paradeiro deles, mas não recebemos nenhuma informação.

Como chefe da casa, Mutti também tinha de pagar pelo nosso sustento e pelo aluguel do apartamento em Merwedeplein. Nos primeiros meses após o nosso retorno, ela aprendeu sozinha a utilizar um pouco do couro que havia sobrado dos negócios do meu pai para fazer cintos. Muitas vezes eu encontrava uma porção de peças cortadas, prontas para serem costuradas. No início havia muitos pedidos, e Mutti chegou a pensar até mesmo em exportar, mas depois ficou difícil vender o suficiente para o nosso sustento, então ela começou a pensar em outras coisas. Minha mãe já havia demonstrado que era uma pessoa versátil e resistente, e foi essa atitude que ela teve novamente, aceitando o convite do

sr. Rosenbaum para trabalhar como sua secretária no escritório dele.

Assim como teve de aprender a cozinhar, a consertar e a confeccionar cintos, agora ela tinha de aprender a datilografar – o que provou ser uma habilidade igualmente difícil para ela.

– Oh, Evi! – ela suspirou enquanto entrava pela porta numa noite. – Quando é que eu vou pegar jeito nisso?

A bolsa dela vivia cheia de pilhas de papéis com centenas de erros de digitação.

– Não posso deixar que eles percebam o quanto sou ruim – ela desabou, prometendo praticar para melhorar.

Atualmente suspeito que os colegas de trabalho dela faziam ideia do baixo nível de produtividade inicial de Mutti.

Eu também arranjei uma atividade para ganhar dinheiro, e comecei a pintar flores em pequenos broches de madeira. Houve um momento em que eu tinha pedidos de até seiscentos broches.

Para complementar a renda de Mutti, alugamos parte do nosso apartamento para duas mulheres que também eram refugiadas judias. Uma delas era Truda Heinemann, uma integrante da imprensa da dinastia.

Era esquisito dividir o nosso apartamento com duas mulheres estranhas, mas eu não tinha o menor interesse em retomar a vida normal. Mesmo assim, Mutti estava determinada a não permitir que eu ficasse sentada me lastimando. Quando estávamos morando na casa dos Rosenbaum, ela escreveu para o diretor do liceu de Amsterdã e explicou quais eram as minhas circunstâncias. Embora eu tivesse perdido boa parte das aulas na escola, Mutti pediu que ele permitisse o meu regresso para terminar os estudos – o que seria muito importante para o meu futuro.

O diretor, dr. Gunning, concordou. Mutti me contou que eu retornaria às aulas no final de agosto. Ao mesmo tempo em que estávamos tentando retomar a rotina de nossas vidas, também nos esforçávamos cada vez mais desesperadamente para tentar descobrir o que tinha acontecido com Pappy e

Heinz. Mais e mais pessoas estavam retornando de várias partes da Europa, e havia muitos anúncios espalhados por toda a cidade pedindo informações sobre seus queridos entes desaparecidos. Mutti examinou minuciosamente as listas da Cruz Vermelha, mas não havia informação sobre eles.

Otto Frank nos visitou muitas vezes durante aquele primeiro verão. Em 25 de julho, ele descobriu que tanto Margot como Anne tinham morrido. Ele encontrou duas irmãs que haviam estado com suas filhas no campo de concentração, e elas confirmaram o pior: Margot e Anne haviam morrido de tifo em Bergen-Belsen. Ele ficou totalmente devastado com a notícia – que naquele momento pareceu a sentença de sua própria morte.

Todos nós choramos muito, e depois que Otto saiu naquela noite, minha mãe e eu nos abraçamos fortemente por um longo tempo.

– Pelo menos nós temos uma a outra, Evi – disse Mutti, acariciando o meu braço. – Este pobre homem não tem ninguém.

Otto continuou a nos visitar, e o apoio emocional era mútuo. Foi durante essas tardes em nosso apartamento que eu ouvi pela primeira vez sobre o diário de Anne. Otto chegou carregando um pequeno pacote, embrulhado em um papel pardo e com um barbante. Ele estava quase tremendo de emoção ao nos contar que Miep Gies, uma das pessoas que ajudaram a esconder a família Frank, havia encontrado o diário no sótão depois de a família ter sido capturada, e o guardou esperando a volta de Anne. Após a confirmação da morte de Margot e de Anne, ela entregou o diário a Otto. Ele começou a ler imediatamente, mas só conseguia ler algumas páginas de cada vez.

Então, com uma emoção muito forte, Otto desembrulhou o pacote e começou a ler alguns trechos do diário para nós. Ele lia devagar, mas estava tremendo, e não conseguia ler rapidamente sem desabar em prantos. Otto ficou surpreendido com a filha que ele descobriu nas páginas do diário – uma Anne

que ele não conheceu e que tinha ideias profundas a respeito do mundo.

Mutti e eu ficamos igualmente surpresas. Naquele momento nenhum de nós poderia sonhar, tampouco imaginar, que aquele diário seria publicado – e muito menos que se tornaria um item histórico da literatura, capaz de mudar o mundo.

Em 8 de agosto de 1945, nós também recebemos a temida carta da Cruz Vermelha. Por toda a Europa, essas cartas eram colocadas na caixa de correio das pessoas, transmitindo em poucas linhas, em uma linguagem fria e formal, uma mensagem para ser lida com um misto de horror e medo, que se transformava em imensa descrença e tristeza.

Não lembro de quase nada do dia em que a carta chegou. Aquilo foi tão doloroso que sempre bloqueio o momento, e o registro na minha memória permanece vazio.

Nossa carta confirmou, em uma linguagem dura e direta, que tanto Pappy como Heinz estavam mortos. Eles haviam partido de Auschwitz à força, e chegaram ao campo de concentração de Mauthausen, na Áustria, em 25 de janeiro de 1945.

Pappy foi enviado para uma unidade de trabalho, mas morreu às 6h20 da manhã de 7 de março. A carta dizia que Heinz tinha morrido de exaustão em algum momento entre abril e 10 de maio de 1945.

Mutti ficou sentada à mesa da cozinha segurando aquela carta por horas. Lembro-me de andar de um lado para o outro do apartamento, em transe, sem poder acreditar naquilo.

Ao longo dos anos, recebemos mais cartas da Cruz Vermelha listando informações conflitantes e até mesmo informando diferentes datas de nascimento para Heinz. Mutti questionou a Cruz Vermelha até os anos 1950, tentando descobrir a verdade, mas nunca tivemos uma resposta clara, tampouco encontramos alguém que tivesse sido mandado para Mauthausen e que pudesse nos contar algo. Eu tive de aceitar que nós nunca saberíamos o que de fato aconteceu.

É uma atividade tão normal: o ruído da caixa de metal se abrindo, o barulho áspero do papel ao ser puxado para fora e o som suave do envelope caindo sobre o tapete. Em seguida, a sensação de segurar uma única folha de papel branca em suas mãos, o timbre oficial na parte superior, e uma curta sequência de parágrafos que definem o seu destino. Até hoje é impossível para mim descrever o sentimento que percorre o corpo, como se fosse uma onda repentina e fria de veneno, no momento em que você se dá conta de que algo tão simples quanto receber uma carta significa o fim do seu mundo.

Pouco antes do Natal de 1945, Mutti escreveu para a mãe dela, desabafando sobre seus sentimentos de uma maneira que jamais fez comigo, e já demonstrando a afeição e o consolo que conquistara com a amizade de Otto Frank.

Herr Frank diz que quando ficamos tristes, viramos pessoas muito egoístas. Sentimos pena de nós mesmos porque estamos perdendo algo tão essencial para nós, mas não podemos ajudar as pessoas de quem sentimos saudades porque elas não podem mais sentir dor…

Não consigo concordar com ele sobre isso, porque a minha maior dor é saber que o que aconteceu com eles foi tão absurdo, que suas vidas foram interrompidas, arrancadas…

Em relação a "Heinzerl", sempre pensei que talvez ele pudesse ficar cego, porque a minha maior preocupação sempre foi com os olhos dele – mas ele foi poupado dessa experiência. Então, não devemos reclamar. A verdade é que nunca sabemos qual é a tristeza que a vida nos reserva…

… Se eu mimar Evi, não será tanto porque eu quero que ela esqueça tudo o que sofreu, mas mais porque não quero que ela sinta o que lhe falta. Não quero que ela pense "Pappy teria deixado eu fazer isso" ou "Eu poderia ter conversado sobre isso com Heinz".

Gostaria de substituir esses dois entes queridos, e é por isso que quero ganhar dinheiro suficiente para que ela possa aprender e fazer tudo o que deseja – como se o pai dela ainda estivesse vivo…

Espero que isso não estrague a personalidade meiga dela, e espero que eu não faça as coisas erradas…

Havia uma coisa em particular que podíamos fazer juntas – e que nos aproximava muito de Pappy e de Heinz. Lembrei-me de que, no trem a caminho de Auschwitz, Heinz tinha me contado que escondera suas pinturas no assoalho de seu antigo esconderijo. Convenci minha mãe a ir comigo até a casa de Gerada Katee-Walda para verificar se esses quadros ainda estavam lá.

Foi muito estranho fazer uma viagem partindo de Amsterdã, sabendo que aquele era o mesmo caminho que fizemos para encontrar Pappy e Heinz apenas um ano e meio antes. Estava quase me beliscando para conseguir acreditar que eles não estariam lá esperando por nós.

Mutti e eu estávamos muito nervosas por ter de encontrar Gerada Katee-Walda novamente, mas quando batemos à porta, descobrimos que ela tinha ido embora e que um jovem casal estava morando na casa. Quando expliquei a nossa situação, os dois ficaram receosos e o homem levantou a mão para nos interromper e dizer:

– Olha, nós realmente não queremos nos envolver nisso.

– Ah, por favor, deixe-nos entrar – eu implorei. – Só queremos olhar…

Mas o homem permaneceu inflexível, e Mutti começou a puxar a manga da minha blusa e me afastar dali.

Depois que demos alguns passos, ela virou-se e deixou escapar:

– Sei que parece suspeito, mas as pinturas são tudo o que restou do meu filho, e poder vê-las novamente é algo muito importante para a minha filha.

Pude ver que a mulher ficou comovida com as palavras de Mutti e, com certa relutância, o homem afastou-se e nos deixou entrar em sua casa.

Subimos as escadas e fomos até o quarto onde Pappy e Heinz tinham se escondido. Sentei-me no chão bem abaixo da janela do sótão e corri os dedos pela placa de madeira sobre a

qual Heinz havia me falado. Imaginei-o tocando a mesma placa e pensei “Ah, Heinz, por que você não está aqui para pegar seus quadros de volta?”.

Não sei dizer se eu esperava realmente encontrar alguma coisa, mas quando levantamos as tábuas e olhamos para baixo, vimos algumas telas planas. Enfiei a minha mão no buraco e peguei um quadro, depois outro, e depois outro, e os coloquei sobre o chão. Mutti os pegou com as mãos trêmulas e conseguimos ver toda a imaginação maravilhosa e o talento de Heinz diante dos nossos olhos.

– Olhe para o barco a vela! – exclamou Mutti.

O barco estava navegando em uma baía em um dia ensolarado, como se a pessoa que pintara aquela pintura não tivesse preocupações com o mundo.

Encontramos vinte quadros de Heinz e dez de Pappy, ainda intactos.

Uma pintura em especial fez com que eu ficasse com os olhos marejados, e eu tive de me conter. Heinz havia pintado a si mesmo estudando em sua escrivaninha, com o calendário na parede marcando o dia 11 de maio, meu aniversário. Partiu o meu coração saber que ele pensava em mim, assim como eu pensava nele.

Eu desejava, desesperadamente, poder vê-lo e escutar suas histórias incríveis e engraçadas, apenas mais uma vez.

Capítulo 16
Uma vida nova

Apesar das melhores intenções de minha mãe, eu estava tão angustiada e perturbada que a culpei por ter me trazido para o lugar errado – e muitas vezes eu a ataquei verbalmente.

5 de janeiro de 1946

Fleur se foi. Por que ela tinha que fazer isso? Será que ela não sabe que não consigo seguir adiante sem ela?

Enquanto eu estava lendo, não era tão ruim. Mas não consigo ler mais. Este não é o livro certo para mim. Pergunto-me se Fleur sabia disso. Eu sempre leria um livro antes de entregá-lo a meu filho.

Estou tão infeliz, e não sei por quê. Quero me matar.

Não tenho nenhum respeito por mim mesma, me abomino. Fleur não me entende.

Pappy me entenderia. Não sei exatamente como, mas posso sentir que Pappy e Heinz ainda estão vivos. Eles vão voltar para me ajudar.

Não entendo por que Fleur não me me educou corretamente. Ela sabe que é isso que eu quero. Se uma pessoa já é adulta, pode fazer o que quer. Vejo cada vez mais o quanto Fleur foi má comigo. Ela é boa demais. Se eu fosse um garoto, quem sabe o que eu faria da minha vida?

Estou muito, muito infeliz e desesperada. Estou aborrecida com tudo e principalmente comigo mesma. Amo Vaz Dias e Czopps. Por que Fleur não me ajuda a amá-los ainda mais? Ciúmes? Bah!

Nessa carta que escrevi para mim mesma, é possível perceber meu estado de espírito em janeiro de 1946. Fleur é minha mãe. Demos esse apelido a ela em Bruxelas, porque achávamos que Mutti soava germânico demais. Não consigo me lembrar qual era exatamente o livro que estava contestando,

ou para onde minha mãe tinha ido (provavelmente comprar alguma coisa, mas certamente não tinha ido a nenhum lugar que justificasse tamanha dramaticidade). Eu era uma adolescente extremamente infeliz e confusa, e acreditava piamente que Heinz e meu pai ainda estavam vivos.

Às vezes, as pessoas apareciam de maneira inesperada, depois de estarem desaparecidas por anos, ou até mesmo depois de serem consideradas mortas, então a minha convicção não estava além da credibilidade. Além disso, havia a confusão das cartas da Cruz Vermelha, nas quais eles informavam diferentes datas de nascimento para Heinz; isso só aumentava o meu sentimento de que um erro terrível deveria ter acontecido.

Durante muitos anos, eu pulava de susto toda vez que ouvia um carro parando do lado de fora, acreditando que Pappy e Heinz poderiam estar nele. Parecia inimaginável que uma garota como eu tivesse sobrevivido, mas meu pai – aquele homem forte e ativo que eu sempre admirei, não. Repreendi a mim mesma, com um sentimento terrível de culpa por ter dito a ele que achava que Mutti estava morta quando o vi em Auschwitz. Fiquei convencida de que, com essa notícia, ele havia perdido definitivamente a vontade de viver.

Acredito que muitas adolescentes se identifiquem com os meus sentimentos em relação à minha mãe. Mutti era a pessoa mais próxima de mim no mundo e a pessoa com quem eu mais me chateava. Mas por trás de toda essa hostilidade com a qual tratava a minha mãe, havia uma sensação de que as duas erradas haviam sobrevivido. Eu era a filha do meu pai e Heinz era o filho da minha mãe. No entanto, aqui estávamos: Mutti e Eva.

(Caso você esteja se perguntando, Vaz Dias era um rapaz com quem eu tinha saído algumas vezes. Sinceramente, não me lembro de ter me apaixonado por ele; na verdade, tenho certeza de que não estava apaixonada – mas obviamente, naquele momento, eu estava amando-o completamente!)

Esta carta ficou guardada entre outros papéis e fotos no meu apartamento no norte de Londres por muitos anos. Quando eu a peguei para lê-la, o que mais me surpreendeu foi eu ter escrito que queria me matar. Lembro-me nitidamente dos meus sentimentos de aversão a mim mesma, inutilidade e desespero, mas se você me perguntasse se eu tinha pensamentos suicidas, eu teria respondido que não.

Hoje, no meu trabalho, muitas vezes encontro pessoas em circunstâncias tão desesperadoras que elas chegam a pensar em – ou até mesmo já tentaram – cometer suicídio. Costumo tentar transmitir a eles, por meio da minha própria história, que sempre há esperança, e que as circunstâncias da vida sempre mudam – às vezes para melhor, outras para pior. Nada, nunca, permanece igual. Agora percebo que, de fato, pensei em cometer suicídio, e posso dizer, sinceramente, que estes sentimentos passam.

Recuperar-se de acontecimentos e perdas traumáticas é um processo tão lento e gradual que, no momento do sofrimento, é difícil reconhecer o ritmo de caracol do caminho de volta à normalidade. É claro que há dias em que me sinto profundamente triste, chateada e reflexiva, mas posso dizer a quem está nas profundezas da depressão ou do desespero que, com o tempo, é possível superar o sofrimento e seguir com a vida.

Quando li esta carta, foi impossível acreditar que o meu sofrimento profundo não estivesse evidente para todos, mas ao que parece – descobri isso com outra correspondência –, nem mesmo Mutti tinha ideia do que eu de fato estava sentindo. Logo após o aniversário dela, em fevereiro daquele ano (apenas duas semanas depois da minha carta de desespero), ela escreveu para os meus avós para contar que eu havia feito uma travessa de madeira, e que a pintei com flores e com as palavras “Mes Fleurs”[1] na parte superior.

Você me disse que eu deveria me divertir muito com Evi. Ela tem um coração de ouro, é uma garota corajosa e

amorosa. Que trabalho ela teve para me proporcionar um pouco de alegria no meu aniversário…

No meu aniversário de cinquenta anos, em 1979, Mutti escreveu uma homenagem de quatro páginas para mim, relembrando a história de nossas vidas, e em certa passagem ela menciona como me readaptei bem à vida em Amsterdã.

Você voltou para a escola e, como tinha estudado durante os dois anos que passamos nos escondendo, conseguiu se adaptar muito bem ao liceu. Mas você não se sentiu muito feliz pelo fato de ser mais madura que as outras garotas por conta do que havia passado.

Porém, felizmente, você reencontrou uma amiga antiga, Letty. Ela havia retornado de Theresienstadt com a mãe, enquanto o pai e o irmão dela [Herman, meu primeiro "namorado"] *tinham morrido. Letty tinha os mesmos problemas que você. Com o passar do tempo, você conheceu outros amigos, foi convidada para festas, fez passeios de barco e continuou levando uma vida normal.*

Acho que fiz o meu melhor para conseguir ser sua mãe, seu pai e o seu irmão em uma só pessoa.

Sinto-me extremamente comovida ao ler a última frase, na qual minha mãe menciona o que deve ter sido uma grande provação para ela. Sim, ela teve de ser tudo para mim. Teve que assumir o lugar que antes era do meu pai, tomando todas as decisões e, de alguma forma, ela ainda tinha de tentar manter o pensamento positivo diante do seu próprio desespero, tendo que orientar e bajular sua filha problemática para levar uma vida digna de ser vivida.

Contudo, não posso acreditar que ela realmente acreditasse que eu estava feliz e bem adaptada. De fato, fiz passeios de barco e fui a festas, mas apenas porque ela me fez tomar tais atitudes. Se dependesse exclusivamente da minha própria vontade, eu jamais teria sequer saído da cama. Mais adiante, na carta, ela acrescenta:"Você teve uma vida bastante agitada, cheia de compromissos, mas acho que você gostou disso". Nada poderia estar mais longe da verdade.

Contra a minha própria vontade, estudei no liceu de Amsterdã, sentindo-me muito mais velha do que os outros alunos. Antes da guerra, eu até aparentava ser mais nova do que a minha idade real, mas agora estava sobrecarregada por experiências terríveis, e acreditava que ninguém jamais seria capaz de entendê-las.

Poucos dos meus antigos amigos e conhecidos voltaram para Amsterdã, e eu gostava dos dias em que me distraía com a companhia de Ninni Czopp, que conheci em Westerbork e que permaneceu ao nosso lado quando chegamos em Birkenau. Ninni estava agora morando com a irmã na cidade de Hilversum, e elas estavam cuidando da filha pequena de seu irmão, Rusha. O irmão de Ninni e a esposa dele haviam sido deportados e morreram em um campo de concentração.

Mutti e eu nos afeiçoamos muito a Rusha e a outro garoto pequeno, chamado Robbie, que era filho de uma mulher que os havia mantido escondidos antes de serem capturados. Até escrevemos para a Inglaterra para pedir à nossa família que enviasse roupas de crianças.

Descobrimos que a nossa prima Minni, que havia nos salvado em Birkenau, também tinha sobrevivido, embora seu marido não. Após a libertação, Minni voltou sozinha para Praga, onde permaneceu por um curto período, e até nos visitou quando estava a caminho da Palestina, onde começaria uma nova vida com seus dois filhos que já estavam morando lá. Permanecemos próximas a Minni pelo resto de sua vida, marcada por mais uma tragédia, quando seu filho mais novo, Stephen, foi morto por uma mina terrestre na Guerra da Independência de Israel, em 1948.

A verdade é que a vida era muito difícil para todos aqueles que sobreviveram.

Ellen, a garota que encantou Heinz antes de irmos para o esconderijo, voltou para Merwedeplein e ficamos muito felizes ao revê-la. Porém, a tensão da guerra havia sido demais para ela e, aos poucos, Ellen enlouqueceu. Às vezes, ela vinha até mim e me perguntava, bem devagar: “Onde está Heinz? Não

sei onde ele está". Por fim, sua família foi obrigada a interná-la em um hospital psiquiátrico, onde ela permaneceu pelo resto de sua vida. Eu a visitei uma vez, mas ela não fazia a menor ideia de quem eu era.

Mesmo os que não haviam sido deportados, como os Rosenbaum, sofriam a angústia mental. Martin Rosenbaum conseguira permanecer escondido e sobreviveu à Ocupação, permanecendo fisicamente ileso. Porém, com o passar dos anos, ele se tornou cada vez mais ansioso. Ficou tão horrorizado com a ameaça de perseguição e de ser capturado que se tornou um pai superprotetor, que vivia com medo de deixar Jan atravessar a rua sozinho. Por fim, ele também foi parar no hospital psiquiátrico, o que foi um final muito triste para um dos nossos amigos mais queridos e leais.

Todos os meus novos amigos eram judeus. Nunca demonstramos nenhum sentimento sincero de solidariedade uns com os outros, mas instintivamente queríamos permanecer juntos. Mesmo assim, sempre me senti uma falsa, sorrindo e falando com eles, quando na verdade sentia como se um vidro me separasse do resto do mundo.

Havia apenas uma pessoa para quem eu abria o meu coração: meu primo pequeno, Tom, que tinha apenas dez anos. Foi extremamente difícil para nós viajarmos para a Inglaterra em meios às consequências imediatas da guerra; por um lado, porque a Europa ainda estava caótica, e por outro, porque erámos classificadas como austríacas e, portanto, éramos tecnicamente "o inimigo". Vovó Helen tentou conseguir permissão para nos visitar em Amsterdã, mas isso exigia muitas cartas e duas referências de pessoas que moravam na Holanda.

Mutti se inscreveu para visitar a Inglaterra, mas logo de cara fomos rejeitadas por meio de uma carta extraordinária emitida pelo gabinete, escrita à mão em um pedaço de folha arrancado de um bloco de anotações. A carta afirmava que apesar de um pedido do Secretário de Estado para avaliar o nosso caso com atenção, a nossa solicitação de visto havia sido negada. Eu só posso supor que, além de outros problemas

pelos quais a Inglaterra passava em 1945, havia também escassez de artigos de papelaria.

Apesar disso, nós perseveramos e, logo que tivemos oportunidade, Mutti conseguiu fazer com que atravessássemos o canal e seguíssemos nosso caminho até o norte da Inglaterra, para nos encontrarmos com os meus avós, tios e primo.

Tom tinha apenas três anos quando saímos de Viena, mas ele cresceu em Darwen, Lancashire, ouvindo histórias sobre os meus pais e sobre o que Evi estaria aprontando com seu irmão Heinz. Então, por dois anos terríveis, as cartas pararam de chegar e nós desaparecemos de vista. Todos temiam o pior, até que um dia a carta da minha mãe foi levada e entregue por um soldado britânico que ela conhecera no trem.

– Estávamos morrendo de medo – contou Tom –, mas quando recebemos a carta de Fritzi desabamos em lágrimas e em abraços, e depois choramos ainda mais de alívio ao saber que ela e Eva estavam salvas.

Reencontrar os meus avós foi uma experiência inacreditável. Eles existiram por muito tempo no meu pensamento apenas como fruto da minha imaginação. Posso dizer que a guerra havia lhes transformado também. Eles já não eram austríacos de classe-média que viviam em uma cidade que conheciam bem, por onde meu avô passeava para visitar seus amigos na taverna todos os domingos e onde a minha avó era repreendida por sua própria empregada, Hilda. Eles haviam chegado a um país novo, refugiados e pobres, sem saber falar uma palavra sequer em inglês, e tinham se estabelecido em uma casa pequena e geminada, com três camas, em uma cidade industrial ao norte da Inglaterra.

Minha avó se adaptou bem. Ela aprendeu inglês logo e lia o *Daily Express* todos os dias, do início ao fim. Ela também cuidava da casa, cozinhava para toda a família e até mesmo mantinha seu próprio negócio de costura para conseguir uma renda extra para a casa – o que foi algo bastante surpreendente, considerando que em Viena ela nunca tinha feito nada e contava com Hilda para absolutamente tudo.

Creio que para meu avô a adaptação foi muito mais difícil. Ele nunca aprendeu mais do que algumas palavras em inglês e sempre ouvia as transmissões da rádio BBC em alemão. Com o tempo, conseguiu associar suas antigas habilidades musicais a um trabalho, tocando piano de ouvido em vários bares em Darwen e fazendo novos amigos que lhe ofereciam uma caneca da sua tão querida cerveja. Meu avô adorava essas noites e ser o centro das atenções; fico feliz em saber que ele teve a capacidade de sentir orgulho de si mesmo e, mais uma vez, tornar-se alguém a quem as pessoas da comunidade podiam admirar.

Ficamos em Darwen por um bom tempo e dividi um quarto pequeno com meu primo de dez anos, Tom. Minha visita permaneceu mais registrada na memória dele do que na minha. Ele recorda com clareza da noite em que o mantive acordado contando-lhe sobre a guerra e sobre Auschwitz.

Contei a ele sobre a fome, o frio e sobre o medo de ser assassinada. Contei também sobre a sujeira, sobre as doenças – e sobre a brutalidade da SS. Falei e falei durante a noite inteira. Mostrei a Tom a minha tatuagem no braço e contei as circunstâncias em que ela fora feita, além dos panos que tínhamos de trançar e do medo que eu sentia em não atingir a minha cota.

Que fardo assustador para um menino tão pequeno! Eu nunca teria contado aquilo para qualquer outra pessoa, mas talvez eu tenha me expressado abertamente com ele porque Tom era apenas uma criança. Acho que senti que ele era jovem demais para entender verdadeiramente o que eu estava contando a ele.

Esse episódio mostra o quanto eu ainda estava física e emocionalmente fragilizada, e posso ver agora que eu estava em profunda depressão. Até meados de 1946, fiz uma dieta rigorosa de alimentos sólidos, e não comia alimentos como massa e arroz para permitir que o meu sistema digestivo se recuperasse. Minha gengiva sangrava e o meu corpo estava fraco e anêmico. À noite, ficava atormentada, tendo pesadelos

com os campos; durante o dia, frequentemente chorava e gritava com minha mãe em ataques de raiva.

Talvez Mutti tenha tido de guardar distância dessas emoções para que, especialmente depois que voltamos a Amsterdã, conseguisse manter o que restava da nossa família. Se ela tivesse se rendido à sua própria dor e ao sentimento de perda, tenho certeza que teríamos entrado em um buraco negro do qual talvez jamais teríamos saído.

Obviamente, não compreendíamos uma à outra. Naquela época, eu me perguntava como ela poderia permanecer tão alegre o tempo todo. Às vezes, eu chegava em casa e a encontrava trabalhando, confeccionando cintos, assoviando e cantando ao mesmo tempo – algo sobre o qual eu me queixava nas cartas que escrevia à minha família na Inglaterra.

Não estou feliz com Fleur. Ela está obcecada pelo trabalho, mas não com o trabalho doméstico – está obcecada em fazer cintos. Agora ela corta, assovia e canta e isso me deixa doida – vocês sabem que ela nunca foi uma pessoa muito musical.

Além desse julgamento severo, acrescentei que também faltava amor à minha mãe. "O pior de tudo é que Fleur não é carinhosa e meiga o suficiente", eu disse a eles. "Ela diz que você, vó Helen, também não era assim – então eu não preciso disso. Mas isso é muito, muito errado. Eu preciso muito disso. Preciso de muito amor. Sou uma jovem muito carente e amorosa."

Mutti deve ter visto essa carta que escrevi à minha avó porque, em seguida, ela também escreveu para eles.

O que você acha da maneira como ela se refere a mim? Não é lá tão ruim assim, mas ela gostaria de sentar no meu colo e de me abraçar o tempo todo, e eu não posso fazer isso. Obviamente, ela precisa de muito amor e atenção… Outro dia eu estava trabalhando, fazendo os cintos, quando Eva colocou uma música no gramofone e eu pensei – como sempre – sobre o passado. De repente, senti que a minha vida de antes foi apenas um sonho – que sempre vivi com Eva e que apenas

sonhei ter um marido e um filho. E então eu chorei desesperadamente porque as minhas lembranças não são mais reais. Simplesmente não consigo acreditar que eu tinha outra vida.

Eu não fazia a menor ideia de que essa era maneira como Mutti *realmente* estava se sentindo. Fico muito triste ao perceber agora, tarde demais, que nós duas estávamos tão desoladas e deprimidas, e que não conseguíamos compartilhar os nossos sentimentos e consolar uma a outra.

Com seu jeito discreto, brando e atencioso, Otto Frank estava exercendo grande importância na vida de nós duas. Ele tinha muito com o que se preocupar – depois de uma luta árdua para encontrar uma editora, a primeira edição de *O diário de Anne Frank* foi publicada na Holanda em 1946. Logo depois, a vida de Otto foi consumida pela coordenação das edições estrangeiras e das traduções – e, uma vez que a edição norte-americana foi publicada, pela supervisão de um fenômeno internacional.

Dessa forma, serei sempre grata por ele se importar o bastante comigo para pensar sobre o meu futuro quando ainda estava se recuperando da notícia de que suas próprias filhas nunca mais voltariam para casa. Como alguém que também tinha perdido um filho, minha mãe podia sentar com a companhia de Otto e pedir-lhe conselhos. Muitas vezes, esses conselhos incluíam a maneira como minha mãe poderia me apoiar e me ajudar com os meus problemas.

Como sempre, Otto fez o seu melhor para ajudar, e de maneiras bem práticas. Ele providenciou que eu visitasse Paris na companhia de seu irmão mais novo, Herbet, e em seguida pude acompanhá-lo até Londres para uma Conferência Mundial do Judaísmo Progressista.

Londres foi uma revelação para mim. Nós olhávamos para a cidade como um farol de luz repleto de liberdade e de possibilidades, mas quando cheguei, descobri uma cidade devastada pela guerra, com edifícios bombardeados, racionamento rigoroso de comida e pouca sofisticação em

comparação a cidades como Viena. Mesmo assim, adorei a ampla atmosfera de anonimidade de Londres, o espírito de invencibilidade de seus moradores e o corre-corre quase inaudível de uma cidade que avança sempre em direção ao futuro. Não havia nenhum resquício do esplendor estagnado da antiga Europa imperial.

Durante cinco dias, fiquei em uma casa conjugada magnífica, grande e branca, próxima ao Regent's Park, e fui levada para um passeio por um parente dos herdeiros judeus de Lady Montagu. Tomei chá no parque Lane e visitei clubes particulares muito caros.

Gostei muito da minha viagem, mas uma das minhas lembranças mais vívidas foi a de acordar um dia e descobrir que o sangue da minha gengiva havia respingado sobre o lençol branco da cama, deixando-o rosa. Naquele momento, eu já estava sofrendo de uma timidez paralisante e de uma falta de autoconfiança que continuariam me afligindo durante muitos anos. Em vez de explicar o que tinha acontecido, decidi limpar o lençol com a laranja de um cesto de frutas para tentar remover a mancha –, mas obviamente, isso resultou em uma bagunça ainda maior. Por fim, virei o lençol do outro lado de modo que a mancha ficou perto dos meus pés, e esperava que ninguém notasse aquilo.

Depois da nossa viagem a Londres, Otto incentivou minha mãe a me levar para a Suíça, onde o encontraríamos depois. Ao olhar para trás, está claro que eles estavam se aproximando um do outro. Até mesmo minha avó, que nos visitou em Amsterdã e passou alguns meses conosco, estava bem convencida disso. Ela disse a Mutti que, com uma diferença de idade de dezessete anos, "Otto está mais para a minha idade do que para a sua". No entanto, naquela época, eu estava completamente cega para enxergar isso e não fazia a menor ideia da aproximação dos dois.

Seguindo a sugestão de Otto, minha mãe e eu partimos para os Alpes. Fiquei entusiasmada com o fato de visitar montanhas novamente, mas odiava as atividades noturnas.

Mutti tinha de me obrigar a sair para dançar. Ela estava determinada a não deixar eu me tornar uma solitária deslocada, mas eu detestava sair capengando no meio das pistas de dança e cair nas garras de vários soldados suíços que estavam sempre com uniformes militares pesados de lã e que suavam abundantemente.

Porém, essas férias me propiciaram um certo alívio do meu mundo. Mas quando voltei a Amsterdã, o sentimento forte de depressão retornou.

A pergunta era: o que eu iria fazer com o meu futuro?

Como a minha mãe mencionou no início da carta que me enviou no meu aniversário de cinquenta anos, eu não era uma "aluna brilhante", e não me interessava pela leitura nem pela escrita. Embora tivesse me empenhado muito para me formar no liceu e tivesse notas excelentes, a ideia de passar mais três ou quatro anos na sala de aula de uma universidade estudando assuntos acadêmicos obscuros era mais do que minha psique traumatizada poderia contemplar.

O tempo que passei em Auschwitz e na Ucrânia me deixou inquieta. Amsterdã agora parecia uma cidade pequena e monótona, onde todo mundo sabia sobre os problemas de todo mundo e o ritmo de vida era pesarosamente lento. "Não quero ficar aqui", escrevi para os meus avós. "Este é o país mais nojento do mundo".

Fico profundamente constrangida ao ver que escrevi isso. A Holanda mora no meu coração hoje, e como você pôde ver nos capítulos anteriores, fomos muito felizes lá antes da Ocupação. Mas naqueles anos após a guerra, tudo parecia muito sombrio. Como muitas pessoas, eu havia passado por experiências que tornaram impossível voltar à vida que conhecia antes. Eu precisava sair para o mundo e construir um novo tipo de vida – mas eu não tinha ideia do que isso implicava.

Mutti escreveu em sua carta: "Que profissão você deveria escolher? Percebi que você tinha habilidades artísticas, mas também possuía um raciocínio técnico apurado. Então pensei

que tornar-se fotógrafa seria uma boa escolha, e você concordou".

Foi uma boa ideia, e a sugestão original foi de Otto. Ele fora um ávido fotógrafo amador antes da guerra, e tinha uma coleção vasta de fotos da família tiradas com sua máquina fotográfica Leica. Agora que sabia que Edith, Margot e Anne estavam mortas, Otto não tinha mais o menor interesse em seu hobby e tampouco em utilizar a câmera.

Sempre fui a pessoa "prática" da nossa família, enquanto Heinz era o "artista", mas Otto conseguiu enxergar que eu tinha o meu próprio talento. Ele não apenas sugeriu uma carreira para mim como também me ajudou a conseguir um estágio em um estúdio perto de Herengracht – e me deu sua preciosa Leica para trabalhar. Esta câmera é um objeto histórico, e eu a valorizo muito.

Durante o meu último ano na escola, conciliei o trabalho à tarde no estúdio com as aulas no liceu. O estúdio fazia basicamente diapositivos de obras de arte e de arquitetura. Meu trabalho consistia, na maior parte do tempo, em ficar confinada no quarto escuro, mas amei a combinação da visão artística necessária para encontrar e enquadrar um ângulo, aliada ao conhecimento científico de luz e de abertura, e aos conhecimentos técnicos para revelar uma foto.

E o mais importante: eu estava totalmente ocupada. Eu odiava as horas ociosas entre a escola e o momento de dormir; nunca consegui ocupar a minha mente com um livro e interagir com outras pessoas raramente passava pela minha cabeça depois que perdi Pappy e Heinz. Às vezes, eu me divertia quando ia até um bar em Amsterdã no bairro que agora é conhecido como Red Light. Lá, eu via alguns marinheiros americanos ensinando às meninas passos de jazz. Aquilo era muito divertido!

Outro incidente me fez rir também. Mutti convidou um soldado israelita da brigada judaica para jantar conosco numa sexta, mas ele a desapontou ao colocar os pés em cima da mesa de café e perguntar o que iríamos comer. Aquilo acabou

com suas esperanças de transformá-lo em seu genro, mas havia outro rapaz que ela acreditava que poderia dar conta do recado.

Henk era filho de um amigo da família que encontrávamos na sinagoga, e o seu sorriso encantador e sua personalidade carismática e agradável me conquistaram. Henk me levou para sair algumas vezes e a nossa relação começou a se transformar em algo mais sério.

Contudo, por mais que eu gostasse de estar na companhia de Henk, não demorava muito para que eu olhasse para a esquina e esperasse ver Pappy cruzando a rua, ou para lembrar-me de alguma conversa que tive com meu irmão. Não suportava esses pensamentos, então estava mais do que satisfeita em preencher os meus dias com atividades demoradas e exaustivas.

Quando me formei no liceu, fui trabalhar no estúdio em tempo integral. Gostava das pessoas que trabalhavam comigo, especialmente do meu chefe galanteador, Jaap, que fez eu me sentar sobre o seu joelho para demonstrar técnicas fotográficas, além de me levar para passear em sua moto.

Mas ainda não era o suficiente. Eu vivia mal-humorada e era uma pessoa de difícil convivência para Mutti. Em uma foto minha sentada próxima ao canal durante o meu horário de almoço, estou com uma aparência extremamente deprimente. Amsterdã parecia me sufocar com as suas lembranças. Deixar o passado para trás e construir um futuro real exigiria algo mais radical.

Otto e Mutti também enxergaram isso. Otto perguntou aos seus contatos e encontrou outro estúdio onde eu poderia trabalhar por um ano. Era em uma cidade que eu já conhecia um pouco – uma cidade tão vasta, ampla e anônima que a velha Eva Geiringer poderia se perder por lá, mas eu teria a oportunidade de seguir adiante: Londres.

[1] “Minhas flores”, na tradução do francês. (N.T.)

Capítulo 17
O Julgamento

À margem das ações cotidianas na tentativa de reconstruir nossas vidas, os anos que passamos em Amsterdã após a guerra foram marcados por um grande acontecimento: o julgamento daqueles que nos entregaram aos nazistas.

Havia tantos informantes em Amsterdã durante a guerra que muitas famílias nunca descobriram quem exatamente os traiu. Em alguns casos, poderia ter sido mais do que apenas uma pessoa.

Havia "caçadores de judeus" oficiais de uma unidade chamada Colonne Henneicke, uma divisão investigativa do Bureau of Jewish Affairs, Escritório de Questões Judias (o nome era uma homenagem ao principal investigador, um jovem de cabelos enrolados e sem qualquer compaixão chamado Wim Henneicke, cujo trabalho anterior era administrar táxis que não tinham licença para circular). Os "caçadores de judeus" costumavam ser homens jovens e de educação precária que haviam entrado para o Partido Nazista Holandês, o NSB. Eles costumavam ostentar que tinham uma vida repleta de luxo, recebendo uma bonificação de 7,5 florins holandeses (o que atualmente equivale a 50 libras) para cada judeu que prendessem.

Além disso, havia os civis que a Colonne Henneicke recrutava como informantes, e a quem pagavam uma boa soma para cada judeu denunciado. Algumas pessoas traíam membros de suas próprias famílias, como a mulher que entregou sua própria cunhada por conta da disputa de um rádio. Uma judia denunciou oitenta outras famílias, mas ainda assim foi presa e enviada para um campo de concentração, onde acabou morrendo. É claro que também havia os seguidores da ideologia nazista, comprometidos com a causa de Hitler, além

de legiões de informantes comuns, cada um com motivos próprios – motivos que, muitas vezes, não iam além de pura maldade.

Durante a Ocupação Nazista, Amsterdã tinha milhares de pessoas dispostas a se desviarem de seus próprios caminhos para trair os judeus – e, ao final da década de 1940, esses indivíduos tiveram de acertar suas contas com a justiça.

Diferentemente de Otto, que nunca soube ao certo quem tinha traído sua família, nós sabíamos os nomes daqueles cujas ações nos levaram à prisão.

Havia Gerada Katee-Walda, a mulher que chantageou meu pai em busca de mais dinheiro. Ela exigiu que ele aumentasse seus pagamentos de 400 para 700 florins por mês, um valor astronômico – o equivalente a 5 mil euros hoje em dia. Katee-Walda deu início a toda a sequência de acontecimentos que levaram meu pai e Heinz a terem de se mudar para outros lugares, e por fim acabaram morrendo. Depois de sermos presos, a Gestapo fez uma visita à senhora Katee-Walda. Para garantir sua própria segurança, ela lhes entregou a localização de outra família que escondia quatro judeus. A família e as pessoas que eles escondiam foram encontradas e deportadas. Todos morreram.

Gerada Katee-Walda foi a julgamento em 1947, e sua sentença a obrigou a passar sete meses em um campo de internamento. Mais tarde, mudou de nome e desapareceu.

Também havia o grupo de pessoas que havia conspirado para deliberadamente nos entregar nas mãos dos nazistas. A "gentil" enfermeira holandesa que havia encontrado meu pai e Heinz no trem e os levado para a casa onde foram presos se chamava Miep Braams. Braams era namorada de um funcionário da Resistência holandesa, um rapaz de nome Jannes Haan, e, teoricamente, ela deveria ajudá-lo a proteger os judeus e oferecer auxílio à Resistência. Conforme a guerra progrediu, Haan passou a suspeitar que sua namorada era, na verdade, uma agente dupla dos nazistas – uma quantidade enorme de famílias judias que ele confiou a ela haviam

desaparecido sem deixar vestígios ou acabaram sendo presas. Quando Braams descobriu as suspeitas dele, entregou Haan à Gestapo e ele foi executado.

Mais tarde, foi revelado que Miep Braams foi responsável por entregar cerca de duzentas famílias judias, incluindo a nossa. Ela agia como parte de um grupo maior de informantes, sob o comando de um policial holandês extremamente antissemita, chamado Pieter Schaap. Duas das mulheres que trabalhavam com Schaap eram judias: Ans van Dijk e Branca Simons.

Ans van Dijk se tornou conhecida na Holanda como a única mulher a receber pena de morte por seu papel na Ocupação, e acabou sendo executada em janeiro de 1948. Van Dijk tinha 37 anos e era assistente de vendas quando escapou da deportação em 1943, após concordar em entregar outros judeus – e aceitou sua tarefa com entusiasmo, denunciando mais de cem pessoas.

Branca Simons, que também era judia, foi a mulher que recebeu meu pai e Heinz no novo esconderijo – e lhes ofereceu uma refeição muito saborosa enquanto esperava a chegada da Gestapo. Trabalhando com Pieter Schaap, Simons criou uma suposta casa segura na Kerkstraat, número 225, onde fingia ser casada com outro membro do grupo, o criminoso mesquinho Wim Houthuijs. Juntos, eles receberam várias famílias judias desesperadas em sua "casa" – que, na verdade, era uma terrível armadilha. Simons também recebeu pena de morte por seus atos, mas posteriormente essa pena foi transformada em sentença de prisão.

O caso do qual me recordo mais vivamente foi o julgamento de Miep Braams, pois Mutti foi chamada para testemunhar.

O governo holandês havia criado um sistema para trazer colaboradores à justiça mesmo enquanto ainda estava no exílio. Mediante o Ato Especial de Justiça, uma série de tribunais era estabelecida por toda a Holanda, incluindo juizados especiais para os casos mais sérios. Na Holanda

recém-libertada, o Departamento de Investigação Política, sob controle do gabinete do procurador-geral, analisou centenas de milhares de casos.

Para se ter uma ideia do número assustador de pessoas sob investigação, um total de 450 mil dossiês foram reunidos. Quase metade deles foi enviada a um promotor, e cerca de 50 mil pessoas apareceram nos tribunais, enquanto 15 mil compareceram aos juizados especiais.

Miep Braams já havia sido julgada por ter trabalhado com os nazistas, mas a acusação fracassou por conta da dificuldade de se encontrar evidências. Em maio de 1948, chegou a nossos ouvidos que ela seria julgada uma segunda vez.

– Eu também preciso estar lá – falei para Mutti. – Quero comparecer e ver com meus próprios olhos.

– Eu sei, Evi – disse Mutti. – Mas eles não deixam crianças ou jovens entrarem no tribunal. Talvez pensem que vocês ficarão perturbados ou algo assim.

Eu não conseguia acreditar.

– Perturbados! É a pessoa que nos enviou para Auschwitz. Se não fosse por ela, Pappy e Heinz ainda estariam vivos!

Mutti tentou me acalmar, mas era impossível ignorar as regras do tribunal. Ela precisava ir sozinha.

O dia chegou e, conforme minha mãe me contou depois, Miep Braams sentou-se no banco dos réus com uma aparência fria e serena. Suas mãos estavam presas à frente do corpo; sua expressão apática em momento algum esboçou reação enquanto ela ouvia Mutti descrever o que tinha acontecido, a forma como ela tinha agido ao trair nossa família – estranhos inocentes que só queriam viver suas vidas. Enquanto Mutti a olhava com a angústia de uma mãe e de uma esposa que tinha perdido quase tudo, Braams retribuía o olhar sem demonstrar qualquer emoção. Não aparentava sentir qualquer remorso.

– Eu queria ir até o banco dos réus e arrancar os olhos dela! – gritou Mutti mais tarde, com amargura e dor profundas, algo que eu raramente via nela. – Ela sequer sentia remorso pelo que tinha feito!

Braams não era apenas fria, mas também astuta. E trazia uma carta na manga: durante a guerra, ela tinha salvado a vida de uma judia que, por acaso, acabou se tornando muito famosa.

Paula Lindberg-Salomon era uma cantora de ópera muito famosa de Berlim. Ela tinha escapado com o marido de Westerbork em 1943, e havia permanecido escondida no sul da Holanda durante o restante da guerra. Lindberg prestou depoimento falando sobre a imensa gratidão que sentia por Braams, que a tinha ajudado a se esconder e a sobreviver.

O julgamento foi longo, mas, em abril de 1949, o veredito saiu. Braams era culpada, mas sua sentença não passava de seis anos na prisão.

Nós ficamos indignadas.

– Como alguém pode passar só seis anos na prisão depois de compactuar com o assassinato de duzentas pessoas? – gritei para Mutti.

– Também não consigo acreditar nisso, Evi. Depois de alguns anos, ela vai estar solta e vivendo uma vida normal outra vez… mas nós perdemos Pappy e Heinz para sempre.

E foi exatamente isso que Miep Braams fez.

Como descobri mais tarde, as sentenças brandas eram uma parte frequente dos julgamentos de colaboradores dos nazistas. Qualquer coisa poderia influenciar a solidariedade a favor do acusado – a declaração de um judeu a quem eles ajudaram de alguma forma ou até mesmo o apelo de uma esposa ou de uma mãe. Embora 140 pessoas tenham recebido sentenças de morte, 100 dessas penas mais tarde se transformaram em sentença de prisão perpétua, porque o governo holandês temia a possibilidade de um exagero de execuções prejudicar a moral pública. O tempo médio de permanência na cadeia de um “caçador de judeus” era de dez anos, mas algumas sentenças não passavam de doze meses.

Eu gostaria de poder dizer que acredito que essas pessoas, especialmente Miep Braams, enfrentaram a verdadeira justiça após a morte, mas minhas experiências em Auschwitz me

despiram de qualquer crença no poder de “Deus” ou na vida após a morte.

A justiça deve existir neste mundo, ou então ela simplesmente não existe mesmo.

Capítulo 18
Londres

O clima em Londres estava particularmente fresco e úmido naquela primavera, mas cheguei lá com a pequena semente da esperança de que seria um novo começo. E parecia que todo o país se sentia da mesma forma. Era maio de 1951, e a Inglaterra tinha decidido se desfazer da austeridade pós-guerra por meio do lançamento do Festival of Britain.

Mais de 8,5 milhões de pessoas foram ao South Bank, em Londres, para ver o Royal Festival Hall, uma construção coberta por concreto. Uma torre em forma de cachimbo com aproximadamente 90 metros de aço e alumínio batizada de Skylon se erguia até as nuvens para proclamar a confiança no modernismo. A Grã-Bretanha já estava pronta para dar um passo à frente e se reconstruir, e havia planos para novas cidades, novos tipos de casa e investimentos no Serviço de Saúde Nacional, que tinha sido fundado três anos antes.

Além disso, a população abatida pela guerra estava pronta para se divertir, e milhões de pessoas desfrutavam da feira nos Battersea Pleasure Gardens, andando nas miniaturas de trens e caminhando pelos jardins de estilo europeu. O futuro parecia promissor – talvez até mesmo convidativo.

Em meio às lágrimas, Mutti me viu partir da Estação Central de Amsterdã e prometeu me visitar, mas meu sentimento de tristeza se misturava à ansiedade.

– Você precisa se cuidar – ela disse. – E me escreva muitas cartas contando tudo o que fizer.

– Farei isso – prometi.

– E depois poderei ir visitá-la, e vamos ver sua avó Helen e a família em Darwen.

Depois de um beijo e um abraço, segui para o trem. Para dizer a verdade, eu queria dar o fora, e, com a alegria típica

da juventude, supus que Mutti entenderia.

Henk e eu já tínhamos nos despedido. Eu gostava muito dele, mas não sabia o que fazer com o relativo conforto com o qual me lancei sem ele nessa aventura. Henk tinha me pedido em casamento, e eu disse que pensaria na ideia. De alguma forma, sentia-me curiosamente desapegada dos meus sentimentos.

Otto tinha encontrado um local para eu trabalhar por um ano e Sam, um jovem que eu conhecia de Amsterdã, encontrou uma pensão onde eu poderia morar. Peguei o trem de Amsterdã para Hoek van Holland e, em seguida, o barco até a Inglaterra. Depois embarquei em outro trem até a estação Liverpool Street, onde Sam estava me esperando.

Minha impressão inicial nessa segunda visita à cidade foi muito menos favorável. A área ao redor da estação parecia um local recém-bombardeado, e até mesmo as ruas estreitas e os prédios que restavam pareciam pobres e sujos.

Sam explicou que eu viveria no noroeste de Londres, não muito longe de onde milhares de outros judeus que falavam alemão – sendo o mais famoso deles Sigmund Freud – haviam se estabelecido, em Golders Green e Hampstead. Com o pequeno salário que receberia do meu novo empregador, infelizmente eu não viveria em meio a eles.

Tomamos o metrô e descemos em Willesden Green. Caminhamos em direção a Cricklewood, passando por filas de casas e fachadas de lojas que, para mim, pareciam uma versão bizarra do sonho inglês. Tudo estava esmagado e amontoado, como janelas com caixilhos, pequenos jardins e arvoredos floridos. Muitas vezes havia espaços entre as construções, e grupos de crianças desajeitadas saíam rindo do meio dos entulhos e das pedras – cortesia do pesado bombardeio que os locais chamavam de “urbanismo do sr. Hitler”.

A proprietária da pensão, sra. Hirsch, abriu a porta da Chichele Road, número 91, quando eu bati. Fui imediatamente recebida com um abraço caloroso. Cricklewood era uma região habitada pela classe operária irlandesa, mas a sra. Hirsch era

uma judia da República Tcheca, então acreditei que ela cuidaria bem de mim.

Mesmo depois da série de problemas que eu havia enfrentado recentemente, a vida em uma pensão inglesa tornou-se um choque. É claro que era infinitamente melhor do que as vilas queimadas e as casas caindo aos pedaços pelas quais eu tinha passado na Europa Oriental, mas não era nada luxuosa como nossa antiga casa em Viena. Tampouco era tão confortável quanto nosso pequeno apartamento em Merwedeplein.

A casa era escura e estreita, com um ar frio do qual você somente conseguia se livrar se fosse sentar perto da lareira a gás que quase queimava suas sobrancelhas. O banheiro tinha uma estranha engenhoca alimentada por moedas grudada à parede, cuja função era esquentar a água. Rapidamente passei a ver aquela besta como um monstro perigoso, algo de que eu deveria me aproximar com extremo cuidado. Depois de apressadamente colocar todas as pequenas moedas que cabiam em minha mão, eu ficava atenta para não ser queimada pelas gotas de água fervente que eram lançadas em todas as direções. Alguns momentos mais tarde, o banho se tornava frio outra vez.

À noite, fechávamos as portas de nossos quartos e tremíamos em nossos pijamas e camisolas de flanela, com o corpo envolto em cobertas tão frias que a sensação era a de pular em um mar gelado. O vento soprava pelas lacunas das janelas. Eu caía no sono ouvindo o zumbir das linhas acima quando um bonde se aproximava do ponto no final da rua, e então virava a esquina fazendo muito barulho.

Eu gostava daquele estranho novo país, mas achava curioso que na Europa continental acreditava-se que a Inglaterra era o centro da modernização.

– O que é isso? – gritei uma noite, apontando para o prato com o meu jantar.

A sra. Hirsch deu um passo para trás e me encarou.

– O que você quer dizer?

– Isso é a comida que se dá a um burro – falei, erguendo uma enorme cenoura do meu prato e balançando-a diante dela.

Nunca fui muito boa em guardar as minhas opiniões para mim mesma. Na Áustria, eu só comia cenouras fatiadas ou cortadas em bastõezinhos. Em Amsterdã, os holandeses as serviam em purê. No entanto, aqui estava uma monstruosidade que eu teria de mastigar no jantar. E tinha até mesmo o talo verde preso à extremidade. A aparência era hilária.

– É muito bom para você – falou a sra. Hirsch, encarando-me com olhos estreitados. – Tem vitaminas para fortalecê-la.

Muitas vezes eu não gostava do quanto a sra. Hirsch cuidava de mim. Os alimentos foram racionados na Grã-Bretanha até 1954, mas ela costumava me agradar com um almoço contendo uma salada de batatas ou uma salsicha. Naquela ocasião específica, a sra. Hirsch tinha claramente comprado e guardado a cenoura só para mim, em vez de dividi-la com os demais moradores da pensão.

Eu continuava obcecada por comida depois de quase ter morrido de inanição em Auschwitz, e tive problemas para me adaptar à culinária britânica. Percebi que, quando meus colegas de trabalho e vizinhos queriam um agrado, compravam um saco de batata frita engordurada e uma cebola em conserva – e suspiravam como se aquilo fosse o ápice do prazer. Diferentemente deles, eu recebia a comida de Amsterdã como se ela contivesse as maravilhas do mundo, e avançava sobre os alimentos vorazmente.

Um dos itens em uma das minhas primeiras remessas de comida vinda de Amsterdã foi um delicioso chocolate holandês – um prazer muito raro na Londres dos anos 1950. E esse chocolate atraiu a atenção do jovem inquilino que vivia do outro lado do corredor, no outro quarto que havia no sótão. Certa noite, ele bateu à minha porta e se apresentou. Seu nome era Zvi Schloss, e eu sabia que era alemão. Naquela noite, discutimos os mistérios de como usar o aquecedor de

água do banheiro. E, quando ele viu minha comida, seus olhos brilharam diante da barra de chocolate.

Não demorou muito para eu me sentir muito à vontade com Zvi. Ele estava estudando para obter o título de mestre na London School of Economics, e tinha uma inteligência sagaz e um senso de humor ácido. Nenhum de nós era muito alto, mas eu gostava da estatura dele, do seu belo rosto e dos cabelos puxados na altura das têmporas. Havia algo em sua aparência que fazia eu me lembrar do meu pai, e eu me senti ligada a ele.

Em Londres, aqueles vínculos familiares agora eram lembranças, e não a realidade cotidiana que eu encontrava em todas as esquinas. Atravessando a cidade, eu me sentia reconfortada, e não com medo por ser uma jovem anônima – era apenas mais uma pessoa em meio a milhões de estranhos, cada um com uma história para contar.

Todas as manhãs, eu ia até a estação de metrô em Willesden Green e pegava o trem até o centro da cidade. Sabia que algumas pessoas detestavam os compartimentos lotados e os túneis claustrofóbicos, mas eu me sentia muito confortável, mesmo em meio aos movimentos rítmicos do trem, à escuridão, ao odor de suor, perfume, chuva e fumaça de cigarro. A massa de pessoas amontoadas era educada, mas elas sequer sonhariam em conversar com você ou em olhá-la nos olhos.

Meu novo trabalho era no Woburn Studios, em Bloomsbury. O enorme estúdio se espalhava pelo andar térreo e pelo porão de um prédio na Tavistock Street, e nós pintávamos enormes peças projetando imagens na parede. O ofício era bastante complicado e exigente, mas eu era recompensada aprendendo coisas novas. Ainda trabalhava na sala escura, mas agora podia ampliar um pouco meus horizontes, e até mesmo sair de vez em quando para realizar algumas tarefas (embora elas raramente significassem mais do que segurar refletores para a iluminação).

Certo dia, meu chefe, o sr. Peck, pediu que eu o acompanhasse até o aeroporto. Naquela época, o Heathrow só funcionava para a aviação civil havia cinco anos, e os trabalhos de construção dos primeiros terminais tinham acabado de começar. A jornada pareceu levar um tempo enorme. Tínhamos de sair de Londres em direção ao interior, e finalmente paramos no asfalto ao lado de um novo jato, o de Havilland Comet.

Subi atrás do sr. Peck a bordo do avião e passamos o dia tirando fotos de modelos vestidas como comissárias de bordo glamorosas, que fingiam entregar refeições deliciosas. Hoje em dia, quando voo ao redor do mundo, amassada com centenas de outras pessoas na classe econômica, acabo sorrindo ao me lembrar de quão empolgada eu me senti com a possibilidade de ser iniciada no fantástico mundo da viagem aérea – e um pouco nostálgica em relação às medidas de segurança menos severas.

Naquela época, eu era excessivamente retraída e quieta, e tinha apenas o inglês que aprendi no colégio, mas mesmo assim fiz amigos no trabalho. Compartilhamos alguns dos prazeres de sermos jovens e pobres na cidade – como comprar um único jornal por dia e dividi-lo para que todos pudessem ler. Minha vida não era exatamente um turbilhão social, mas, além dos colegas de trabalho, conheci algumas pessoas na pensão, onde um dos moradores, um irlandês, chegou a me levar para ver corridas de cachorro. Também me encantei por um açougueiro *kosher* porque amava seu cheiro de salsicha. Até mesmo comecei a sair com alguns rapazes.

Quando retornei a Amsterdã, ainda havia a meia-promessa de me casar com Henk, mas eu estava mais próxima de Sam. Ele trabalhava como mecânico, mas queria ser rabino e – se é que isso é possível – era mais tímido do que eu, chegando a gaguejar quando ficava nervoso. Com frequência, íamos a palestras e a eventos na Quaker Meeting House, na Euston Road, e depois que o palestrante terminava, eu sentia que Sam estava se preparando para fazer uma pergunta. Seus ombros

ficavam tensos e seu rosto enrubescia como consequência do esforço – mas ele sempre dava um jeito de ficar em pé e de perguntar alguma coisa, independentemente de quanto tempo precisasse para conseguir articular as palavras. Eu admirava seus esforços, mas sentia meu interior ficar paralisado só de pensar em ter de passar por aquilo.

Por ter me ajudado tanto e por ter encontrado uma casa para mim na pensão da sra. Hirsch, Sam provável e compreensivelmente acreditava que o nosso vínculo estava se tornando mais forte. Entretanto, por mais que eu gostasse dele – e de Henk, em Amsterdã –, ainda havia outro garoto conquistando um espaço maior em minha vida. Conforme nossa amizade crescia, Zvi começou a me acompanhar em várias atividades. Com frequência íamos juntos ao Festival of Britain e fazíamos piqueniques com os demais moradores da pensão no Battersea Pleasure Garden, onde percebi – com ciúmes e irritação – que Zvi estava cortejando outra mulher, uma alemã loira e de peitos grandes, mais velha do que eu, e já casada.

Certa noite, fomos assistir a uma peça no pequeno teatro no final da rua, e entramos em pânico quando não conseguimos encontrar o caminho de volta em meio a uma enorme nuvem de fumaça. Zvi quase foi sufocado pelo ar poluído. Em outras ocasiões, subíamos até Hampstead Heath, com o bairro de City of London e a Catedral de São Paulo formando um pano de fundo impressionante. E conversávamos sobre diversos assuntos – mas nunca sobre o que tinha acontecido durante a guerra.

Fiquei impressionada quando Zvi me convidou para jogar tênis, embora sua terrível performance tenha revelado que aquele esporte não era seu forte. Apesar de todos os seus esforços, eu ainda não tinha certeza se Zvi realmente estava interessado em mim ou apenas nos meus chocolates, mas eu ainda tinha outros pretendentes com quem sair e que me manteriam distante de qualquer envolvimento emocional – o que, pensava eu, era exatamente o que eu queria.

Capítulo 19
A história de Zvi

Enquanto eu era uma garotinha em Viena e depois viajava por toda a Europa com minha família em busca de segurança, Zvi também passava por uma infância traumática na fronteira alemã na Bavária.

Seu pai, Meier, nasceu em um vilarejo da Bavária, e sua família era composta basicamente por fazendeiros e empresários judeus. Então veio a Primeira Guerra Mundial, que levou Meier para longe de sua casa e, quando ele retornou, era um soldado derrotado e um homem enfraquecido que sofria de reumatismo e de uma doença cardíaca séria.

Em vez de voltar para seu vilarejo, o pai de Zvi se mudou para a cidade de Ingolstadt, ao norte de Munique, e abriu uma empresa para trabalhar com os produtores de cerveja locais.

Quando Zvi nasceu, em 1925, seu pai era um empresário de sucesso e um homem de família. Sua primeira esposa havia morrido ao dar à luz o meio-irmão de Zvi, Shlomo, e a mãe de Zvi, que vinha de uma família afortunada de vendedores de vinho em Württemberg, era a segunda esposa de Meier.

Desde o início, Zvi era o bebê adorado da família. Quando as crianças alemãs entram na escola, recebem um enorme cone de papel decorado repleto de doces. Os pais de Zvi contrataram um artista para pintar um retrato do garotinho com seu cone, para pendurar a obra na parede da sala de estar.

Mas não demorou muito para as coisas darem errado para a família. A turbulência econômica na Alemanha dos anos 1920 fez a empresa precisar lutar para sobreviver, e as discussões eram um problema constante. Mais tarde, o pai de Zvi passou a vender tecido para a produção de ternos e roupas; por fim, tentou vender seguros de vida e até mesmo charutos.

Os avós de Zvi mudaram-se para a casa deles para ajudar a economizar. Seu avô era um médico local respeitado que costumava fazer consultas gratuitas para aqueles que estivessem enfrentando dificuldades – e muitas pessoas estavam. Logo ele se tornou médico oficial do partido Social Democrata.

Foi o avô de Zvi que incentivou o interesse do garoto em aprender línguas – um gosto que perdurou por toda a sua vida. Ao anoitecer, o avô chamava Zvi e Shlomo até sua mesa, e lia para eles histórias de Rudyard Kipling, enquanto Shlomo aprendia palavras em inglês e Zvi lançava comentários ocasionais.

Entretanto, apesar desses momentos agradáveis, a família Schloss sofria. Tinham poucos amigos em Ingolstadt, e o antissemitismo estava crescendo.

“Eu não tinha um amigo sequer no meu colégio. Os garotos gritavam ‘Judeu! Judeu!’ para mim”, Zvi me contou muito tempo depois. “Havia aproximadamente quarenta famílias judias na cidade naquela época, mas nenhuma delas tinha filhos no meu colégio, e eu me sentia completamente isolado. Certa vez, os garotos me perseguiram até eu chegar ao topo de uma escada alta de pedras. Eu escorreguei, caí até o início da escada e feri minhas costas e minhas costelas. Nas ruas de Ingolstadt, podíamos sentir as pessoas se virando contra nós… Elas já não falavam com a gente ou nos olhavam nos olhos.”

Em 1934, um ano depois que os nazistas assumiram o poder, o pai de Zvi foi pego e preso “para sua própria segurança”. Ele foi transportado até o campo mais próximo, Dachau, que na época abrigava majoritariamente comunistas, criminosos e oponentes de Hitler, além de alguns judeus. Dachau era descrito como um campo de trabalho, mas milhares de pessoas eram injustamente presas naquele local, e poucas delas conseguiam sair vivas.

“A vida em família se tornou ainda mais complicada. Nós só tínhamos direito a escrever cartas ocasionais para meu pai, em cartões que já vinham preparados com uma pequena seção

para comentários escritos a mão. Ele também só podia responder dessa forma. Era o único contato que tínhamos com ele."

É possível imaginar os pensamentos e sentimentos de Zvi quando ele olhou pela janela certo dia e viu um carro com a parte superior aberta passando lentamente pela multidão aos gritos, e carregando ninguém menos do que o próprio Adolf Hitler.

Ingolstadt era uma fortaleza nazista, e Hitler estava visitando um amigo, o chefe local do partido. "Parecia que todos na cidade tinham comparecido para ver Hitler. A suástica estava pendurada em todas as construções, e as pessoas se mostravam quase histéricas de tanta felicidade."

Zvi me contou sobre os vários sentimentos que teve quando se lembrou, mais tarde, desse incidente, com o benefício da retrospectiva.

"As pessoas às vezes me diziam: 'Se você tivesse jogado uma bomba diretamente naquele carro…'. Mas eu era apenas uma criança e, de qualquer forma, nenhum de nós poderia ter imaginado o que estava por vir."

Zvi viu Hitler três vezes em Ingolstadt.

"Eu o achei banal. Era difícil acreditar que alguém que parecia tão comum pudesse ser responsável por tantos assassinatos, por quase ter acabado com os judeus."

Certo dia, Zvi abriu a porta de sua casa e encontrou a pessoa que tanto esperava ver: seu pai. O retorno de Meier foi completamente inesperado, e ele tinha mudado drasticamente. Estava magro e nervoso, e não suportava ficar em um cômodo com a porta fechada. Depois de dois anos, o pai de Zvi havia sido liberado de Dachau, mas somente mediante a condição de que a família deixasse a Alemanha dentro de dois meses. Meier passou imediatamente a tentar conseguir vistos para que eles pudessem fugir para outro país.

Parecia uma tarefa impossível. Em 1936, a maioria dos países se recusava a aceitar judeus refugiados e sem dinheiro, e eles tentaram escapar para todos os lugares, mas sem

sucesso. Por fim, conforme o prazo se aproximava e eles começavam a realmente entrar em pânico, alguém lhes disse que o consulado britânico em Munique tinha alguns vistos para a Palestina em casos de emergência extrema. Eles tentaram e, por sorte, foram aceitos.

"Deixei a Alemanha com meu irmão e meus pais. Primeiro tomei um trem para Munique e depois atravessei a Áustria até o porto italiano de Triest", recordou Zvi.

Em Trieste, eles embarcaram em um navio palestino e seguiram rumo a Haifa, no que então era a Palestina controlada pelos britânicos. Zvi tinha onze anos de idade.

"Antes de os nazistas chegarem ao poder, nós éramos cidadãos e empresários respeitados, mas deixamos aquele navio como imigrantes pobres, com meu pai física e emocionalmente abalado depois de suas experiências em Dachau. Naquela terra, nós nos vimos completamente alienados em meio aos cheiros, à luz do sol, aos arredores, à língua e às pessoas, mas ali estava a base para o restante da minha vida. E nós estávamos livres."

Cansados, mas muito atentos, os membros da família Schloss deixaram de lado seus pesados hábitos alemães e deram início a uma nova vida naquele país bagunçado e por vezes muito pobre onde, aos olhos dos alemães, tudo parecia em estado de desordem.

A vida era difícil. Na Alemanha, o pai de Zvi tinha administrado sua própria empresa, mas agora se via obrigado a carregar uma carriola, subindo e descendo as colinas da cidade, levando barris de uma popular bebida local. Considerando o estado de saúde de Meier, aquele era o pior trabalho possível, mas ainda assim era melhor do que ver sua família passar fome.

O pai de Zvi matriculou o filho em um colégio particular, onde o garoto poderia começar a estudar hebraico e, assim, tentar se acostumar com o novo país.

"Eu já não precisava correr de gangues de garotos alemães que me davam socos enquanto gritavam 'Judeu!', mas, em

Haifa, eu tinha de andar disfarçado pelas ruas quentes, sempre atento às tensões e animosidades entre a comunidade judaica que se acotovelava com os árabes da Cidade Antiga. Eu me lembro de ver autoridades britânicas andando em seus uniformes cáqui, com bermudas até os joelhos e capacetes medula."

Entretanto, logo a vida da família se transformou de forma irrevogável.

Em 1938, os avós de Zvi fizeram uma visita, vindos da Alemanha para seu Bar Mitzvah[1], e, embora a situação da era Hitler estivesse se tornando intolerável, eles decidiram voltar.

"Parece uma decisão surpreendente", refletiu Zvi muito tempo depois. "Mas eles eram idosos, não tinham outra casa, e tinham passado toda a vida como alemães. Esperavam que seu país logo voltasse a ser racional e se livrasse dos nazistas."

No fim das contas, essa decisão não poderia ter se provado mais equivocada. O avô de Zvi não suportou a vida na Bavaria nazista nem a humilhação de perder seu prestígio profissional como um médico extremamente respeitado, e acredita-se que tenha cometido suicídio. Depois, quando a guerra teve início, a avó de Zvi foi deportada para um campo de concentração na Letônia, de onde nunca mais voltou.

Muitas mudanças ocorreram também em Haifa. A saúde do pai de Zvi piorou por conta do desgaste gerado por seu trabalho pesado, e ele acabou morrendo de falência cardíaca. Zvi queria desesperadamente seguir os estudos, mas sabia que teria de deixar a escola e encontrar trabalho. "Para mim, parecia que o melhor lugar para se ganhar dinheiro era em um banco, então foi onde comecei, aos treze anos, fazendo trabalhos menores."

Antes de morrer, o pai de Zvi tinha encontrado para o filho uma ocupação em um banco chamado Feuchtwanger, que pertencia a um alemão judeu. O então garoto continou estudando à noite por muitos anos, até passar nos exames.

Ao mesmo tempo, ele se tornava muito envolvido com o sionismo. A guerra na Europa estava criando problemas na

Palestina. Os nazistas e seus parceiros queriam invadir o Oriente Médio para terem acesso ao petróleo e ao delta do Nilo. Aviões italianos bombardeavam Haifa regularmente, destruindo tanques de armazenamento e refinarias de petróleo, e assim fazendo enormes bolas de fogo explodirem na direção do céu.

– Estávamos aterrorizados com a possibilidade de os nazistas dominarem a região, mas também profundamente insatisfeitos com o governo britânico – relatou Zvi.

O Livro Branco de 1939 dos britânicos propunha o estabelecimento de uma Palestina independente, governada por árabes e judeus. A representação seria proporcional às respectivas populações daquele ano. O documento colocava restrições à imigração de judeus e ao direito de esse povo comprar terras de árabes.

Um limite de 75 mil imigrantes judeus foi estabelecido para os cinco anos seguintes, consistindo de cotas anuais regulares de 10 mil sujeitos e uma cota suplementar de 25 mil para cobrir refugiados de emergência durante o mesmo período. Depois de 1944, as demais imigrações dependeriam da permissão da maioria árabe.

Ao final da guerra, os primeiros relatos do Holocausto surgiram na região. Zvi lembra a reação:

"Todos nós nos sentimos terrivelmente devastados pela catástrofe que havia ocorrido com o povo judeu. Ouvimos rumores do que estava acontecendo na Europa, mas era quase impossível acreditar naquilo. 'É claro que as coisas não podem estar tão ruins assim', nós pensávamos. Tínhamos vivido todo aquele tempo sem informações. Então observamos as várias e várias embarcações com refugiados judeus invadindo as praias, os quais eram presos e deportados pelos britânicos, que os enviavam para campos de deslocados no Chipre. Era chocante e completamente inacreditável."

Em 1945, Zvi entrou para a Haganah, uma organização judaica paramilitar clandestina. O exército se encontrava para treinar durante a noite no moinho de farinha de Haifa. "Eu

estava pronto para lutar por um Estado judeu independente e por meu povo."

Em novembro daquele ano, as Nações Unidas votaram por aceitar um plano de partilha propondo que os britânicos deixassem a Palestina, além do estabelecimento de dois estados separados: um árabe e um judeu. As tensões entre as comunidades atingiram seu ponto máximo. Muitos, em ambos os lados, discordavam do plano proposto e também das futuras fronteiras.

Em 30 de dezembro de 1947, um grupo da milícia árabe invadiu uma refinaria e matou 39 funcionários judeus.

"Embora tivesse sido treinado para atirar e até mesmo para lançar granadas, eu andava pelas ruas com medo", relatou Zvi. "Certa vez, na parte antiga de Haifa, ouvi um carro me seguindo. Virei a tempo de avistar um homem árabe puxando uma pistola e mirando na direção da minha cabeça. Abaixei-me rapidamente e por pouco consegui evitar que uma bala atingisse meu cérebro."

Em 15 de maio de 1948, quando o Estado de Israel foi fundado, Zvi imediatamente entrou para as Forças de Defesa de Israel, a sucessora do Haganah, e ali serviu por dois anos – primeiro como tesoureiro, depois como censor na unidade de inteligência do exército.

Zvi sempre teve o cérebro mais desenvolvido do que os músculos, portanto uma vida militar realmente não era para ele. "Eu me lembro de uma vez em que tive um terrível surto de disenteria, e parei em uma vila de drusos para limpar meu traseiro em um espaço para gado enquanto as garotas locais olhavam. Que experiência adorável para mim. E para elas!"

Nas horas de folga, Zvi ficava em sua barraca empoeirada lendo e estudando, e quando o serviço do exército chegou ao fim, ele voltou a trabalhar no banco.

"Percebi que, se eu quisesse avançar em minha carreira, teria de deixar Israel por algum tempo e adquirir mais experiência no exterio", contou.

O banco o ajudou a encontrar um trabalho em Londres, e ele chegou à Inglaterra em 1950 usando um casaco de inverno alemão antigo, o que o fazia parecer um personagem de romance do século XIX.

Eu me lembro desse casaco. Era horroroso, mas Zvi parecia adorá-lo. Mesmo nos primeiros dias de nosso relacionamento, eu já esperava o dia em que ele se livraria daquela peça! Naquela época, Zvi não se dava conta de que precisaria de um novo casaco. Os invernos europeus seriam apenas uma inconveniência temporária, porque ele estava completamente decidido a retornar a Israel e a seu emprego no mercado financeiro. Se eu não tivesse aparecido na pensão onde ele vivia, cheia de opiniões mistificantes e trazendo comigo uma quantidade razoável dos deliciosos chocolates holandeses, ele certamente teria retornado.

Porém, nós nos encontramos, e nossas vidas mudaram para sempre – e para melhor.

---

[1] Cerimônia da tradição judaica que ocorre quando um menino completa 13 anos, e tem por objetivo marcar a transição da vida de um garoto para a de um homem.(N.T.)

Capítulo 20
O casamento

Amanhã em que me casei foi de um lindo dia de verão em Amsterdã. Havia apenas um obstáculo no meu caminho: a minha sogra. Frau Schloss me desaprovou desde o momento em que soube da minha existência. Ela estava completamente arrasada porque eu tiraria dela seu querido Zvi.

Zvi havia me pedido em casamento alguns meses antes, quando estávamos caminhando pelo parque Hampstead Heath.

– Eva, eu te amo e acho você uma garota maravilhosa – e de repente ele deixou escapar, muito nervoso. – Quer se casar comigo?

Se este livro fosse romântico, eu teria aceitado imediatamente, mas duas coisas me fizeram hesitar. Eu era extremamente apaixonada por Zvi, mas ainda estava muito confusa em relação a meus sentimentos – e eu não tinha certeza se, ou com quem, queria me casar. Fazia apenas alguns anos desde que tinha perdido Pappy e Heinz, e embora eu tivesse conseguido me mudar para Londres e me acostumado ao dia a dia de uma vida normal, eu não conseguia sentir um amor profundo por ninguém.

Disse a Zvi que eu estava muito feliz com o pedido dele, mas que precisava pensar a respeito, e passei as semanas seguintes tentando chegar a uma conclusão do que eu realmente queria. Havia uma pessoa em particular que eu precisava consultar.

– Com quem você acha que eu devo me casar? – perguntei a Mutti durante uma de suas visitas a Londres.

Ela franziu a testa, concentrada. Zvi era a escolha intelectual, mas também havia Henk me esperando em Amsterdã e o nosso “semi-compromisso”.

– Acho que você deve se casar com Zvi – Mutti respondeu, finalmente. – Não só porque ele é um homem bom, mas porque é inteligente e interessante. É muito importante ter um marido que a manterá sempre interessada nele. Henk é um rapaz muito especial também, mas eu acho que Zvi é a escolha certa.

Tive de concordar que Zvi era inteligente e até misterioso (com esse passado exótico na Palestina), mas havia outra coisa que me preocupava: Mutti. Nunca havia dito isso a ela, mas depois de tudo o que passamos juntas, não tinha a menor intenção de me mudar para outro país de forma permanente e deixá-la para trás. Então, minha resposta a Zvi foi não.

– Muito obrigada pelo pedido de casamento – eu disse a ele, porque nós éramos muito educados naquela época –, mas não posso aceitar. Minha mãe é viúva e quero ficar perto dela em Amsterdã.

Sem pensar demais no assunto e sem maiores dores de cabeça, voltei a trabalhar no Woburn Studios e continuei minha vida normalmente na pensão da sra. Hirsch. Aparentemente, Zvi aceitou a minha decisão com muita calma, embora ele me diga agora que sempre teve certeza de que me conquistaria e de que eu não resistiria ao charme dele. Naquela época, acreditei que nada poderia mudar a minha decisão, mas, claramente, estava errada.

– Bem, Eva... agora tenho uma notícia para você.

Desta vez eu estava conversando com Otto Frank e ele parecia nervoso. Otto tinha chegado a Londres e eu estava ansiosa para vê-lo. Ele via a minha mãe todos os dias em Amsterdã e ela já tinha contado a ele que eu havia recusado o pedido de casamento de Zvi. Agora Otto estava decidido a me contar algo.

– Você deve ter notado que sua mãe e eu fomos nos aproximando cada vez mais… Nós nos apaixonamos e, depois que você se estabeleceu por aqui, decidimos nos casar.

Fiquei completamente surpresa ao ouvir aquilo. O sentimento profundo entre eles estava claro para todos em

Amsterdã já há algum tempo, mas eu nunca vi a relação dos dois como nada além de uma amizade mutuamente solidária. Muitas outras mulheres estavam interessadas em Otto, mas ele estava extremamente envolvido com a minha mãe – e aconteceu que a relação deles foi muito além do companheirismo e da compreensão mútua: tornou-se, de fato, um romance.

Enquanto eu me adaptava à vida em Londres, Otto escrevia cartas para minha mãe contando sobre sua viagem até os Estados Unidos para promover *O diário de Anne Frank*. Nessas páginas extensas e datilografadas, ele contava-lhe tudo – incluindo o que ele tinha comido e quanto tinha custado (Otto achou que uma refeição por 99 centavos era muito cara). Então, ele prometeu contar a Mutti ainda mais detalhes quando a visse pessoalmente, e fez planos de morar com ela assim que retornasse. De volta a Amsterdã, ela saía para trabalhar todos os dias e pegava o bonde; num gesto muito amável, Otto andava ao lado dos trilhos de bicicleta. A cada parada, minha mãe saía para a plataforma e eles mandavam beijos um para o outro.

Fiquei confusa, mas feliz porque minha mãe não passaria o resto de sua vida sozinha. Meus próprios sentimentos eram ainda mais complicados, mas eu gostava verdadeiramente de Otto e sabia que seria egoísta da minha parte expressar o surto de dor que estava sentindo pelo meu pai ao ouvir essa notícia. Uma coisa estava clara: agora eu estava livre para cuidar da minha própria vida e para aceitar o pedido de Zvi, se quisesse.

Pensei mais um pouco e decidi que diria a Zvi que aceitaria sua proposta de casamento, “mas primeiro você terá que pedir permissão à minha mãe. Ela vem me visitar na semana que vem, e aí você poderá falar com ela a respeito”.

Mutti chegou e, no dia seguinte, nós três fomos passear no Hampstead Heath, que era, evidentemente, um ponto de encontro comum para discussões de assuntos familiares.

Zvi parecia muito tenso e nervoso ao comunicar a minha mãe que queria se casar comigo. Mutti concordou, mas com

um pedido: que ele não me levasse para Israel. Depois de tudo o que tínhamos passado, ela não suportaria ficar tão longe da sua única filha ou encarar o fato de que poderíamos passar anos sem nos ver.

Zvi pareceu verdadeiramente chocado com o pedido de Mutti. Eu sabia que ele sentia um orgulho enorme de Israel e que era extremamente patriota, além de ter se comprometido a ajudar a construir sua nova nação. Embora ele adorasse estudar em Londres, bem como eu, ele nunca considerou que a cidade fosse sua residência permanente. E, claro, a mãe dele, assim como a minha, não queria morar a milhares de quilômetros de distância do seu único filho. O casamento envolveria um sacrifício muito maior do que havíamos imaginado. Pude ver no rosto de Zvi todas as consequências do pedido de Mutti, e quais eram os pensamentos dele, mas engolindo seco, ele concordou.

– Que horas são agora? – Mutti perguntou, de repente. Estávamos tão envolvidos naquela conversa decisiva que esquecemos que ela tinha de pegar um trem. Nenhum de nós estava usando relógio, então Zvi foi até um grupo de pessoas e perguntou que horas eram. Eu o observei, desanimada.

– Ah, não! Olha o jeito que ele corre! – eu disse para Mutti. – Ele tem o pé chato, corre como Charlie Chaplin.

Estou certa de que Mutti disse algo para me consolar, mas a verdade é que eu ainda me sentia completamente insegura em relação ao casamento e incerta sobre a proposta que eu tinha aceitado.

Vimos Mutti entrar no trem e, depois que ela partiu, desabafei:

– Zvi, ainda não tenho certeza se quero casar com você. Pensei que você fosse uma pessoa esportiva, mas você não é. Queria esquiar e escalar com você.

Essas questões parecem bastante triviais, especialmente agora que eu entendo todos os altos e baixos que envolvem um casamento duradouro. O que eu estava tentando dizer, é claro, era que tinha uma ideia fixa de como o meu futuro marido

deveria ser – e eu não sabia se Zvi poderia ser esse homem. Foi como dar um grande salto no escuro.

Conversamos por mais de duas horas, e Zvi me deu uma resposta apaixonada, dizendo que eu precisava assumir mais riscos na minha vida e prometendo que ele poderia e iria mudar em si mesmo tudo o que fosse necessário para ser exatamente o que eu queria. Claro, eu era inocente demais para perceber que as pessoas raramente, ou nunca, fazem isso.

Zvi me convenceu e, com um sentimento de entusiasmo – e um pouco de receio da minha parte –, definimos a data do casamento para dali a alguns meses. Casaríamos em Amsterdã. Antes, eu completaria o ano de trabalho no Woburn Studios como havia planejado, e levaria Zvi para conhecer a minha família em Darwen.

Mal sabia eu que, apesar do seu incentivo, algum tempo depois Mutti escreveu uma carta para minha tia pedindo a opinião dela e perguntando se Zvi e eu formávamos um bom par, expressando a ansiedade dela em relação ao casamento.

Enquanto ela não estiver casada, não consigo acreditar… O desespero virá assim que eu a vir morando em outro país. Mas tenho de engolir meus próprios sentimentos e, se eu fizer esse grande sacrifício, espero pelo menos que ela seja muito feliz…

Satisfeita e sem fazer ideia de que Mutti tinha qualquer preocupação, eu estava feliz. Com alegria, voltei para a Holanda para começar a montar um enxoval básico.

Em 19 de julho de 1952, Zvi e eu nos casamos na Amsterdam Town Hall na companhia de minha mãe, minha avó, Otto, alguns amigos e Frau Schloss, que permaneceu ao nosso lado.

A mãe de Zvi tinha viajado de Israel para assistir à cerimônia e ficou conosco em Merwedeplein enquanto esperávamos a chegada dele. Zvi tinha me contado que sua mãe não havia recebido a notícia muito bem, e que ela acreditava que ele estava cometendo um grande erro. Minha

avó também ficou hospedada conosco em nosso apartamento, e depois que ela e Mutti foram dormir, arrastei-me até o quarto para dizer boa noite a Frau Schloss.

– Vejo que você finalmente veio falar comigo! – retrucou ela, com os olhos resplandecendo o desgosto enquanto lançava uma lista de motivos pelos quais eu não deveria separá-la do seu querido filho.

Foi um momento terrivelmente desconfortável. Eu estava bem consciente de que, ao aceitar o pedido de Mutti, Zvi causava um sofrimento para a própria família dele, mas claro que eu não pude deixar de sentir que a mãe de Zvi estava se comportando de maneira insensível.

No dia do casamento, vi minha mãe e minha avó com os olhos cheios de lágrimas, emocionadas, enquanto a minha sogra enxugava suas lágrimas de lamentação com um lenço. Ela assistiu à cerimônia com uma expressão feia, como se estivesse sofrendo de uma terrível indigestão.

Infelizmente, ela tinha mais uma surpresa reservada.

– Olhe! – ela disse, balançando o passaporte diante de nós. – Tirei o meu visto para a Suíça e vou com vocês para a lua de mel. Já estou com todas as malas prontas.

Depois de respirar bem fundo, levei Zvi para outra sala e disse:

– A sua mãe não vai com a gente para a nossa lua de mel! E é você quem vai dizer isso a ela!

Pobre Zvi. Ele voltou depois de uma conversa bastante desconfortável com a mãe, e todos nós nos reunimos para tirar as fotografias do casamento, antes que eu e ele partíssemos para a nossa noite de núpcias pela costa holandesa e para a viagem de trem rumo à Suíça.

As montanhas sempre foram um lugar mágico para mim desde que eu era menina, e eu não via a hora de poder compartilhá-las com o meu marido.

Na primeira manhã da nossa viagem, pulei dentro do primeiro teleférico que vi, sentindo-me extasiada por estar ao ar livre, desfrutando o ar puro e a paisagem alpina. À medida

que o teleférico subia cada vez mais alto e os prados ficavam cada vez mais distante de nós, olhei para o lado e fiquei surpresa ao ver Zvi segurando a barra de segurança com muita força. Seus olhos estavam fechados e ele suava.

– O que foi? – perguntei.

– Não posso olhar para baixo – ele respondeu. – Quando chegaremos lá?

Logo chegamos, e eu pulei do telefé rico perplexa ao ver Zvi com tanto medo de altura. À nossa frente, havia uma trilha na montanha que levava a mais e mais trilhas, exatamente da maneira como eu sempre gostava de subir. Comecei a caminhar, sentindo o calor do sol sob o meu rosto e parando para olhar algumas das flores alpinas iguais às que minha família sempre costumava colher.

Ao meu lado, a montanha recaía revelando a magnífica vista do vale. Senti que estava me encontrando comigo mesma. Algum tempo depois, percebi que só ouvia o barulho das minhas próprias botas no caminho, então olhei para trás. Onde estava Zvi?

– Eva! Eva! – escutei-o gritando.

Quando o encontrei, Zvi estava com os braços estendidos ao redor de uma rocha enorme, como se cada fibra do seu corpo trêmulo estivesse moldada a ela.

Ele estendeu sua mão.

– Não consigo seguir em frente. Não consigo andar para frente nem posso voltar. Você precisa me ajudar.

Um pouco desconcertada, eu estendi a mão e segurei a dele, trazendo-o lentamente de volta ao caminho na trilha da montanha.

Mais tarde, para tornar o dia de Zvi ainda pior, ele comeu um ensopado pesado de cordeiro e passou o resto da noite extremamente enjoado, vomitando na pia do nosso quarto.

– Estou me sentindo terrível – ele reclamou, passando a mão sobre a região do estômago, enquanto eu, deitada em meio à escuridão naquela noite quente de verão, fiquei

refletindo sobre aquele homem estranho com quem eu tinha acabado de me casar.

Ao contrário dos casais de hoje, que vivem juntos por anos antes de se casarem, nós realmente não nos conhecíamos muito bem, e o nosso relacionamento era muito ingênuo (Zvi acreditava que os bebês nasciam pelo umbigo da mulher). O casamento era uma verdadeira viagem – muitas vezes desconcertante – de descoberta. Eu supunha que Zvi era como o meu pai porque, de fato, eles eram muito parecidos, bem como presumi que todos os homens interessavam-se por atividades excitantes e que tinham a mesma personalidade ativa dele. E eu acreditava que Zvi era uma pessoa esportiva porque certa vez o vi limpando um par de botas de caminhada do lado de fora da janela do seu quarto – veja no que fui me basear para chegar a tal conclusão! Agora passava pela minha cabeça que talvez Zvi não se parecesse de jeito nenhum com o meu pai.

Capítulo 21
Uma corrente irrompível

O próximo casamento em nossa família aconteceu um ano depois, entre minha mãe e Otto. Foi um acontecimento discreto, tanto que Mutti só me contou após a cerimônia. Imediatamente, compreendi o porquê: eles se casaram em 10 de novembro de 1953, um dia antes do aniversário do meu pai, e Mutti sabia o quanto aquilo me atormentaria.

Otto estava morando em Merwedeplein com a minha mãe há algum tempo, mas ambos viviam assombrados por suas lembranças, então decidiram se mudar para a Suíça para dar à vida conjugal um novo capítulo, e para viver perto de quem restava na família de Otto. Embora estivesse completamente determinado a garantir que o diário de Anne fosse publicado e que ganhasse o merecido reconhecimento, a guerra e a perda de sua família exerceram uma pressão mental e psicológica terrível sobre ele. Muitas vezes Otto chorava e sofria ataques de tremedeira e de depressão profunda. A verdade é que, por mais que amasse Amsterdã, ele não poderia mais suportar a vida lá.

Eu compreendia muito bem quais eram os sentimentos dele; a guerra e suas consequências também tinham causado uma enorme pressão sobre o meu bem-estar emocional.

Depois da lua de mel, Zvi e eu nos mudamos para dois quartos alugados em uma casa nas proximidades da Anson Road, mas não apreciamos a nossa nova acomodação. A proprietária era uma viúva com duas filhas solteiras, donas de uma delicatéssen famosa chamada Green's. A casa estava sempre suja e com um aspecto sombrio. Zvi e eu morávamos em um quarto pequeno e uma sala de estar com um fogão de uma boca, e tínhamos de lavar a nossa louça no banheiro

compartilhado, em uma pia que sempre tinha uma camada de gordura deixada pelos outros hóspedes.

Eu tinha desistido do meu trabalho no Woburn Studios por causa do casamento, pois essa era a convenção da época, mas ficar em casa estava me deixando deprimida, e Zvi concordou que eu deveria procurar um novo trabalho e fazer alguns cursos para ocupar as horas do meu dia.

Preenchi dezenas de fichas de emprego e ao mesmo tempo, matriculei-me em um curso de tecelagem e confecção de luvas. Meu primeiro dia foi um desastre. Ao final da aula, senti muita vontade de ir ao banheiro, mas eu era tímida demais para perguntar a alguém aonde deveria ir. É difícil entender o que significa timidez extrema a menos que você sofra disso, mas o trauma provocado pelo tempo em que passei em Auschwitz e pela perda de Pappy e Heinz tinha me transformado em uma pessoa praticamente incapaz de se expressar. Eu simplesmente não poderia suportar a ideia de perguntar a alguém onde era o banheiro feminino, então contraí os músculos e em seguida corri para o ponto de ônibus. A viagem não foi longa, mas as paradas e a velocidade lenta do ônibus fizeram-na parecer uma eternidade. Quando finalmente chegou o meu ponto, pulei do ônibus e saí correndo pela Anson Road, sentindo a agonia de cada passo. Cheguei em casa no momento exato, mas para meu azar, os homens que entregavam carvão tinham acabado de aparecer, e naquela época o carvão era armazenado no banheiro.

– Desculpe, querida – disse o homem, erguendo a mão. – Estamos ocupados aqui, então você vai ter de esperar.

Esperar? Eu não podia esperar nem mais um segundo. Sentei-me apoiada na parede do jardim e, por mais que eu tentasse, não conseguia segurar mais. Quando os homens do carvão saíram, subi as escadas correndo com a saia ensopada. Naquela noite, contei a Zvi sobre a minha experiência penosa e, embora ele tenha sido muito compreensivo, pude ver que de certa forma ficou perplexo com sua esposa, uma pessoa tão introvertida em público, mas que normalmente era uma

tagarela quando estava sozinha com ele. Durante a guerra, eu havia jurado que jamais me tornaria uma vítima, mas quase dez anos depois era assim que eu me comportava, pelo menos em público – uma carapuça tímida cobria a menina extrovertida que eu costumava ser.

Logo após este incidente, recebi uma proposta de trabalho de um estúdio fotográfico em Victoria. Nas duas semanas de experiência correu tudo bem, e me ofereceram o emprego em período integral, mas eu tinha odiado o trabalho e não queria aceitar aquela função. Você pode imaginar que a solução era clara: eu poderia dizer "Não, obrigada, este trabalho não é para mim". Poderia ainda dizer que as minhas circunstâncias pessoais tinham mudado, ou ter contado uma mentira e recusar a proposta. Mas eu não conseguiria fazer uma coisa dessas; tudo o que eu sabia era que eu não conseguiria dizer a eles que não aceitaria o trabalho. Depois de muita agonia, pedi a Zvi que ligasse no escritório para avisar que estava sendo transferido para trabalhar em Manchester, e por isso estávamos saindo de Londres. Isso era mentira, uma trapaça muito bem elaborada para resolver um problema que era simples.

Meu curso de tecelagem e confecção de luvas também não ia nada bem. Consegui fazer uma única luva e confeccionei um cachecol roxo e rosa que enviei para minha sogra em Israel. Ela, com seu jeito indomável de ser, escreveu para me dizer: "Se tem uma coisa que odeio em cachecóis é a mistura de cores…".

– Nunca mais vou fazer nada para sua mãe! – desabafei com Zvi, indignada; embora, para ser franca, a mãe dele até pudesse ter uma certa razão…

Zvi estava se saindo bem no trabalho com os acionistas da Strauss Turnbull, e nós começamos a procurar pela nossa primeira casa própria. Logo que conseguimos comprar um apartamento pequeno no andar térreo na Olive Road, ajeitamos nosso primeiro jardim; lá plantamos uma macieira

que levamos conosco para outra casa quando nos mudamos, e que até hoje produz frutos maravilhosos.

A vida parecia perfeita: éramos um casal construindo nossa trajetória. Mas, na verdade, eu ainda estava lutando contra as sequelas físicas e emocionais causadas pela experiência em Auschwitz.

Não muito tempo depois de mudarmos para a Olive Road, comecei a ter uma febre constante. Não era uma febre muito alta, mas não importava o quanto eu descansasse, ela nunca ia embora. Sentia-me indisposta quase o tempo todo. Por fim, meu médico me receitou alguns exames que revelaram que eu tinha algumas escoriações no pulmão e tuberculose. Aquela foi uma notícia terrível para mim, especialmente naquela época, em que as pessoas levavam meses e até mesmo anos para se recuperarem dessa doença.

Fui enviada a um hospital famoso, o Royal National Orthopaedic, em Stanmore, e passei três terríveis semanas tirando raios-X e sendo examinada constantemente, até que certa manhã o médico se aproximou da minha cama e disse:

– A senhora já não tem mais tuberculose, sra. Schloss. Está liberada, pode ir embora.

Fiquei muito feliz naquele dia, ao sair daquele hospital que tinha um ar gélido e que parecia muito antiquado em comparação a outros hospitais europeus que eu já tinha visto. O médico também me disse que as escoriações nos meus pulmões indicavam que eu já havia sofrido de uma doença grave – provavelmente na época em que estava no campo.

Porém, aquele não era o fim dos meus problemas de saúde. Logo que voltei para casa, descobri que Auschwitz tinha me trazido consequências potencialmente ainda mais profundas.

Numa tarde chuvosa em Londres, decidi assistir a uma palestra sobre geologia no Museu de História Natural. Quando saí, fiquei com o corpo todo trêmulo devido ao clima extremamente frio, então decidi atravessar a rua para tomar uma xícara de chá em uma cafeteria. Sentei-me e pedi o meu

chá, e notei que um homem mais velho em uma mesa próxima estava olhando para mim. Ele inclinou o corpo, limpou a garganta e eu me perguntei o que ele me diria. Porém, em vez de conversar comigo, ele me pediu para ler a palma da minha mão. Eu sabia que aquilo era uma bobagem, mas fiquei curiosa e até um pouco surpresa. Estendi a minha mão na direção dele e ele passou seus dedos pela minha palma.

– Hum… ah, sim – disse, enquanto nós dois olhávamos fixamente para a minha mão. – Posso ver por essa linha que você terá uma vida muito longa.

Isso certamente soou como uma boa notícia.

Então ele fez uma pausa.

– Espere, não consigo ver isso com muita clareza – ele franziu a testa e olhou mais detalhadamente a palma da minha mão. – Esta é a linha que mostra se você vai ou não ter filhos, mas não é fácil de rastrear. Não consigo dizer se você vai ter uma família ou não.

Até aquele momento, eu nunca tinha pensado se poderia ou não ter filhos. Puxei a minha mão rapidamente, aterrorizada. As palavras do meu pai sobre dar continuidade aos elos da nossa corrente familiar permaneciam na minha memória, e de repente eu senti que não poderia suportar a ideia de não ter filhos com Zvi.

Corri para casa em prantos, entrei e bati a porta com força. Zvi estava na sala de estar.

– Esqueça aquele papo de que a gente precisa esperar a nossa vida se estabilizar mais – lancei. – Temos de ter um filho agora.

– Tudo bem – ele respondeu, parecendo meio confuso. – Mas eu pensei que você quisesse esperar até que mudássemos para um lugar maior, não é?

– Não. Precisamos começar a tentar imediatamente!

Por um tempo, tudo indicava que a predição do homem que leu a palma da minha mão poderia mesmo ser verdade. Tentamos engravidar por um ano, mas não houve o menor sinal do bebê.

Por fim, marcamos uma consulta com a dra. Elizabeth Garrett, do Anderson Hospital, na Euston Road e, enquanto aguardávamos na sala de espera, a possibilidade de que nunca termos filhos pairou como um peso implícito sobre nós.

A médica confirmou os meus piores temores. A pressão de Auschwitz tinha afetado os meus hormônios e o meu corpo não estava funcionando como deveria. Comecei a fazer um tratamento hormonal, e esperei, e esperei – mas nada do bebê.

Naquela época, eu estava em um estado de tristeza profundo, então, no outono de 1955, Zvi sugeriu que acompanhássemos minha mãe e Otto em uma viagem de férias para a Noruega, para que assim eu pudesse esquecer um pouco o problema. Naquela época, a Noruega não era um destino turístico internacional e nossas férias foram incríveis; aproveitamos a beleza dos fiordes e das cachoeiras, tentamos fazer com que as pessoas compreendessem o nosso inglês (e fracassamos), comemos carne de rena e passeamos pelos ônibus da cidade. Mesmo com todos os problemas que não conseguia esquecer, consegui relaxar e me divertir, e quando voltei para Londres descobri que a minha menstruação estava atrasada. Finalmente eu estava grávida.

Embora eu tivesse sofrido experiências terríveis e traumatizantes, ainda era muito ignorante em relação à gravidez e ao parto de uma criança.

Nos primeiros meses, fiquei imensamente enjoada e vomitava logo que sentisse o menor cheiro de comida. Certa noite, eu estava prestes a servir um ensopado para Zvi, mas assim que levantei a tampa da panela e senti o cheiro da comida, vomitei logo ali, no chão ao lado da mesa.

Zvi começou a gritar:

– O que você está fazendo? Você quase vomitou em cima do meu jantar!

Fiquei tão furiosa com ele que peguei a tampa pesada da panela e bati em sua cabeça, fazendo um barulho terrível – ele quase desmaiou. Embora fosse uma pessoa tímida em público,

eu nunca era tímida com ele – e tinha um temperamento muito forte também.

Depois de longos nove meses, fui levada para a maternidade no bairro de City of London, sabendo muito pouco sobre como o meu bebê viria ao mundo.

Tanto Mutti como Zvi estavam comigo na ambulância, mas quando chegou a hora, os dois ficaram para trás.

Naquela época, a mulher enfrentava o parto sozinha. Olhei para eles horrorizada.

– Voltem amanhã – a enfermeira disse abruptamente, enquanto me levava na maca, prendendo o meu cotovelo com uma alça.

Mutti ficou muito chateada e agarrou o braço de Zvi:

– Parece que ela é uma ovelha que está sendo levada para o matadouro!

Sem muita agitação, fui deixada em um quarto onde pediram-me para ficar deitada e esperar. Fiz o que me foi solicitado e fiquei me perguntando o que aconteceria. Logo fui tomada por uma dor terrível e soltei um grito agudo.

A porta do meu quarto se abriu e a enfermeira disse:

– Fique quieta, falta algumas horas para você ainda – e rapidamente fechou a porta de novo.

À medida que a noite se aproximava, eu gritava mais e apertava a minha barriga, convencida de que aquela era a pior experiência pela qual alguém poderia passar, e que eu tinha sido muito idiota ao desejar tanto aquilo. Porém, logo que o meu bebê apareceu, mudei de ideia. A princípio, ela não era o bebê mais lindo do mundo, tinha icterícia, mas logo que segurei seu corpo pequenino nos meus braços eu sabia que aquele era o momento pelo qual tanto esperava.

– Acho que estou pronta para ter o meu segundo bebê – disse à enfermeira, que deve ter imaginado que eu estava delirando.

Decidimos dar a ela o nome de Caroline Ann, e no decorrer dos meses seguintes ela se tornou um bebê lindo, com olhos grandes e brilhantes e cabelos escuros. Zvi me disse

que acreditava que ao dar à luz Caroline eu mudaria completamente. Era verdade: eu não poderia sentir nada além de uma alegria enorme com a presença deste novo, pequeno e perfeito ser. Há algo em um recém-nascido que simboliza todo o otimismo do mundo – não importa o quanto seu passado tenha sido sombrio.

Um novo capítulo da minha vida tinha começado, e logo eu já estava preocupada com todas as tarefas da maternidade. Percebemos quase de imediato que o nosso apartamento não tinha espaço suficiente para nós três, então encontramos uma casa grande que adoramos, no subúrbio de Edgware, em Londres. A casa precisava de uma boa reforma, pois tinha sido utilizada pelo exército durante a guerra, mas Otto nos ajudou com um empréstimo para a entrada, e logo nos mudamos e começamos a fazer melhorias.

Todos os receios que eu tinha em relação ao casamento pareciam agora completamente sem sentido. Zvi não era apenas um marido companheiro e adorável, mas também um pai muito presente; ele adorava sua filha, trocava fraldas e passava horas brincando com ela. Ele até mesmo fazia um café da manhã reforçado todas as manhãs para o nosso inquilino, pois assim eu poderia amamentar Caroline tranquilamente. Graças a Deus aceitei o pedido de casamento de Zvi. Não posso imaginar como minha vida teria sido sem ele.

Naqueles dias, Edgware parecia-se mais com um frondoso vilarejo inglês do que com o subúrbio de Londres e, embora eu amasse a tranquilidade e paz dos arredores, estava me sentindo muito solitária. Nossa casa ficava vazia e silenciosa durante o dia, e as ruas eram normalmente tranquilas e desertas; Zvi sugeriu que eu voltasse a trabalhar como fotógrafa, mas eu era tímida demais para conseguir novos clientes.

Quando Mutti e Otto vieram nos visitar, contei a ela sobre o meu plano e ela abraçou a minha causa. Naquela época, as mulheres deixavam os bebês em carrinhos no gramado do jardim de suas casas para tomarem um ar fresco. Minha mãe

batia de porta em porta cada vez que via um carrinho de bebê, perguntando às mães se elas desejavam tirar fotos de seus filhos. Logo comecei a ter lucro, e dei início a um negócio promissor tirando fotos de bebês e de crianças pequenas. Revelava as fotos em um quartinho no andar debaixo da casa, que havia transformado em um quarto escuro de revelação. Eu era uma ótima fotógrafa, tinha muita experiência profissional, mas ainda sentia pouca confiança em minhas próprias habilidades.

Mas foi quando decidi entrar para o ramo da fotografia de casamentos que um desastre aconteceu. Fiquei muito feliz ao aceitar fotografar o casamento de um professor que morava próximo à minha casa, e trabalhei durante o dia inteiro para me certificar de que conseguiria os melhores ângulos. Nos anos 1950, um casamento era a ocasião mais importante na vida de um casal, então você pode imaginar o meu desespero quando, ao entrar no quarto escuro para revelar o filme, descobri que eu não tinha tirado uma foto sequer. O filme estava completamente vazio.

Minha cabeça girava e eu literalmente tremia de nervoso. Passei a noite toda acordada, e não conseguia pensar em uma solução. Depois de três semanas, a noiva recém-casada me ligou para perguntar se suas fotos estavam prontas.

– Na verdade, não sei bem como posso te dizer isso… – parei de falar, então respirei bem fundo e continuei. – Sinto muito, mas aconteceu um terrível acidente e nenhuma das fotos saiu…

Eu segurava o telefone com toda a força da minha mão, esperando pela explosão dela, mas o que veio em seguida foi um silêncio mortal. Alguns segundos depois, fiquei me perguntando se ela tinha entendido. Finalmente, com a voz tensa, ela respondeu educadamente:

– Ah, querida, é uma pena… Mas, não há nada que possamos fazer, então fique tranquila.

Mais tarde, ainda muito consternada, sentei ao lado de Zvi e disse:

– Você consegue imaginar se fosse um casamento judaico? – nós dois arqueamos as sobrancelhas ao pensar na explosão de fúria que certamente teria acontecido, seguida de muitos gritos e reclamações. Os ingleses eram um povo estranhamente agradável, e eles certamente sabiam conter seus sentimentos.

Eu gostava dos ingleses por sua individualidade peculiar, pelas boas maneiras e paciência, e também pelo que me parecia uma aversão, discreta porém profunda, ao senso de autoridade e a receber ordens (nesse ponto, eles eram completamente opostos aos alemães). Mas eu ainda achava o estilo de vida reservado dos britânicos algo difícil de compreender.

Enquanto eu permanecesse presa à minha timidez, era evidente que nenhuma inglesa se aproximaria de mim para fazer amizade. Eu já tinha dado à luz minha segunda filha, Jacky, e passei muitas horas sozinha levando as crianças para o parque e para verem o lago. Durante esses passeios, encontrava uma certa senhora com regularidade, e tinha esperança de que ela quisesse conversar comigo. Levei muito tempo para tomar coragem, e por mais que me preparasse com antecedência, sempre ficava nervosa no último momento e ia embora sem falar com ela.

Um dia, tinha conseguido uma babá para poder ir até a cidade e, ao sair de casa, vi que essa minha vizinha também estava saindo. Eu a segui até o ponto de ônibus, planejando como começaria a conversa, mas assim que ouvi o ruído do ônibus a distância, estremeci de tanto terror. Entrei na fila atrás dela. O ônibus parou, a porta se abriu e eu vi a minha provável amiga embarcando no veículo. Se eu fosse puxar conversa com ela seria naquela hora ou nunca, mas não consegui coragem nem mesmo para entrar no ônibus. Em vez de embarcar, deslizei para trás de uma árvore e esperei até que o ônibus partisse. Era um caso perdido.

Felizmente eu tinha conseguido fazer uma boa amizade. Logo depois que Caroline nasceu, conheci uma senhora

chamada Anita que também havia tido bebê, e somos amigas até hoje. Passávamos muitas horas juntas sentadas às margens do lago em Edgware, balançando os nossos carrinhos de bebê e conversando sobre nossas vidas e filhos. Éramos próximas, mas eu certamente não esperava que Anita se juntaria a mim para fazer parte de um novo capítulo de minha vida, agora na Suíça. Mas, por um tempo, ela permaneceu conosco.

Zvi tinha recebido uma proposta para trabalhar em um banco israelense em Zurique. Foi uma promoção e tanto para ele, mas eu hesitei ao pensar em me mudar novamente e começar de novo em outro país. Ele prometeu que alugaria a nossa casa e que retornaríamos após alguns anos e, por fim, acabei concordando. Fiquei triste por ter de dar as costas a Edgware e retornar ao continente (mesmo com a oportunidade de praticar esqui aos finais de semana). Meu único e grande consolo era poder ficar perto de Mutti e Otto novamente – embora eu soubesse que eles estavam completamente ocupados com o trabalho em *O diário de Anne Frank*.

Capítulo 22
Otto e Fritzi

Certa vez perguntei a minha mãe como ela poderia estar tão feliz e apaixonada por Otto da mesma forma que parecia ser feliz com o meu pai. Eu não queria que minha mãe passasse o resto de sua vida sozinha, mas se tivesse pensado nisso, teria considerado que nada poderia substituir a felicidade da nossa união familiar, e que ninguém poderia tomar o lugar de Pappy, que era uma figura preponderante.

Mutti respondeu que eles eram dois homens muito diferentes, cada um para um momento específico de sua vida.

– Evi, quando eu era uma mulher jovem, seu pai era o marido perfeito para mim – ela explicou. – Ele era arrojado e extrovertido, e tomava todas as decisões por nós. Eu nunca sabia o que iria acontecer no dia seguinte, e tudo foi uma grande aventura. Mas a minha relação com Otto é diferente, de igual para igual. Nós conversamos sobre tudo e dividimos tudo, além de tomarmos as decisões juntos. O seu pai era o marido certo para mim quando eu era jovem, e Otto é o marido certo para mim agora que sou mais velha.

Calmamente, ela acrescentou:

– Nós dois sofremos muito e compreendemos perfeitamente um ao outro.

A explicação de Mutti fez todo sentido, mas ainda me machucava um pouco ver o quando Mutti e Otto se amavam. Ninguém jamais poderia ocupar o lugar de Pappy no meu coração, mas devo dizer que Otto foi um excelente padrasto para mim e um avô muito amoroso para as minhas filhas. Ele carregava fotos delas em sua carteira, e muitas vezes as mostrava para as pessoas, e ficava satisfeito ao contar o que estavam aprontando no momento em que cada fotografia foi tirada.

Nessa época, Zvi e eu já tínhamos três meninas: Caroline, Jacky e Sylvia (que nasceu quando morávamos na Suíça). Todos os anos, Mutti e Otto levavam uma delas para passar um tempo com eles, para conhecê-las individualmente. Nós sempre passávamos as nossas férias e o Natal juntos.

Eu era uma esquiadora fanática e não via a hora de ir para os Alpes nas férias de inverno – mas eu também gostava de dormir um pouco mais às vezes, então não gostava quando Mutti e Otto entravam no nosso quarto ao amanhecer e davam pancadas no pé da cama com um cajado para nos acordar. Otto gritava com muito ânimo:

– Hora de levantar! Todo mundo de pé!

Ele continuava sendo um verdadeiro alemão em seus hábitos e entusiasmo, e nunca gostou de ver ninguém fazendo hora na cama.

– Está na cara que ele fez parte do exército alemão – Zvi murmurava, referindo-se ao trabalho de Otto na Primeira Guerra Mundial. (Otto também odiava a minha falta de organização; quando ele ficava na nossa casa em Londres, depois que voltávamos da Suíça, vestia um avental e saía limpando a garagem ou arrumando o jardim).

No verão, Otto e Mutti passavam as férias conosco na praia, primeiro em Cornwall e, nos anos seguintes, na Toscana. Otto fazia caretas engraçadas e praticava ginástica com as meninas na areia, e todos íamos nadar no mar.

Ter se casado com Mutti tinha dado a ele uma nova vida, conforme o próprio Otto afirmou em uma carta a uma mulher jovem que lhe escrevera imaginando como ele seria, com base no que sabia a respeito de vida dele durante e logo após a guerra.

Tudo o que você sabe a meu respeito aconteceu vinte e seis anos atrás e, embora este período tenha sido uma parte importante da minha vida, que deixou marcas inesquecíveis na minha alma, eu tinha de seguir adiante, viver uma vida nova… pense em mim não apenas como o pai de Anne que você conhece pelo livro e pela peça, mas também como um homem

que está aproveitando sua nova vida em família e que dá muito amor a suas netas.

Certamente Otto estava desfrutando de sua nova vida em família, e ele adorava Caroline, Jacky e Sylvia. Ele as ensinou a patinar no gelo na Suíça, organizava os jogos e os presentes da véspera de ano novo e comprou uma bicicleta para as meninas nas nossas férias na Itália, para poder correr atrás delas enquanto aprendiam a andar.

Minha filha Jacky se lembra de quanto ela costumava correr para o seu quarto em Edgware: "Eu pulava na cama com as irmãs, abraçava e ouvia Otto nos contar histórias. Ele sempre contava histórias maravilhosas, e eu sempre queria ouvir a próxima parte".

Apesar disso, as histórias de Otto me pareciam parte de uma verdade mais complicada. A nossa nova vida sempre incluía os fantasmas das pessoas de nossas famílias originais, e o sucesso de *O diário de Anne Frank* fez com que Anne, em particular, desempenhasse um papel importante – e às vezes desgastante – em nossas vidas.

Por mais de trinta anos, Otto e Mutti passaram praticamente todo o tempo lidando com questões relativas à publicação ou à encenação do diário. Posteriormente, ocuparam-se com a administração do Anne Frank Stichting (a casa e o museu), em Amsterdã, e da Fundação Anne Frank, na Suíça, bem como respondiam a um volume interminável de correspondências recebidas de várias partes do mundo.

Otto e minha mãe reuniam-se todos os dias para discutir como responderiam a todas as cartas, primeiro no pequeno sótão no apartamento da irmã de Otto na Basiléia, depois na própria casa deles em Birfselden. *O diário de Anne Frank* teve uma enorme repercussão, especialmente entre os jovens, e Otto estava determinado a responder a cada uma das cartas. Ele andava de um lado para o outro no escritório, lendo, por exemplo, a carta de uma garota de dezessete anos que morava na Califórnia, e que havia escrito para dizer que os pais dela não a compreendiam.

– E agora, como podemos responder? – ele perguntava à minha mãe nessas ocasiões. Ela se sentava, posicionava os dedos na máquina de escrever e respondia às cartas incluindo um toque feminino de consideração.

Em 1963, Otto e um grupo de apoiadores conseguiram salvar o prédio número 263 da Prinsengracht, impedindo a sua demolição, comprando o edifício e estabelecendo a Casa de Anne Frank em Amsterdã. Ele estava profundamente envolvido com a complicada administração da organização, supervisionando, inclusive, o trabalho de inúmeros funcionários. Ele e Mutti visitavam a Holanda pelo menos uma vez por mês para acompanhar o andamento do trabalho.

E havia também várias questões que surgiram a partir da publicação do diário em muitos países. Deu-se início a uma batalha pelos direitos autorais da peça com um escritor americano chamado Meyer Levin. Tudo prejudicou ainda mais os nervos frágeis de Otto.

Meyer Levin conheceu Otto pouco tempo depois de ter lido uma das primeiras edições do diário, e havia escrito uma versão teatral da qual Otto gostou muito. Tratava-se de um relato sério e verdadeiro do diário, que destacava a origem judaica de Anne – mas os produtores de teatro temiam que se tornasse triste e sombria demais para o público. O escritor não conseguiu encontrar um produtor renomado que aceitasse encenar a sua versão da história, e outra peça (muito mais leve e menos judaica) ficou a cargo de Frances Goodrich e Albert Hackett, que haviam escrito *A ceia dos acusados, O pai da noiva* e *Sete noivas para sete irmãos*.

O relacionamento até então amistoso entre Otto e Meyer Levin azedou, e Levin perseguiu Otto nos tribunais por muitos anos. O caso envolveu todas as pessoas com quem Meyer e Otto tinham feito negócios juntos, até mesmo Eleanor Roosevelt, em uma disputa que se transformou em uma vingança insana. Levin escrevia terríveis acusações para os jornais dos países que ele sabia que Otto estava prestes a visitar.

Em janeiro de 1960, Levin escreveu para Otto: “O seu comportamento permanecerá sempre como um exemplo horrível do mal se voltando contra o bem, e da traição de um pai às palavras da própria filha”.

A saga da peça de Meyer Levin tinha arruinado a vida dele, e acabou o levando à falência. Após sua morte, a filha de Levin escreveu dizendo que acreditava que o pai tinha “perdido todo o seu comportamento moral” na disputa com Otto. Eu tinha, porém, certa simpatia por Meyer Levin, apesar de tudo o que ele havia causado a Otto. Sua versão de peça era muito melhor, e achei que havia alguma verdade na acusação dele de que os Hackett e Lillian Hellman haviam conspirado para impedir produtores de trazer aos palcos sua versão. No geral, o caso era um exemplo evidente dos sentimentos profundos, e até mesmo da loucura que o legado de Anne Frank despertaria nas pessoas – e era algo que afetaria a minha vida também, especialmente depois que comecei a falar sobre as minhas próprias experiências.

Além das inúmeras batalhas judiciais desagradáveis com Meyer Levin, Otto também esteve envolvido em uma série de processos contra antissemitas e contra pessoas que negavam a existência do Holocausto, que desafiavam a veracidade do diário, alegando que se tratava de uma farsa escrita por Otto ou por Meyer Levin.

Em 1959, Otto e duas editoras levaram a um tribunal na Alemanha um caso contra dois homens, Lothar Stielau e Heinrich Buddeberg, que afirmavam que o diário era uma falsificação. Três especialistas foram enviados à Basiléia para examinar o diário e declararam que, de fato, o diário era verdadeiro. O caso se estendeu até outubro de 1961, quando os advogados de Stielau informaram que ele havia mudado de ideia, pois “não havia nenhuma razão para afirmar que o diário era uma falsificação”.

No entanto, no decorrer dos anos, Otto foi obrigado a defender o diário no tribunal diversas vezes, incluindo em uma briga judicial famosa que começou em 1976, com um

contraditor chamado Robert Faurisson. A batalha resultou na proibição da publicação de panfletos que diziam que o diário era uma farsa, com textos escritos por Faurisson, e encomendados por Heinz Roth, de Frankfurt.

Essas batalhas legais de longa duração esgotavam Otto, e eram geralmente acompanhadas por um aumento de mensagens antissemitas e de ataques pessoais ao caráter dele. O último caso teve consequências imprevisíveis, quando Otto foi informado de que outra equipe de especialistas estava chegando da Alemanha para examinar todo e qualquer material que ele tivesse relacionado a Anne.

Otto, que já estava bem mais velho e doente nessa época, seguiu essa instrução literalmente, e deu a um de seus melhores amigos, Cor Suijk, algumas páginas extras inéditas do diário. Creio que Otto sentiu que essas páginas eram algo muito particular e que, ao entregá-las a Suijk, poderia dizer honestamente às autoridades alemãs que havia entregado tudo relacionado a Anne que estava sob sua posse, e ao mesmo tempo manteria aquelas páginas tão importantes em segredo.

Não tenho certeza se sua intenção era deixar essas páginas com Suijk permanentemente. Otto estava envolvido com todos os detalhes da publicação do diário, e gostava de manter o controle rigoroso de tudo relacionado a ele. A minha opinião é que ele não gostaria que essas páginas fossem publicadas e divulgadas para o mundo, mesmo que o lucro financiasse atividades beneficentes e ajudasse a divulgar o diário nos Estados Unidos.

Essas cinco páginas continham reflexões de Anne sobre o casamento de seus pais, bem como sua crença de que Otto nunca amou verdadeiramente sua esposa, a mãe de Anne. As páginas também continham algumas observações a respeito da sexualidade dela, e ela afirmava que Otto acreditava injustamente que todos os alemães estavam manchados pelo nazismo. No geral, acredito que essas passagens não mudaram em nada o conteúdo substancial do diário, mas Mutti e eu

lamentamos profundamente que elas tenham sido publicadas e que tenham causado tamanho furor.

O sucesso do diário também trouxe muitas pessoas e acontecimentos maravilhosos para nossas vidas. Otto e Mutti adoravam viajar pelo mundo e conhecer pessoas que se sentiam comovidas com o legado de Anne. Muitas dessas pessoas eram garotos e garotas comuns, mas havia também figuras internacionais notáveis, como John F. Kennedy, naquela época um senador promissor dos Estados Unidos, que ajudou a organizar uma apresentação beneficente da peça em Nova York. Mais tarde, como presidente, ele pediu à Secretaria do Trabalho que colocasse uma coroa de flores em frente à casa em Amsterdã.

Há também uma foto muito bonita de Otto e Mutti com Audrey Hepburn, que foi cogitada para o papel de Anne no cinema. Audrey cresceu na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial e sentiu-se profundamente afetada ao ver a deportação dos judeus, mas no final a atriz afirmou que não seria capaz de fazer o papel de Anne, alegando que teria sido uma experiência avassaladora para ela. Audrey também ficou muito emocionada com o diário e, alguns anos depois, participou de um musical no Barbican Theatre, em Londres, fazendo a leitura de algumas partes da obra. Eu a encontrei nos bastidores e nós duas nos rendemos às lágrimas. Abraçamo-nos, e eu disse a ela:

– Você trouxe Anne de volta à vida.

O diário de Anne Frank trouxe com ele um enorme senso de responsabilidade, e tanto Otto como minha mãe empenharam-se completamente para garantir que o legado de Anne fosse protegido e transmitido de maneira apropriada. Eles viviam com o mínimo, nunca pegavam táxis e se alimentavam com as refeições mais simples.

– O dinheiro que conseguimos é de Anne – Otto disse certa vez, e ele estava determinado a garantir que ninguém jamais vivesse à custa do diário.

Às vezes, eu achava que ele estava levando isso longe demais. Quando saíamos para jantar com alguns apoiadores, Otto pagava pela refeição deles, mas nunca pela minha e tampouco pela de Zvi. Ele estava determinado a ser correto.

No entanto, havia uma questão sobre a qual Otto admitia que estava sendo injusto. Em suas agendas e correspondências antes do diário ser publicado, ele falava com frequência sobre suas duas filhas, não fazendo a menor distinção entre Anne e Margot. Talvez ele tenha favorecido mais uma em relação à outra, como muitos pais o fazem, mas não há nenhuma evidência disso. Com frequência, ele escrevia sobre Margot, sobre os interesses e a personalidade dela. Contudo, depois do sucesso do diário, Otto concentrou-se exclusivamente em Anne – e ele raramente citava Margot ou sua primeira esposa, Edith, exceto quando ia se referir a Anne.

O diário e o legado de Anne tornaram-se sua vida, e ele – embora fosse agradável com todos – tinha pouco interesse em manter relação com pessoas que não estivessem interessadas em "Anne Frank".

Na nossa própria casa, muitas vezes ele usava Anne como exemplo ao conversar com as minhas filhas, dizendo "Anne não teria feito isso…" quando as meninas faziam algo errado, ou quando acreditava que elas deveriam ter se comportado de uma maneira diferente. Posso compreender o quanto Otto desejava manter Anne viva ao assegurar que Caroline, Jacky e Sylvia soubessem tudo a respeito dela, mas às vezes as meninas se entediavam com isso. Às vezes ele até chamava uma delas de "Anne".

Nossa filha mais nova, Sylvia, sempre queria que eu dormisse na mesma cama que ela quando visitávamos Mutti e Otto, porque ela sentia que o apartamento deles era assombrado por uma presença assustadora.

"Semanas antes da visita eu já temia pensar em ficar naquele apartamento", ela conta. "Era como um museu, e eu até chamava a Basiléia de 'cidade fantasma.'"

As garotas sabiam que Otto era o seu avô, mas às vezes desejavam tê-lo somente para elas.

“Ele nos ensinou a patinar no gelo”, Sylvia relata, “mas eu sentia que havia uma barreira entre nós. Sempre soubemos que de alguma forma as nossas vidas estavam em segundo lugar na vida de Mutti e Otto em relação a Anne Frank. Talvez eu tenha sido a responsável por ter colocado essa barreira, mas eu sempre senti que tínhamos de cumprir todas as expectativas que ele tinha em relação a Anne”.

Depois de adulta, pude ver o quanto nos beneficiamos com a presença de Otto em nossas vidas. Ele me ajudou de infinitas maneiras quando eu estava perdida em minha própria vida, guiando-me sutilmente para uma nova direção. Muitas vezes pensei que ele poderia se sentir incomodado com o fato de eu estar viva – quando suas próprias filhas tinham morrido –, mas posso dizer honestamente que, desde o começo, ele nunca me transmitiu isso. Otto me tratou com todo o cuidado e atenção com que teria tratado sua filha de carne e osso.

Às vezes, quando eu sentia qualquer ressentimento, era em relação a Mutti, não a Otto. Quando nos ajudou com o depósito para nossa casa em Edgware, Otto pediu que ele e Mutti pudessem utilizar a nossa sala da frente como quarto e escritório quando viessem para Londres. Todo ano eles passavam três meses conosco e eu esperava ansiosamente a chegada deles, fazendo planos de ir às compras e de almoçar com Mutti. Porém, inevitavelmente, eu ficava frustrada quando meus planos eram adiados ou cancelados porque, mesmo hospedados conosco, Otto e Mutti decidiam continuar trabalhando, respondendo às cartas ou tratando de outro assunto relacionado ao diário. Eu fazia reservas em um restaurante para o almoço ou planejava um passeio até a cidade para fazer compras, e contava ansiosamente as horas do dia enquanto Otto e Mutti discutiam uma carta após a outra.

– Está pronta? – perguntava a Mutti, já ciente de que o nosso almoço estava indo por água abaixo.

– Só mais uma carta – ela respondia. – E ainda teremos tempo de ir às compras.

O tempo passava, o horário do almoço também, e eu os interrompia novamente.

– Precisamos ir agora – eu dizia a ela.

Mas ela olhava para o outro lado da mesa em direção a Otto e ele fazia um gesto diante da pilha de cartas não respondidas – e outro passeio era cancelado.

Mutti sempre colocou seu relacionamento com Otto em primeiro lugar, e às vezes eu sentia vontade de poder reivindicar mais a atenção dela.

Em 1968, para a minha surpresa, descobri que estava grávida do meu quarto bebê, mas a gravidez foi difícil desde o começo. Eu sofria de colite e fui a um médico que me submeteu a um exame interno terrivelmente doloroso.

Naquela noite, eu perdi o bebê, e fui levada às pressas para o hospital enquanto minha amiga Anita veio cuidar das minhas filhas. Zvi estava em Israel a negócios havia muitas semanas, mas Mutti e Otto chegariam em poucos dias de uma viagem da Dinamarca. Permaneci no hospital por alguns dias, e estava me sentindo cansada e muito preocupada com as meninas. Era um daqueles momentos nos quais você quer a sua mãe.

– Mutti, por favor, venha ficar comigo – pedi a ela, numa ligação muito ruidosa para a Dinamarca. – Quero que você venha, preciso de você.

– É muito difícil para mim… – disse ela. – Você sabe que vamos chegar aí dentro de mais alguns dias, e eles estão com o cronograma todo planejado… E o que Otto vai fazer se eu não estiver aqui…

Após três dias, ela chegou, depois de terminar sua visita à Dinamarca. Naquela ocasião, eu realmente desejei que Mutti tivesse me colocado em primeiro lugar.

Apesar do meu ressentimento em relação a esse incidente, tivemos muitos momentos maravilhosos juntas. Sempre comemorávamos o meu aniversário, o aniversário de Otto (no

dia seguinte, 12 de maio) e o aniversário do marido da tia Sylvi (que também se chamava Otto) fazendo uma grande festa. As crianças escreviam, encenavam esquetes e contavam várias piadas acompanhadas pela risada profunda e estridente de Mutti.

Otto permaneceu com notável boa saúde até depois de seu aniversário de noventa anos, mas em 1980 havia sinais de que algo estava errado.

– Eu não estou doente – ele falava para as pessoas –, estou apenas cansado.

Ele não sabia que um médico havia contado a Mutti, alguns meses antes, que ele tinha um caso grave de câncer, e que não sobreviveria por muito mais tempo.

Eu os visitei durante a primavera e o verão de 1980, e vi a rapidez com que a saúde dele estava se deteriorando. Ele ainda apreciava a companhia de outras pessoas, mas agora queria ver uma por vez, e estava ficando muito fraco. Estava muito abatido e sua pele ficava cada vez mais pálida. Ele lutou bastante, mas nas últimas semanas não conseguia sair da cama, e Mutti tinha de carregá-lo pelo apartamento. Os amigos pediram que ela o internasse em um hospital, mas ela não quis atender ao pedido e preferiu cuidar dele em casa. À medida que o fim se aproximava, os pulmões de Otto começaram a se encher de água, e ele teve de ser internado para se submeter ao tratamento.

Com Mutti ao lado de sua cama, ele morreu em 20 de agosto.

Otto Frank havia se tornado uma espécie de figura paterna para muitas pessoas que leram o diário de Anne, e foi um grande humanitário que espalhou a legítima mensagem de tolerância e compreensão. Sua morte trouxe uma série de mensagens de pêsames, e a Anne Frank Stichting, na Holanda, chegou até mesmo a considerar a hipótese de fretar um avião para todas as pessoas que queriam acompanhar o funeral.

Otto foi cremado em uma cerimônia simples, algo diferente das tradições judaicas, mas que estava de acordo

com o desejo dele. Posteriormente, nos reunimos em um memorial onde Mutti nos mostrou uma gravação com a voz do próprio Otto, que havia sido feita para uma entrevista. A voz calma dele ecoou por toda a casa pequena, como uma presença sobrenatural que já sabia o papel que desempenharia na história.

Em sua última visita à Holanda para comemorar o aniversário de Anne em 12 de junho, Otto ficara encantado quando a rainha Beatriz lhe presenteou com a mais nobre honraria do país – o *Orde van Oranje-Nassau*. Foi uma homenagem a todos os seus empreendimentos públicos, mas seus amigos e familiares também homenagearam sua vida particular. Zvi, eu e as crianças sentimos profundamente sua falta, mas minha mãe ficou verdadeiramente perdida com a ausência dele.

– Minha vida acabou – ela desabafou comigo, segurando o retrato dele que estava pendurado na parede da sala de estar. – Ah, Otto, por que você tinha de me deixar?

Otto tinha conseguido preservar todo o legado do passado, mas também viveu o presente. “Eu nunca mudaria os meus passos”, disse ele certa vez a uma jovem fã de Anne Frank que foi visitá-los. As palavras foram ditas enquanto ele acompanhava a jovem até a próxima parada do bonde; sem olhar para trás.

Capítulo 23
Novos começos

Não há nada que nos faça refletir mais sobre a nossa vida do que completar cinquenta anos de idade. Mesmo que este aniversário não acabe motivando uma grande mudança pessoal, é impossível não olhar para trás e avaliar de onde você veio e a pessoa na qual você se transformou. Em 11 de maio de 1979, completei cinquenta anos, e quando a minha família se reuniu para festejar, Mutti levantou-se e leu um discurso.

Em um relato adorável e muito comovente, ela citou a minha infância, enfatizou as nossas experiências na guerra (o que não deve ter animado nem um pouco os convidados), escreveu um parágrafo ou dois sobre coisas que já tínhamos conversado e afirmou que eu tinha me adaptado muito bem à vida pós-guerra em Amsterdã. Em seguida, Mutti fez uma reflexão sobre o fato de eu ter casado com Zvi, ter tido três filhas, termos morado na Suíça e na Inglaterra e falou ainda que eu estava administrando minha própria loja de antiguidades.

Uma das minhas maiores alegrias – o nascimento dos meus netos – ainda estava por vir, mas como Mutti pontuou muito bem durante o discurso, eu havia experimentado, até aquele momento, uma vida plena. Eu tinha muitas coisas que as mulheres da minha geração desejavam: meu casamento era muito feliz e tinha resistido à experiência do tempo (ao contrário de muitos que vi se desintegrarem), minhas filhas eram inteligentes e saudáveis, tínhamos uma situação financeira confortável, construímos uma bela casa e eu tinha desenvolvido a minha própria identidade e profissão, primeiro como fotógrafa, depois como comerciante de antiguidades.

Contudo, o rastro do Holocausto, o trauma de Auschwitz e a perda de Pappy e Heinz estavam silenciosamente gravados em todos os aspectos da minha vida. Essas marcas pairavam sobre mim quando eu estava em público, reduzindo-me à sombra de mim mesma, e também me aprisionavam como uma armadilha nos pesadelos que eu tinha durante a noite. Essas sombras permaneciam até mesmo entre Mutti e eu – nós, que tínhamos passado por tudo isso juntas, e que não conseguimos conversar a respeito do assunto, tampouco consolar uma à outra. Tudo isso fazia parte do meu ser, como pude perceber depois, e comecei a me perguntar se eu seria capaz de mudar algum dia.

Viver na Suíça por seis anos me fez perceber o quanto eu odiava o autoritarismo e qualquer tipo de regras. Tínhamos nos mudado para lá em 1958, para que Zvi pudesse assumir uma nova função em um banco israelense, o Leumi, e encontramos uma casa muito boa na pequena vila de Pfaffhausen, nos arredores de Zurique. As crianças podiam correr ao ar livre, andavam de trenó todos os dias e esquiavam todos os finais de semana. No geral, elas gostaram do que deve ter sido uma infância extremamente agradável e tranquila.

Apesar da bela paisagem, descobri que, para mim, a vida não era nada tranquila. A burocracia rigorosa que regia todos os aspectos da minha vida pública e a mentalidade fechada das próprias pessoas me aborreciam. Descobrimos que, apesar de sermos falantes nativos do alemão, nos aproximávamos mais dos americanos expatriados que moravam na nossa vila, e fizemos poucos amigos suíços.

As regras e a arregimentação despertaram a rebeldia em mim. Certo dia, estacionei em um lugar de acordo com a minha própria vontade em um bairro antigo de Zurique e deixei um policial enfurecido ao ignorar suas ordens para que eu retirasse o carro. Qual seria a pior coisa que ele poderia fazer comigo? Eu já tinha estado em um campo de concentração. Quando Jacky foi mantida por um longo e desnecessário período no hospital só porque ela se recusava a

comer a única comida que eles serviam – polenta –, peguei o prato, engoli a comida e levei Jacky para casa (o renomado hospital infantil de Zurique permitia apenas dois dias de visita por semana. Era muito mais higiênico do que os hospitais ingleses, mas muito menos humano).

Para a surpresa de todos, certa vez atrasei a partida de um trem ao pegar o sinalizador de bordo das mãos do condutor, recusando-me a devolvê-lo até que Zvi tivesse subido todos os degraus da plataforma com as bagagens para que pudéssemos partir.

Embora eu nunca tenha roubado nada deliberadamente, quando íamos ao mercado, fazia vista grossa ao ver as minhas filhas pequenas pegarem um pedaço de queijo da prateleira, e saía sem pagar por ele. Ver cada posse e cada centavo que tínhamos serem arrancados de nós pelos nazistas e lutar por restituições financeiras ao longo das décadas subsequentes deram-me, de alguma forma, um ponto de vista diferente sobre a santidade da "posse" e da propriedade privada.

Essas não são características de personalidade que eu necessariamente recomende às outras pessoas – especialmente se você quer ficar longe de problemas! Mas era assim que eu era, e até hoje regras arbitrárias impostas pelos homens significam muito pouco para mim. Foram as "regras" que nos fizeram bordar estrelas amarelas em nossos casacos e nos enviaram em trens de gado em direção à morte. Onde estavam as "regras" sobre a compaixão, a humanidade e o ato de não matar seres humanos quando mais precisávamos delas?

Esses eram alguns dos meus pensamentos e sentimentos, mas, aos cinquenta anos, eles permaneciam enterrados e velados dentro de mim.

Quando voltamos para a nossa casa em Edgware, percebi que ela estava cheia de referências ao passado – referências que nunca foram discutidas. Pinturas feitas por Pappy e por Heinz penduradas nas paredes. Mutti e Otto frequentemente ocupando a sala da frente, onde Otto até mesmo dava palestras sobre Anne Frank para pequenos grupos de crianças.

Nós três tínhamos os nossos números do campo de concentração tatuados em nossos braços. Mesmo assim, nunca havia falado sobre o Holocausto e nenhuma das minhas filhas nunca me perguntou a respeito.

Fiquei profundamente chocada quando, certo dia, levei uma das meninas a uma consulta médica e, ao ver o número de Auschwitz tatuado em meu braço, o médico deixou escapar:

– Posso te fazer uma pergunta pessoal? Você é normal?

– O que você quer dizer? – respondi, impulsionada pela minha ansiedade e pela necessidade de cobrir o meu braço.

– Quero dizer, como você consegue ser uma pessoa normal depois de tudo o que você passou?

Saí do consultório em choque. Talvez eu não fosse normal. Como eu poderia saber o que era ser uma pessoa normal? Não tinha enlouquecido, como alguns sobreviventes do Holocausto, mas eu sabia que eu me sentia mal comigo mesma. Era como se um fio solto estivesse balançando dentro de mim, sem conseguir se conectar. A única maneira que eu conseguia encontrar para explicar era dizendo que eu não era eu mesma.

Além de tudo isso, Zvi tinha os seus próprios traumas para enfrentar. Ele era um homem tão inteligente e trabalhador que tinha estudado, trabalhado, e que de um refugiado pobre transformara-se em um bancário bem-sucedido, mas ainda carregava consigo a ansiedade e a insegurança de sua infância. Uma demonstração disso era o seu ódio por migalhas. Em Edgware essa fixação era tão forte que tínhamos um aspirador de pó plugado na parede o tempo todo. Zvi interrompia quase todas as refeições no meio e pedia que as garotas levantassem seus pratos da mesa para que ele pudesse aspirar todas as migalhas.

Crescer em uma casa com tanta tristeza velada e ansiedade não deve ter sido nada fácil para as minhas filhas, e creio que isso as tenha afetado de diferentes maneiras.

Minha filha do meio, Jacky, conta que se lembra do passado como uma espécie de “tabu”, mas que ela considerava conhecer um pouco a respeito dele, além de saber que Pappy e

Heinz tinham sido mortos na guerra (o que era algo comum em muitas famílias da nossa geração).

Para ela, nossa família sempre foi feliz, amável e acolhedora, mas outra de minhas filhas me contou que em algumas ocasiões ela sentia como se eu não estivesse ao lado delas. Fiquei muito magoada ao ouvir isso, porque sempre tentei fazer de tudo por elas, fosse levando-as para a escola, ensinando-as a dirigir (algo que talvez não seja recomendável – certa vez Jacky abandonou o carro no meio da estrada e saiu andando de volta para casa aos prantos), incentivando Caroline a se tornar a fundadora do fã-clube dos Jackson Five, ou viajando pela Europa para ficar ao lado da cama delas caso quebrassem uma perna esquiando.

Minhas filhas sempre foram as pessoas mais importantes da minha vida; eu sempre as amei muito e tentei fazer com que a vida delas fosse o mais feliz possível – embora eu tenha sido muito rígida querendo prepará-las para uma vida que nem sempre poderia ser fácil. Eu sabia que os sobreviventes do Holocausto muitas vezes estragavam os seus filhos com excesso de amor e de atenção ou, por vezes, tornavam-se pais superprotetores. Em Israel, conhecemos uma mulher que até subia em árvores atrás do filho para alimentá-lo com uma banana.

Zvi trabalhava muitas horas no banco durante esses anos, e eu era de fato o elo que mantinha a família unida, mas talvez seja verdade que, emocionalmente, uma parte de mim estivesse ausente. Ao olhar para trás, vejo que de fato eu estava ausente de mim mesma.

Felizmente eu tive ajuda nesses anos, recebendo visitas de Mutti, Otto e da vovó Helen antes de ela morrer, em 1963. Nós também tivemos várias babás, e a melhor delas foi uma jovem suíça chamada Elizabeth Ravasio, que chegou em nossa casa com dezoito anos e morou conosco durante muito tempo. Ela continua sendo nossa vizinha, uma amiga muito próxima e, atualmente, colega de trabalho. Descobri que Elizabeth era uma pessoa talentosa em tudo que punha as mãos, seja

ajudando a cuidar de crianças, decorando a casa ou tornando-se uma excelente vendedora na minha loja de antiguidades.

O meu interesse por antiguidades também foi algo no qual Otto teve grande participação. A irmã dele, Leni, era dona de uma linda loja de antiguidades na Basiléia, e ela me motivou a ajudá-la a encontrar peças para vender. Leni me levou para conhecer o Silver Vaults, em Londres, e, como o meu interesse por antiguidades aumentou, ela me ensinou tudo sobre o funcionamento de um negócio próprio.

A Edgware Antiques abriu suas portas em 1972, e Elizabeth e eu formamos uma equipe formidável. Sempre fui boa em consertar objetos, e fiz cursos de restauração de madeira e porcelana. Nosso negócio se tornou maior e mais organizado, e fiquei conhecida como a única dona de antiquário de Edgware. Vendíamos principalmente para outros comerciantes e, enquanto Elizabeth atendia os clientes, eu pegava a estrada e percorria os condados ingleses dos arredores de Londres à procura de itens históricos e fascinantes sendo vendidos por famílias. Eu tinha orgulho de mim mesma por ser capaz de reformar uma escrivaninha de madeira, conseguir obter de um determinado fornecedor vinte relógios de parede ou percorrer uma casa imunda até encontrar um “tesouro” escondido. Certa vez, encontrei uma série de bonecas de porcelana vitorianas valiosas enroladas em toalhas velhas e escondidas em um canto. Às vezes, um comerciante aparecia e comprava todas as peças na loja, então tínhamos de recomeçar do zero novamente.

Eu havia sido uma boa fotógrafa, mas as antiguidades eram a minha paixão, e logo tornei-me experiente e astuta. A loja fez muito sucesso durante muitos anos e, conforme a mudança no mercado, começamos a participar de feiras de antiguidades também. A melhor compra que fiz foi um azulejo holandês de Jacob Israel que encontrei em uma loja de sucata na Harrow Road. Paguei nove libras esterlinas por ele e, no dia seguinte, recebi o telefonema de um professor de Oxford que também estava de olho no item. O professor me ofereceu cem,

duzentos e até duas mil libras para que eu o vendesse, mas eu gostei muito do azulejo e quis mantê-lo para mim.

Eu tinha encontrado a carreira perfeita. Sempre gostei um pouco de apostas, e acho que herdei o talento para negócios do meu pai. Com certeza, nunca fui uma pessoa de ideias limitadas, e eu tinha a mesma iniciativa que Mutti e vovó Helen tinham demonstrado quando começaram seus próprios negócios em Amsterdã e em Darwen, depois da guerra. As duas também haviam sido mulheres caladas quando eram jovens, sob o julgamento de outras pessoas que comandavam a casa, mas quando precisavam sair e mostrar a que vieram, elas nunca hesitaram. Tenho certeza de que nenhuma delas tinha tempo ou interesse em se perguntar se eram feministas, mas, rapaz, as duas eram damas verdadeiramente empreendedoras e fortes!

No início da década de 1980, eu tinha me tornado uma mulher bem-sucedida que administrava o seu próprio negócio, e que se sentia imensamente orgulhosa e realizada por suas filhas terem se tornado pessoas agradáveis e realizadas, cada uma seguindo o seu próprio talento.

Porém, por dentro eu ainda era a mesma adolescente traumatizada que havia sido libertada de Auschwitz em 1945. Naquela época, Zvi era gerente do Banco Leumi de Londres, e com frequência promovíamos grandes jantares e recepções. Fico me perguntando se alguém percebia como me sentia aterrorizada e insegura enquanto eu sorria e conversava. Bem no fundo, eu lutava contra uma questão: será que um dia seria capaz de confrontar os meus medos e enfrentar o passado? Quando completei cinquenta anos, não fazia a menor ideia de que um novo estágio da minha vida estava começando, tampouco tinha conhecimento da intensidade da mudança que estava por vir.

Capítulo 24
Um dia de primavera

O dia que transformou a minha vida quase não aconteceu.

Em 1985, a Anne Frank House, de Amsterdã, promoveu, em Nova York, Frankfurt e Amsterdã, três exposições de grande sucesso sobre a vida de Anne e sobre o seu legado. Dois membros jovens da equipe, Jan Eric Dubbelman e o historiador Dienke Hondius, que trabalhavam sob a direção de Cor Suijk, estavam entusiasmados com a ideia de expandir a exposição ainda mais, mas os curadores da Anne Frank House não estavam tão certos em relação a isso. A exposição era cara e, quarenta anos depois da libertação, eles temiam que não pudesse haver "interesse suficiente".

Felizmente, Jan Eric e Dienke estavam apaixonados pela missão. A exposição já havia sido traduzida para o inglês para ser levada aos Estados Unidos, e havia uma versão bilíngue em Amsterdã – assim, ao que tudo indicava, a Inglaterra seria o próximo destino. Com falta de recursos financeiros, mas cheio de determinação, Jan Eric chegou a Londres e foi morar temporariamente em uma casa minúscula em Islington. Andando por todos os lados de Londres a bordo da bicicleta de sua esposa, Jan começou a divulgar a exposição e a identificar os conselhos administrativos controlados por partidos trabalhistas que achava que poderiam se interessar pela exposição.

"Rapidamente descobri que havia muito mais que 'interesse suficiente' pela realização da exposição", conta Eric. Logo ele tinha uma lista de quase dez conselhos da Inglaterra dispostos a receber a exposição – começando pelo GLC de Londres.

O convite para a abertura da exposição que caiu da minha caixa de correio na Dorset Drive 49 parecia pequeno e

inofensivo. Considerei que a exposição era uma ideia excelente: milhões de cópias de *O diário de Anne Frank* haviam sido vendidas em alguns países, gerando a criação de fã-clubes, bibliotecas, ruas e, nos anos 1960, até mesmo uma vila para pessoas desalojadas perto de Wuppertal, na Alemanha, havia recebido o nome de Anne Frank. No entanto, a venda do diário não fora tão bem-sucedida em outros países, incluindo a Inglaterra, e eu sentia que as pessoas ainda demonstravam certa relutância ao ouvirem sobre o Holocausto. Eu acreditava que as lições do Holocausto continuavam sendo relevantes: em meados da década de 1980, a Guerra Fria, o Apartheid e os conflitos que se espalhavam da América Central à Irlanda do Norte estavam em pleno fervor. Parecia um bom momento para dar sequência à discussão sobre tolerância e compreensão humana.

Ainda assim, acordei na manhã de 12 de fevereiro de 1986 sem ter a menor ideia de que aquele dia seria um momento decisivo em minha vida. Zvi me trouxe uma xícara de chá na cama, como ele fazia todas as manhãs, e depois saiu para trabalhar. Vesti o meu roupão, desci as escadas, liguei o rádio e preparei duas tigelas de cereal para Mutti e para mim. Logo Mutti apareceu na cozinha também, e começamos a conversar sobre o que iríamos vestir. Felizmente, eu não tinha a menor consciência de que naquela noite eu voltaria para Edgware profundamente abalada – e profundamente transformada.

Lembro-me muito pouco sobre o que falei na primeira exposição de Anne Frank – só lembro o choque que senti ao ouvir Ken Livingstone pedindo que eu levantasse e que fosse até o pequeno palco; e o momento em que estava olhando para a plateia e vendo Mutti, Jacky e Caroline, que estava acompanha por um grupo grande de amigas – todas pareciam ansiosas. A hora seguinte foi um tormento, mas ao término de minha fala, elas correram para me abraçar. Mutti bateu carinhosamente no meu ombro, dizendo “Muito bem, muito bem!”. Pessoas desconhecidas aproximaram-se para me agradecer ou para fazer algum comentário sobre o que eu

havia dito, e eu atendi a todas elas com uma mistura de alívio e adrenalina, sem nem mesmo saber o que eu estava dizendo a elas.

Deixei o lugar sentindo que eu estava caminhando sobre um precipício entre a minha vida presente e a vida que tinha deixado para trás. De repente, minha mente encheu-se de lembranças de Pappy e Heinz em Amsterdã, da terrível viagem para Auschwitz e do adeus na rampa. Pude lembrar do quanto Birkenau era frio e sujo, da sensação de corte nos dedos dos pés e das dores causada pela inanição.Senti novamente o choque e o terror ao me virar e ver Mutti sendo levada para o que eu acreditava ser a morte nas câmaras de gás. Eu não pensava sobre esses acontecimentos havia anos, simplesmente os afastei da minha vida, e esperava que fosse para sempre. Agora eu tinha permitido que a minha história viesse à tona e não conseguia apagar as lembranças mesmo que quisesse.

– Hoje foi um dia incrível – disse a Zvi depois.

Fomos para a cama exaustos. A casa estava finalmente tranquila.

– Fiquei apavorada quando me pediram para falar, não sei de onde as palavras vieram. Depois as pessoas me fizeram perguntas... nunca pensei que alguém pudesse se interessar pelo assunto. Mas agora tenho que fazer tudo de novo porque a exposição está viajando por todo o país e eles querem que eu esteja lá.

Eu estava deitada na minha própria cama, cercada por objetos familiares – a cômoda antiga que eu amava, as cortinas cinzentas com pequenas rosas bordadas que brilhavam à medida que o sol reluzia de manhã –, no entanto tudo parecia diferente. Contar a minha história foi uma experiência ao mesmo tempo aterrorizante, entusiasmante e desgastante para mim. Não conseguia me imaginar repetindo essa experiência. O que eu diria?

– Vou ajudar você – afirmou Zvi. – Vamos pensar no que você vai dizer e então datilografamos na máquina de escrever para ficar mais fácil.

E foi isso o que fizemos. Assim como Mutti e Otto tinham trabalhado juntos nas cartas, Zvi pegou a nossa velha máquina de escrever e começou a juntar os acontecimentos da minha história.

– Mas não tem nenhum sentimento nisso! – retruquei, balançando a folha com o primeiro rascunho diante de Zvi. – Está muito factual. E o medo e a solidão que eu estava sentindo? E o desespero que sentimos quando dissemos adeus?

– Eu sou uma pessoa factual! – Zvi respondeu, encolhendo os ombros.

Tive de concordar que ele não era culpado por não conseguir transmitir a profundidade e a dimensão do que eu havia passado, especialmente porque eu mesma não tinha parado para refletir sobre isso. Tentei colocar mais sentimento nas palavras datilografadas, e sentia com muita apreensão as datas das próximas inaugurações se aproximando.

Levamos a exposição a vários vilarejos e cidades, mas duas aberturas permaneceram especiais na minha mente. Leeds era uma cidade que eu conhecia bem, já que Sylvia tinha estudado lá. Naquela época, os anos de altas taxas de desemprego sob o comando de Thatcher e a greve dos trabalhadores de minas haviam causado um grande transtorno a Yorkshire, e a cidade parecia estar longe de seus dias de glória.

Fiquei na casa de um dos membros da comissão organizadora. O lugar me lembrou a casa geminada ao norte de Londres onde meus avós e os meus tios moraram em Darwen. Pude sentir o frio e a umidade da primavera inglesa escorrendo pela parede do quarto.

Muitos judeus compareceram ao evento, mas também havia muitos espectadores comuns da classe trabalhadora. Naquela época o Holocausto não era abertamente discutido como é hoje, e aquela foi uma tarde muito emocionante para todos nós.

Também me lembro da visita a Aberdeen, uma cidade de campos rochosos que eu nunca tinha visitado antes, onde o sotaque escocês me fez ter muita dificuldade em entender as

perguntas! Apesar do clima frio do norte, o povo de Aberdeen acompanhou o evento com entusiasmo, e lembro-me de uma garota em particular que havia escrito algumas músicas e um poema. Ela apresentou seu trabalho de maneira comovente, e nós mantivemos contato e nos correspondemos por muitos anos.

Viajei por todo o Reino Unido e fiz muitos novos amigos. Nunca me deparei com o antissemitismo na Grã-Bretanha (embora tivesse conhecimento de que ele existia, assim como em outros lugares), mas tinha ficado muito magoada ao longo dos anos ao ouvir comentários sobre "os malditos estrangeiros", que costumavam ser direcionados a qualquer pessoa que tinha uma cor de pele ou um sotaque diferente. Agora eu sentia que estava de fato conectada com o povo britânico que se mostrava muito disposto a conversar sobre o Holocausto. Fiquei impressionada com o sentimento sincero que os britânicos demonstraram em relação às minhas experiências.

Claro que muitas das pessoas que compareceram eram judias, mas à medida que a notícia da exposição se espalhou, diferentes grupos de pessoas, incluindo mulheres, organizações militares e religiosas, procuravam-me para falar sobre o assunto.

Mesmo utilizando os discursos datilografados por Zvi, os primeiros eventos foram uma tortura para mim – e provavelmente para o público também. Sempre achei difícil falar a partir do que estava escrito em uma folha papel, e a minha voz soava mecânica e distante da minha própria história. Eu considerava impossível falar livremente, olhar nos olhos das pessoas e relaxar, sabendo que a minha história iria fluir naturalmente, exatamente da maneira como deveria. Descobri que, se eu queria continuar falando, teria de encontrar o que eu realmente queria dizer – e então comecei a utilizar menos as palavras de Zvi e mais o meu próprio vocabulário.

Naqueles primeiros dias, não era tanto o desafio de falar em público que me preocupava, mas sim reviver os acontecimentos da minha vida. Depois que eu terminava a minha fala, as pessoas começavam a me fazer todos os tipos de perguntas, e eu tentava dar atenção a cada uma delas e respondê-las de maneira apropriada. Havia questões pessoais, bem como de cunho moral e filosófico. Eu gostaria de não ter sido judia? Eu ainda acredito em Deus? Algum dia eu seria capaz de perdoar os nazistas ou a Alemanha? Os guardas de Auschwitz estupravam as mulheres prisioneiras? Como eu tinha conseguido sobreviver a esse calvário sem enlouquecer?

Toda noite eu deitava na cama e sofria de insônia causada por essas perguntas e por minhas lembranças do passado.

Uma noite, quando Zvi e eu fomos jantar fora com amigos, uma solução surgiu.

– Não sabemos nada sobre a sua história – disse minha amiga Anita. – Por favor, conte para a gente um pouco sobre ela.

Hesitante, eu comecei a falar de uma maneira mais pessoal sobre o que tinha acontecido comigo, e Zvi, Anita e o marido dela ficaram paralisados. No final, tomei um gole da minha bebida e Anita disse:

– Eva, acho que você deveria escrever tudo isso.

Na época, havia poucos livros disponíveis sobre a história de pessoas que tinham sobrevivido ao Holocausto, e nunca pensei que a minha história seria uma delas. Será que alguém realmente consideraria que eu tinha algo interessante para contar? Abordei um agente literário muito conhecido em Londres chamado Andrew Nurnberg, e depois de me ouvir por alguns minutos, ele me garantiu que poderia encontrar uma editora disposta a publicar a minha história.

Eu sabia que seria muito difícil contar todas as minhas lembranças dolorosas, e eu não era uma escritora, então procurei pela mãe de uma das amigas de escola de Jacky, uma professora chamada Evelyn Kent. Eu não tinha certeza se ela

estaria interessada em me ajudar a escrever um livro, mas logo que a consultei, meio sem jeito, ela respondeu:

– Eva, há anos estava esperando que você viesse me pedir para escrever a sua história.

Então começamos. Evelyn comprou um dos primeiros computadores do mundo, e todas as noites, por volta das oito horas, eu ia até a casa dela e falava, falava – e ela digitava e digitava. Trabalhávamos exaustivamente até à meia-noite, depois eu saía e voltava para casa em meio à escuridão gélida e fria, tomada por uma estranha euforia em falar sobre coisas que eu tinha mantido presas dentro de mim por tanto tempo. Era uma experiência apavorante, maravilhosa – e triste.

Depois de dois anos, finalmente terminamos o manuscrito de *A história de Eva*, e Andrew Nurnburg garantiu um acordo de publicação na Inglaterra com a W.H. Allen. O livro era um relato direto e corajoso do tempo em que passei em Auschwitz, e eu não tinha certeza de como as pessoas reagiriam a ele. Será que elas gostariam de saber o que é ter um balde cheio de fezes jogado em cima de você ou como era acordar e se deparar com um cadáver ao lado?

Por ter testemunhado os problemas que Otto enfrentou ao longo dos anos, primeiro com Meyer Levin, depois com contraditores do Holocausto e até com pessoas que alegavam que ele mesmo teria escrito o diário, eu sabia que assumir um papel de evidência ainda maior no mundo de "Anne Frank" seria algo difícil. Claro que eu tinha conhecido Anne antes de irmos para os esconderijos, e Otto havia se tornado o meu padrasto – o que me tornava a irmã póstuma de Anne; mas apesar disso, eu sabia que seria atacada pelas pessoas com alegações de que eu queria pular "no trem de Anne Frank", aproveitando-me da onda de popularidade dela.

Muitas vezes, Otto fora até mesmo acusado (muito injustamente) de lucrar com a morte de sua filha. Eu sabia que isso era uma mentira absurda, que não era o lucro que o motivava, mas as pessoas haviam dito as coisas mais vis e repugnantes a respeito dele. Tudo isso fez com que eu

questionasse ainda mais se os seres humanos eram providos de qualquer tipo de decência.

Como eu temia, algumas pessoas começaram a dizer o mesmo sobre mim. Uma mulher chegou a afirmar que eu nem mesmo tinha conhecido Anne quando era criança, mostrando o erro que eu cometera em relação à cor do gato de Anne. Os amigos de Otto e o testemunho do próprio Otto quando ele estava vivo provaram que eu tinha conhecido Anne e que o fundamento dessa afirmação era um completo disparate – mas eu admito que me confundi em relação à cor do gato. Quando estávamos escrevendo sobre o animal, confessei a Evelyn que eu não conseguia lembrar qual era a cor do animal… Ela tinha um gato grande e malhado e comentou:

– Bem, será que não era malhado?

Eu dei de ombros e disse que poderia ser sim. Mais tarde, soubemos que o gato era preto. Esse é um tipo de minúcia que tem sido amargamente debatido em relação ao legado de Anne Frank.

Apesar de tais afirmações, a publicação de *A história de Eva* foi um enorme sucesso, e fui levada para todos os cantos do país em um carro esportivo guiado por um rapaz da editora. A mídia estava particularmente interessada no fato de eu ter sobrevivido a Auschwitz com Mutti, e nós aparecemos juntas na televisão tomando café da manhã com Selina Scott (então uma grande celebridade). Também participei de uma entrevista para a rádio BBC 4, no programa *Woman's Hour*, conversei com inúmeros representantes de jornais locais e autografei cópias do meu livro pelas livrarias de Londres.

Ler o livro foi uma experiência pessoal e dolorosa para a minha família. Eu tinha conversado com a minha mãe sobre os detalhes de cada capítulo enquanto estava escrevendo, e ela ficou muito orgulhosa da história final – até colaborou com dois capítulos sobre a câmara de gás em Auschwitz e sobre a separação de nós duas no trem a caminho da Rússia. Tínhamos sobrevivido juntas. Zvi ficou comovido, e por vezes até mesmo

espantado com os detalhes que revelei, tendo finalmente visto o lado mais profundo da mulher com quem se casara.

Acho que as minhas filhas foram as que mais sofreram com o livro, especialmente porque ele contém um passado sobre o qual eu nunca havia conversado com elas. Uma delas me disse que não queria ler *A história de Eva,* mas depois vi uma cópia do livro aberta na metade na cabeceira dela. Ela não queria que eu soubesse que ela já conhecia o meu passado.

Para mim, o livro foi a conclusão apropriada de uma porção de lembranças dolorosas que me levou a uma viagem emocional e difícil. Alguns dos detalhes desagradáveis da vida em Auschwitz já estavam arduamente impressos na minha mente, e percebi que agora eu poderia me livrar deles. Eles nunca desapareceram completamente, mas agora pareciam menos presentes. Esses detalhes eram o passado. Contudo, o que nunca diminuiu foi o sentimento de tristeza em relação ao deslocamento da minha família e à perda de Pappy e Heinz. Esses sentimentos permaneceram comigo por toda a minha vida.

Depois de escrever *A história de Eva*, percebi que eu realmente queria contar ao mundo algo sobre Heinz.

– Todo mundo se lembra de Anne – Mutti disse –, mas Heinz era um jovem muito talentoso que teve a sua vida interrompida cedo demais. É como se ninguém lembrasse dele.

Levou bastante tempo para que esse desejo se concretizasse, mas muitos anos depois da publicação de *A história de Eva*, comecei a escrever um livro para jovens chamado *The Promise* [A promessa] com minha amiga Barbara Powers. *The Promise* conta muitas histórias sobre Heinz, e inclui a poesia e a pintura feitas por ele. Um dramaturgo e diretor de teatro de Ohio, Jack Ballantyne, gostou tanto do livro que decidiu escrever uma peça chamada *A Light in the Darkness* [Uma luz na escuridão], inspirada na história.

Agora que eu estava falando mais e escrevendo, comecei a perder o interesse pelo negócio de antiguidades. No entanto, eu queria que as minhas novas experiências fossem de fato

significativas, e não apenas uma libertação emocional para mim.

Devo contar que houve alguns desastres relevantes ao longo do caminho. Depois que a edição americana do meu livro foi publicada pela St. Martin's Press, um grupo de São Petersburgo, na Flórida, convidou-me para discursar para eles. Foi a minha primeira palestra nos Estados Unidos e eu estava incrivelmente entusiasmada e nervosa.

Peguei o avião com Elizabeth Ravasio, e esperamos ansiosamente no nosso hotel tentando descobrir o que estava para acontecer. Acho que eu esperava que alguém viesse pessoalmente, que me orientasse sobre como seria a noite da palestra e que acalmasse meus nervos. Mas ninguém apareceu. Por fim, alguém nos deixou um bilhete informando quando viriam nos buscar – mas nada além disso, nem uma palavra sequer sobre o evento. Dois dias se passaram e a minha ansiedade aumentava cada vez mais. Na fatídica noite nós chegamos ao local e o nosso anfitrião nos contou que eu era uma "palestrante surpresa", enquanto me levava para um lugar que parecia uma espécie de gabinete, onde eu deveria aguardar até ser anunciada.

Tentei me acalmar imaginando que um grupo pequeno de pessoas receptivas estava esperando do outro lado da porta. Logo o anfitrião retornou e me conduziu até um auditório cheio, com centenas de pessoas esperando ansiosamente para ouvir o que esta senhora que tinha vindo da Inglaterra tinha a dizer para elas.

Fiquei paralisada, deu um branco e a minha garganta ficou seca. Respirei fundo e lancei uma versão breve da minha história. Muito breve. Falei rapidamente sobre as coisas. Olhei para o relógio. Embora sentisse como se horas tivessem passado, eu estava falando há apenas dez minutos!

– Bem, essa é a minha história. Muito obrigada – conclui e saí do palco, deixando a plateia em silêncio enquanto me observava.

Depois disso procurei orientações e tentei anotar os pontos principais do que eu queria dizer – mas isso também não funcionava porque quando falava, nunca conseguia lembrar qual era a ligação entre os tópicos ou como poderia seguir de um ponto a outro.

A única opção era continuar tentando falar devagar e estruturar a minha própria história do jeito que eu desejava contá-la, com alguns tropeços ao longo do caminho – e contar com a compreensão do público, pois estávamos dividindo uma experiência. Atualmente eu não escrevo com antecedência o que vou dizer, para nunca repetir a minha fala, e descobri que isso deixa uma margem para que eu possa desenvolver a minha história. Posso contar às pessoas como as minhas reflexões sobre o passado estão mudando e descobri que elas se sentem conectadas a mim enquanto falo com elas, quase como amigas. Além disso, explico-lhes o que a minha história significa para mim naquele exato momento.

Contar a minha história foi uma maneira de espalhar uma mensagem sobre preconceito e tolerância, mas eu também desejava trabalhar com outras pessoas para construir algo que poderia perdurar mais do que as lembranças individuais dos próprios sobreviventes.

Uma área na qual eu sabia que a minha experiência poderia ser útil era a Fundação Anne Frank, no Reino Unido. Gerenciar uma exposição itinerante partindo de Amsterdã foi caro e complicado, especialmente porque ela estava sendo amplamente promovida. Jan Eric reuniu um pequeno grupo na Inglaterra para promover a exposição, mas a princípio não conseguimos encontrar as pessoas certas para nos ajudar a divulgar o nosso trabalho. Foi só em abril de 1989, quando levamos a exposição para Bournemouth, que conheci três pessoas que formariam o núcleo da Fundação Anne Frank por muitos anos.

Bee Klug, um conhecido meu, tornou-se presidente honorário. O rabino David Soetendorp (filho do rabino que presidiu a sinagoga que Mutti e Otto frequentavam em

Amsterdã) assumiu a presidência da fundação. Ele nos apresentou uma jovem entusiasta chamada Gillian Walnes, que aceitou ser a nossa primeira secretária e logo se tornou a diretora executiva da fundação. Gillian divulgou o trabalho da fundação com muita energia e dedicação, e ela continua em seu posto até hoje. Juntas, vimos o trabalho da Fundação Anne Frank se espalhar por todo o país, das catedrais às prisões, chegando a milhares de pessoas.

Instalar a fundação no Reino Unido e percorrer o país para falar sobre as minhas experiências trouxeram-me um enorme senso de propósito e satisfação. Eu jamais poderia desejar algo além disso – porém, mais um novo e completamente inesperado acontecimento da minha história estava prestes a ocorrer: uma peça sobre a minha vida.

Capítulo 25
A peça

Esta é uma peça sobre perguntas. Algumas das perguntas parecem impronunciáveis. Certamente muitas não podem ser respondidas. Ainda assim, isso não diminui a importância de se fazer essas perguntas.

James Still, autor de *And Then They Came for Me: Remembering the World of Anne Frank* [E então eles vieram me buscar: lembrando o mundo de Anne Frank]

Assistir a uma atriz interpretando você em um palco pode ser uma experiência inquietante: será que ela vai parecer com você, falar como você e incorporar as coisas essenciais a respeito da sua personalidade? Será que você vai se identificar com essa pessoa? Será que ela pode até mesmo revelar um lado da sua personalidade que você não conhecia? Ou será que ela será apenas uma estranha, apenas uma mulher atuando e representando um personagem que você não reconhece?

Apesar de todo o seu esforço de longa data para conseguir criar uma peça e um filme sobre *O diário de Anne Frank*, Otto nunca assistiu a uma única apresentação. Ele não conseguia suportar a ideia de que atrizes reproduziriam as falas que ele já tinha ouvido de Anne e Margot, fingindo ser as crianças que ele jamais veria novamente. Fiquei me perguntando se eu teria a mesma reação quando fui convidada a participar de uma produção sobre os amigos de Anne Frank e sobre o legado do Holocausto.

Como diretora residente da George Street Playhouse, em New Brunswick, Nova Jérsei, Susan Kerner viu o impacto profundo que a produção de *O diário de Anne Frank* teve sobre o público jovem. Ela começou a se perguntar se uma peça de teatro colocaria o Holocausto em um contexto mais amplo. Susan iniciou o projeto com Kristen Golden e Stephen Mosel,

da Young Audiences, e eles contrataram um dramaturgo muito conhecido chamado James Still para começar a trabalhar nela.

Susan me perguntou se eu gostaria que a história da minha família fosse incluída na peça, junto com a história de outro amigo de Anne, Ed Silverberg (que aparece no diário como "Hello" Silberbeg). Susan também convidou Barbara Lederman, irmã de Susanne Lederman, mas ela não quis se envolver.

Depois de pensar muito a respeito e de conversar com Zvi e Mutti, decidi que este parecia ser um projeto muito interessante e que valeria a pena.

– Muitos dos jovens que conheci por meio da exposição realmente não sabem muito sobre o Holocausto – contei a Zvi. – Talvez uma peça como essa possa ajudá-los a compreender melhor o acontecimento, e talvez possam até mesmo se identificar com o ocorrido. Afinal de contas, embora eles pensem que essa é uma história antiga, sabemos que não faz tanto tempo assim.

Então concordei em participar. James Still veio para Londres e nos reuníamos em extensos encontros à tarde para falar sobre o passado e sobre as minhas experiências. Ele explicou que esta não seria uma peça comum. Embora o elenco fosse interpretar personagens dos anos 1940, as cenas seriam intercaladas com projeções de entrevistas feitas comigo e com Ed.

James trabalhou no roteiro por dois anos, e me enviava com frequência esboços para que eu devolvesse com os meus comentários. Em determinado momento, ele me disse que tinha sete horas de material que deveriam ser reduzidas para uma hora. Ele também precisaria rever o roteiro das nossas entrevistas filmadas. James não queria que lêssemos o script, mas sim que respondêssemos às perguntas de maneira natural. Claro que sempre conseguíamos responder às perguntas de diferentes formas que o surpreendiam, então ele constantemente reescrevia o roteiro.

Por fim, em 1996 tínhamos o roteiro e a produção que satisfaziam a todos nós. *And Then They Came for Me: Remembering the World of Anne Frank* foi produzida pela primeira vez no Indiana Repertory Theater, em outubro de 1996, e depois exibida no George Street Playhouse, em New Brunswick, em novembro.

Susan Kerner me pediu para viajar e conferir o ensaio final, e eu e Zvi chegamos em Nova Jérsei no dia anterior, ansiosos para saber como seria a produção final.

Ed Silverberg, Susan e James também estavam lá, assim como o cinegrafista que gravou o ensaio. Sentamos, em silêncio, e o elenco apareceu no palco. Durante toda a hora seguinte, senti como se todos nós estivéssemos prendendo a respiração à medida que éramos transportados de volta à terrível tensão e ao drama daqueles dias. Meu coração começou a bater forte quando ouvi palavras que já havia escutado de Pappy e Heinz.

Nenhum dos personagens se parecia conosco na vida real – o elenco era aleatório, a atriz que interpretava Anne Frank tinha ascendência coreana, e Pappy foi interpretado por um ator afro-americano. Ninguém havia me falado sobre isso e no começo fiquei muito surpresa. Mas a peça funcionou maravilhosamente bem ao enfatizar a mensagem essencial da humanidade, tanto que houve momentos em que me esqueci da origem étnica dos atores e fiquei completamente absorvida pelos personagens da história.

Foi extremamente difícil assistir a algumas cenas da história da minha própria família, e se James não tivesse criado um equilíbrio perfeito entre a tensão daquelas cenas e os momentos mais leves – e as cenas com Ed – possivelmente teria achado insuportável de assistir.

Quando a peça terminou, deixei escapar um suspiro profundo, sentindo-me aliviada por James e Susan terem criado uma peça de teatro linda e perfeitamente equilibrada. Chorei, e quando olhei ao meu redor, percebi que Zvi, James, Susan e Ed estavam chorando também. Até mesmo o

cinegrafista estava em prantos. Foi então que compreendi o poder do teatro: ele pode ser imprevisível, pode falhar, mas só ele pode unir as pessoas de uma maneira que torna possível compartilhar uma experiência em tempo real.

Depois da experiência em Indiana, voltei para New Brunswick com Elizabeth Ravasio para uma temporada de seis semanas. Foi muito gratificante estar envolvida com uma produção tão bem-sucedida, assim como foi muito bom conhecer e conversar com tantos norte-americanos que me receberam muito bem.

Ao longo dos anos seguintes, viajei para muitos lugares dos Estados Unidos e participei de várias produções de *And Then They Came for Me*. A peça foi encenada em alguns lugares interessantes, como o Kennedy Center, em Washington DC, mas foram as pessoas que conheci nas cidades pequenas, nos corredores das igrejas e nos ginásios de escolas que mais me tocaram.

Em Atlanta, a peça permaneceu em cartaz por muitos anos no Georgia Ensemble Theater. Com frequência fui até lá para assisti-la, recebi uma homenagem do Senado e participei de uma temporada por todo o estado da Geórgia.

Subir os degraus para falar no palco do Senado foi uma experiência que nunca esquecerei. Os trompetistas anunciaram a minha chegada e eu entrei numa câmara onde havia centenas de políticos esperando para me ouvir. Eu tinha nas mãos um discurso datilografado em uma folha de papel, mas logo que os vi, percebi que não conseguiria falar por meio dele. Então coloquei o papel de lado, olhei diretamente nos olhos de cada um e falei com o meu coração sobre as minhas experiências. Depois, Elizabeth Ravasio, que estava viajando comigo, disse:

– Eva, este foi o seu melhor discurso. Você deveria falar sempre assim – então os meus discursos datilografados finalmente ficaram para trás.

No Sul, muitas pessoas de etnia branca me procuraram para falar sobre a mágoa de ter perdido a Guerra Civil e do seu

ódio pelos “Yankees”.

– Mas isso foi há muito tempo – eu respondia, confusa. – Certamente isso aconteceu antes mesmo dos seus avós nascerem.

Ainda assim, eles me contaram que não conseguiam perdoar. Também conheci algumas pessoas negras no Sul que me contaram sobre o quanto haviam sofrido – e o quanto elas compreendiam profundamente a minha mensagem sobre discriminação e preconceito.

Aparentemente, o verdadeiro significado da peça havia conscientizado as pessoas em relação à guerra e à discriminação. Conheci um soldado do Vietnã que havia lutado na guerra. Ele se aproximou de mim depois de uma apresentação da peça e me contou sobre os horrores que tinha presenciado, os quais não conseguia esquecer. Disse a ele que essas coisas desapareciam com o passar do tempo. Também conheci famílias que adotaram crianças vietnamitas e cambojanas que tinham vindo para os Estados Unidos depois da guerra. Essas famílias ajudaram essas crianças a reconstruírem suas vidas, oferecendo-lhes amor e um novo lar.

Enquanto eu viajava, percebi o papel importante que o teatro desempenha nas escolas de ensino médio dos Estados Unidos; até mesmo escolas de regiões rurais possuíam salas grandes e muito bem equipadas, onde era possível encenar produções profissionais. Conversei com os alunos de algumas dessas escolas e tentei explicar o Holocausto para os adolescentes que se esforçavam para entender o que eu estava dizendo.

– Deixaram você levar o seu cachorro ou o seu gato com você? – um garoto me perguntou, enquanto uma jovem levantou a mão e questionou:

– O que você fazia aos domingos?

Tive de explicar com muito cuidado que um campo de concentração não era como um acampamento de verão, e contei-lhes que quando cheguei a Auschwitz não deveria ter saído de lá viva.

Durante o tempo que passei nos Estados Unidos, entrei em contato com pessoas de todas as origens e raças, desde pequenos grupos religiosos no Texas até um evento beneficente para o Dallas Children's Theater, que ocorreu no famoso Petroleum Club. Conversei até mesmo com índios norte-americanos de Oklahoma, que acreditavam que o seu povo havia passado pela mesma experiência de discriminação e de genocídio que a minha.

Em Boston, a peça foi encenada ao mesmo tempo em que estreava na Broadway uma versão nova e muito aguardada de *O diário de Anne Frank*, escrita por Wendy Kasselman. Muitos preferiram *And Then They Came for Me*. Judith Klein escreveu no *Boston's Jewish Journal* [Jornal Judeu de Boston]: "A realidade nua e crua me tocou de uma forma que nenhuma produção de *O diário de Anne Frank* jamais tocou. Foi impressionante. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas, assim como as outras pessoas que estavam ao meu redor".

Uma jovem com uma doença terminal foi levada de maca para o teatro, pois assistir à peça era o seu último desejo. A família dela revelou depois que aquilo fez com que as duas últimas semanas de vida dela se tornassem mais suportáveis.

Em outra noite, uma jovem alemã levantou-se e começou a chorar. Ela contou que o avô dela era nazista e que seu irmão tinha feito parte da Resistência. O avô acabou matando o próprio irmão a tiros – e a família nunca aceitou isso. Essa jovem tinha saído da Alemanha para fugir do passado de sua família e, até aquela noite, nunca tinha conversado sobre isso com ninguém.

Na Filadélfia, fiquei encantada quando encenamos a peça no Arden Children's Theater, e o National Liberty Museum pediu para complementarmos a nossa apresentação com uma exposição das pinturas de Heinz. Isso também aconteceu em outros lugares, incluindo Dallas e o estado da Califórnia. Ver as pinturas de Heinz expostas depois de cinquenta anos me deixou com um nó na garganta. Fico feliz porque as pessoas permitiram que eu apreciasse sozinha as pinturas dele. Acho

que não conseguiria falar com ninguém a respeito delas. Eu pensava: “Como você pode ver, Heinz, nunca me esqueci de você. Você tinha medo de não deixar a sua marca no mundo, mas você está aqui, com a gente. Você teve a sua estreia”.

Em São Francisco, *And Then They Came for Me* tem sido apresentada com muito sucesso por muitos anos no New Conservatory Theater e sempre recebeu grande apoio da comunidade gay. Naturalmente, os gays também foram muito perseguidos pelos nazistas e têm sofrido muita discriminação desde então. Um dos diretores, Andrew, nos hospedou na casa que ele dividia com seu companheiro, James – e devo dizer que é a casa mais bem decorada que já visitei! Apaixonei-me pela alegria de viver e pela tolerância de São Francisco, e certa vez mandei Zvi passear um pouco na livraria para poder me divertir na Parada Gay e no “Festival do Couro” sem que ele ficasse resmungando ao meu lado.

Em Hailey, Idaho, encenamos a peça por duas semanas em 2011, com a ajuda de uma celebridade de Hollywood: Demi Moore. Ela e Bruce Willis desempenhavam um papel importante na cidade, depois de comprarem uma fazenda grande nas proximidades. Eles também tinham comprado e restaurado o Liberty Theater, criando uma companhia de teatro permanente chamada Company of Fools. Ficamos hospedados na casa de Demi, em Hailey mesmo, que Bruce havia construído para abrigar a coleção de bonecas dela. A construção parecia uma casa americana tradicional do século XIX e era maravilhosa – sem falar no pôster enorme e em tamanho real de Demi grávida e nua, segurando sua barriga, exatamente como ela fez na famosa capa da *Vanity Fair*.

Víamos Demi com as suas três filhas quase todos os dias, e ela teve um papel ativo na encenação da peça e na ajuda com o figurino. Durante os intervalos, conversávamos sobre as minhas experiências e sobre o quanto a infância dela também tinha sido dura. Gostava muito dela, mas a nossa afinidade ficou um pouco abalada depois de uma discussão na festa após a apresentação final. Demi e Bruce (que já estavam separados,

ambos com novos parceiros) organizaram uma enorme festa para nós na casa deles, e eu trouxe uma amiga minha que morava em Idaho. Eu disse a ela que havia uma regra rigorosa que não permitia que fotos fossem tiradas dentro da casa, mas ela ignorou o que falei e começou a fotografar imediatamente. Logo Demi ficou sabendo do ocorrido e veio reclamar com a minha amiga, exigindo que ela entregasse o filme.

Foi uma situação muito constrangedora. Fiquei envergonhada ao ver que Demi estava chateada e senti que nós tínhamos abusado da confiança dela, especialmente porque ela havia nos ajudado muito com a nossa peça. No entanto, conseguimos resolver as coisas e nos despedimos sendo boas amigas.

Certa noite, durante a minha estada em Idaho, fomos para Boise para que eu pudesse ministrar uma palestra no Egyptian Theater. Quando cheguei, fui surpreendida ao ver meu nome destacado em meio a luzes anunciando *"A história de Eva"*, e senti os meus nervos agitados enquanto entrava em um auditório cheio, no qual havia mais de oitocentas pessoas. Enquanto estávamos sentados aguardando, mais e mais pessoas chegavam e ficavam de pé nos corredores e nas escadarias – até que a polícia e os bombeiros chegaram para assegurar que tudo transcorreria bem naquela noite.

Fiquei emocionada e surpresa em ver que as pessoas de uma região rural do oeste dos Estados Unidos estavam interessadas em saber sobre o Holocausto. Quando elas levantaram dinheiro para construir o Anne Frank Human Rights Memorial Park, em Boise, fiquei encantada por poder plantar uma árvore no parque, assim como fez Miep Gies.

Viajar com *And Then They Came for Me: Remembering the World of Anne Frank* foi um verdadeiro presente para mim. Conhecer muitas pessoas novas e ouvir sobre as experiências tocantes delas fez com que eu reflitisse sobre a minha própria experiência. De maneira particular, pude entrar em contato com uma geração mais jovem. Mais recentemente, trabalhei com um britânico muçulmano, militante de uma campanha

anti-ódio, Nic Careem, que tem levado a peça para grupos de escolas do Reino Unido, bem como para países distantes como a China.

Em todos os lugares por onde passei, conheci jovens dispostos a se envolverem com as questões e com a emoção da peça, e ela muitas vezes exerceu um impacto profundo na maneira em que esses jovens pensavam sobre o mundo. Isso era particularmente verdadeiro em países onde as pessoas haviam passado por governos opressores, ou onde eles não tinham aceitado as suas próprias experiências com o Holocausto.

Jenny Culank foi a primeira produtora britânica da peça. Jenny era a diretora artística do Classworks Theatre, com sede em Cambridge. Ela queria muito encenar *And Then They Came for Me* desde que viu a primeira produção no Gatehouse Theatre, em Londres, organizada por Susan Kerner. Trabalhamos juntas em algumas produções maravilhosas com um pessoal jovem na Inglaterra, e depois, na primavera de 2000, veio o convite da Anne Frank House, em Amsterdã: a casa havia recebido fundos da União Europeia e desejava saber se a peça poderia ser levada para a Letônia, com o objetivo de melhorar a relação entre letões e russos.

Depois de se libertar da ocupação soviética em 1991, a Letônia estava começando, de maneira hesitante, uma discussão sobre o seu papel no Holocausto. Os nazistas tinham invadido e ocupado o país durante quatro anos (entre 1941 e 1945), e quase todos os judeus letões tinham sido assassinados imediatamente. Além disso, dezenas de milhares de judeus da Alemanha e da Áustria foram levados para a Letônia para serem mortos – incluindo a avó de Zvi. Os esquadrões da morte nazistas que percorriam os países bálticos atuavam com muita crueldade. Na verdade, alguns soldados da SS estavam tão traumatizados com as execuções que os principais nazistas foram inspirados a apresentar as câmaras de gás como um método de assassinato menos pessoal. Mas o antissemitismo

também era muito forte, e muitas pessoas da Letônia apoiaram o genocídio.

Quarenta e cinco anos mais tarde, um debate sobre o Holocausto nos países bálticos mal havia começado. O Departamento Internacional da Anne Frank House decidiu que a Letônia seria um bom local para o programa de incentivo ao debate em comunidades onde o assunto ainda não era amplamente discutido.

Foi difícil. No início, o elenco jovem, composto por seis garotas letãs e cinco rapazes russos, mal tinha consciência de que o Holocausto havia de fato ocorrido.

Para Jenny foi uma experiência particularmente comovente – parte de sua própria família havia imigrado para a Inglaterra ao sair da comunidade judaica da Letônia.

“Mostrei a eles uma foto da minha avó letã, e eles simplesmente não conseguiram entender. Como é que essa mulher inglesa tem parentes letões? Eles permaneceram confinados na União Soviética, e não tinham ideia do resto do mundo.”

Os jovens passaram várias semanas hospedados em uma fazenda afastada com Jenny, preparando-se para a produção.

“No começo, eu não tinha certeza se eles conseguiriam encenar a peça ou se eles teriam capacidade de se envolverem no processo. Pedi a eles que mantivessem um diário, exatamente como Anne havia feito, e foi o que todos fizeram.”

Eu estava me preparando para ir até lá e me juntar a eles, mas no meio do ensaio da produção, Jenny me ligou e me perguntou se eu poderia falar com eles pelo telefone. Eu não sabia muito bem o que dizer, mas todos conversaram comigo e cada um fez suas perguntas, compartilhando histórias e me conhecendo.

Em agosto, momento em que parti para encontrá-los, Jenny havia me contado que ela tinha certeza de que aquela seria uma das produções mais significativas que já tínhamos encenado. A Letônia ainda era um país muito indisposto a discutir sobre o seu passado e sobre o que havia acontecido

com os judeus. Cada um dos jovens que participou da peça teve de encarar a verdade.

Chegamos ao Jewish Centre, em Riga, para a primeira apresentação, que foi assistida pelo presidente da Letônia. A noite começou com os pais letões e russos oferecendo uns aos outros ramos de flores – um gesto muito significativo em um país onde a divisão étnica é muito forte.

O dramaturgo James Still também compareceu, e todos nós assistimos à peça juntos – sem compreender uma palavra sequer da língua, mas nos identificando totalmente com o que estava acontecendo no palco. No final, conversei com a plateia, como sempre faço, e como de costume, surpreendi-me ao ver as pessoas reunidas, conversando e partilhando seus sentimentos e pensamentos.

Eu sabia que algumas das pessoas mais velhas que estavam olhando para mim da plateia conheceram pessoas que tinham matado judeus – ou que talvez tivessem algum envolvimento nos assassinatos. O que mais me surpreendeu foi conhecer um garoto no grupo que não conseguia admitir que ele era judeu também. O estigma ainda era muito forte. Espero que ele tenha ouvido o meu relato de que tenho orgulho de ser judia, e que tenha sentido o meu apoio.

Depois daquela primeira apresentação em Riga, Jenny e eu viajamos para uma cidade do sudeste, Daugavpils, onde a peça foi encenada em uma enorme fábrica abandonada que fora utilizada para produzir cigarros russos. Lembro-me de que naquela época havia um alto índice de desemprego e que a cidade sofria com problemas sociais. Depois, deixei o elenco e desejei boa sorte a eles. A peça continuou sua turnê por toda a Letônia no período de um ano, com apresentações todos os finais de semana em diferentes cidades.

Antes de sair da Letônia fui satisfazer o meu antigo hobby, e visitei algumas lojas de antiguidades. Em uma delas, encontrei um prato de porcelana perfeitamente preservado da época dos Jogos Olímpicos de Berlim de Hitler, em 1936. Manuseando a porcelana fria, conversei com o alemão que

estava vendendo-a para mim, e lembrei-me de todo o ódio e da perturbação que tinha consumido a Europa naquela época. Imaginei a minha própria família – ainda em casa, no nosso apartamento em Viena e sem saber o que o futuro nos reservava. Paguei pelo prato e saí pensando no quanto avançamos no mundo em um período de poucos anos – e no quanto ainda avançaríamos.

Jenny também levou aos palcos uma produção incrível de *And Then They Came for Me* para a Irlanda, em 1999, reunindo crianças católicas e protestantes para assistirem à peça – o que era algo bastante incomum. As crianças sentaram-se separadas, cada uma em seu próprio grupo, mas só o fato de estarem juntas no mesmo lugar já era um grande passo.

Onde quer que fôssemos, a peça era encenada para plateias cheias, que muitas vezes se emocionavam com a apresentação. Apenas uma pessoa não compreendeu *And Then They Came for Me*: Mutti.

Eu havia retornado da primeira temporada em New Brunswick com uma gravação da peça. Ao voltar para casa em Edgware, coloquei a fita no vídeo cassete e pressionei o play na expectativa de ter uma longa conversa com Mutti a respeito da apresentação.

Porém, quase que imediatamente ela começou a franzir a testa, confusa.

– Mas este não é Heinz – disse ela. – E este não é Pappy. Não somos nós.

À medida que a gravação avançava, ela começou a ficar agitada e nervosa. Nesse estágio de sua vida, Mutti estava ficando cada vez mais confusa e não conseguia entender o que eu havia explicado a ela: que aquelas pessoas eram a nossa família, mas que se tratava apenas de uma representação. Com grande tristeza, percebi que embora Mutti e eu tivéssemos uma relação inseparável por um longo tempo, o passar dos anos estava nos separando, e logo eu teria de dar os meus próximos passos sem ela.

Capítulo 26
Mutti

O fato de eu começar a falar em público transformou a minha vida e me libertou para que eu pudesse recuperar a minha própria personalidade, mas também mudou a forma como as outras pessoas me viam. Especialmente Mutti.

Enquanto eu conversava com grupos de pessoas, Mutti muitas vezes sentava-se na fileira da frente ou atrás de mim, e me olhava com uma expressão de admiração e adoração. Eu diria que ela estava sentindo um imenso orgulho de mim e percebi que ela apreciava o fato de ver que eu também tinha dons. Eu não era apenas "uma pessoa prática e operacional". Agora ela podia ver quem eu era de verdade.

Exceto pelo turbulento período pós-guerra que passamos em Amsterdã e da mágoa depois de ter sofrido um aborto (que eu já nem sentia mais), Mutti e eu tínhamos uma relação muito próxima, mas ela ainda me via como a sua "pequena Evi".

Quando se tem mais de um filho, à medida que você os vê crescendo, é quase inevitável classificar cada um deles como "o rebelde", a "esportista" etc. E muitas vezes, quando somos crianças, não gostamos ou discordamos dos rótulos que os nossos pais nos atribuem.

Na nossa família, Heinz era o "inteligente", a pessoa sensível e com espírito de artista. Eu era a esportista, a menina forte que era boa com as mãos. Claro que Heinz era muito inteligente, sensível e um verdadeiro artista, mas quando fui ficando mais velha, comecei a acreditar que havia mais em mim do que as características que Mutti reconhecia.

Quando visitamos os meus avós em Darwen pela primeira vez, depois da guerra, ouvi Mutti dizer a vovó Helen: "Acho que Eva vai ser costureira quando crescer, ela é boa com as

mãos”. Fiquei horrorizada. Pensei: “Não quero ser uma costureira!”. Depois ela concordou com Otto e me guiou na direção da fotografia. Esta acabou sendo uma carreira da qual gostei muito, mas eu ainda me irritava quando ouvia Mutti dizendo às pessoas que eu não era uma pessoa muito intelectual.

Durante os primeiros anos após o falecimento de Otto, fiquei preocupada porque Mutti aparentava estar deprimida e perdida, mas depois ela começou a se recuperar. Passava mais tempo conosco, mas quis manter a casa dela na Suíça. Otto tinha comprado uma casa de campo para ela bem na esquina da nossa casa em Edgware, mas Mutti não queria morar lá. Ela havia se estabelecido na Suíça e tinha muitos amigos. Durante o dia, ela assistia a palestras e comparecia a eventos organizados pela Universidade da Terceira Idade (U3A). Mutti também fazia algumas viagens para a Itália.

Ela continuou muito envolvida com o trabalho da Anne Frank House, em Amsterdã, e com a Fundação Anne Frank, na Suíça, que controlava os direitos do diário. Com o passar do tempo, às vezes ela discordava da direção da fundação que tinha sede na Suíça. Mutti preocupou-se em manter com rigor as crenças de Otto a respeito dos gastos imprudentes, e também se esforçou para manter o legado de Anne como algo simples e tangível – alinhado ao espírito do diário. Depois que Otto morreu, Mutti sentiu que suas contribuições nas reuniões da administração nem sempre eram valorizadas e que estava sendo gradativamente excluída.

Apesar disso, ela continuou se correspondendo ativamente com as centenas de pessoas que ainda escreviam falando sobre Anne e Otto. Ainda havia pilhas de cartas para serem respondidas, e Mutti continuou trabalhando com as correspondências com o mesmo cuidado e atenção que ela dispendia enquanto Otto estava vivo.

A verdade é que Mutti passou a se interessar e a dedicar cada minuto de sua vida a todos nós – e até mesmo a pessoas

que ela não conhecia muito bem. E quando não concordava com algo que estávamos fazendo, ela certamente o diria!

"Se você quisesse conversar com alguém que pudesse ouvi-lo em silêncio – sem arriscar emitir qualquer opinião a respeito do que você estava dizendo –, Fritzi definitivamente não era a pessoa certa para você", disse meu primo Tom certa vez.

Tom havia se divorciado recentemente e estava morando na Suíça naquela época. Ele passou muito tempo com Mutti, tendo longas conversas com ela, e por isso me contou que sempre a ouvia aconselhando-o sobre o que deveria fazer com a sua vida.

"Eu queria descobrir qual era a direção que deveria seguir, e embora Fritzi estivesse muito interessada nas artes, ela tinha certeza de que eu deveria seguir uma profissão que me desse um bom salário e boas perspectivas de crescimento."

Isso realmente soa como a minha mãe. Ela havia passado por dificuldades o suficiente para ser muito prática quando o assunto era trabalhar e tornar a vida a mais confortável possível.

Ela era muito sincera, mas também se preocupava com as pessoas e fazia perguntas muito detalhadas. Como sua filha, às vezes eu sentia que ela perguntava demais. Mutti me escrevia cartas extensas contando tudo o que tinha feito – e querendo saber exatamente tudo o que estava acontecendo na minha vida. Eu tinha três garotas vivendo comigo, estava administrando a loja de antiguidades e falava com Mutti pelo telefone o tempo todo, nos intervalos das nossas frequentes visitas. Em outras palavras, eu não tinha tempo para escrever cartas extensas, mas tentava conversar com Mutti.

– Gostaria que você escrevesse mais nas suas cartas – ela reclamava, fazendo eu me sentir culpada de uma maneira que somente uma mãe pode fazer –, e você nunca responde às minhas perguntas. Eu gostaria que você respondesse a cada pergunta que eu faço, em ordem….

Otto certa vez escreveu que Mutti e eu éramos muito próximas. “Eva conta sobre tudo: os negócios, seus interesses, sua vida privada e social. A mãe quer saber de cada detalhe, pergunta, pergunta, e dá alguns conselhos quando necessário. O único problema é a correspondência.”

Ele descreveu como Mutti esperava ansiosamente por uma carta “olhando para a caixa do correio quando o carteiro estivesse para chegar, ficando nervosa o tempo todo até que a carta finalmente chegasse”. Depois ela se preocupava sobre como uma carta vindo de Londres levava seis dias para ser entregue, quando uma que vinha dos Estados Unidos levava apenas três dias. “De qualquer forma, basta uma carta na mão e todo o nervosismo vai embora.”

Minha mãe era muito obcecada por cartas, como seu volume de correspondências mostra.

Não me arrependo de não ter respondido a todas as perguntas – muitas eram sobre o que eu estava comendo no jantar –, mas me arrependo muito de não ter me sentado com ela para conversar sobre tudo que enfrentamos juntas.

Levando em consideração o que tínhamos vivenciado, pode parecer estranho que nunca tenhamos conversado sobre isso depois. No começo, eu acho que estávamos concentradas em superar aqueles primeiros dias sombrios do pós-guerra, e em reconstruir a nossa vida, ainda que sem muito entusiasmo. Então eu me mudei para a Inglaterra e me casei, e Mutti casou-se com Otto – e depois disso parece que o momento certo nunca chegou. Eu olhava para ela do lado de fora e via que ela estava feliz e satisfeita com Otto. Ela deve ter sentido o mesmo em relação a mim e Zvi. Nenhuma de nós ousou revisitar o passado para falar sobre a dor que ainda sentíamos.

Sem a menor dúvida, a maior surpresa que tive ao escrever este livro foi descobrir que o meu primo Tom havia guardado uma pilha de cartas dos meus pais para os meus avós, tanto anteriores como posteriores à guerra. Nunca li essas cartas e creio que nem mesmo sabia da existência delas – mas quando contei a Tom que estava escrevendo este livro ele

começou a me enviá-las aos poucos; primeiro via e-mail, e depois as trazendo pessoalmente em uma caixa de sapato grande.

Eu tremia de emoção – literalmente – ao sentir os meus pais voltando à vida nas minhas mãos. Acreditamos que sempre lembraremos claramente das pessoas que amamos – mas, à medida que o tempo passa, começamos a nos lembrar apenas da memória das lembranças. Agora, vividamente, eu tinha Pappy e Mutti comigo novamente – falando em suas próprias vozes –, às vezes em um rabisco, outras em um manuscrito alemão gótico quase indecifrável, muitas vezes datilografado numa folha de papel extremamente fina. Eu ficava entusiasmada, emocionada e frequentemente chocada ao ver que sim, eles eram assim. Eu havia me esquecido.

Acrescentei o conteúdo de alguma dessas cartas no livro, mas de maneira geral, elas desafiam algumas das minhas suposições a respeito de nossas vidas. Pude ver, por exemplo, o quanto éramos felizes morando em Amsterdã, mesmo depois da Ocupação. Claro que havia coisas que meus pais não poderiam escrever por causa da censura, mas mesmo assim há uma sensação forte de que estávamos levando a vida como uma família normal. Na única ocasião em que minha mãe cita a invasão nazista, ela diz que o meu pai adoraria ter mais filhos, mas "esta é a única coisa que eu não posso dar a ele porque a situação é muito arriscada".

Mais tarde, depois que saímos de Auschwitz e voltamos para Amsterdã, muitas vezes ela escreveu à vovó Helen relatando sua própria tristeza, o sentimento de perda em relação a Pappy e "Heinzerl" (seu pequeno Heinz), e sobre como ela estava fazendo de tudo para não chorar e manter uma expressão corajosa na minha frente.

Em um trecho triste, ela escreve como foi ir à sinagoga em Amsterdã com Otto e Henk (meu ex-namorado), e como ela não conseguiu evitar o desejo de que seu próprio filho estivesse ali, sentado ao lado dela.

Ler essas cartas fez com que eu me sentisse sem chão, extremamente chateada. Por que nunca falamos sobre o que sentíamos? Por que eu não consegui ver o quanto minha mãe também estava sofrendo? Sempre achei que ela nunca tinha percebido o quanto eu estava arrasada, mas em suas cartas ela conta a vovó Helen que sabia o quanto eu estava consternada e com raiva dela, mas que ela tinha que tentar ser meu pai, minha mãe e meu irmão – todos os papéis em uma só pessoa.

Como eu queria poder falar sobre isso com Mutti agora... Não posso voltar no tempo para ter essa conversa com ela, mas tenho um pouco de consolo ao saber que, à medida que o tempo passou e que fomos envelhecendo, ela aproveitou a companhia das minhas filhas, e depois dos meus netos – os bisnetos dela. Eles eram uma grande alegria em sua vida.

Na década de 1980, Zvi e eu compramos uma casa de férias ao lado da cidade murada de Mougins, no sul da França. Seguindo a sugestão da sra. Hirsch (a dona da pensão na Chichele Road, onde nos conhecemos), nos apaixonamos à primeira vista pela região. Compramos dois quartos que foram construídos onde antes havia um galpão de frango, e com o tempo ampliamos a casa construindo mais dois quartos. O lugar tornou-se o nosso refúgio de férias, e passamos muitos verões lá.

Nossa família continuava crescendo. Em 1985, Jacky deu à luz nossa primeira neta, Lisa, que é bonita, inteligente e ainda a menina dos meus olhos. Lisa casou-se recentemente e pediu a Zvi que a levasse até o altar; quando a vimos entrando, nos derretemos em lágrimas.

Três anos depois que Lisa nasceu, ela ganhou um irmão. Depois de três filhas e uma neta, estávamos muito entusiasmados em ter um menino na família, e disse a Jacky que gostaria que ela desse a ele o nome de Eric, por causa do meu pai.

– Eu estava pensando em Robert, na verdade… – ela me contou, para o meu descontentamento.

Jacky deve ter visto a minha expressão de tristeza. Eu estava com ela na sala do parto e, quando o bebê nasceu, ela o segurou por um tempo e todos nós ficamos olhando para ele.

– Bem, agora que posso vê-lo, percebo que realmente não tem cara de Robert – disse ela.– Acho que ele se parece com Eric.

Eric era um garotinho de cabelos loiros de personalidade muito alegre, e que costumava chamar a atenção de todas as mulheres que encontrava. Agora ele é um jovem bonito, de cabelos claros – e ainda tem muitas admiradoras.

Poucos anos depois de sua chegada, em 1992, minha filha mais velha, Caroline, deu à luz nosso segundo neto, Alexander. Alex é alto e inteligente, e tem uma personalidade doce e sensível. Ele está estudando Matemática Pura na Universidade de Oxford, e tenho certeza de que um dia irá resolver uma equação complicada e mudar o mundo!

Em seguida vieram as duas filhas de Sylvia, Sophie e Ella, que se uniram à nossa família em 1993 e 1996. Ambas ainda são adolescentes, mas já podemos ver que elas herdaram a nossa paixão pelas artes. Às vezes elas vêm a Londres para ficar um tempo com a gente, e fazem certas coisas na cidade grande das quais seria bom seus avós não saberem muito a respeito.

Quando as crianças eram pequenas, passávamos cada verão brincando na piscina de Mougins juntos, fazendo passeios de barco, tomando sorvete e brincando na praia. De manhã, começávamos o dia com uma xícara de chá na cama, e Zvi nos fazia comer uma cenoura porque ele acreditava que fazia bem para as gengivas. Então eu participava de todas as brincadeiras, Zvi sorria e acenava para mim do outro lado – às vezes segurando uma das crianças em seu colo enquanto lia o *Financial Times* ou o *The Economist*, e Mutti nos observava deitada em uma espreguiçadeira, aproveitando a companhia da família ao seu redor. Depois do almoço, tirávamos um cochilo na sombra, e em seguida eu dava para as crianças um biscoito da famosa caixa laranja – muitas vezes eles se

queixavam desses biscoitos, dizendo que era velho e nojento (a verdade é que, depois de Auschwitz, detesto desperdiçar comida e nunca jogo nada fora; depois de comer um grão de açúcar do chão, você nunca torcerá o nariz para sobras). Então à noite eu fazia sopa de peixe para o nosso jantar em família.

Claro que, como em todas as famílias, tínhamos os nossos altos e baixos, mas fico feliz porque Mutti viveu o suficiente para ver a profecia da corrente irrompível de Pappy ser cumprida.

Mutti deve ter sido uma mulher feita de ferro. Salvo o fato de ter passado por uma histerectomia em Amsterdã logo após a guerra, dificilmente ela ficava doente. Em uma viagem a Mougins ela sofreu um acidente terrível, onde prendeu a mão na espreguiçadeira. Foi horrível – ela gritou muito com a dor, mas não conseguimos soltar a mão dela. Quando finalmente conseguimos tirá-la e levá-la para o hospital, descobrimos que ela tinha quebrado três dedos, mas ainda assim Mutti insistiu que a deixássemos voltar para a Suíça sozinha como tinha planejado.

Algum tempo depois, ela estava caminhando na rua, perto de sua casa em Birsfelden, quando, após dar um passo em falso, deu de cara com um bonde. Foi um acidente quase fatal, mas Mutti era forte. Ela sobreviveu. Contudo, esse acidente nos fez pensar seriamente sobre o seu futuro, e pedi a ela que viesse morar conosco em Londres.

Mutti veio e ficou por um tempo, mas ela não conseguia se sentir em casa; ela vivia na Suíça há décadas e sentia falta de seu apartamento e de seus amigos.

– Eu era tão feliz no meu apartamento com Otto – ela me disse. – Quando estou lá, sinto como se ele ainda estivesse comigo.

Concordamos que ela voltaria, mas encontramos uma senhora polonesa que pudesse cuidar dela – o que funcionou por um tempo, mas foi então que Mutti reclamou:

– Por que devo ficar aqui com uma estranha cuidando de mim quando toda a minha família está na Inglaterra?

Ela voltou a ficar conosco novamente, mas não conseguiu se adaptar mais uma vez, e logo voltou para a Suíça. Por alguns anos, Mutti foi e voltou, às vezes morando conosco, outras permanecendo na Suíça, enquanto eu viajava para visitá-la todos os fins de semana. Até que percebi que Mutti estava começando a ter problemas de memória, e que ela realmente não teria condições de cuidar de si mesma.

Em 1995, Mutti mudou-se para a Inglaterra de uma vez e passou a morar conosco em Edgware. Logo depois, comecei a viajar muito com a peça *And Then They Came for Me*, e Elizabeth Ravasio vinha ficar com Mutti enquanto eu estava ausente. Depois, Elizabeth sugeriu que seria mais fácil se Mutti fosse morar com ela em sua casa, que era logo na esquina da rua onde eu morava.

Elizabeth era uma companheira devota que cuidou de minha mãe nos últimos anos de vida dela. Naquela época sua memória já estava bem comprometida, e ela estava ficando cada vez mais confusa. Quando alguém vinha entrevistar Mutti com perguntas sobre Otto, ela ficava vasculhando sua memória por horas, mas tudo o que conseguia lembrar era que ele tinha "uma cabeça muito pequena".

Para os que sabiam o quanto ela amava Otto e o quanto eles eram importantes um para o outro aquilo foi algo doloroso de se ouvir.

Então, uma noite, Elizabeth e Mutti decidiram ir ao cinema para assistir a *Titanic*, com Leonardo DiCaprio e Kate Winslet. Acho que a ideia de uma senhora idosa ir ao cinema para assistir às lembranças dolorosas de uma catástrofe que levou muitas pessoas à morte foi algo muito forte para Mutti. Ela começou a ficar incrivelmente nervosa e inquieta, e voltou para casa muito perturbada. Minha mãe já estava tomando comprimidos para dormir há muitos anos, e naquela noite ela exagerou na dose. Quando acordou para ir ao banheiro estava tão dopada que acabou se enroscando no cordão do seu roupão, caiu e quebrou a perna. Foi um trauma terrível – o fêmur estava quase atravessando sua pele, e ela teve de ser

levada para a ambulância pelos paramédicos sentindo dores terríveis.

No hospital, ela se recuperou rapidamente, mas o trauma provocado pela queda trouxe uma série de pequenos derrames cerebrais. Os médicos me disseram que quando uma pessoa idosa sofre um derrame cerebral, muitas vezes eles suspendiam a comida e a bebida para deixá-las morrer. Eu tinha total consciência de que Mutti estava bem próxima do final de sua vida, mas claro que fiquei indignada com essa sugestão.

– De jeito nenhum! – gritei com eles. – Minha mãe sobreviveu a Auschwitz. Não vou deixá-la morrer de fome agora. Ela vai partir quando chegar a hora dela.

Eu jamais permitiria que a minha mãe, que tinha sobrevivido ao Holocausto, fosse morta pelo hospital NHS. Ainda considero absurda a ideia de deixar as pessoas morrerem de inanição, e nunca vou concordar nem me deixar levar pela opinião médica de que os pacientes não percebem o que está acontecendo com eles. Porém, tenho certeza de que isso é mais barato e mais conveniente para os hospitais.

Contrariando a opinião dos médicos, Mutti se recuperou e pôde sair daquele hospital fúnebre onde os funcionários aparentemente não davam a menor atenção a seus pacientes. Elizabeth e eu decidimos que não queríamos vê-la passando os seus últimos dias lá – então a levamos para casa.

Por alguns meses, cuidamos dela, alimentando-a apropriadamente, utilizando uma cama móvel para conseguir levantá-la e, apesar de estar desvanecendo, passou seus últimos dias completamente consciente, com toda a família ao seu lado. Embora Mutti mal conseguisse falar e estivesse em sua cama em posição fetal, lembro-me da maneira como seus olhos brilharam certo dia, quando trouxemos Ella – sua bisneta mais nova – para vê-la, e Ella se ajeitou na cama para dizer "oi" para Mutti.

Em 1998, Mutti faleceu, com 93 anos. A vida dela se desenrolou durante todo o horror e a história do século XX. Ela

nasceu em meio a uma família grande e alegre, quando o Império Hapsburg governava grande parte da Europa, e depois viveu a Primeira Guerra Mundial e o Holocausto. A vida dela e suas circunstâncias mudaram de uma maneira que poucos poderiam imaginar, mas Mutti permaneceu uma mulher extremamente gentil, amável e arrojada. Acima de tudo, ela sempre esteve determinada a fazer com que eu seguisse em frente e tivesse uma vida feliz e plena, e ela dedicou todas as suas energias para isso. Ela foi a melhor mãe que alguém poderia ter. Eu não teria – e nem seria – nada sem ela.

Poucos meses depois da morte de Mutti viajei com Elizabeth para o Japão, pois lá as pessoas sempre estiveram muito interessadas em saber mais sobre Anne Frank. Falei para muitos grupos que estavam interessados no diário e um grande número de pessoas compareceu para visitar a exposição de Anne Frank, que continha muitos bens da família Frank que tínhamos levado para a ocasião. Fiquei muito satisfeita porque Mutti havia sido a esposa de Otto, então a história da minha família também foi incluída na exposição – ao lado de algumas pinturas de Heinz.

Ficamos no Japão por mais de um mês e, enquanto eu viajava por aquele país maravilhoso, pensei muitas vezes em Otto e Mutti, e na missão que tinham tentado cumprir em suas vidas. Nenhum deles acreditava em vida após a morte, mas ambos eram pessoas verdadeiramente engajadas, que dedicaram boa parte de suas vidas para encorajar as pessoas a transformar o mundo em um lugar de tolerância e compaixão. Sei que os dois teriam gostado muito de ver a rosa de Anne Frank que é cultivada no Japão. Ela possui pétalas delicadas que, antes de murcharem e morrerem, mudam sua cor de rosa para laranja.

Capítulo 27
Estendendo a mão

– Aprendi com a história de Anne Frank o que é que acontece quando você denuncia alguém…

Bem, talvez cada um aprenda algo diferente com as histórias sobre o Holocausto. O homem com quem eu falava estava cumprindo pena na Wormwood Scrubs, uma das prisões mais famosas da Grã-Bretanha. Ele estava participando de um projeto de duas semanas organizado pela Fundação Anne Frank, e me explicou o que tinha aprendido com tudo aquilo.

A Fundação Anne Frank foi convidada em 2002, pelo então diretor da Reading Prison, para atuar em presídios pela primeira vez, em um esforço para combater o racismo e os crimes de ódio. Em comunidades fechadas onde há muita tensão, as diferenças raciais e religiosas, além da homofobia, podem sair do controle rapidamente. Desde então, mais de 22 mil presos participaram de um programa de educação, e em 2011 a exposição já havia sido apresentada em mais de catorze prisões e instituições de jovens infratores.

Boa parte do programa consiste em treinar um grupo de presos que se voluntariam a ajudar durante a turnê da exposição de Anne Frank. Estes mesmos homens e mulheres também se reúnem todos os dias para falar sobre ódio e intolerância, e para escrever sobre suas próprias trajetórias. Poucas ações são tomadas para ajudar as pessoas que estão encarceradas, e eu estive envolvida nesse fantástico e único projeto desde o começo. O coordenador do programa, Steve Gadd, normalmente organiza de forma que eu possa me unir ao grupo no final de duas semanas para contar sobre as minhas próprias experiências. Não posso falar em cada exposição, mas sem dúvida esta é a parte mais gratificante do meu trabalho, e

eu me beneficio dele na mesma proporção que o resto do grupo.

A maioria das pessoas prefere não pensar em prisões, pois este é um assunto desafiador e incômodo. Em muitos anos de palestras em instituições diferentes, tive de desafiar os meus próprios preconceitos sobre como devemos tratar as pessoas que acabam presas. Conheci muitos homens e mulheres cujas vidas estavam perdidas antes mesmo de cometerem qualquer ato criminoso – o que me fez desejar intervir por eles mais cedo, para poder ajudá-los e poupar a sociedade das consequências do crime e do custo de mantê-los aprisionados. Percebi que você pode compreender uma pessoa que cometeu um crime terrível sem ter de perdoar o próprio crime.

Agora estou acostumada com o ranger dos portões, o tilintar das chaves e os muros altos que tornam a visita a uma prisão algo único, mas no começo eu ficava assustada e nervosa.

Os muros altos de pedra da Durham Prison abrigam alguns dos criminosos mais perigosos da Inglaterra. Foi impossível não sentir centenas de olhos me observando pelas janelas estreitas enquanto um funcionário fechava e trancava uma sucessão de portas de metal pesado, para depois me levar pelo pátio até uma das alas.

Na primeira vez em que fui a Durham, fiz uma viagem de três horas partindo de Londres e passando por algumas das mais belas paisagens da Inglaterra. Quando entramos na estação, observei a vista mais deslumbrante da catedral de Durham, mas nem isso pôde desviar o meu pensamento sobre o que eu estava prestes a fazer: conhecer algumas das mulheres mais perigosas do país. Fiquei me perguntando o que elas pensariam da minha história, e se conseguiríamos compreender umas às outras.

A segurança foi reforçada e, mesmo depois de tantos anos, senti-me desconfortável ao ser revistada por um guarda uniformizado. Claro, fiz questão de lembrar a mim mesma que dessa vez eles estavam se certificando de que eu não estava

portando nenhum item proibido dentro da prisão, como chaves ou drogas – e não que estavam tentando me trancar em um campo de concentração.

Gillian Walnes, a diretora executiva da Fundação Anne Frank, estava muito insegura com relação a me pedir para visitar a prisão – e se aqueles arames farpados e os guardas uniformizados me fizessem lembrar Auschwitz? Assegurei a ela que eu ficaria bem, mas na verdade foi apenas naquele momento que percebi que as duas experiências não tinham quase nada em comum. Além dos espaços físicos serem muito diferentes, as pessoas na prisão estão sendo punidas por terem cometido um crime, enquanto a minha família não havia feito nada de errado.

O guarda nos levou até um ginásio grande e iluminado, onde um grupo de mulheres vestidas com roupas simples e alguns instrutores estavam nos esperando. Ao longo do caminho avistei Rosemary West, que estava cumprindo uma sentença de prisão perpétua por ter participado de alguns dos piores assassinatos em série do país. Eu sabia que ela havia participado de sessões de tortura terríveis, bem como de assassinatos, e certamente fiquei satisfeita ao ver que ela estava caminhando em direção à livraria e não ao pátio onde eu falaria. Fiquei me perguntando: como eu poderia falar com alguém que havia sido presa por cometer atos tão violentos?

Nervosa, sentei na minha cadeira e ouvi a introdução. Na minha cabeça passavam diversas possibilidades de como iniciar o meu discurso – mas decidi ir direto ao ponto.

– Algumas de vocês estão repletas de ódio – afirmei. – Eu também estava cheia de ódio, então acho que tenho uma mensagem para vocês.

Comecei a contar a elas coisas sobre a minha família e sobre a minha vida em Viena.

– Éramos uma família muito feliz, mas essa felicidade não durou muito tempo – disse, antes de falar sobre a nossa mudança para Amsterdã e da deportação para Auschwitz.

A princípio, as mulheres pareciam entediadas ou ligeiramente curiosas – estavam avaliando se eu realmente tinha alguma coisa de valor para falar. Agora o ginásio estava em completo silêncio; se um alfinete caísse no chão, poderíamos ouvi-lo.

– Não sei como sobrevivi – desabafei. – Olho para o passado e ainda me pergunto isso. E não sei por que sobrevivi. Meu irmão tinha muito mais talento que eu. No entanto, quem sobreviveu fui eu…

Percebi que esse era o ponto crucial da minha mensagem para aquelas mulheres: eu era uma sobrevivente, e elas poderiam sobreviver também.

– Sempre há uma esperança, mesmo quando a vida parece tão sombria. Você precisa ter o desejo e a força necessários para mudar o seu destino e conquistar o que deseja – disse a elas.

Em seguida, a exposição de Anne Frank veio à minha mente, e me lembrei daquele dia em 1986 quando Ken Livingstone tinha – mesmo sem querer – colocado a minha vida em uma nova direção.

– Esta exposição mudou a minha vida – acrescentei –, e espero que ela mude a vida de vocês também.

Sentei-me um pouco, tomei um gole d'água e esperei pelas perguntas. Por um momento, fiquei pensando no que aconteceria caso ninguém me fizesse perguntas, mas logo as mãos se ergueram e aquelas mulheres começaram a me perguntar tudo sobre a minha vida, sobre as minhas crenças e sobre como encontrei forças para seguir adiante.

Alguma vez senti vontade de encontrar pessoalmente um nazista para me reconciliar com ele?

– Não – respondi. – Mas ninguém nunca tinha me perguntado isso.

Você acredita em Deus? Alguma vez recebeu orientação psicológica?

– Nunca, mas teria me ajudado muito – admiti.

Você acredita que a exposição tem algo de bom?

– Sim! Vocês podem ver o quanto a discriminação é perigosa. É preciso coragem para falar quando se vê a injustiça. Você tem uma voz. Mais tarde, talvez vocês possam pensar nisso e fazer escolhas diferentes.

Essas mulheres não eram para mim simplesmente prisioneiras sem nome; elas eram indivíduos, cada uma com sua própria história para contar. Algumas estavam cumprindo pena por tráfico de drogas. Muitas eram vítimas de uma vida inteira de maus-tratos, e estavam pagando pela retaliação contra os homens que as haviam submetido a anos de violência.

– Matei meu querido marido – disse uma senhora muito bem articulada chamada Evelyn, que conheci em uma das visitas à prisão de Londres. Fiquei bastante surpresa ao ouvir uma afirmação tão direta, mas o caso dela era muito comum. Trocamos cartas durante muitos anos.

Outras mulheres que conheci eram vítimas de erro judicial. Quando voltei da minha visita a Durham, recebi uma carta de uma mulher condenada que depois foi libertada por um recurso (era um caso bem conhecido). Ela me escreveu uma carta muito comovente de duas páginas agradecendo pelo meu depoimento e me contando: “Aprendi com você que não importa o quanto a vida fica difícil, você precisa ter vontade de sobreviver, é isso que vai te manter no caminho… Embora eu esteja na prisão, tenho esperança de que um dia vou ficar livre. Estou suportando por causa da luz no fim do túnel. Escutar você me trouxe mais esperança e força para seguir em frente”.

Cada uma das mulheres que conheci tinha encarado a minha história de uma maneira diferente. Em uma recente visita à prisão de Donview, em Surrey, recebi o apoio muito entusiasmado de uma mulher homossexual quando falei sobre como os nazistas tinham perseguido a comunidade gay. Na mesma ocasião, recebi um sincero e muito emocionado “obrigada” de uma irlandesa quando falei que fui transportada para Auschwitz em um trem cheio de ciganos. Eu sabia que

uma das mulheres na plateia tinha sobrevivido ao genocídio de Ruanda, mas tinha perdido membros de sua família. Ela ficou sentada me ouvindo atentamente e não fez nenhuma pergunta. Espero que ela tenha sentido a minha solidariedade.

Falar em presídios masculinos é uma experiência diferente, mas acho que o impacto da exposição de Anne Frank é muito poderoso para eles. Durante minha visita a Wormwood Scrubs, em dezembro de 2011, um homem chamado Mark me contou: “No começo, para ser sincero, eu não estava interessado no que você tinha para dizer, mas agora posso ver que é importante porque foi como a escravidão e como tudo que as pessoas negras passaram”.

Outro homem chamado Paul, que estava cumprindo sentença por homicídio mas que alegava ser inocente, disse:

– Eu estava pensando muito sobre o meu caso e sobre o que aconteceu na minha própria vida. Mas isso coloca tudo em uma perspectiva diferente.

No final do meu discurso, o vice-governador, David Redhouse, levantou-se e disse:

– Somos uma prisão “arco-íris” – disse ele. – Mais da metade dos presos na Wormwood Scrubs são negros, e há uma boa parcela de prisioneiros muçulmanos e de outros grupos religiosos.

Ele nos alertou em relação ao caminho fácil da “ignorância contra a maneira diferente de viver dos outros”, e da procura por bodes expiatórios, especialmente em tempos de dificuldades econômicas.

Você pode ler tudo isso e começar a pensar “Que bom, mas isso realmente faz algum bem para as pessoas?”.

Sempre que me pergunto sobre isso, penso em Faith, que recebeu treinamento para ser guia na exposição enquanto estava na prisão e agora trabalha para a Fundação Anne Frank.

“Quando se está na prisão, você se sente muito desesperada”, ela relata. “Você se pergunta como vai conseguir seguir adiante. Será que algum dia vai conseguir reconstruir a sua vida lá fora? Você reflete sobre o que fez no

passado e se pergunta o que vai fazer no futuro – e se terá uma nova chance. É tudo uma questão de responsabilidade", ela conclui. E de pensar sobre os seus valores, sentir empatia pelas pessoas que são diferentes de você e ser uma pessoa humana.

Além do meu trabalho em prisões, também falo para um público de um ambiente completamente diferente: crianças em escolas. Ao contrário dos prisioneiros, o destino de suas vidas ainda não foi definido, mas creio que, apesar da enorme diferença de idade, muitas vezes pode-se encontrar os mesmos problemas entre eles.

Claro que os jovens se preocupam muito com o fato de serem diferentes e de não se encaixarem no mundo. Eles entendem o quão perigoso e nocivo é o bullying – e a minha história destaca o quanto as consequências podem ser ruins. Os jovens lutam contra a noção de autoridade, brigam com seus pais e sentem que a vida é vazia e sem esperança – assim como eu me senti.

Eu faço adaptações na minha história de acordo com a origem e a idade do público para quem eu falo. Tento poupar as crianças dos detalhes horrorosos dos campos, mas elas geralmente querem saber de todos os detalhes.

– Como que os guardas não morriam quando levavam as pessoas para as câmaras de gás? Para onde o gás ia? – perguntou um menino de 8 anos, muito curioso.

Em salas de aula com grande número de alunos muçulmanos, com frequência tenho que explicar muito a história do Holocausto, mas eles sempre ouvem muito atentamente.

Às vezes eles querem falar sobre o Oriente Médio, e me perguntam por que os soldados israelenses matam as crianças palestinas.

Eu tento responder com o máximo de informações que consigo, e explico o meu próprio ponto de vista, dizendo que há uma guerra lá, e que embora seja errado matar civis e crianças, os soldados muitas vezes estão tentando encontrar os

terroristas que se escondem nas casas simples de pessoas comuns.

Em escolas compreensivas, eu falo mais sobre encontrar o seu propósito, ser capaz de superar os problemas e ainda assim ter uma vida boa.

Faço discursos em escolas públicas, privadas, religiosas e em escolas internacionais. As crianças são muito diferentes umas das outras, e agem de maneira diferente também, mas aonde vou sempre encontro jovens dispostos a ouvir a minha história e a minha mensagem – e isso me traz esperança para o futuro do mundo.

Capítulo 28
O retorno

O campo de Auschwitz para onde voltei em janeiro de 1995 era o mesmo lugar extremamente frio, nublado e triste do qual eu me lembrava.

Não era a primeira vez que eu recebia um convite para voltar, mas eu sempre recusava. Naquela ocasião, uma equipe de documentaristas holandeses me pediu para acompanhá-los para fazer um curta-metragem sobre as minhas experiências, antes que o campo fosse aberto para o mundo em uma cerimônia internacional para celebrar os cinquenta anos de libertação. A minha primeira reação foi recusar mais uma vez.

– Sabíamos que você diria isso, mas será que você pode pensar por mais alguns dias antes de nos dar a resposta final? – a equipe me perguntou.

Desliguei o telefone e conversei sobre o assunto com Zvi. Lembrei-me que Mutti nunca quis voltar lá, afirmando que a visita não traria nada além de mais memórias terríveis. Porém, eu também conhecia outros sobreviventes que tinham voltado ao campo e que se depararam com a sensação popularmente conhecida como “encerramento”.

Talvez, voltar para Auschwitz me traria uma sensação de resolução. Talvez, ao ver o campo novamente como um lugar real, não apenas como o via nos meus pesadelos, ele deixaria de me assombrar. Aceitei o convite e viajei para a Polônia com Zvi.

Logo que chegamos ao portão principal de Birkenau, senti uma onda de terror se aproximando de mim. As torres principais e a ferrovia ainda estavam lá; as torres se agigantavam sobre nós no frio daquela manhã cinzenta, e caminhamos em silêncio em meio à forte nevasca em direção à parte interna do campo.

Desde o momento em que chegamos, Zvi começou a chorar em silêncio – foi de fato uma experiência difícil para ele. Eu não chorei. Tudo no que eu conseguia pensar era “isso aqui é tão péssimo quanto eu me recordava”.

A cerca do perímetro ainda estava de pé, o arame farpado estava frouxo em alguns lugares, mas já não havia eletricidade. Agora o campo era uma área aberta que se estendia, aparentemente, a quilômetros de distância. O lugar não tinha aquela aparência de 1944, e naqueles dias toda a área era cercada e vigiada por guardas.

Alguns quartéis ainda estavam intactos, mas muitas construções de madeira já não estavam mais lá – talvez tivessem desmoronado após todos aqueles anos. Mostrei a Zvi a passarela central e as tábuas de madeira onde dormíamos. Dentro estava frio e úmido tal como era naquela época, e também contei a Zvi sobre o rato que mordeu meu pé certa noite.

Então continuei caminhando até o bloco do vaso sanitário e da linha extensa de buracos abertos no chão. Senti meu estômago revirar quando me lembrei do quanto eu odiava ter de agachar sobre esses buracos, ouvindo o som das botas das Kapos marchando à frente e atrás de mim; sorri ligeiramente ao me lembrar da orientação de Pappy para que eu não sentasse no chão por causa dos germes.

Caminhamos por todo o campo seguindo a direção da linha ferroviária, até que finalmente chegamos às câmaras de gás. Na parte de trás estavam os tijolos das construções demolidas onde ficavam as câmaras de gás e os crematórios. Os nazistas haviam explodido esses prédios antes de partirem, na esperança de que pudessem esconder seus crimes. Tudo aquilo pareceu estranho para mim – as câmaras de gás e os crematórios sempre foram cuidadosamente isolados do restante do campo, embora nunca pudéssemos negar a realidade daquelas chaminés fumegantes que exalavam cinzas sobre nós dia e noite, e que cobriam o campo com um cheiro inconfundível.

Paramos por alguns momentos e li algo no meu livro *A história de Eva*. Então saímos.

Não me ocorreu nenhuma sensação de resolução. Não senti nada semelhante a ter encerrado o passado. O peso de todas as pessoas – milhares de famílias com avós, pais, crianças e bebês – que morreram neste silencioso campo polonês recaiu sobre mim. Eles haviam sido assassinados, dia após dia, ano após ano, durante quatro anos, e eu não conseguia nem mesmo acreditar que tinham ido para o céu. Aquelas pessoas tinham uma vida, mas muitas delas morreram anonimamente. Não sabemos sequer quais eram os seus nomes.

Na saída, vimos algumas das reformas que estavam sendo feitas no campo para a realização da cerimônia de abertura. Durante anos Auschwitz-Birkenau tinha apodrecido atrás da Cortina de Ferro e poucas pessoas tinham visitado o local. Agora ele estava sendo preparado para se tornar um ponto turístico. Sinalizações eram postas para indicar às pessoas os locais onde os horrores aconteciam: a câmara de gás, o alojamento de judeus húngaros, o hospital. Fiquei perplexa e sem palavras quando chegamos a uma cafeteria recém-construída. Alguns homens que estavam trabalhando na obra estavam sentados, rindo, conversando e tomando chocolate quente. Zvi estremeceu quando alguém lhe ofereceu algo para comer.

– Obrigado, não posso... – respondeu ele, com um nó na garganta. – Acho que estou ficando enjoado...

Para mim, aquilo parecia um sonho bizarro.

Mais tarde, assisti à cerimônia pela televisão e ouvi Elie Wiesel dizer:

– Embora saibamos que Deus é misericordioso, suplicamos a ele que não tenha misericórdia com as pessoas que criaram esse lugar.

Wiesel sobreviveu a Auschwitz, tornou-se escritor e ganhou um prêmio Nobel, e eu concordei plenamente com o próximo comentário que fez:

– Lembrem-se das procissões noturnas de crianças, cada vez mais e mais crianças assustadas, crianças tão calmas e tão lindas... – disse ele. – Bastava olhar para uma delas para ficar com o coração amolecido, mas o coração dos assassinos nunca amoleceu...

Então vi líderes mundiais colocando coroas de flores por todo o local e fazendo observações para enfatizar que nunca poderíamos permitir que coisas como aquelas acontecessem novamente.

– Mas isso já aconteceu de novo – comentou Zvi. – Está acontecendo em diferentes partes do mundo agora.

Milhões de pessoas visitam Auschwitz todos os anos, e chegou aos meus ouvidos que há uma multidão enorme que se aglomera na entrada do campo para poder visitá-lo usando fones de ouvido que transmitem a orientação de um monitor. Eu mesma conheci pessoas, algumas delas judias, que visitaram campos de concentração e se sentiram muito mal por estarem em um lugar que transmite a sensação de horror e morte. A ideia me dá arrepios, mas sou muito a favor de que jovens visitem esses locais com um objetivo educativo.

Os sapatos, as malas e os cabelos das vítimas que são exibidos no museu de Auschwitz podem ser preservados para sempre. Porém, tudo que os nazistas construíram será desgastado pela natureza, e Auschwitz se tornará uma área plana e fétida onde moscas sobrevoam, o sol mal brilha durante o verão e a neve é intensa durante o inverno. Quem sabe o que as pessoas vão lembrar a respeito desse lugar daqui a cem anos? É apenas um lugar. Se eu quiser passar a minha experiência e as minhas esperanças adiante, é melhor que eu o faça por meio das pessoas.

Durante muitos anos eu também me afastei da Áustria e de Amsterdã, evitando as lembranças do passado feliz com Mutti, Pappy e Heinz. Mas finalmente voltei, e viajei até Viena com Zvi e nossa filha Sylvia no final dos anos 1970. A Áustria continuava como eu me lembrava, e não pude deixar de ficar encantada com a amabilidade das pessoas, com a comida e a

bebida e com os dias ensolarados que passamos no interior. Visitamos Viena e levamos Sylvia ao Schönbrunn Palace, por onde eu já tinha corrido e brincado. Eu adoraria ter levado Zvi e Sylvia para verem a casa onde Heinz e eu crescemos, mas minha memória de repente falhou e não conseguia me lembrar do endereço. Não importava o quanto eu tentasse, não conseguia lembrar, embora, claro, eu soubesse de cor o caminho para Lautensackgasse. Quando voltei para casa, lembrei imediatamente. A minha psique havia me protegido, e nunca mais vi aquela casa de novo.

Depois daquela primeira visita, voltamos várias vezes à Áustria, e chegamos até mesmo a pensar em comprar um apartamento de férias por lá, mas a lembrança de algumas experiências da minha infância nunca poderia superar a profunda inquietação e medo do que aconteceu.

Acho que agora posso admitir que nasci austríaca, mas por muitos anos neguei qualquer ligação com a minha pátria. Quando as pessoas me perguntavam de onde eu era, eu respondia que era holandesa.

O lugar com o qual sinto um vínculo mais profundo é Amsterdã. Não fui para lá muitas vezes enquanto Otto era vivo, mas depois que ele morreu assumi um papel mais ativo na Anne Frank House e comecei a visitar a cidade com mais regularidade. A chegada é sempre muito emocionante para mim; fico com os olhos marejados quando desembarco no aeroporto e penso no quanto Heinz teria adorado voltar para Amsterdã, mas ele nunca teve a chance. É uma cidade repleta de diversas lembranças, mas amo os meus amigos holandeses e, se não fosse pela minha família em Londres, passaria o resto da minha vida lá. Além do trabalho com a Anne Frank House, eu também gostava de me envolver com o trabalho do Museu da Resistência Holandesa. Doei alguns itens para a coleção permanente do espaço, incluindo pinturas de Heinz, o passaporte dele e do meu pai, e o uniforme russo que me foi dado depois que fui libertada de Auschwitz.

Esse uniforme quase acabou indo parar na Rússia. Em janeiro de 2012, visitei Moscou para me reunir com alguns soldados que tinham invadido Auschwitz-Birkenau em 1945. Numa coletiva de imprensa, mostrei o uniforme e contei como os soldados haviam-no entregado para mim, e que o usei durante todo o caminho de volta, atravessando a Ucrânia e o mar até Marseille, e depois na viagem até Amsterdã.

– Ah, isso é maravilhoso! – um organizador russo exclamou, com brilho nos olhos. – Acho que ele deveria ser exposto aqui em Moscou.

– Ah, eu acho que vocês já têm uma quantidade suficiente de uniformes soviéticos – disse a ele. – Vou ficar com esse.

Brincadeiras à parte, eu me sentia imensamente grata por poder agradecer aqueles soldados. Lembro deles como jovens fortes, altos e robustos que vestiam uniformes de inverno. Agora eles têm cabelos grisalhos, costas curvadas e são idosos que usam óculos e exibem orgulhosamente suas medalhas de guerra em seus paletós.

Perguntei a eles como tinha sido a experiência de descobrir Auschwitz, e se eles esperavam encontrar campos como aquele com poucos sobreviventes quase mortos de inanição.

– Nossa, foi terrível – um deles me contou. – Éramos apenas garotos. Eu tinha só dezoito anos. Encontramos outros lugares como aquele, mas também já tínhamos visto muitas outras coisas horríveis.

À medida que avançaram por toda a Rússia e Polônia, eles encontraram algumas cenas deploráveis. E Auschwitz-Birkenau tinha sido apenas uma entre elas.

Quando deixei Moscou, pensei sobre o que ele havia me dito. O Holocausto foi um horror único ou apenas um entre muitos outros horrores que aconteceram? Por meio de Otto, e depois por meio do trabalho na Anne Frank House e na Fundação Anne Frank, fiquei sabendo de muitos casos de genocídio, assassinato e discriminação, e cada um pareceu igualmente terrível para as pessoas que vivenciaram tais

experiências. Apesar disso, creio que a determinação dos nazistas em exterminar todos os judeus da face da Terra – e o fato de muitos indivíduos comuns terem permitido que isso acontecesse – não tem qualquer paralelo histórico. Mas é claro que não o vivenciei como um fato histórico. Posso contar apenas sobre algo pessoal que aconteceu comigo e como sobrevivi a ele.

Epílogo

Ontem à noite, fiquei acordada me perguntando como deveria ser o final da minha história. Daqui a trinta anos provavelmente todos os sobreviventes do Holocausto já terão morrido, e por isso este livro é a minha carta para o futuro.

Meu sonho é que um dia alguém irá pegá-la, muito tempo depois de eu partir, e ficará chocado e perplexo ao descobrir que o mundo já foi dessa maneira. Perseguir as pessoas porque elas são judias, ou porque são negras, ciganas, muçulmanas ou homossexuais, vai parecer algo tão ridículo, desumano e ultrajante quanto a escravidão nos parece agora.

Esse é um sonho impossível, você pode estar pensando. Basta olhar para todos os horrores que estão acontecendo no mundo agora. Basta olhar para toda a incerteza que estamos enfrentando e para os conflitos entre as diferentes religiões.

Sou uma pessoa pragmática, mas também sou otimista. Quando entro no ônibus próximo à minha casa, no norte de Londres, percebo que muitas vezes as famílias são compostas por grupos de diferentes etnias. Eu mesma tive de mudar a maneira de pensar sobre a minha família, e percebi que ela não é mais como costumava ser. Eu jamais teria me casado com um homem que não fosse judeu, e quando uma das minhas filhas se casou com um homem não judeu, ficamos frustrados. Mas os tempos mudaram e todos nós estamos mais integrados, o que é um ótimo sinal.

Agora quando visito escolas, percebo que as crianças raramente prestam atenção na origem dos seus colegas de classe. Elas podem gostar ou não do colega, mas não me parecem preocupadas com a sua cor da pele nem com a sua religião.

Viver em um mundo ao qual todos podem “pertencer” não é um ideal magnânimo para mim – tem sido uma das maiores e mais perturbadoras questões da minha vida.

Em 14 de fevereiro de 2012, atravessei o pátio do Palácio de Buckingham e recebi o título “Membro do Império Britânico” pelo meu trabalho com a Fundação Anne Frank e com outras entidades beneficentes relacionadas ao Holocausto. Mesmo depois de sessenta anos vivendo em Londres, ainda me pergunto a qual lugar do mundo eu pertenço, qual devo chamar de casa.

Comecei a vida na Áustria, tornei-me uma refugiada apátrida e depois fui reduzida a um número dolorosamente tatuado em meu braço. Depois da guerra, os Aliados decidiram que os judeus não deveriam ser tratados como um grupo separado e que deveriam ser designados como “austríacos” novamente (curiosamente, fomos agrupados junto com os mesmos nazistas que tinham nos perseguido e que nos consideravam como os “inimigos estrangeiros”). Nunca obtive a cidadania holandesa e acabei, alguns anos depois, morando na Inglaterra, onde eu jamais imaginei que me casaria e teria uma família.

Vivi em uma época em que toda a Europa foi consumida pela batalha entre o fascismo, o comunismo e a liberdade – rompendo com qualquer vestígio remanescente do velho Império. Mesmo assim, lá estava eu recebendo uma homenagem arcaica de um império que não existe mais.

Sinto vontade de rir quando ouço as pessoas falarem sobre conflitos intermináveis que surgem em diversas partes do mundo, como na África, e os comparam à forma “civilizada” que adotamos na Europa. Posso dizer que, até pouco tempo atrás, a Europa não era nada “civilizada”.

Este livro contou a você algumas das minhas lembranças dessa época, mas elas devem ter uma importância menor do que o ato de mudar as coisas para melhor.

Fiquei impressionada com este pensamento em particular quando visitei a Argentina há alguns anos para celebrar o primeiro aniversário da Anne Frank House em Buenos Aires. Claro que eu conhecia a história de que a Argentina abrigou nazistas depois da guerra, bem como sabia que muitas pessoas

comuns tinham perdido suas famílias por causa da recente ditadura militar no país. Era uma história sobre a qual não pude deixar de refletir, já que eu estava sendo homenageada em uma sala do parlamento na frente da escrivaninha de Eva Peron (uma Eva muito mais polêmica do que eu). Assim, foi com grande emoção que falei para um grupo que incluía algumas das mães da Plaza de Mayo, que tinham corajosamente feito uma campanha por justiça depois de perderem seus filhos para a junta militar, mas também foi igualmente importante falar para cem oficiais superiores do Exército, da Marinha e das Forças Aéreas que vieram me ouvir. Eles assinaram um acordo no qual todos os cadetes deveriam visitar a Anne Frank House quando entrassem na corporação.

Acima de tudo, minha esperança se baseia nos jovens, razão pela qual a ação final da minha viagem à Argentina foi um encontro com o ministro da Educação. Ele se comprometeu a incluir a história do Holocausto na grade curricular das escolas.

Neste verão, ambos os meus netos visitaram a África para trabalhar com organizações beneficentes. Creio que o senso de fazer as coisas para outras pessoas e para a humanidade foi transmitido à nossa família por Otto Frank, embora eu saiba que o desejo de colaborar com o mundo é algo amplamente compartilhado pelos jovens nos dias atuais.

Então, sim, deve sempre haver homenagens e eventos de comemoração, mas a vida só segue em frente, e eu sempre fui uma pessoa ativa. A vida continua.

A conclusão deste livro aconteceu, de certo modo, quando muitas das pessoas sobre as quais você leu aqui se reuniram em Londres para comemorar conosco o sexagésimo aniversário de meu casamento com Zvi. Era um belo dia ensolarado do começo de setembro, e Zvi e eu entramos na sala ouvindo nossa neta Lisa tocar uma versão de *What a Wonderful World*.

Minha vida estava completa. Fiquei encantada por estar na companhia de minhas filhas e de meus netos; de meu primo Tom, que quando tinha apenas dez anos ouviu, deitado em sua

cama, todos os horrores que tinham acontecido comigo; de Jan Rosenbaum, o bebê que iluminara a minha vida no período pós-guerra em Amsterdã; de Anita, minha primeira amiga de verdade em Londres; de Elizabeth, que havia permanecido ao meu lado como babá quando era jovem, e que como minha parceira de negócios ficou também ao lado de Mutti, cuidando dela; de Dienke e Jan Eric, que foram os primeiros a trazerem a exposição de Anne Frank para o Reino Unido; de Jenny Culank e Nic Careem, que produziram *And Then They Came for Me;* de Erika e Teresin da Anne Frank House em Amsterdã; da família de Zvi, que veio de Israel – e até de Harold, um amigo dos Estados Unidos, que contou histórias sobre quando me levava a cassinos e corridas de porco, lembrando a todos que eu não era nem de longe um modelo de virtude filosófica sobre a vida!

Cresci no que estava longe de ser um mundo maravilhoso, mas ainda encontrei uma vida cheia de alegria e amor, e o meu pesar mais profundo é que Pappy e Heinz não puderam compartilhar comigo isso.

Depois de falar sobre as minhas experiências por mais de vinte e cinco anos, já posso prever a maioria das perguntas que as pessoas me farão, mas isso não significa que eu tenha todas as respostas.

Há alguns meses, quanto terminei meu discurso em uma determinada ocasião, olhei para a sala repleta de alunos. Uma garota de olhos escuros da Somália levantou a mão, hesitante, e perguntou:

– Você acha que isso pode voltar a acontecer?

Não posso responder isso, mas talvez você possa. Será que pode voltar a acontecer? Eu espero que não.

Agradecimentos

Embora muitas pessoas tenham nos oferecido apoio moral para escrever este livro, gostaria de agradecer especialmente àqueles que nos aconselharam durante a pesquisa: Karen Tessel, do Dutch Resistance Museum; professor Dienke Hondious, da University of Amsterdam; Teresien da Silva e Erika Prins, da Anne Frank House, em Amsterdã.

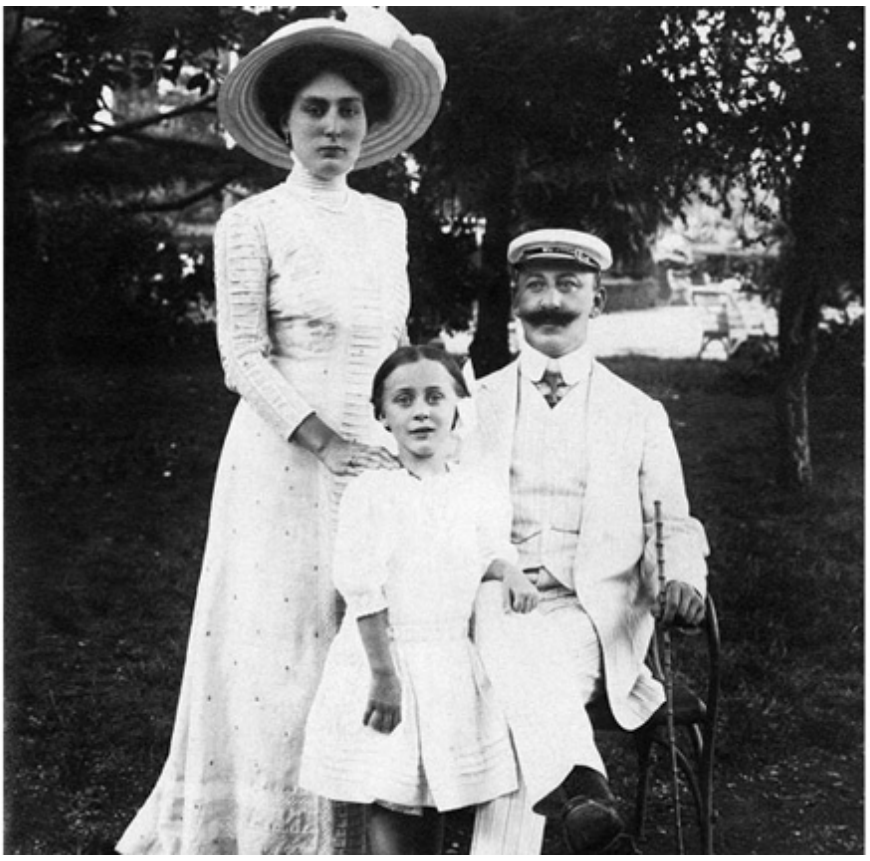
Somos particularmente gratas a Tom Greenwood, que recuperou e compartilhou conosco muitas cartas de família – e suas próprias lembranças – para que pudessem ser utilizadas no livro.

Agradeço a Gaia Banks, da Sheil Lands, e a Fenella Bates, da editora Hodder & Stoughton, por terem acreditado desde sempre neste livro e por toda a ajuda ao longo do caminho.

Também queremos agradecer a Zvi Schloss por toda sua paciência e ajuda, lendo cada rascunho e acompanhando todas as reuniões para discutir o projeto – e por todo o apoio incondicional que tem oferecido a tantos outros projetos meus ao longo desses anos.

Eva Schloss-Geiringer e Karen Bartlett

Álbum de Fotos



Aqui estão meus avós maternos e minha mãe, fotografados em 1909.



Aqui estão meus avós paternos com meu pai e sua irmã, em 1909.



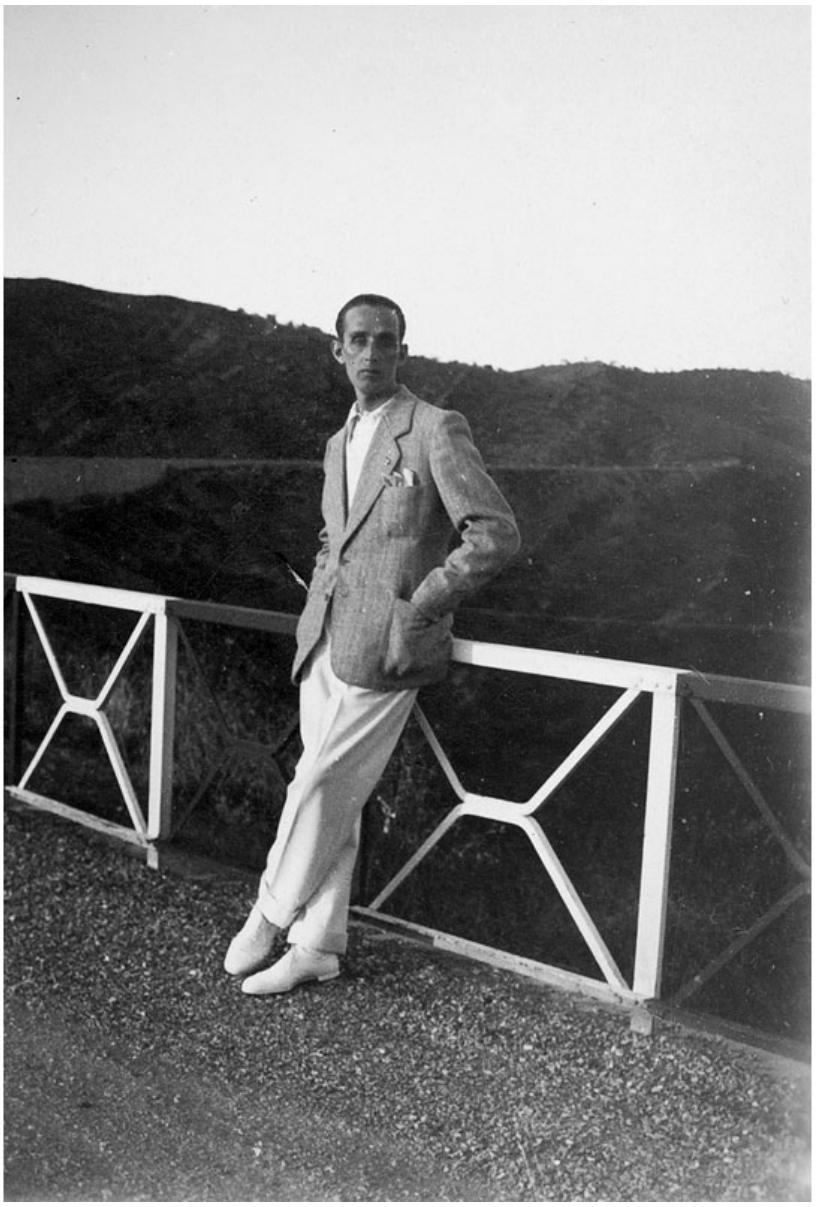
Nossa adorada casa em Viena, onde vivemos até 1935.



Meus pais em 1920. Minha mãe só tinha quinze anos quando eles se conheceram.



Minha foto favorita de Pappy, tirada em 1921.



Gino, o estiloso namorado italiano de minha mãe.



Eu amo essa foto com Heinz e Mutti.



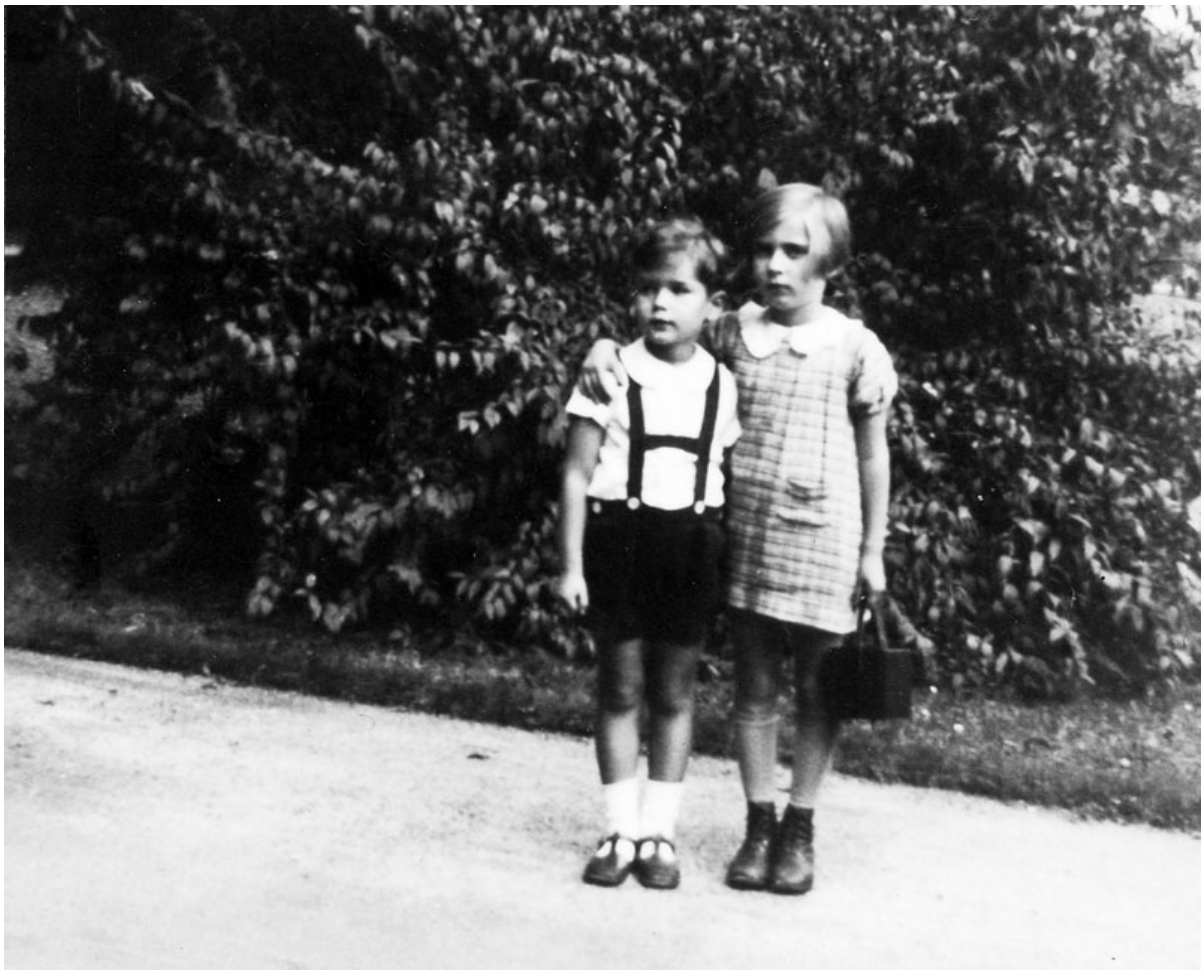
Eu com dois anos de idade.



Aqui estão todos os funcionários da fábrica de sapatos de meu pai em Viena, a Geiringer & Brown. Meu pai está na segunda fileira, é a sétima pessoa da esquerda para a direita, vestindo uma camiseta branca.



Eu com quatro anos, com cara de teimosa (típico da minha persoalidade)



Eu com Martin Hahn, meu primeiro amor. Martin e seus pais fugiram para Xangai em 1939.



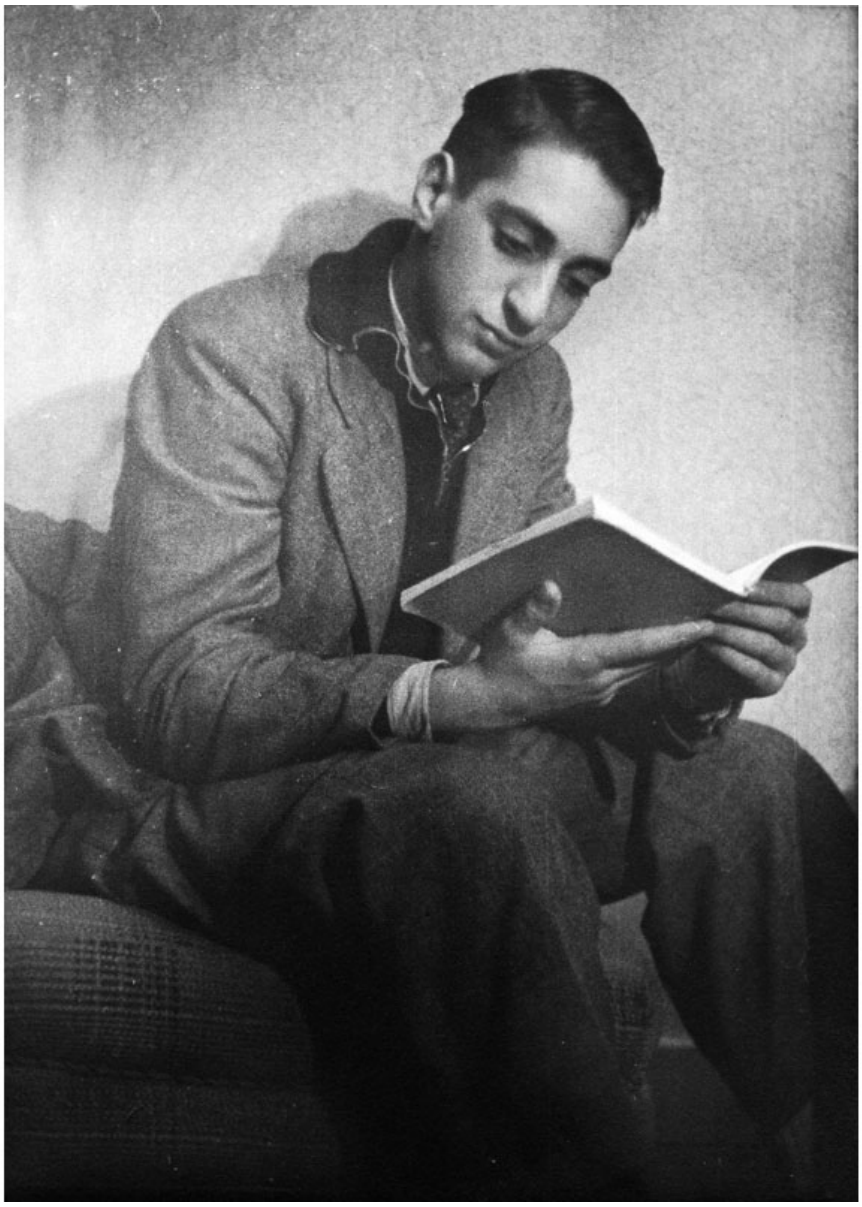
Heinz pequeno (e lindo!).



Retrato bastante formal de Heinz comigo.



Essa foto foi tirada na Bélgica, com meu amigo Jacky, filho da dona da pensão onde morávamos. Nós estávamos elegantemente vestidos, prontos para uma festa.



Esta é a última foto de Heinz, tirada logo antes de irmos nos esconder dos nazistas. Ele adorava ler, escrever e pintar.

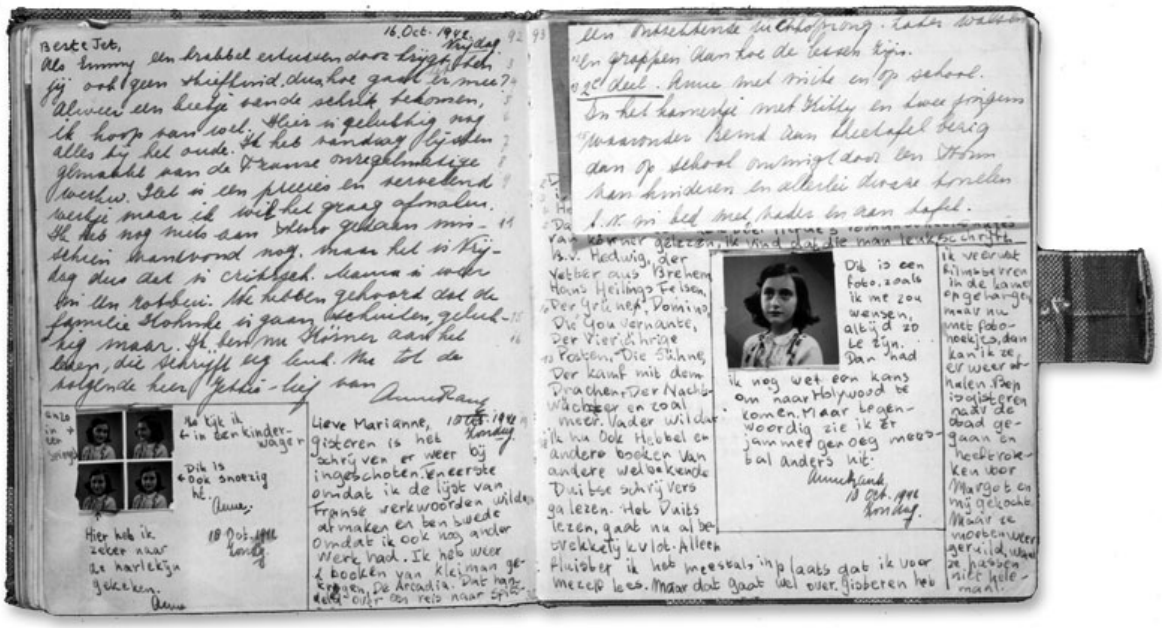




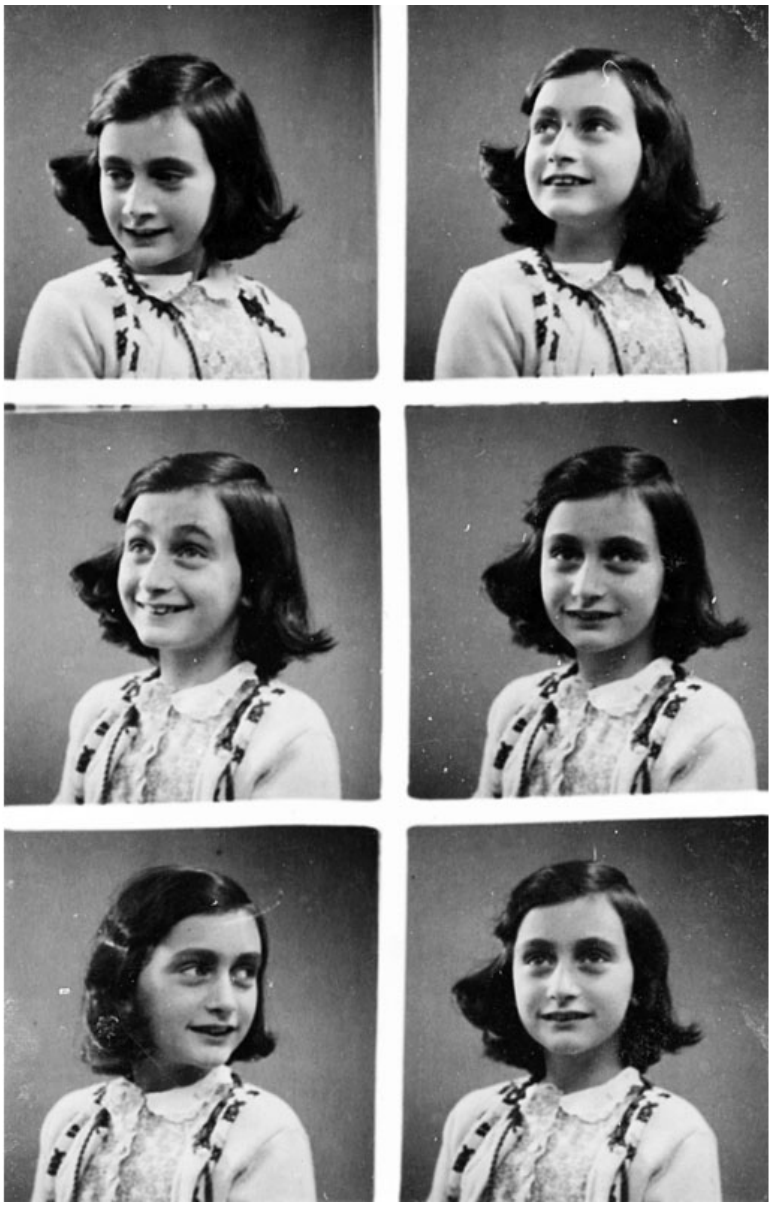
Alguns dos quadros que Heinz pintou enquanto estava escondido. É difícil acreditar que ele só tinha dezesseis anos naquela época.



Essa foto foi tirada com a câmera Leica de Otto (com a qual mais tarde ele me presentearia).



O diário de Anne foi encontrado por Miep Gies, uma das pessoas que ajudaram a família Frank a se esconder.



Anne era popular e tinha muitos amigos. Ela estava sempre sorrindo.



Anne e sua irmã Margot, em 1933.



Anne e uma amiga brincando em Merwedeplein, Amsterdã.
Nós morávamos no lado esquerdo, os Frank no lado direito.



Trilho do trem de Auschwitz-Birkenau.



Nós fomos enviados para os campos como se fôssemos gado e, quando chegamos, os mais velhos, os jovens e os considerados fracos para trabalhar foram separados de nós.



Nossas cabeças foram raspadas assim que chegamos, mas Mutti convenceu a guarda a deixar um pouco da minha franja.



Fui colocada para trabalhar procurando coisas de valor no meio dos pertences dos mortos. O “Canadá” era uma área de imensos armazéns repletos de sapatos, óculos e até pernas falsas.



Os Rosenbaum, com quem ficamos por um tempo depois de sairmos de Auschwitz.



Meus primos Tom e seu irmãozinho Jimmy. Tom foi a primeira pessoa com quem dividi minha dolorosa experiência.



Otto Frank, Miep e Jan Gies e seu bebê Paul. Essa foto foi a primeira foto profissional que tirei com a câmera Leica de Otto.



Eu, depois da guerra, aos dezessete anos. A foto foi tirada por um amigo que queria ser fotógrafo.



Meu antigo namorado Henk. Nosso relacionamento ficou sério depois que eu me mudei para Londres.



Tirei essa foto de Mutti em 1948, e ela continua sendo uma das minhas favoritas até hoje.



Minni salvou nossas vidas em Auschwitz. Aqui ela está com seus dois filhos, em 1948.



Zvi com sua mãe Isle, seu pai Meier e seu meio-irmão Shlomo, antes de eles se mudarem para a Palestina, em 1936.



Zvi com a sra. Hirsch, a proprietária da pensão onde nos conhecemos, em 1951.



Nos casamos em Amsterdã, em 1952



Zvi indo conhecer minha família em Lancashire. Nós passamos nosso primeiro feriado juntos lá.



Nini, Irene e Rusha, nossas melhores amigas na Holanda, depois da guerra.



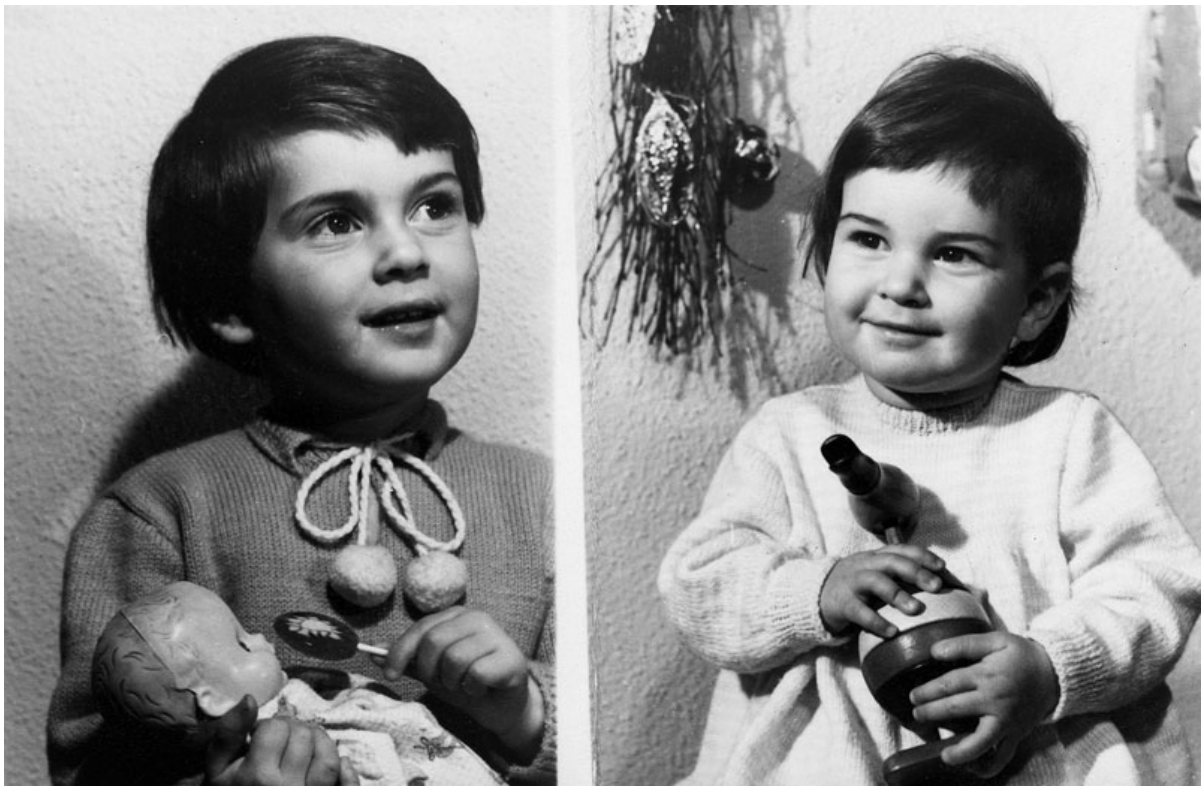
Mutti, vovó Helen, eu e minha primeira filha, Caroline, em 1956.



Minhas filhas Caroline e Jacky brincando, em 1959, com o mesmo tipo de carroça de feno que eu usava para brincar com Heinz.



Essa foto foi tirada em Devon, em 1966.



Sempre fiz meus próprios cartões de Natal para enviar aos amigos. Essas são fotos de minhas filhas Caroline e Jacky, tiradas em 1960 com a câmera Leica.



Mutti e Otto com Audrey Hepburn. Eles queriam que ela interpretasse Anne no primeiro filme de O diário de Anne Frank.



Mutti e Otto com minhas filhas em Cornwall, em 1965.
Passamos muitos feriados maravilhosos lá.



Otto com minha caçula Sylvia, em um feriado na Suíça.



Otto aos 76 anos, em uma praia na Itália. Ele sempre tinha muita energia quando estava com as crianças.



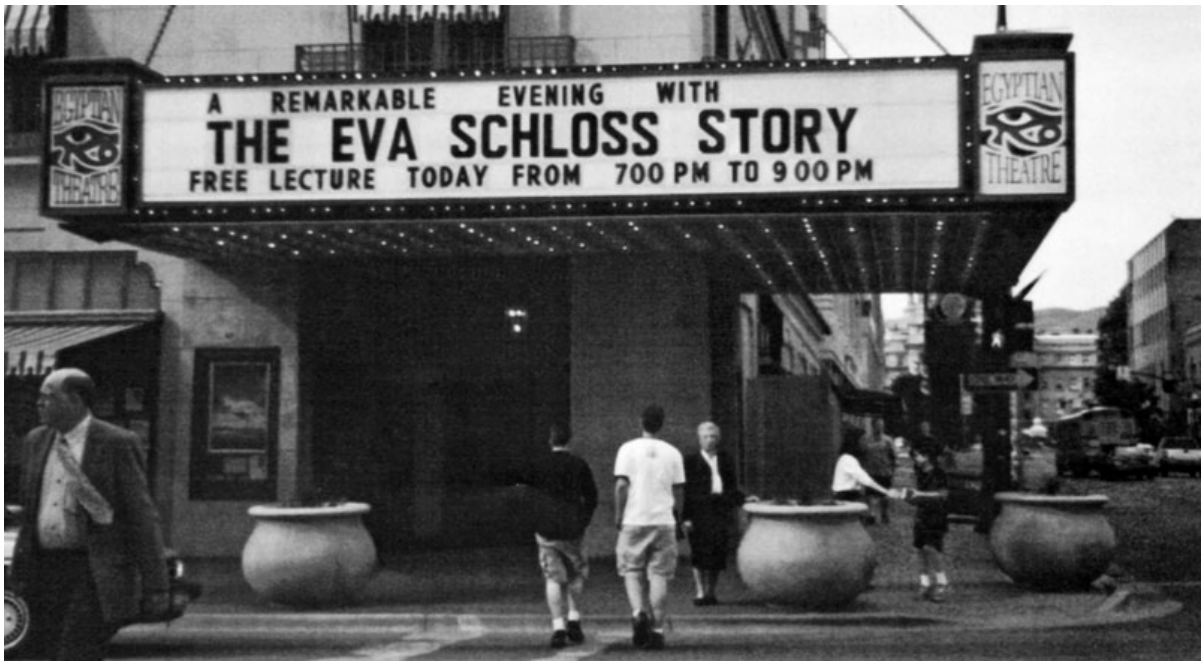
Fachada da minha amada loja de antiguidades, inaugurada em 1972.



Tenho muita sorte por ter conhecido tantas pessoas talentosas. Demi Moore participou ativamente da produção da peça And Then They Came for Me, encenada em seu teatro em Haley, Idaho.



Eu adoro visitar escolas e falar com crianças. Aqui eu estou com os alunos da Battersea Junior School.



Meu nome no letreiro luminoso do Egyptian Theatre em Boise, Idaho. Fiquei maravilhada com tanta gente que foi lá para me ouvir (a polícia e os bombeiros tiveram que ser chamados!).



Aprendo tanto com os estudantes quanto eles aprendem comigo. Eles me dão esperança no futuro.



Com minha filha Sylvia e minha neta Ella, na abertura da primeira exposição dos quadros de Heinz e Pappy, no Museu da Resistência de Amsterdã. Atrás de nós estão duas pinturas de minha mãe, feitas pelo meu pai.



Eu e Zvi com Sylvia, Jacky e Caroline, na comemoração de nossas bodas de diamante em 2012. Como era ano das Olimpíadas, elas nos deram medalhas de ouro. Tenho muito orgulho da minha família.



Em 2012, recebi o título “Membro do Império Britânico” do príncipe Charles, pelo meu trabalho com a Fundação Anne Frank e com outras entidades beneficentes relacionadas ao Holocausto. Foi uma grande honra.